B
3844

1894
20

JOÃO RIBEIRO

# HISTORIA ANTIGA

I

ORIENTE E GRECIA

2.ª EDIÇÃO

RIO-DE-JANEIRO
ALVES & C.ia, EDITORES
1894

t. 235938 930 R354h v. 1
cod. tet. 930613

# ADVERTENCIA

Eis o que eu disse na primeira edição.

« Este livro foi especialmente escripto para servir aos estudantes de Historia do Gymnasio Nacional. A vastidão da materia e o estreito espaço que lhe cabe no curso d'aquelle instituto não permittiram que esta obra excedesse os limites de um pequeno resumo.

« Entretanto, quaesquer que sejam os defeitos d'este livrinho, está elle comtudo expurgado d'aquella velha e absurda intuição de que a historia deve resumir-se na narrativa de catastrophes politicas e guerreiras. A **historia-batalha** foi a grave preoccupação dos nossos livros didacticos; foi ella mesma quem gerou esse velho paradoxo immoral de que — **os povos felizes não teem historia** — consequencia logica do principio extravagante que só concede historicidade aos povos que fazem ou soffrem a guerra.

« E' certo, diz Higginson, que os tempos de guerra tiveram mais historiadores que os da paz : mas a culpa não é da paz, é dos historiadores. »

« O espirito, pois, d'esse livro é responder a questões mais interessantes; é dizer em que grau e de que fórma um povo dado se manifestou na religião, na politica, na sciencia e na arte; é ainda mostrar a contribuição directa que cada civilisação trouxe ao patrimonio commum na historia humana.

« E' bem de vêr que n'um simples resumo nos limitamos apenas a dados summarios e brevissimos. Entretanto, a respeito de cada povo, tanto quanto nos foi possivel, adduzimos o seu progresso artistico, intellectual, religioso e politico.

« Mais não o fiz; para mais não havia logar. »

A isso, tenho agora o dever de accrescentar que a segunda edição d'este pequeno livro sae muito melhorada, corrigida e com o accrescimo de mappas e gravuras.

O AUCTOR.

# I^A PARTE

## Sciencia da Historia. Civilisações primitivas. Historia e civilisação dos povos orientaes.

# A SCIENCIA DA HISTORIA

A sciencia da historia é uma conquista recente do pensamento humano. Até o seculo passado, póde-se dizer que ninguem teria admittido uma sciencia dos factos sociaes. Esses factos pelo seu obscuro desenvolvimento e pela sua complexidade parecia nunca se darem de conformidade com leis e principios generalisados. Dessa impossibilidade de generalisação segura, concluiu-se naturalmente que seria absurda uma sciencia da historia.

Entretanto essa conclusão não se conformava com a conducta humana, desde a mais alta antiguidade. Os homens sempre admittiram a **causalidade** na sequencia dos factos historicos; elles sempre elaboraram leis e codigos, o que fazia presuppor a existencia de tendencias geraes uniformes na conducta popular; e chegaram mesmo a crêar varios systemas de interpretação embora erronea dos factos sociaes, ora attribuindo-os á acção da Providencia, ora determinando que elles se reproduzem em series similares (d'ahi a possibilidade de um axioma como o de Cicero a **historia é a mestra da vida**), ora admittindo que pequenas causas podem produzir grandes effeitos (tal affirma Polybio). Esses dados reunidos provam que mesmo, desde os mais remotos tempos, existiu uma consciencia obscura de coordenação dos factos historicos; por mais complicados e irreductiveis a um principio geral que elles parecessem, entretanto sempre se julgou que as sociedades seguiriam qualquer caminho de perfeição ou decadencia e que no seio d'ellas certos successos seriam factores logicos de outros, e que haveria certa proporcionalidade nos effeitos.

Afinal, começou-se a organisar varios systemas de interpretação historica. Vico, na sua **Sciencia nova**, assignalava um movimento progressivo nos factos sociaes, segundo tres estados : **o divino**, o **heroico** e o **humano**. Todas as instituições humanas segundo Vico passam por essa serie ternaria. Na França, a doutrina do progresso achou a sua mais alta expressão na philosophia **positivista** de Augusto Comte, que dá para as concepções humanas tres estados verificados pela historia: o estado **theologico**, o **metaphysico** e o **positivo**. No estado **theologico** ou ficticio, predomina a acção providencial; no estado **metaphysico** varias entidades abstractas substituem a acção dos deuses; no ultimo estado theorico **positivo** a explicação dos factos acha-se na coordenação scientifica, abstrahida qualquer intervenção de força divina ou de essencias, forças ou faculdades naturaes. Essa evolução theorica já havia sido mais ou menos claramente exposta por Turgot. Tomando como typo de evolução espiritual humana o desenvolvimento scientifico ou intellectual, Comte fazia notar que esse desenvolvimento arrastava comsigo paralellamente um desenvolvimento moral dos homens; Buckle contradisse essa asserção, objectando que durante largo periodo os principios christãos são quasi os mesmos ao passo que a intellectualidade desenvolveu-se assombrosamente. A objecção é puramente especiosa, attendendo-se a que não são os preceitos e regras moraes que inculcam a moralidade geral, mas sim a realisação dos preceitos ou a conducta; posta n'estes termos, é evidente o progresso moral com a diminuição das guerras, do despotismo, e todas as tendencias coercitivas e brutaes dos homens.

Entretanto caracterisar a evolução social tão larga e complexa apenas pela evolução intellectual é substituir uma noção mais confusa e difficil por outra mais clara e simples; mas não é ainda uma theoria satisfactoria da questão. Ao subsidio da economia politica e da biologia é que se deve a tentativa mais feliz de interpretação dos factos historicos em geral.

O principio da **divisão do trabalho** e o **darwinismo** ou theoria transformista da evolução, trouxeram grande

luz á resolução do problema. Applicados não só á sociedade, mas á concepção total do universo, chegou-se á fórmula simples e clara de que **o progresso é a differenciação** nos elementos de um todo qualquer. Por essa fórmula tudo se explica desde a creação dos mundos que se desaggregam nas nebulosas até o desenvolvimento da humanidade. Em qualquer caso o progresso é caracterisado por uma differenciação continua de estructura na biologia pela complicação morphologica na divisão do trabalho e das funcções, e nas sociedades por analogo processo, o progresso n'ellas sempre correspondendo a especialisações de funcções. O proprio ascendente do desenvolvimento intellectual que, segundo Comte, se manifesta egualmente por um accrescimo de benevolencia e de progresso moral, é um facto que se reduz á differenciação, até de caracter biologico, quando se attenta em que se os homens, no caso da historia, vão cedendo da brutalidade para a benevolencia, quer isto afinal dizer que o cerebro e conseguintemente suas funcções, vae cada vez mais se differenciando do musculo. A funcção nervosa predomina então sobre a funcção muscular.

A idéa de assimilhar a sociedade a um organismo não é nova; ao certo, houve sempre uma consciencia obscura d'essa analogia e as expressões banaes como **funcção, orgão politico, organisação, corpo social**, etc., bem attestam a verdade. Entretanto, esse conceito só ganhou verdadeira profundidade no nosso seculo quando foi possivel vêr nas sociedades : uma vida de conjuncto, revelada pela conservação e pelo accrescimo das conquistas feitas pela humanidade, e uma vida dos seus elementos e unidades, tendentes em geral a uma acção commum e em particular a certas acções especiaes indispensaveis ao organismo total. Quando todos os caracteres da vida foram percebidos na sociedade humana, foi facil consideral-a um **organismo** de nova especie.

E' certo porém que se a sociedade mostra, em relação aos organismos, uma **similhança generica**, tambem d'elles se distingue por uma **differença especifica**, condição essencial, pois que tudo quanto se concebe existe ao mesmo tempo por uma similhança e por uma diffe-

rença. Essa distincção **especifica**, esse caracter original da sociedade resta ainda um **quid** obscuro, desesperado dos sociologistas. Da sciencia social, a melhor soluçã o que possuimos é a solução biologica, e portanto inferior ; o que quer dizer que não temos ainda uma theoria inteira dos phenomenos sociologicos. Como Pythagoras que no tempo da cultura mathematica explicava tudo pelos numeros, o numero regendo o mundo; nós hoje só temos uma philosophia biologica (que tal é o spencerismo) e chegamos até a explicar os phenomenos superiores e a sociedade por uma concepção generalisada da biologia.

E' preciso pôr em relevo o estudo, que mais forte evidenciou á possibilidade de uma **sciencia da historia**, a estatistica.

Os resultados da estatistica obtidos sobre a recenção segura dos factos geraes da sociedade, mostram que estes se produzem regularmente, segundo uma media positiva, mais ou menos estavel, segundo o gráo de permanencia, retrocesso ou progresso assignalavel. Todos os phenomenos, mesmo aquelles que se dizem productos do *livre arbitrio*, podem ser reduzidos a numeros constantes em dada circumscripção humana : o que prova não serem os factos sociaes meros successos desordenados, independentes de qualquer coordenação. Foi a evidencia da **estatistica**, immediata e material, que solveu as hesitações dos ultimos partidarios da insciencia historica.

Além disso, outra das causas da victoria da doutrina nova foi sem duvida esse movimento geral do nosso seculo para o que se tem chamado a **democratisação** das sciencias; em todas ellas, o infinitamente pequeno tornou-se o ponto de partida das interpretações; na **chimica**, tudo se reduz ao atomo, a variedade dos compostos sendo determinada apenas pela differença das proporções; na **physica**, a luz, o calor reduzem-se a vibrações do ether; o **atomo** e a **vibração**, eis o mysterio desvendado do mundo physico; na **geologia**, a formação da crosta explica-se pela acção infinitesimal da gotta da agua que desaggrega a rocha, do microbio foraminifero que levanta continentes á tona d'agua; na **biologia** a **cellula**. Desse movimento geral, resultou uma

renovação completa do methodo historico : a historia em vez de ser um producto da **Providencia** ou dos **reis** ou dos **grandes homens** tornou-se um producto da collaboração geral de todos os individuos, de todo o povo.

Na massa geral dos effeitos produzidos pela acção social deve-se contar as influencias a que a sociedade e o homem estão naturalmente subordinados; essas influencias são necessariamente de tres ordens : **cosmicas**, **biologicas e psychologicas**. As relações de dependencia quanto ao meio planetario e regional, quanto ao caracter animal dos proprios homens, e quanto ás funcções do espirito que é costume separar das outras funcções physiologicas, abrangem de um modo geral todas as questões que se prendem á acção dos homens, individual ou collectivamente, no seio das sociedades.

Sem pretenções a esgotar o assumpto que é vastissimo e interessante, daremos aqui apenas alguns factos caracteristicos.

## *a*) Dados cosmicos e physicos

Ha uma expressão que póde significar toda a sorte de influencias de aspecto physico ou cosmico, é a de influencia **mesologica** ou do **meio**. Como os homens e os grupos sociaes se acham em contacto com elle, a sua influencia não póde um só momento ser posta em duvida.

Logo na série dos phenomenos **astronomicos** podemos desde logo encarar os seus effeitos : ao seu estudo necessario desde a antiguidade se deve a determinação do **calendario** mais ou menos perfeito, e a consequente regularisação dos trabalhos agricolas segundo as estações; ao aspecto das estrellas se deve a unica orientação possivel dos antigos navegadores e commerciantes phenicios. As **estações** obrigam os homens a certos habitos que passam mais tarde por virtudes; os climas rigorosos criam a **previdencia**; foi o inverno que fez próvidas as formigas. Nos climas sem estações, como sob o equador, a natureza torna os homens imprevidentes e descuidosos do futuro; por isso ahi as catastrophes naturaes, as **sêcas**, os surprehendem sem recursos.

A influencia regional do **habitat** é um facto incontestado; nós vemos os valles de alluvião fluvial produzirem as civilisações agricolas do Egypto e Assyria, no Nilo e no Euphrates; e as costas accidentadas e cheias de portos do mediterraneo oriental crearem os povos navegadores jonios, phenicios e gregos. Por sua parte, o deserto, pela incapacidade de fixar uma população ao seu sólo, só póde nutrir povos nomades como os antigos **arabes**, os **scythas** e os **tartaros**.

A influencia da **altitude** na formação das cidades é tão preponderante que pôde dar-se-lhe o caracter de **lei**. Conformam-se com essa **lei** quasi todas as agglomerações primitivas; todas as antigas cidades começam como cidadellas, na montanha: Roma, Athenas são exemplos. As cidades da idade media, que se formavam á sombra dos castellos, começaram nos cimos das montanhas; ainda mais, diz Elizeu Reclus, que só hoje as cidades italianas das marcas de Urbino, Recanata, Ferno, começam a descer e expandir-se para planicies, como as da Hespanha na Catalunha que se dividem em **baixa** e **arriba**. No Brasil, sempre que foi possivel esse phenomeno se realisou; o Rio de Janeiro e a Bahia só começaram definitivamente depois de uma localisação nas montanhas. A razão d'esses factos é o ponto de vista estrategico. Em toda a parte invasores ou invadidos, quando não se julgam bastante seguros, abandonam a planicie e se estabelecem nas montanhas ou fogem para ellas. E como nos tempos primitivos a defensabilidade é uma consideração de valor, o resultado é que o progresso da civilisação marcha ao passo que as cidades se estabelecem na planicie ou descem para ella.

As duas civilisações americanas, as do Mexico e Perú, floresceram em grandes altitudes.

A **longitude** e a **latitude** podem entrar tambem na apreciação dos factos historicos. Por mais que nos seja difficil avaliar de um phenomeno tão difficil, os dados da historia nos mostra a civilisação operando uma translação bastante singular da Asia para a Europa e da Europa para a America, no sentido de léste para oéste. Voltaire e Hegel exaggerando essa observação aliás in-

completa contribuiram para a hypothese de que a China seria o paiz mais antigo do mundo, o que de nenhum modo póde ser provado, todos os documentos de origem chineza sendo relativamente recentes. Entretanto, vemos successivamente na historia as grandes cidades na mesma linha longitudinal como que representando o eixo da civilisação : na epoca grega, Athenas, Tyro, Alexandria: na epoca da republica romana, Roma, Syracusa, Carthago; nos tempos actuaes, Paris e Londres, todas attrahindo o interesse moral e material do mundo. Quanto á **latitude** é mais razoavel admittir-se que de facto as civilisações historicas européas e asiaticas marcharam do sul para o norte, das regiões quentes para as frias; as latitudes successivas de Thebas, de Babylonia, de Athenas, de Roma, e de Pariz são cada vez mais altas. Entretanto esses factos não se tornam verdadeiramente comprehensiveis se não quando se substitue a consideração de **longitude** e **latitude** puramente abstractas ao conceito do facto complexo e concreto que chamamos o **clima**.

N'esse caso a influencia do **clima** é de tal clareza que n'ella não poderemos muito insistir. O **clima** determina a **flora** (as plantas alimentares e uteis) e a **fauna** (os animaes domesticos) e a propria physiologia e o espirito do homem. E' bem certo que as primeiras civilisações começaram nas regiões torridas ou tropicaes : n'ellas é a agricultura a primeira condição essencial para fixar a tribu ao sólo e transformal-o, em patria, pela communhão sedentaria.

Formaram-se nos climas quentes as civilisações orientaes do velho mundo; e na America as duas maiores civilisações indigenas, as do Mexico e do Perú, expandiram-se entre o Equador e os tropicos. O calor precipita a puberdade, expandindo cedo as paixões. Isso se dá no individuo e parece ter-se dado na especie.

Passada a phase primitiva, os climas quentes são nocivos á civilisação e engendram sociedades indolentes e homens sem energia physiologica, pela acção enervante da temperatura.

N'essas regiões ha uma superabundancia de vitalidade da natureza diante da qual o homem succumbe.

O mau **clima** despovoa as regiões. Apezar da sua grande antiguidade, as cercanias de Roma onde grassa a **malaria** nunca tiveram grande densidade de população. A migração européa difficilmente se estabelecerá em regiões como o norte do Brasil, a India, e a Africa — facto que por si só póde explicar o duradouro atrazo na evolução geral dos povos que habitam similhantes regiões.

A propria constituição geologica da crosta terrestre é um elemento de apreciação como factor da historia : assim vemos os terrenos alluviaes constantemente procurados, o littoral por toda a parte, onde o clima não o desfavorece, densamente habitado, as **jazidas mineraes** determinando a creação subita de cidades e grandes movimentos de população, os terrenos calcareos e graniticos, propicios ás edificações determinando as grandes cidades.

Em resumo, encontramos na terra, nas aguas, na atmosphera elementos variados que modificam directamente ou indirectamente as civilisações, as sociedades, o seu genero de vida material e moral. E' pois evidente que seria cegueira tentar uma comprehensão da historia sem ter em conta taes elementos fautores ou circumstanciaes da vida collectiva.

### *b)* Dados biologicos

Nós já vimos como o **aggregado social** foi considerado um **organismo** mesmo por essa necessidade psychologica de toda a classificação : necessariamente todo o aggregado cujas partes vivas, entre si subordinadas, cooperam para uma acção de conjuncto não pode ser comprehendido nem classificado sem ser referido a outros aggregados nas mesmas condições geraes : assim é que a sociedade foi referida ao organismo biologico. Como este, ella se compõe de unidades vivas que trabalham para a vida somatica e total; ella **cresce**, da mesma sorte que os organismos, pela geração de unidades novas e eliminação das antigas; **progride** de maneira egual pela especialisação das fórmas ou **differenciação** da estructura; ao passo que subimos a escola zoologica veremos que a estructura animal se complica, as funcções que ca-

biam a um pequeno numero de orgãos são repartidas por um numero maior d'elles.

Essa **evolução do homogeneo para o heterogeneo** é tão clara que bastam alguns factos para fixal-a : as cellulas e colonias elementares unem-se para formar aggregados secundarios; a principio os elementos se assimilham, mais tarde a estructura do todo vai-se differenciando em relação ás das partes; as phases successivas do desenvolvimento da columna vertebral, diz Spencer, servem para evidenciar essa lei. A principio, uma depressão alongada do blastoderma chamada **sulco primitivo** representa todo o canal cerebro-spinal : até ahi, nenhum signal de vertebras, nenhuma differença entre a parte que virá a ser a cabeça e a outra que virá a ser a columna vertebral. Só mais tarde a segmentação faz apparecer a parte spinal distincta do craneo formado de uma só peça.

Essa especialisação continúa desde as **proto-vertebras** entre si similhantes até a differenciação em grupos distinctos « — o cervical, o dorsal e o lombar. » A mesma explanação do progresso organico da **homogeneidade** para a **heterogeneidade** póde-se exemplificar com outros orgãos e funcções, mas deixamos esses factos aos expositores da biologia onde se podem illustrar os nossos leitores. A lei verifica-se no dominio social, como expressão do seu progresso; nos grupos sociaes atrazados alguns orgãos bastam para todas as funcções e só mais tarde o progresso se caracterisa pela especialisação e heterogeneidade : assim, na tribu selvagem, todos os individuos caçam, isto é, procuram directamente o alimento e todos combatem na guerra; ao contrario, nos grupos sociaes adiantados a funcção de procurar o alimento fica reservada a uma classe e a funcção de combater o inimigo fica especialisada em outro orgão especial, o **exercito**. Nos grupos sociaes primitivos, o **rei** é o orgão simultaneo de varias funcções, chefe militar, chefe religioso e chefe politico, é o general na guerra, é um Deos ou filho de Deos na terra e ao mesmo tempo governa o povo; mais tarde essas funcções requerem os seus orgãos especiaes, o **rei** deixa de ser chefe da religião e

mesmo do exercito, e até no governo perde muitas das suas attribuições antigas que ficam divididas entre innumeros orgãos independentes. Para concluir com um exemplo **a posteriori** basta citar que as « grandes cidades » exigem a especialisação das profissões, as especialidades na medicina, nas artes e nas industrias; as « pequenas cidades ou aldeias » representando um grupo social inferior, não comportam essa divisão e ao contrario procedem condensando profissões diversas em um só individuo reunindo na mesma pessoa o parocho e o professor, o architecto e o pedreiro, reunindo a taverna, a loja, o banco, a joalheria e a padaria no mesmo orgão commercial.

Passando a outra ordem de considerações apresenta-se um problema que só nos nossos tempos foi possivel resolver em toda a sua plenitude. E' certo tanto quanto nos fornecem de evidencia os documentos historicos e biologicos, que as sociedades progridem no sentido da especialisação de estructura. O progresso, isto é, a accumulação e o accrescimo das conquistas humanas, como se opéra na sociedade? Ha um facto que póde explical-o dentro de certos limites : as gerações humanas não se soldam pelos extremos, em qualquer instante ha uma geração que nasce e outra que se elimina, de modo que a vida social é perpetua, não tem discontinuidades nem interrupções; conseguintemente o patrimonio commum é perpetuado perennemente pelas gerações successivas sem damno nem perda das conquistas adquiridas. Entretanto uma objecção póde ser apresentada; se a geração que nasce tivesse todos os caracteristicos de uma camada barbara e primitiva, é certo que ella seria sempre uma força retardataria que luctaria para assimilar as conquistas das gerações anteriores. Mas a **embryogenia** foi quem deu resposta cabal a essa objecção, estabelecendo uma **base physica** do progresso. Cada geração que surge traz já em si a elaboração de todas as gerações passadas : a longa historia da especie acha-se já condensada no individuo actual. O facto foi demonstrado pelo estudo do embryão, em cuja vida uterina desenrolam-se todos os estadios da escala animal, inferior; o periodo uterino indo

do **plasma** inicial primitivo até a fórma humana final, n'uma recapitulação summaria da vida **philogenetica** (da especie). Achou-se assim pela **hereditariedade** uma base physica do progresso : todas as gerações que surgem n'um momento dado trazem em si a elaboração das gerações passadas, tornando-se assim aptas a accumular e a accrescer as conquistas do progresso, sem perda e sem retardamento. A Haeckel é que se deve a mais completa theoria d'esses phenomenos que se resumem nas duas noções capitaes : a **Philogenia**, movimento progressivo e indefinido da **especie** : e a **Ontogenia**, a condensação summaria d'esse movimento anterior que se verifica em todo o **individuo**.

E' facil de vêr-se que nos **organismos sociaes** verificam-se phenomenos identicos : as civilisações coloniaes offerecem o mais frisante exemplo. As camadas humanas que pela emigração se estabelecem em qualquer **habitat**, constituem organismos novos que reproduzem, em rapido periodo, todo o progresso longa e secularmente realisado pelas respectivas metropoles. Dá-se ahi a recapitulação summaria da vida **ontogenica**.

Assim se explica a civilisação da America feita em tres seculos representando uma equivalencia ao trabalho cem vezes secular que pesou sobre as civilisações européas antes que ellas attingissem ao seu grau de desenvolvimento actual. Se a America ainda não representa uma equivalencia exacta da vida social européa, deve-se isto attribuir á interferencia de outras causas menos poderosas porém assaz efficientes : a diversidade do **meio** que exige longo trabalho de adaptação para a raça colonisadora, a presença de elementos ethnicos inferiores que perturbam o progresso no sentido da retro-acção, a falta de tempo e de população para elaborar-se a producção e a distribuição das riquezas, facilitando assim a acção reguladora completa que todo o organismo elevado exige no seu desenvolvimento.

Deixando de parte a intuição do grupo social como organismo, é conveniente passar em revista alguns dados de natureza biologica que acompanham, causionam ou modificam as forças sociaes.

As **raças** ou os differentes typos humanos são inegavelmente elementos importantes de apreciação historica. E' inilludivel a supremacia da raça branca dentro dos tempos conhecidos; a sua aptidão civilisadora e progressiva é incomparavelmente superior á das outras raças humanas; mas é preciso não dar excessivo valor a esses testemunhos : a verdade é que tanto nas raças inferiores como nas superiores nota-se certo paralellismo no modo de desenvolvimento e, excluidas as informações historicas que apenas abrangem o pequeno periodo de 6.000 annos na vida social, é o caso de inquirir se as raças amarella, vermelha ou negra serão capazes diuturnamente de um progresso tão grande embora mais lento. A civilisação mexicana era maior e mais notavel que a dos primitivos aryanos e quem sabe o progresso que ella attingiria dentro de trinta seculos, entregue á sua evolução americana, se não fosse perturbada pelos invasores europeos? Quem sabe se a aptidão progressiva da raça branca não será limitada por um esgotamento precoce, como succedeu ao ramo **hellenico** que decahiu, ao passo que a evolução lenta da raça amarella tenha por si uma vitalidade mais longa capaz de assegurar-lhe uma supremacia definitiva? A capacidade maior do craneo no branco, verificada pela anthropologia, não póde dar solução favoravel a este, por isso que essa capacidade póde ser e é compensada physiologicamente pelo maior numero de circumvoluções cerebraes, como se observa nos cerebros dos homens de genio; dado que seja persistente o mesmo typo craneano nas raças, a **qualidade** de materia cerebral sobrepuja a quantidade.

Entretanto, a **raça** é um dado precioso na historia e explicam-se por ella talvez algumas qualidades originaes, como na **semitica** em que o ideal religioso é tão intenso que avassallou o mundo com as melhores das religiões, o **christianismo, o judaismo e o mahometismo.** Ninguem póde negar no typo hellenico, o mais completo que já existiu, a sua aptidão universal, artistica, scientifica e philosophica; no **romano** a sua aptidão juridica e politica; no **teutonico** e no **indú** a tendencia critica e erudita; no **saxonio** as virtudes da energia, da pratica e do utilitarismo no mais alto grau.

Tambem as **raças**, consideradas nos seus graus divergentes de adiantamento, explicam em parte, ao menos, as desegualdades sociaes que a historia dos povos registra. Em toda a parte, as raças invasoras, ao menos emquanto não se opéra a fusão ethnica, constitue-se em aristocracia, em classe preponderante, como se deu successivamente com o elemento normando e saxonio na Inglaterra, como ainda se dá com o saxonio sobre o elemento celtico na Irlanda. A escravidão ou a servidão sempre se acha no elemento conquistado ou inferior.

Descendo á consideração de outros factos biologicos notaremos quanto se acha ligado o desenvolvimento social ás condições e á propria vida das **plantas** e dos **animaes**. Em toda a parte onde se desenvolve a civilisação, é digna de nota a presença e abundancia das substancias alimentares : as tribus selvagens só prosperam no bosque ou á beira das aguas onde a caça e o peixe abundam : nos centros primitivos de civilisação encontram-se as condições propicias no solo para os cereaes e as substancias mais alimentares, ora o **trigo**, a **cevada** e o **centeio** na Mesopotamia, no Nilo e na Europa, o **arroz** no extremo oriente, o **milho** no Mexico, a **batata**, no Perú. Em seguida veem os animaes domesticos, na area asiatica, sem os quaes se retardariam muitas das industrias; o Mexico, situado na America onde existem pouquissimos mammiferos domesticaveis que são em geral os grandes ruminantes, não passou do periodo agricola e não iniciou industrias vastas, dignas de nota, como o fizeram os egypcios e assyrios.

### *c)* Dados de ordem psychologica

Os actos que se ligam mais definidamente ao systema nervoso participam da physiologia geral do organismo, mas é essencial separal-os sob uma ordem distincta como convém á natureza d'elles tão especial e importante. Entretanto, a **psychologia** é tudo quanto existe de profundamente differencial e original no homem; mundo vasto e semi-obscuro, o da nervosidade; elle a um tempo leva a acção a toda a parte e soffre a reacção de todas as

causas ambientes. E', na maxima area do seu dominio, que surgem as instituições capitaes, a linguagem, o direito, a moral, a religião, a arte e a sciencia humana. Quanto essa influencia é vasta, quanto esse **quid obscurum** que se chama o espirito humano entra na collaboração das cousas sociaes, se é impossivel determinar ao certo, não é licito desconhecer.

Para conhecer a acção do elemento psychico na acção social é preciso bem attender, como diz Spencer, em que não existe equivalencia sociologica entre a **razão** e o **sentimento**. Do sentimento é que deriva a conducta humana, ou a acção sociologica, o simples **conceito** intellectual sendo indifferente a ella. Em vão é que se suppõem serem os preceitos, os conselhos ou indicações moraes, por exemplo, aptos a crear uma conducta equivalente; desde Christo, a moral christã é em preceito quasi a mesma, o que não impediu em nome della varias atrocidades, as violencias e a inquisição. A evolução do **sentimento** faz-se fóra da evolução do **conceito**. E' falso suppôr que a **escola** elimine a **cadeia**, o simples facto de **saber lêr** aniquile os crimes.

Outro facto psychologico que tem servido de objecção constante á theoria scientifica da historia, é o pretendido **livre-arbitrio**. Não é certo que o homem possa decidir-se livremente, no sentido absoluto que prestam á noção de **liberdade** humana, essa liberdade não sendo mais que um estado obscuro da consciencia que parece significar uma indeterminação que de facto não existe.

Ha uma série infinita de actos que, parecendo livres, resultam de solicitações organicas pouco evidentes mas reaes; o homem que fuma, toda a vez que consome um cigarro pensa fazel-o livremente; se entretanto organisar uma estatistica do seu vicio, verá elle que dia a dia ha um numero certo de cigarros consumidos e que conseguintemente o seu organismo revela as mesmas solicitações em um mesmo periodo. E' assim nos outros casos.

Mas dado que o pretendido **livre-arbitrio** se verifique, nem por isso fica abalada a sciencia social. « O homem é livre, dizeis, póde seguir a resolução que elle proprio acha a peior — isto basta para que as leis historicas

sejam impossiveis. » A objecção não tem valor, porque a conducta humana geral não se conforma com ella; todos os homens seguem o caminho que acham melhor, compram os objectos onde são mais baratos, emfim todos agem segundo os motivos communs e ordinarios; ninguem procede na vida tendo em vista provar um **livre-arbitrio** e quando tal acontece n'um individuo, este ao certo se esquece que elle como todo o homem pratica mil e um actos quotidianos e um só acto de **livre-arbitrio** não altera os mil actos da vida normal. Se se accrescentar que, apezar de tudo, os pretendidos actos de **livre-arbitrio** perturbam as leis sociaes, ha afinal a resposta decisiva que, se assim é, a unica conclusão a tirar-se é que a historia e as leis sociaes teem, além de outros, mais um factor de complicação.

Outro erro de ordem psychologica é explicar a historia pela acção dos **grandes individuos** : reis, chefes, prophetas, poetas, sabios, deuses, heróes, etc. Ha ahi uma inversão do phenomeno por effeito de uma visão em camara escura; em vez de julgar-se os **grandes homens** como productos da elaboração da sua época, julga-se a época uma obra dos grandes homens. Assim é que se attribue á influencia de Luiz XIV o grande movimento litterario do seu reinado, quando uma geração antes já vinham os nomes de Moliére, Racine, Bossuet e Fénelon. Scipião foi quem destruiu Carthago; Napoleão foi quem conquistou o mundo; Christo foi quem fundou o christianismo. A analyse revela quanto aos reis e os legisladores que os seus actos grandiosos resumem-se na pressão da opinião ou não são effectivos quando não se conformam com ella. O exercito francez foi quem venceu por Napoleão, exercito nascido de uma população aguerrida, familiarisada com todas as violencias e vinda da maior e mais terrivel de todas as revoluções. **Roma**, diz Polybio, **em cincoenta annos conquistou quasi todo o mundo**. E porque Roma não teve para essa conquista universal o nome de um Alexandre? a razão é que ella tinha consules annuaes; fosse ella monarchia e o rei d'esse periodo de cincoenta annos de energia guerreira abocanharia o titulo do maior dos conquistadores. Assim é que a acção

da multidão é monopolisada pelos individuos. Na Grecia, Demosthenes reconhecia a impossibilidade dos heroes quando dizia aos gregos anarchisados : **Philippe morreu, mas provocareis outro Philippe**. E na verdade, depois de Philippe veiu Alexandre.

O christianismo não surgiu de Christo nem mesmo dos seus apostolos; formou-se da collaboração de todos os ideaes philosophicos do tempo, e das proprias ruinas do polytheismo que se dissolvia no occidente; tres seculos depois do Christo ainda não havia uma doutrina orthodoxa do christianismo; a nova religião vivia da critica e da polemica e eram tão poucas as informações historicas sobre o heroe religioso que a respeito d'elle puderam-se formar as mais contradictorias e maravilhosas lendas. A religião nova, por onde se propagava, por ahi soffria adaptações e alterações : dos doutrinarios do Egypto é que vem o culto da mulher, da Nossa Senhora, que não é mais que uma transformação da deusa **Isis** (a lua) com a lua symbolica aos pés. Todo o culto christão, a sua lithurgia foi um aproveitamento da organisação administrativa e religiosa de Roma, como o provam os nomes de **pontifice, bispo, vigario, diocese, basilica, egreja,** etc., nomes de funccionarios ou de cousas do imperio romano do occidente e do oriente. Demais, Jesus não foi na Palestina uma individualidade isolada : por essa epoca de decadencia e oppressão estrangeira a Judéa era presa de grande agitação politica e moral e, como diz um escriptor, os innovadores .e sediciosos, os **Jesus**, eram innumeraveis. O testemunho do historiador Josepho o comprova quando diz, que nesse tempo havia numerosos « enviados de Deus » e doutores da lei, perturbadores e agitadores como **Theudas, João Baptista, Mathias, Judá**, filho de **Saripheu**, que expiaram o seu patriotismo ou mysticismo sob as garras das legiões romanas. **Juda** levantou a bandeira da revolta contra o imposto romano; a sedição foi batida por Copponius, procurador de Roma. Jesus vem mais tarde e tem a idéa politica feliz de acceitar o imposto « **A Cesar o que é de Cesar.** »

Em relação aos grandes homens da sciencia, o mesmo erro se dá em não menor gráu. Diz-se que Newton, por

exemplo, descobriu a **lei da attracção e da gravitação universal**, por um esforço excepcional do genio, sem que seja lembrado que essa descoberta devia ser feita por elle ou por outro sabio do tempo necessariamente, porque ella já havia amadurecido e estava preparada para surgir de modo inevitavel; antes de Newton, Kepler admittia a existencia nos astros de uma **força magnetica** e Bacon dizia que essa força « é tanto mais intensa quanto mais os corpos se approximam da terra. » Outro exemplo que prova serem as grandes descobertas preparadas pela collaboração collectiva é o facto de serem muitas d'ellas feitas ao mesmo tempo por varios individuos, como a selecção natural por Darwin e Wallace, a descoberta de **Neptuno** por dous astronomos ao mesmo tempo, a **photographia** por Niepce e Daguerre na França, por Falbot na Inglaterra, o **calculo differencial** por Newton e Leibnitz; a **galvanoplastia** por Jacobi e Spencer, as vertebras craneanas por Gœthe e Ocken, o isolamento do oxygeno por Priestley e Scheele. Outro genero de provas em favor da elaboração collectiva se olha nos innumeraveis exemplos de descobertas, algumas recentes como a **polvora** e a **bussola**, feitas anonymamente sem que conheçam nem conjecturem os seus auctores. A **descoberta da America**, que tomada isoladamente parece um rasgo excepcional do genio, prende-se ao grande cyclo dos navegadores que havia mais de um seculo já se tinham expandido pelo oeste Atlantico descobrindo os Açores e os archipelagos africanos.

Afinal, ha um exemplo caracteristico d'esse erro que faz tudo depender dos **grandes individuos**; é a evolução d'esse mesmo erro atravez da historia. No começo, só ha os **reis** que são notaveis como no Egypto e na Assyria, em cujos annaes não se encontra um só nome de um sabio, de um reformador, de uma individualidade excepcional fóra do throno. Mais tarde, apparecem os **grandes individuos** ao lado dos reis ou dos chefes, como na Grecia e nas civilisações modernas.

E' util accrescentar que esse **culto dos heroes** é uma qualidade propria de certos povos; dous apenas na historia parecem mais affastados d'essa falsa idolatria : o

povo inglez e o romano. Na historia ingleza não ha uma Joanna d'Arc que libertasse o paiz, não ha um Luthero que fizesse o protestantismo, não ha um heroe militar que conquistasse os seus dominios coloniaes; a revolução que aboliu a servidão, diz Macaulay, de tal modo se operou que hoje é talvez impossivel determinar-lhe o anno exacto; só ha talvez o nome de Cromwell, em que se possa encarnar uma revolução ingleza; mas a **Magna Charta**, o **jury**, nenhuma das grandes conquistas constitucionaes se liga a um nome heroico.

Em Roma deu-se o mesmo : conquistou o mundo sem um Alexandre (1); levantou o seu maior monumento, o do direito e da legislação, sem um Lycurgo, Minos ou Solon; fez a sua revolução social das classes pela egualdade dos patricios e plebeus, sem um Theseu ou um Cleomenes. Se os inglezes e os romanos se entregassem á idolatria dos **grandes individuos**, ao certo achariam em um dos barões que se oppuzeram a **João Sem Terra** um heroe para a Magna Charta e os romanos n'um dos decemviros o heroe das **Doze taboas**.

Notamos em rapido resumo as idéas geraes que podem ser induzidas do estudo positivo da historia. Ellas bastam, bem o cremos, para que se possa affirmar não ser a historia a narrativa de successos casuaes desordenados e incompativeis com uma coordenação methodica e scientifica. Se tal evidencia foi alcançada n'esse já longo capitulo, damol-o por terminado.

---

(1) O grande nome de Cesar não póde ser allegado; no seu tempo, Roma dominava todo o mundo antigo. Demais, já no tempo de Cesar, a civilisação romana estava hellenisada, e n'ella já penetrara o espirito individualista e anarchico dos gregos.

# O HOMEM PREHISTORICO

**Antiguidade do homem.** — Neste seculo depois que se constituiram as sciencias da geologia e da paleontologia, póde-se estudar o problema da antiguidade do homem.

No intuito de prolongarem a sua historia patria pelo passado além dos factos escriptos, pela investigação de quaesquer documentos deixados pelo homem, os archeologos scandinavos começaram a recolher vestigios antiquissimos da vida humana como objectos de industria, habitações, instrumentos, etc. Dahi data esse movimento que se generalisou por toda a parte, dando como resultado fundar-se a **prehistoria** ou o estudo do homem anterior ás tradições e referencias oraes e escriptas.

Não se podendo admittir uma chronologia absoluta para taes factos, Thomson e outros sabios scandinavos submetteram-os a uma classificação chronologica derivada do progresso da industria. Effectivamente notaram que a principio o homem usava de instrumentos

de **pedra**, mais tarde de **bronze**, e afinal de **ferro**.

Essa classificação pela industria é a mais aceitavel e a mais fecunda. A classificação anatomica pela fórma do craneo não dá resultado seguro : as modificações anatomicas são excessivamente lentas. Na industria, a modificação progressiva é mais rapida e apreciavel, de modo que ella serve de criterio chronologico para denotar o gráo de evolução da civilisação primitiva. Uma classificação psychologica seria impossivel : os phenomenos do espirito não deixam sempre vestigios muito positivos; no emtanto, póde-se admittil-a de certo periodo em diante quando, pelo culto dos mortos, desponta no homem a religiosidade.

A archeologia do homem **fossil** encontrou opposição violenta da parte de todos os elementos conservadores, a sciencia official e sobretudo a religião. As novas idéas sobre a antiguidade pareciam destruir toda a cosmogonia hebraica, e o grande Cuvier foi um dos que mais retardaram a doutrina do **homem prehistorico**, por seu prestigio verdadeiro, com aquella mesma energia com que se oppôz á doutrina do transformismo de Lamark.

Boucher de Perthes marca uma éra n'esse movimento. Homem religioso, acreditava que o homem tendo existido antes do diluvio, deveriam d'elle existir vestigios no periodo diluviano. B. de Perthes em varias excavações no valle do Somma (Abbeville) achou silex lascados, verdadeiros machados (fig. 1) fosseis; os seus trabalhos, recebidos com opposição ou

indifferença, receberam afinal a consagração da sciencia, pela intervenção dos sabios inglezes Prestwich e John Evans.

A essa seguiram-se outras descobertas de craneos e varios artefactos do homem primitivo.

E assim ficou estabelecida a existencia do homem do **periodo quaternario**.

Fig. 1. — Machados de silex. (Pag. 28.)

Os geologos classificaram as camadas de formação successiva da crosta da terra em **primitiva**, **secundaria**, **terciaria e quaternaria** até os tempos actuaes.

Durante esses periodos de formação lenta atravez de millenios, começa a surgir a vida no nosso planeta. No periodo **quaternario** já a vida humana é possivel, as grandes especies animaes existem, grandes mammiferos, alguns desapparecidos, como o **mammuth** (fig. 2), habitam a terra.

N'esse periodo pela fusão das geleiras, formam-se os cursos d'agua, os nossos rios em cujas margens multiplicou-se a flora rica e luxuriante. Por essa constante

acção das geleiras, as grandes inundações são frequentes e são ellas talvez os germens no homem primitivo d'essa tradição do diluvio que se encontra em quasi toda a parte. O clima então do ultimo periodo **quaternario** que termina, assimilha-se muito ao actual.

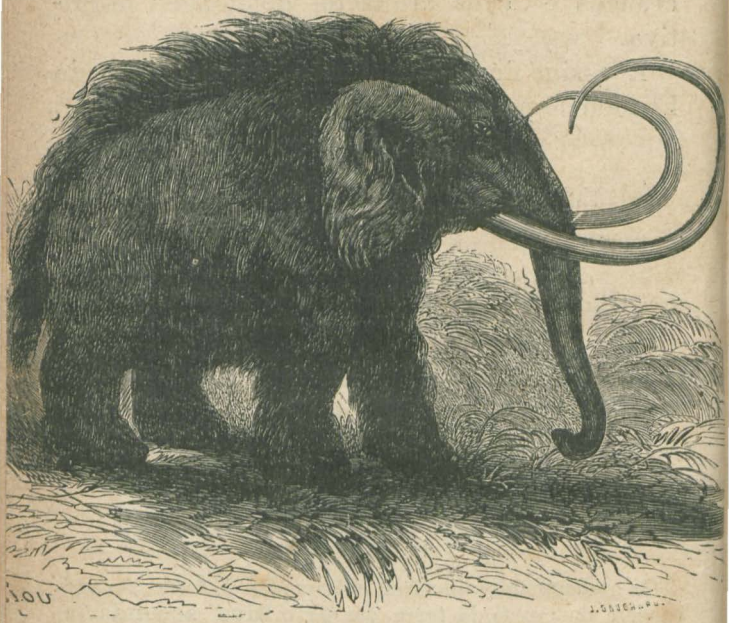


Fig. 2. — Mammuth. (Pag 29.)

**Edades da pedra.** — Esse periodo da prehistoria é assaz longo; os francezes dividiram-no em duas épocas, a da **pedra lascada**, e a da **pedra polida**. Mas como o polimento nos utensilios primitivos não é caracteristico, convencionou-se chamar ao primeiro, **periodo**

**paleolithico** (pedra antiga) e ao segundo, **periodo neolithico** (pedra nova).

**Pedra lascada.** — O homem no periodo da **pedra lascada** nos apparece em estado da maior rudeza; habita grutas, moradas que a natureza lhe depara; não faz habitações pois. Não tem o culto dos seus similhantes e dos seus antepassados, não os sepulta. Nenhum vestigio de sepulturas. Vive em perenne luta com outros homens e com os animaes. O typo do seu craneo na Europa é uniforme, é dolichocephalo (cabeça alongada). Os homens d'esse periodo eram ao certo **caçadores** e **pescadores**; as pontas de lança e de frechas encontram-se entre os seus vestigios, e entre ossadas de animaes. Elles não tinham ainda domesticado os animaes.

**Pedra polida.** — Esta época caracterisa-se por um progresso notavel e extraordinario. O homem já abandona a gruta, sabe construir palhoças, já tem habitações fixas. As cidades lacustres descobertas por Keller, no inverno de 1853-54 quando excepcionalmente desceu muito o nivel do lago de Zurich cidades ou aldeias insuladas e feitas sobre estacas (**palafittes** dos italianos) denotam notavel progresso. Já desponta no homem o sentimento religioso que sempre começa pelo **culto dos mortos** : o homem sepulta os seus maiores; começa a

enterrar os similhantes e a construir tumulos que affectam varias disposições e fórmas; são os monumentos **megalithicos** outr'ora attribuidos aos celtas na França, mas que se encontram em varios logares : o **cromlech**, pedras de sepultura dispostas circularmente; o **menhir**, pedra vertical fincada em terra; o **dolmen** (mesa de pedra) que consta de uma pedra horisontal disposta

Fig. 3. — Dolmen.

sobre duas verticaes (fig. 3) : os monumentos megalithicos encontram-se na Europa, na Africa e na India. Nos da Europa encontram-se esqueletos humanos com objectos, collares em osso, conchas e restos de animaes, excepto da **renna**, prova de que por esse tempo esse animal já tinha desapparecido do sul da Europa, em busca do clima frio do norte.

O homem da **pedra polida** já especialisa o trabalho e na sua epoca já se encontram verdadeiras officinas onde se preparavam utensilios

e armas de caça. Outros monumentos notaveis são as **ostreiras** e os restos osseos dos animaes que serviam á alimentação e que eram accumulados em monticulos, e são o que os scadinavos chamaram **kjœkinmoeddings** (restos de cosinha); esses monticulos de conchas, ostreiras, tambem eram formados pelo indio do Brasil e chamam-se entre nós **sambaquis**. Já o homem desse periodo tem uma arte ceramica : nas habitações lacustres encontram-se numerosos vasos de argila; já é, não caçador apenas, mas tambem agricultor e conseguintemente sedentario. Já sabe domesticar os animaes : o cão, o boi, o cavallo. E tem, acima de tudo um caracteristico anatomico singular : o seu typo já não é a **dolicocephalia** (cabeça alongada) do homem da **pedra lascada**; ao contrario o seu typo deixa de ser uniforme, apparecendo quasi sempre **brachycephalo** (cabeça chata).

E' evidente, pois, que se trata de outra raça; de outro modo não se explica 'o salto immensuravel entre o homem da **pedra lascada** e o da **pedra polida.**

Essa raça nova veio provavelmente do Oriente.

— Essa theoria que colloca a origem do homem da pedra polida no oriente e o suppõe uma raça invasora que conquista os selvagens da **pedra lascada**, tem todas as boas presumpções da verdade. Essa raça tem o sentimento religioso que a primitiva não possuia, e do Oriente é que têm sahido todas as grandes religiões : ellas cara-

cterisam o espirito oriental. Conhecia os animaes domesticos, e esses como sabemos pela historia natural, são nativos do Oriente na maior parte (1). Ella era **brachycephala**, caracter anatomico frequente sobretudo na Asia e de tal modo que o Syrio é o typo da brachycephalia.

Demais, o homem dessa raça quanto á agricultura conhecia o trigo que se origina do **triticum spelta**, trigo moreno da Mesopotamia.

Este é o homem **robenhausiano**, da classificação de Mortillet. — Cumpre notar que essa revolução social e historica da presença de nova raça coincidiu com uma revolução climaterica do planeta, na Europa ao menos. Na ultima phase de periodo, o clima de menos quente torna-se frio ou temperado, o que se comprova pela desapparição de animaes, o **urso gris**, e a **renna**, que emigraram para o polo, o **mammuth** que se extingue, os grandes felinos e a hyena que tambem emigram.

**Edades proto-historicas** (a edade do **bronze**). — Já nas habitações lacustres encontram-se instrumentos de bronze, isto é, de uma liga de cobre e estanho. E' de presumir-se que antes de utilisar-se da liga, o homem usasse préviamente o cobre. Mas esse metal é improprio para armas, offerecendo resistencia inferior á da pedra de silex. O homem pois já sabia fundir os metaes. Na civilisação mexicana apenas se encontra o uso do cobre puro. No emtanto o bronze presta-se á modelação; apparecem as

(1) O centro de domesticação póde ser collocado na Armenia e na Asia menor : lá é que se encontram as áreas communs de habitação selvagem mais antiga dos animaes domesticos : o lebreu e o asno de Egypto, o *tartan* (cavallo) do Caspio, o boi e o porço (javali).

espadas, as pontas de lança, punhaes, nos tumulos mais recentes. São já conhecidos o ouro, os estofos de lã. Ignora-se o povo que se utilisou primeiro do bronze. Mas os **turanianos** de todo o tempo, desde o fundo mais remoto da historia, apparecem já sabendo fundir os metaes.

**Edade do ferro.** — O ferro marca o limiar da historia. Os habitantes do norte da Europa já o conheciam antes da conquista romana. Os egypcios desde a mais alta antiguidade já o utilisavam. Mas entre os gregos, mesmo no tempo do Homero, o ferro é quasi um metal superior aos outros, quasi de luxo. Com o uso do ferro, começam as edades historicas.

E' preciso attentar bem que essa evolução geral não representa phases necessarias do progresso humano, muito menos ellas são synchronicas em todo o mundo. Cada povo, á parte a subordinação geral ás leis da natureza, teve a sua evolução propria. Quando os egypcios conheciam o ferro, os gregos ainda estavam na época do bronze. Ainda hoje, alguns selvagens da Australia estão no periodo **paleolithico** da pedra lascada e os selvagens do Brasil e da America do Norte ainda vivem na phase da **pedra polida**, sem que pareçam ter atravessado a phase paleolithica anterior; nada o demonstra.

— Tem-se tentado estabelecer alguns dados chronologicos sobre a antiguidade do homem primitivo. Mortillet, pela profundidade dos vestigios humanos achados combinada com os dados das formações geologicas actuaes, pelo deposito annual das alluviões, calcula a antiguidade do homem em 230.000 annos.

— A hypothese do **homem terciario** do pliocenio

ultima camada do periodo terciario tem encontrado um grande numero de adeptos. Parece effectivamente averiguado, que n'esse periodo chamado eolithico (a primeira pedra) existiu um ser intelligente, o **anthropopitheco**, que é o precursor do homem.

No Brazil o estudo do homem fossil que aliás não representa continuidade com a civilisação européa do seculo XVI em diante, pelos trabalhos iniciados por Lund, ainda não chegou a formular affirmações positivas. O planalto central do Brasil existiu talvez antes de qualquer continente e os dous typos de homem prehistorico, o da **Lagoa Santa** e o dos **Sambaquis**, contemporaneos do negatherio que corresponde ao mammuth do velho mundo representam uma antiguidade monstruosa, e no emtanto podem-se relacionar ás populações actuaes de **bugres** do Paraná e dos **botucudos**. D'ahi se infére que se houve uma emigração da Asia, ou ella já encontrou aqui uma população aborigene, ou veio em um tempo remotissimo e no estado mais primitivo.

# AS RAÇAS HUMANAS

Os homens apresentam no seu conjuncto uma grande variedade de **typos** physicos determinada pela conformação do craneo, physionomia, côr, aspecto dos cabellos e estatura.

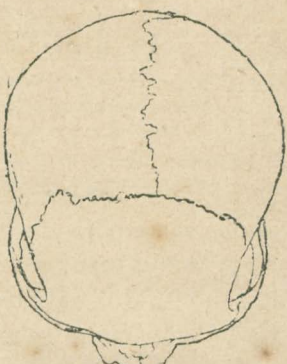
Cada typo constitue na classificação ethnologica uma **raça**. E todas as raças podem, de um modo geral, reduzir-se a tres : a **raça branca**, a **amarella** e a **negra**.

A classificação das raças seria puramente arbitraria se se baseasse exclusivamente na **côr** do pigmento, mas a **côr** ahi symbolisa varias differenças de estructura, pois a cada variedade de coloração corresponde um grande numero de aspectos caracteristicos. Outra indicação que tem servido de base taxonomica aos ethnologistas é a secção do cabello : **ulotricho** (secção oval) e **leiotricho** (redonda) ; mas o indicio do cabello é pouco seguro, approximaria mais a raça negra da branca (que tem o cabello annellado) do que da amarella.

Dos caracteres anatomicos os mais importantes são os que se referem ao craneo que, como é natural, varia com o grão de intelligencia da raça mais do que qualquer outra parte do esqueleto. Do craneo tiram dous caracteristicos notaveis que se notam nas raças : a **dolichocephalia** (aspecto do (fig. 4) craneo alongado) e a **brachycephalia** (aspecto do craneo que tem muito desenvolvi-

mento no sentido da largura); pela conformação do semblante, notou-se o **orthognatismo**, que é o angulo facial recto (dentes incisivos verticaes) e o **prognathismo**,

Fig. 4. — Craneo dolichocephalico.



Craneo brachycephalico.

aspecto do angulo facial agudo (testa fugitiva, dentes incisivos obliquos); esse caracteristico é bem definido, porque no branco (fig. 5) o angulo facial é quasi **recto** (90 gráos) ao passo que no negro é raro attingir a 70 gráos.

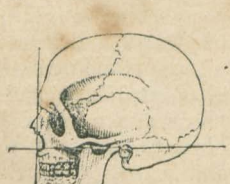


Fig. 5. — Angulo facial recto.

Angulo facial agudo.

Haeckel admitte 12 **especies** de homens; mas não está provado que os typos ethnicos constituem especies, nem mesmo os typos mais geraes : o **branco**, o **negro** e o **amarello**.

Aqui daremos um schema mais minucioso do quadro ethnico, nos seus typos mais definidos e claros.

- I. Raças brancas. . — Caucasicas. . — Berberes. / Semitas (**arabes, hebreus, etc.**). / Aryanos (**indo-europeus**).
- II. Raças amarellas. — Mongolica — Tartaros, Chins, Japonezes. / Mogoloides. . — Americanos selvagens. Esquimós Fuégianos. Malaios, Polynesios.
- III. Raças negras . . — Negros **oceanios**. . . . — Tasmanios, Australianos e Papuasianos. / Negros **africanos**. . . . — Populações negras da Africa, superiores e inferiores. / Negroides. . . — Weddahs e negros da India. / Negritos. / Hottentotes.

Se formos avaliar a importancia dessas raças por simples considerações estatisticas, a primasia caberia ás **raças amarellas**. Ellas constituem em população a metade do globo (600 a 700 milhões) e a sua área é a mais extensa : primitivamente deveria occupar a parte oriental da Asia, o continente desapparecido da Oceania, e as duas Americas.

**Raça negra.**— Abrange a população preta da Africa (fig. 6) e os negros da Oceania e da Asia. E' o typo humano mais imperfeito, quer considerado no negro africano mais adiantado ou na degradação do Hottentote. Raça indolente, covarde e sem energia, foi por esse caracter e

essa incapacidade para a revolta que A. Comte achou nella o **caracter affectivo e doce**. Os negros facilmente foram escravisados e a sua emancipação, longe de ser um impulso delles, foi uma philantropia dos brancos. Na religião, elles são **fetichistas** de culto grosseiro; na organisação social e politica, vivem na escravidão e no mais fero despotismo. Robusta, e san, a raça negra só produziu energia e trabalho util quando escravisada; livre, nunca se elevou da sua ordinaria abjecção, apezar do contacto da civilisação christã ou musulmana.

Fig. 6. — Mulher hottentote. (Pag. 39.)

**Raça amarella.** — A raça amarella, ao contrario, é um typo claramente progressivo. Excluidas as populações mongoloides americanas, ainda em periodo prehistorico, e no emtanto vivazes e tendo um alto sentimento de dignidade que nunca permittiu a escravisação completa, e á parte a degradação infima dos Fuegianos (da terra do Fogo) o typo amarello, mongolico, nos seus representantes superiores, apresenta aptidões excepcionaes. Elle fundou grandes imperios e fortes nacionalidades, e mesmo grandes grupos guerreiros, como o dos Hunos capitaneados

por Attila. Fundou uma grande civilisação

Fig. 7. — Raça amarella (Chinez). (Pag. 40.)

original, com verdadeira cultura da arte e da intelligencia.

Hoje pela sua enormissima população ameaça

quasi o futuro da raça branca, e a lucta será

Fig. 8. — Raça branca. Typo louro. (Pag. 43.)

terrivel quando, deixando a sua área de habitação já muito densa na Asia, extravasar para os

dominios da raça branca. O caracter do mongol parecia ser o do progresso limitado por um estacionamento indefinido; mas ninguem sabe se esse caracter constitue apenas um facto intercalar no seu movimento progressivo. O que é certo é que hoje o Japão, e mesmo a China aceitando o influxo dos europeus, tem feito assombrosos progressos.

**Raça branca.** — E' a raça superior, a dos grandes genios, do Christo, de Budha, de Aristoteles, de Newton, de Kant e de Darwin. Foi pelo ramo **semita** que ella fundou o christianismo e o mahometismo; foi ella que pelo ramo aryano fundou o **saber generalisado**, a sciencia e elevou a arte até a quasi realisação do idéal, e fundou a maior civilisação terrestre; e essa superioridade dar-lhe-ha no futuro a supremacia moral do planeta: descobriu e civilisou a America e a Australiá e já enceta a civilisação da Africa, da Asia e de toda a Oceania.

Os dous ramos principaes da raça branca são os **semitas** e **aryanos** e como elles constituem por assim dizer todo o interesse dramatico da historia universal, damos aqui o quadro de suas subdivisões:

- I Aryanos.
  - Asia.
    - Indus.
    - Iranianos.
  - Europa.
    - Gregos.
    - Italicos (**romanos**, etc.).
    - Celtas.
    - Germanos.
    - Letto-slavos.

II Semitas. . . . . { Asia. . . . . { Araméos (Syrios e Assyrios). Hebreus (1). Arabes. ; Africa. — Berberes, Himyarites (d'Abyssinia).

**Exame da classificação ethnica.** Segundo Topinard, todas as classificações ethnicas são nullas sob o ponto de vista sociologico : os typos humanos estão dispersos, cruzados, misturados e se apenas exceptuamos alguns povos isolados como os esquimós, de nenhum modo se póde hoje encontrar um só typo puro de qualquer raça. D'ahi a conclusão de que não tem valor positivo a asserção do valor intellectual e especifico ligado a cada raça. Não se póde determinar a sonhada hierarchia das raças : ha certos typos superiores e inferiores, mas a sua determinação exacta é um problema insoluvel.

A civilisação mais antiga, a do Egypto, fez-se do concurso de quatro factores ethnicos, como se vê do quadro polychromico do tumulo de Seti I (XIX dynastia) : alli está o branco (o **tamahú**, tuareg); o amarello (**Annú**, provavelmente já uma mistura de semita e turaniano); o negro (**Nahasiú**); e finalmente o vermelho (**Rot** ou **Retu**), que constitue o fundo principal do povo egypcio; elles traziam o nome de **Pun** e d'ahi talvez **Pœni** (Phenicios); os hymiarytas da Abyssinia são tambem vermelhos e talvez vestigios desse elemento.

Assim pois a **raça privilegiada** não parece existir. O inglez e o afganistano são ambos aryanos, e no emtanto é immensa entre elles a differença de civilisação. Aryanos continuam a ser os gregos e no emtanto jámais fizeram renascer o seu antigo esplendor. O factor ethnico não é sufficiente para determinar por si só uma civilisação.

---

(1) Propriamente hoje, depois das grandes dispersões, o pequeno povo hebreu ou judeu tem mais representantes esparsos em todo o mundo do que na Palestina, onde predominam as populações turcomanas.

**Monogenismo e polygenismo.** — Sempre em todas as sciencias da natureza a questão das origens dos seres fornece problemas difficeis e a mór parte das vezes insoluveis. A ethnologia levantou a questão da origem das raças; o debate foi e tem sido longo, mas nenhuma das parcialidades chegou a resultado positivo.

Dos ethnologos, uns adoptam o **monogenismo**, theoria que faz derivar as raças humanas de um tronco unico primitivo, e outros acolhem a doutrina do **polygenismo**, que dá para as diversas raças origens diversas ou troncos primitivos, separados.

Os **polygenistas** argumentam que as differenças existentes entre as raças bastam para classifical-as como especies distinctas. Agassiz e Haeckel, dous grandes naturalistas, são deste parecer. As differenças da côr, do cabello, da conformação anatomica constituem dados sufficientes para marcar entre o **negro** e o **branco** uma differença morphologica maior que a que vae do chimpanzé ao gorilla, dous animaes que entretanto são de especies e até de generos differentes.

Os **monogenistas**, porém, pela pesquisa cuidadosa dos factos, teem alcançado muitas adhesões entre os naturalistas : effectivamente, as differenças apontadas quando reunidas a todos os indicios morphologicos e physiologicos, provam

bem que entre os animaes e as plantas, essas méras divergencias apenas constituem o caracteristico de raça. A geographia aliás aponta no interior da Asia ao sul do Hymalaia um **habitat** onde existem os tres typos fundamentaes das raças; o **Indu**, branco, o **Andaman**, negro, e os **mongóes**, amarellos, alli se encontram. Alli se acham os tres typos de linguagem até agora considerados, o idioma monosyllabico, o agglutinante e o flexional. Esse parece ser o berço e a prova da unidade da raça humana.

A questão do **monogenismo** e **polygenismo** versa afinal sobre o conceito de especie e raça. O **polygenista** affirma que os varios typos humanos são especies; os **monogenistas** dizem que são simples **raças**.

A **differença de côr** não constitue caracteristico de especie. Nos gallinaceos o **melanismo** (coloração negra) é frequente entre variedades e raças. Sabe-se mais que o clima deve influir sobre a coloração do pigmento. Ha homens de raça branca que chegam quasi a ser negros pela côr (ex. os mouros, semitas, e os indus, aryanos). Demais, nas zonas equatoriaes por effeito do calor o homem primitivo nú, e talvez pintado para evitar a acção dos insectos tão abundantes nas regiões quentes, e esses factos juntos á acção perseverante e continua do sol, e á da hereditariedade, poderiam no fim de longos seculos ennegrecer a coloração do branco. O facto do atavismo e do retrocesso ao typo primitivo parece encontrar-se no **albinismo**, nos negros **aços** que nascem inteiramente brancos. — Factos de ordem opposta poderia dar-se no clima frio : o homem teve necessidade de vestir-se de pelles e evitar a acção do sol sobre o pigmento.

A **differença dos cabellos** tambem não prova a polygenia humana. A mesma especie pode produzir raças ou variedades de pello differente. O boi, especie européa

introduzida na America, produziu duas raças de pellos differentes, os **pelones** e os **calongos**. Quanto ao encaracolamento do cabello, a acção do sol ardente póde explical-o. E' sabido e é praticado o frizamento dos cabellos pelo calor, pela acção de um ferro quente.

As **differenças anatomicas** tambem não bastam para justificar a doutrina polygenista. A **steatopygia** das mulheres bochismanes (carnosidade abaixo dos rins, especie de **anquinha** natural) é um caracter superficial. Pallas cita o caso da raça de carneiros da Asia central que perdem uma bossa dorsal, quando os Russos a transportam para a Russia. As condições locaes podem produzir deformações locaes; assim o valle profundo dos Alpes, produziu os **cretins** e em Minas do Brasil ha certas localidades em que o meio physico, as aguas ou a alimentação produzem essa deformidade que chamam **papo**. Portanto, esses caracteres são productos mesologicos, realizados em quaesquer individuos.

Os **factos physiologicos** parecem contrariar sériamente o polygenismo. O cruzamento entre especies é raro nas plantas; é excepcional nos animaes, sobretudo nos superiores, nos mammiferos. O typo do **hybrido**, a besta é esteril e infecunda. Ora, é provavel que se os typos humanos constituissem especies, essa excepcionalidade de cruzamento devia ser apreciavel; mas a observação mostra justamente o contrario; as raças mestiças (que constituem hoje talvez todos os povos) são fecundas no mais alto grau.

Por todas essas razões o **monogenismo** é a doutrina que reune a seu favor até hoje o maior numero de testemunhos da observação.

**Turanos.** — Alguns ethnologistas chamam **turaniano** o grupo primitivo e neolithico anterior á migração dos semitas e aryanos, grupo que fez as cidades lacustres, conheceu o bronze e creou as linguas monosyllabicas e agglutinantes, representados hoje na Europa pelos

**bascos, finnezes, lapões** e pelos dous povos que migraram nos tempos historicos **hungaros magyares** e **turcos**. Effectivamente por toda a parte onde os aryanos ou semitas se estabeleceram, encontraram elles um povo provavelmente mongol ou mongoloide que conheciam o uso da pedra polida ou dos metaes; esse povo abrangeria a area da Europa, Asia e America e é provavel que os etruscos fossem descendentes de tal raça. Mas a hypothese d'essa grande **raça turaniana** está muito longe de ser confirmada pelos dados da sciencia : não passa de uma bella theoria que produziu algum successo no seu tempo, mas que caiu em quasi completo descredito.

# OS PRIMEIROS TYPOS SOCIAES

O homem é um animal sociavel; em toda a parte, em todos os estados de civilisação, encontramos os seres humanos sempre reunidos em maior ou menor cohesão, em grupos, tribus e nações. Esse caracter aliás não é só humano: encontra-se em varios mammiferos que vivem por bandos em pequenas sociedades como os grandes simios e as rennas, e até é mais pronunciado e mais definido entre os insectos. As sociedades das abelhas e das formigas offerecem um exemplo notavel.

No homem primitivo, a necessidade principal da vida, a alimentação, decidiu das primeiras fórmas sociaes. Pelo exame palethnologico das raças desapparecidas e pelo estudo comparativo das raças inferiores ainda existentes póde-se affirmar que o homem atravessou tres periodos de vida: 1°, o da **caça** e **pesca**; 2°, o **pastoril**; 3°, o da **agricultura**.

**Caça e pesca.** — O homem é frugivoro e a sua alimentação primitiva devia ser a de fru-

ctos e isso continuou sempre entre os selvagens; mas a insufficiencia d'ella, o caracter temporario da sua abundancia necessitou a profissão da **caça** e da **pesca**. Vê-se logo como a influencia do meio physico é decisiva e intensa n'esse estado; nas margens dos rios e do mar, a **pesca**; no interior e nas florestas, a **caça**. Os instrumentos, pontas de lança de silex e flechas fosseis denotam bem a authenticidade d'essa phase.

A **caça** produziu até certo ponto o nomadismo; os caçadores deveriam migrar, ao passo que a caça diminuia, ou pelo menos deveriam não ter habitação fixa. Os instinctos de fundar a propriedade sobre a captura ou a presa, e os habitos de aggressão bem poderiam levar o **caçador** a instituir os germens da escravidão e do despotismo.

A **pesca**, ao contrario, foi mais favoravel á evolução geral do progresso. Ella devia logo excluir o nomadismo e determinar uma fixação mais certa ao sólo, nos logares piscosos, á beira mar; e foi sem duvida o germen da navegação e do commercio maritimo, isto é, de uma constituição do direito publico de que não era susceptivel o desaggregamento e a incohesão dos individuos caçadores. A communidade dos pescadores devia crear relações pacificas e estaveis.

A ethnographia presta apoio decisivo a todas as considerações apresentadas. Foram caçadores os Pelles

Vermelhas, os Aztecas e Toltecas do Mexico e os Quichuas do Perú; os Assyrios (mytho de Nemrod, o caçador). Todos elles chegaram ao mais duro despotismo.

Entre os povos pescadores encontramos organisação politica mais livre; tal se vê entre os **gregos**, sobretudo do archipelago, marinheiros, e os **phenicios**, navegadores: Tyro, Carthago, Athenas são democracias. Mesmo na Grecia, o despotismo germina entre os spartanos, raça doria descida das montanhas.

**Periodo pastoril.** — Essa phase exige das raças a aptidão necessaria para instituil-a. Encontramos povos de todo o tempo incapazes desse estado. Demais elle é determinado pelas condições da **flora** e da **fauna**. E' preciso que haja vegetação favoravel á criação de animaes e á **domesticação** d'esses. Ora, ha regiões onde os mammiferos domesticaveis não existem. Na America, por exemplo, a fauna é parca de grandes mammiferos utilisaveis, exceptuado o **bisão** do Norte, que os Pelles Vermelhas nunca souberam domesticar.

A raça aryana, na Asia, antes da sua dispersão, já conhecia os animaes domesticos, e assim os habitantes das cidades lacustres no periodo neolithico, na Europa. A phase pastoril traz logo como consequencia do trabalho a subordinação nas acções, o **germen** da auctoridade no mais velho, o mais forte, o senhor dos escravos, o **patriarcha**. Com elle começam a vida domestica, a familia patriarchal, a constituição do direito **privado**, as relações entre servos e senhores,

entre os velhos e os moços; e o **costume da hospitalidade**, caracteristico dos pastores, consequencia natural da vida pacifica, do bem-estar continuo tão diverso das alternativas da caça.

E' de notar-se a **hospitalidade** (jus hospitii) entre todos os pastores, hebreus, arabes e primitivos egypcios, etc., e ella póde considerar-se uma das formas do direito internacional terrestre. O gado dos pastores em extensas pastagens deveria talvez confundir-se com o dos extranhos e d'ahi essa regulação de direitos entre estrangeiros. Os povos, pastores, porém, são muitas vezes **nomades** e por isso não se elevam á verdadeira civilisação.

Deve-se bem ter em vista que nem todos os **pastores** procederam do periodo anterior provadamente. As conclusões aqui não teem sempre o caracter positivo dos factos da observação.

E' do periodo pastoril que data propriamente o commercio, a troca de productos. O pastor tem mais que o sufficiente e póde trocar a sua propriedade por outros serviços. Uma das boas presumpções d'esse facto é a palavra dinheiro, **pecunia** dos romanos, de **pecus** (gado).

**Periodo de agricultura.** — A agricultura está ligada estreitamente ao periodo pastoril nomade. Os pastores preoccupam-se naturalmente da vegetação, sobretudo das arvores que dão sombra, e das gramineas e das hervas que servem á pastagem. Puderam observar naturalmente que a propagação vegetal se fazia quando cahia no sólo uma semente ou uma estaca e taes factos poderiam impressional-os. E' provavel que se utilisassem d'essas noções a principio só para propagar as

plantas de forragem, uteis á criação. Mas ahi já está o germen da agricultura. Vemos os egypcios e aryanos atravessarem successivamente os dous periodos. Demais, a pratica do plantio era necessitada pela diminuição do sólo que resultava do crescimento da população; e as terras deviam ganhar em producção o que perdiam em área.

As consequencias da vida de agricultura são enormes para o progresso humano. A tenda do **nomade** já se transforma em **habitação** fixa. Funda-se completamente o direito de **propriedade do solo**; nascem as castas, entre os que trabalham, e os que dirigem, e assim d'ahi resulta uma hierarchia de despotismo em despotismo até o do **chefe**, do patriarcha, que adquire um fundamento juridico, e é **rei** e senhor dos senhores.

Uma paz relativa se estabelece á força, porque ella é necessaria á continuidade e ao fructo dos trabalhos agricolas annuaes. A **tribu** e o **clan** (grupo consanguineo) grupos mais latos individualisam-se no grupo mais estreito da **familia**, vinculo mais intimo que se organisa definitivamente quando pela propriedade particular e pela divisão do trabalho já póde dispensar o concurso da tribu.

Toda essa phase agricola não representa uma solução fatal. Ella exige condições essenciaes ao seu desenvolvimento. Primeiramente exige a aptidão progressiva da

raça, e exige mais um territorio proprio onde as precipitações d'agua da atmosphera ou as inundações dos rios garantam a productividade do sólo. Os semitas pastores difficilmente poderiam chegar á agricultura, porque frequentavam planicies desertas e esteppes estereis, como os beduinos; mas os hebreus na Palestina, sobretudo na fertil Galiléa, começaram a cultivar os campos.

O regimen hierarchico e o estabelecimento de castas podem determinar a existencia superior do **rei**, mas parece que esse resulta principalmente da organisação theocratica, do prestigio religioso, que é muitas vezes succedido pelo prestigio militar dos guerreiros, como no Egypto e na India. Do chefe religioso passa-se ao chefe militar, ou o que é mais provavel, as duas entidades estão reunidas n'um individuo. D'ahi a origem theocratica das monarchias.

Em todo o caso a civilisação historica, a constituição das nacionalidades datam do periodo agricola. Mas outras condições são necessarias e podem ser resumidas na discriminação seguinte :

*Condições da civilisação*

1. Clima temperado.
2. Uso dos metaes.
3. A agricultura.
4. Raça progressiva.

O ultimo caracter (o de raça) é puramente subjectivo e intimo. Nos inicios da civilisação já encontramos o uso dos metaes, do cobre, do bronze e do ferro. O clima quente anda sempre reunido ás civilisações primitivas (India, Mexico, Egypto) mas tambem o clima temperado não as exclue (planalto do Hymalaia, planalto peruviano, sob o equador, mas de grande altitude). A agricultura suppõe a fertilidade sufficiente do sólo, e historicamente póde-se acompanhar o desenvolvimento do progresso pelos tres estadios **meio fluvial** (O Nilo para os Egypcios, o Tigre e Euphrates, para os Assyrios e Chaldeus), o **meio mediterraneo**, maritimo (para a civilisação phe-

nicia, grega, e romana) e o **meio oceanico**, para as civilisações modernas.

E' possivel estabelecer tambem uma historia dos typos sociaes sob outro ponto de vista, pelo exame da cohesão social, dos grupos mais ou menos extensivos, mais ou menos densos.

**Gregario.** — Esse designativo póde ser applicado aos primeiros grupos de homens, sem verdadeira cohesão social. No **gregario** os homens acham-se reunidos em bandos, mas a unidade só se accentúa quando é mister fazer a guerra. Então os elementos se unem contra o inimigo commum. A **defesa** parece ser o primeiro sentimento consciente da sociabilidade.

O nome **gregario** tomado á zoologia exprime bem essa phase primitiva. Não ha familia, nem tribu; ha a promiscuidade collectiva; o chefe apparece temporariamente durante a guerra. Os neo-Caledonios, Andamanitas e neo-Guinéanos em certos grupos ainda permanecem n'essa phase atrazadissima.

**Tribu.** — A associação do gregario feita temporariamente tende a manter-se mesmo na paz. O chefe prolonga o seu prestigio antigo, mesmo quando cessa a guerra. Desde esse momento a tribu organisa-se : tem um chefe; os costumes e usos são respeitados (esboço e germen da moral e da legislação); começa a industria primitiva (a fabricação de armas, a **ceramica**, fabricação de vasos); d'essa convergencia

resulta o crescimento do grupo, que cada vez é mais populoso.

E' durante o periodo da tribu que desponta a familia. Em algumas ella não existe; em outras, a familia resulta da divisão hierarchica da tribu; os consanguineos constituem o **clan**, e mais tarde o grupo estreito e limitado da **familia**. Tudo a principio, o solo, propriedade, mulheres e filhos, pertence á **tribu**, depois ao **clan** e emfim á **familia**.

**Estado.** — A cohesão maior dos grupos no mesmo territorio fórma a **cidade**, e as cidades formam a nacionalidade quando ellas todas representam a mesma civilisação tradicional: os costumes (leis), a linguagem e a continuidade (sem solução terrestre) do territorio, e a religião. Provavelmente a **cidade** formou-se de unidades compositas, isto é, de varios nucleos proximos que se foram juxtapondo até formarem um todo compacto; o crescimento de Roma, por exemplo, se fez por ondulação e expansão de varios povoados; a cidade resultou de uma federação de colonias estabelecidas em collinas proximas. Nos tempos modernos, os arrabaldes não tem continuidade com o nucleo do povoado, mas a elle se ligam mais tarde por expansão.

Quanto á organisação politica, as nacionalidades modernas podem dispensar todas essas condições: a unidade da lingua, da religião (a Suissa possue varias linguas e religiões), dos costumes (os Estados-Unidos têm legislação civil multipla); só uma condição até hoje parece essencial e indispensavel ás nações; o territorio continuo.

**Familia.** — Foi a mulher-mãe quem fundou a familia. A ella se deve essa instituição capital a que se tem chamado « a pedra angular da sociedade. » Já desde os animaes, o amor materno, a criação dos filhos, reune-os ao redor das mães durante algum tempo; esse periodo de dependencia dos filhos para com as mães é tanto mais extenso quanto mais se sóbe na escala zoologica. No homem, elle dura de dez a doze annos, periodo em que o cuidado materno é indispensavel ás crianças. Essa presença continua e o longo habito de protecção materna que dahi resulta, foram sufficientes para constituir a **familia**, isto é, o grupo de mãe e filhos.

Nas tribus mais atrazadas, em virtude da promiscuidade, tornou-se impossivel determinar a **filiação masculina**; a paternidade era obscura; a mãe foi durante longo tempo o verdadeiro chefe de familia (**matriarcado**). Só mais tarde pela preferencia a certas mulheres ou pela monogamia, o homem pôde determinar a **filiação masculina**. O homem é então o pai de familia (**patriarcado**).

Antes de chegar á phase monogamica, a familia atravessou periodos diversos que dependiam em geral da condição da mulher e das uniões conjugaes. Ha muitos factos observados quanto á mulher nas tribus diversas dos selvagens. Por exemplo : o infanticidio das creanças femininas por serem as mulheres inaptas para a guerra : a **polyandria**, que resulta dessa diminuição do sexo; a

**polygamia**, que resulta de quando o sexo feminino está em maior proporção; o facto do rapto da mulher estrangeira (união **exogamica**); a prohibição das uniões fóra da tribu (união **endogamica**); etc., etc.

Esses factos reunidos forão aproveitados por Lenan, Spencer, Lubbock, Morgan e Starke para fundarem uma theoria geral da familia e dos seus costumes e deveres. Parece que a **exogamia** ou o uso de raptar a mulher de tribu extranha, depois de seculos, apagadas as divisões de tribus que se dissolveram no Estado, trouxe como resultado o costume do homem procurar o casamento fóra da propria familia e reputar uma união de consanguineos como um crime execrando : o incesto.

Do casamento exogamico ainda em vigor em varias tribus oceanicas, temos vestigios na civilisação romana pelo mytho do rapto das sabinas e pelos symbolos da ceremonia matrimonial ainda em uso entre varios povos e que recordam o **rapto** primitivo. Da escravidão primitiva da esposa, propriedade do marido, temos o vestigio do symbolo nupcial, **mão da noiva**, em todos os aryanos (**manus**, **mancipium**, manus-capere).

A theoria mais original da instituição da familia é a que expõe Bachofen. A theoria de Bachofen consiste na interpretação das lendas primitivas dos povos ; na mythologia comparada, nas allegorias, é que se deve procurar a historia das instituições primitivas. Examinando os mythos que se referem á união conjugal, Bachofen determina quatro periodos : 1º, o **hetairismo**; a mulher da communidade, simples agente de producção, pertencendo como **Aphrodite** ás multidões; a prostituição sagrada dos hebreus e babylonios, o culto das deusas impudicas podem attestar essa phase; o **hetairismo** tem dous gráos de evolução, a união **aphrodistica** de pura cohabitação animal, temporaria; e a união **frumentaria**, duravel, ligada ao trabalho e á alimentação em commum. De facto em varios povos a terminologia das uniões é tirada de factos agrarios; 2º, o **matriarcado**; a mulher, ente religioso por excellencia, começa a dominar; ella cultiva o campo e guarda a casa; emquanto o homem é apenas guerreiro, ella sabe todos os misteres, toda a religião e

toda a sciencia. E' a Minerva capaz de fundar a cidade (**Athene** Minerva), é Astartea fundando Sidon, é Elissa ou Dido fundando Karchedon (Carthago); 3º, **Amazonismo**, a mulher já virago bastante forte é a rival e a inimiga do homem. D'ahi o mytho de Jason destruindo o amazonismo em Lemnos, e o mytho de Bellerophonte, o casto, resistindo a Sthenobea, e vencendo as amazonas. Mas Bellerophonte é alliado de Poseidon, que faz o mar submergir a Lycia. Bellerophonte succumbe e humilha-se ás lagrimas das Lycianas; 4º, **Apollinismo**, (patriarcado) Poseidon (Apollo) o alliado do Bellerophonte firma definitivamente a victoria dos homens sobre as mulheres. E' nesse periodo que a paternidade surge com o dominio do varão.

# OS EGYPCIOS

O Egypto, situado no norte da Africa, consiste, na sua parte habitavel, apenas em um valle estreito de terra vegetal formado secularmente pelo curso e pelas inundações do Nilo, que atravessa o paiz e lança-se no Mediterraneo por muitos braços formando um **delta**. O valle do Nilo, de um a dous kilometros de largura, nunca é maior de trinta a quarenta kilometros nos logares mais largos e baixos. Isto e mais dois ou tres oasis proximos do lado do Sahara, dão apenas a área de um paiz como a Belgica; por ahi podemos avaliar a densidade de população calculada em dez milhões nos tempos antigos, quando o Egypto tinha as suas vinte mil cidades, proximas umas de outras.

As inundações do Nilo dão-se no solsticio do verão (em junho) quando se fundem as neves da Abyssinia. Foi o rio que, cobrindo a terra de alluviões de estrume, deu-lhe uma fertilidade incomparavel. O povo regulava a inundação canalisando-a por toda a parte. De julho a novembro o rio cobre a planicie na altura de sete a oito metros, e em dezembro volta ao leito. O

lavrador, diz Herodoto, nem carecia traçar o sulco; as terras estavam de si revolvidas e promptas; os fructos, os legumes, o trigo, o

peixe faziam a alimentação abundante e rica.

O Nilo determina o clima; situado entre dous desertos, sem o rio, o Egypto seria o deserto mesmo, porque lá não chove quasi. Por isso não

é o sol que determina as estações. Só o Nilo faz com que o anno seja dividido em tres épocas de quatro mezes cada uma : a **inundação** (julho-outubro), a **sementeira** (novembro-fevereiro) e a **colheita** (março-junho). Em junho a região está secca, desolada e quente. No mez seguinte vem a inundação : o Egypto parece um lago semeiado de ilhas de habitações e cidades.

Por isso Herodoto disse : « o Egypto é um presente do Nilo. »

**Aigyptos** é a transcripção grega de **Ha-ka-Phtah**, morada de Phtah (deus de Memphis).

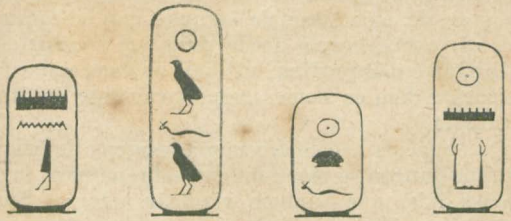
— Pelo exame geologico da região sabe-se que o **delta** é uma formação recente e nos primeiros tempos devia não passar de uma série de lagunas que se foram aterrando. Das varias boccas do rio, duas que eram artificiaes, a **Bolbitina** e a **Bucolica**, são hoje as duas embocaduras principaes e têm os nomes respectivamente de **Rosetta** e **Damietta**.

— Os egypcios não conheciam as origens do Nilo; chamavam-no **jaúma**, o mar : um ser sobrenatural, lagrimas da deusa Isis, que vinham vivificar a terra. **Salve ó Nilo!** diziam elles n'um hymno, **ó tu que vens em paz para dar vida ao Egypto!** As plantas aquaticas eram muito communs; mas duas são celebres na civilisação — o **lotus**, diversas especies de nimphéas que serviam á alimentação e suggeriram modelos á ornamentação architectural do paiz; e o **papyrus**, caniço donde tiravam as delgadas cascas que serviam de folha ou papel para escrever, e que já não se encontra no Egypto actual.

**As fontes de estudo.** — Antes do seculo XIX, tudo quanto se sabia do Egypto eram informações legadas pela antiguidade classica e pela Biblia. A **Biblia** apenas dava noticia da permanencia dos hebreus no Egypto até que de lá sahiram atravessando o Mar Ver-

melho a pé enxuto; na Biblia é que se acha a denominação de **Pharaó**, ainda hoje conservada para os reis egypcios. Das fontes classicas ha tres escriptores que visitaram o Egypto : **Herodoto**, o mais completo e interessante, no tempo do dominio persa; **Diodoro**, no tempo dos Ptolomeus, dominadores gregos; **Strabão**, no tempo da conquista romana. Esses tres escriptores conheceram, pois, o Egypto já paiz conquistado e na mais completa deca-

CARTOUCHES REAES




(Pag. 65.)

dencia, e nem sabiam a lingua do paiz; exceptuado o de Herodoto, o testemunho dos dous outros parece não ter grande valor.

A esses, deve-se juntar **Manethon**, padre egypcio do seculo III da era christan; mas infelizmente as obras desse escriptor nacional se perderam e hoje apenas do sacerdote de Heliopolis existem preciosos fragmentos, notavelmente uma lista das dynastias egypcias, conservada por Julio Africano e Euzebio, mas já muito alterada pelos copistas.

— Neste seculo, porém, a historia do Egypto tomou outra face diante de novas fontes de estudo. Em 1798, quando os francezes ao mando de Bonaparte occupavam o Egypto, descobriu-se em Rosetta uma inscripção em tres especies de escriptura. De longo tempo se conheciam os **hieroglyphos**, que ninguem sabia decifrar.

A inscripção de Rosetta, porém, ao lado de duas fórmas de escriptura egypcia, dava uma escriptura grega que era facil interpretar. O inglez Thomas Young chegou a estabelecer que naquella inscripção os signaes eram phoneticos e não symbolicos (representavam sons e não idéas) e mais que os signaes envolvidos em um oval ou annel (**cartouche**) (fig. 10) eram nomes proprios. E mais nada.

Coube, porém, a Champollion a gloria de decifrar a inscripção, Champollion estudou a lingua nacional dos egypcios pela lingua actual, o copta, e conseguiu afinal formular os principios da escriptura hieroglyphica. Desde esse momento ficou fundado um estudo novo — a **egyptologia**.

Lenormant, de Rougé e Maspero continuaram brilhantemente os trabalhos de Champollion. A cargo do governo egypcio contemporaneo, Mariette descobriu varios monumentos e inscripções e fundou o museu de Bulaq.

O egyptologo **Lepsius** (1842) fez uma celebre viagem productiva. E ha toda uma pleiade de sabios allemães, inglezes e francezes que se dedicaram á archeologia egypcia. De tudo isso resultou um renovamento completo, e as inscripções constituem hoje as verdadeiras fontes authenticas da historia do Egypto.

Entre os grandes documentos conquistados pela egyptologia devemos citar : o **papirus do Museu de Turin**, onde vem a lista de personagens mythicos e historicos que governaram o Egypto até Ramssés II; a **sala dos maiores**, em cujas paredes figura Tutnés III rendendo homenagem a 61 de seus predecessores; fazia parte do templo de Karnak e existe hoje na Bibliotheca Nacional de Paris; as **taboas de Abydos**, uma descoberta por Banks, outra por Mariette, onde se encontram documentos sobre as dynastias; os **epitaphios do Serapeum**, necro-

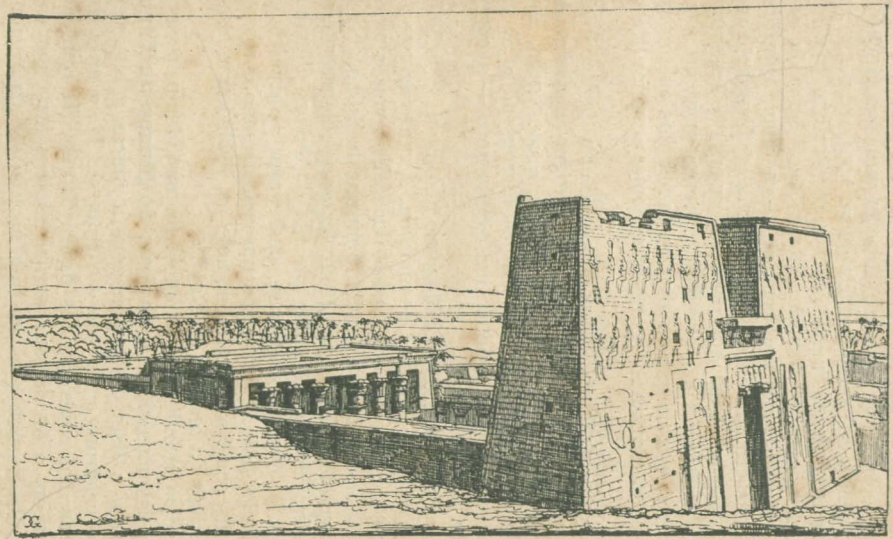


Fig. 11. — Templo d'Edfu.

pole descoberta por Mariette; e uma infinidade de documentos existentes em varios museus, dos quaes o mais rico é o do khediva em Bulaq.

Foi com esses materiaes que se poude escrever nos nossos tempos uma historia authentica do Egypto.

**O povo e a raça.** — O povo egypcio é o mais antigo da historia, e sempre, na mais remota antiguidade, habitou a Africa. Não obs-

Fig. 12. — Trajos egypcios.

tante parece averiguado que elles tenham vindo da Asia anterior. Os egypcios não eram negros e nem vieram da Ethiopia. Nas mais antigas esculpturas encontram-se as figuras caracteristicas do homem branco e as mumias ainda hoje o provam. Pelo exame da historia, pela successiva passagem de Memphis para Thebas, pensa-se que a civilisação remontou o curso do rio Nilo e se veio da Asia devia ter passado pelo isthmo de Suez. Os monumentos attestam cla-

Fig. 13. — Caixão de mumia.

ramente que a raça do velho imperio, de craneo dolichocéphalico, foi quasi inteiramente substituida por outra de craneo brachycephalico, que floresceu na epocha do imperio thebano. A esse elemento nacional que tem sido designado **hamitico** podemos junctar os elementos nubianos, semiticos, gregos e phenicios trazidos pela conquista, invasão ou migração nos tempos historicos. A raça egypcia é portanto um typo branco excessivamente mestiçado.

**Factos politicos.** — Quando a historia começa, o Egypto já está de posse de uma grande civilisação. O povo é agricultor, possue armas de defeza e utensilios de industria; conhece o ferro, irriga e cultiva o campo. Conhece a vinha e o trigo. No periodo heroico, os estados são multiplos; a sua unidade inicia a era historica.

**I. Antigo imperio.** — Começa provavelmente 50 seculos antes de Christo, com o primeiro rei **Menés** e abrange

XI dynastias. **Menés** não é conhecido por nenhum monumento de seu tempo, mas as referencias posteriores determinam positivamente a sua existencia. Pelo seu tempo o Egypto tinha uma organisação feudal, estava dividido em muitos estados independentes, com os seus principes. Foi durante o antigo imperio que se unificou o paiz. As **nomas** ou pequenos estados foram-se tornando tributarias do centro. São celebres alguns reis da 4ª dynastia : **Keops**, **Khephren** e **Mykerinos**, pelas grandes pyramides tumulares construidas por elles; a pyramide de Kheops que tem de altura 147 metros, foi construida segundo Herodoto em 30 annos por 100.000 homens. Ha ainda o nome da rainha **Nitocris**, que se apodera do throno quando assassinaram o seu irmão; Nitocris encerra e asphyxia os assassinos em uma galeria subterranea para onde ella faz correr as aguas do Nilo. A rainha suicidou-se para evitar a vingança dos seus inimigos.

D'ahi em diante ha um lapso de seculos, dos quaes até hoje nada se sabe, a não ser alguns nomes de reis cujos tumulos não foram ainda achados.

O antigo imperio distingue-se por uma civilisação notavel e elegante. A arte era puramente naturalista e não estava ainda sujeita a canones, como a d'essa estatua do **escriba**, que é uma maravilha de realismo, e foi achada em um tumulo. Já havia escripto o livro de Phtah-

Hotep, repositorio de maximas moraes, provavelmente o livro mais antigo po mundo.

Fig. 14. — Columna do Ramesseum de Thebas.

II. O Médio Imperio. — Abrange o periodo da XII a XVII dynastia. Esse periodo, no seu inicio, marca uma profunda revolução social. Tudo se transforma: na religião, os deuses do Norte **Phtah** (de Memphis, cedem a primazia a **Ammon** (de Thebas); a escriptura soffre modificações. A capital já não é Memphis, é transferida para o Sul, para Thebas. A arte deixa de ser naturalista (fig. 14) e individualista e torna-se convencional; a flora e a fauna são já differentes e o gato domestico importado da Nubia pela primeira vez apparece na historia. O médio imperio caracteriza-se pela construcção dos **obeliscos**, como o imperio antigo

pela das **pyramides**. O esplendor d'esse periodo é o da dynastia dos **Amenehmat** (a dyn. XII). Os egypcios exploram as minas de ouro da Ethiopia (na Nubia; **Nub** ouro). Amenehmat III para regular as inundações do Nilo ora superabundantes, ora insufficientes, construiu aproveitando um lago natural o reservatorio gigantesco conhecido com o nome de **Mœris**. Perto d'ahi, a lenda grega collocou o s maravilhosos palacios reunidos em um só, o **Labyrintho**.

Por esse tempo começou uma migração de semitas que se estabeleceram no delta; novas hordas junctaram-se ás primeiras e no fim de alguns seculos esse povo de **hyksos** (pastores) adventencios torna-se senhor do paiz. Os **hyksos**, reis pastores, assaltam e conquistam, quasi sem resistencia, o Egypto. Elles tomam Memphis e o Delta e deixam apenas um principe indigena em Thebas, sujeito a tributo. Os **hyksos**, povo inferior, fundiram-se mais tarde na civilisação egypcia durante quinhentos annos de dominio : é quando o elemento nacional em seu reducto em Thebas, e nas terras aridas do Sul, agremia as suas forças e organisa a lucta pela independencia nacional. Os patriotas tomam Avaris, a ultima capital dos **hyksos**; o principe Sekenen-Ra que levantara a bandeira da revolta cae traspassado de flechas, e ainda hoje a sua mumia apresenta as cicatrizes gloriosas do heroe egypcio. **Ahmés** funda

então o dominio nacional definitivo e inaugura o novo imperio.

III. **O novo Imperio.** — Começa com a expulsão dos **Pastores** e termina quando o Egypto cáe sob o dominio dos persas. Os **hyksos** tinham fortalecido a unidade do Egypto que bastante forte para defender-se tornou-se forte para aggredir; por isso o novo imperio marca o periodo de conquistas. Assim, a expansão dos seus limites geographicos fez-se do seguinte modo : **Amenhotep I** toma uma parte da Ethiopia; **Tutmés III** penetrou pelo lado da Asia até o Tigre. O Egypto chegou ao seu apogêo; tornou-se a primeira potencia do seu tempo. Desde **Ahmés** a classe guerreira sobrepoz-se á classe sacerdotal que governava e fixou a sua supremacia. **Tutmés** conquistou os povos da Syria, Babylonia, Ninive e a Armenia. Todos os dias, a população de Thebas assistia ao desfilar das tropas em triumpho, trazendo despojos e prisioneiros. A architectura e as grandes construcções renasceram (fig. 15) com a riqueza publica. Em um dos portaes de Karnak (templo de Thebas) Mariette decifrou uma inscripção onde vêm 628 nomes geographicos, outras tantas victorias. **Tutmés III** equipou frotas no Mediterraneo e até o oceano Atlantico estendeu-se o seu dominio maritimo.

Fig. 15. — Baixo relevo do tumulo de Chambati. (P. 72.)

Memnon, dos gregos. A sua estatua colossal quebrou-se talvez por effeito de um terremoto. Na antiguidade se espalhára a noticia que esse colosso de pedra lançava gemidos ou cantava pela manhã.

De todas as partes accorria gente para ouvir a voz do colosso. O facto explica-se pela crepitação do granito evaporando o orvalho aos primeiros raios do sol.

Os successores continuam a obra gloriosa de **Tutmés III**. Entre elles distingue-se **Ramsés II**, que com o nome grego de **Sesostris** tem nos historiadores antigos uma lenda assombrosa de aventuras, quasi todas falsas. **Ramsés II** sem ser um monarcha de pouco valor, no emtanto fez apenas uma expedição contra os khetas, e a celebre batalha de Kadésh nem chegou a ser decisiva. Não só o Egypto não fazia outras conquistas nem mesmo podia manter as revoltas dos conquistados, mas até estava n'um periodo de revoluções intestinas, de decadencia nacional e de anarchia.

As façanhas de **Ramsés II** tiveram um echo exaggerado e os germens d'esse exaggero foi o poema de **Pentaur**, contemporaneo que exaltou as victorias do rei e a vaidade de **Ramsés**, que por toda a parte fez gravar o seu nome nos monumentos.

A lenda grega, referida por Herodoto, faz Sesostris subjugando o mundo com uma frota, submettendo por terra a Asia, e elevando monumentos colossaes. O mesmo referem Diodoro e Manethon.

A verdade é que **Ramsés II** pela batalha de Kadesh nada venceu, e fez um tratado (o mais antigo documento diplomatico que possuimos) pelo qual apenas conservava a liberdade do Egypto.

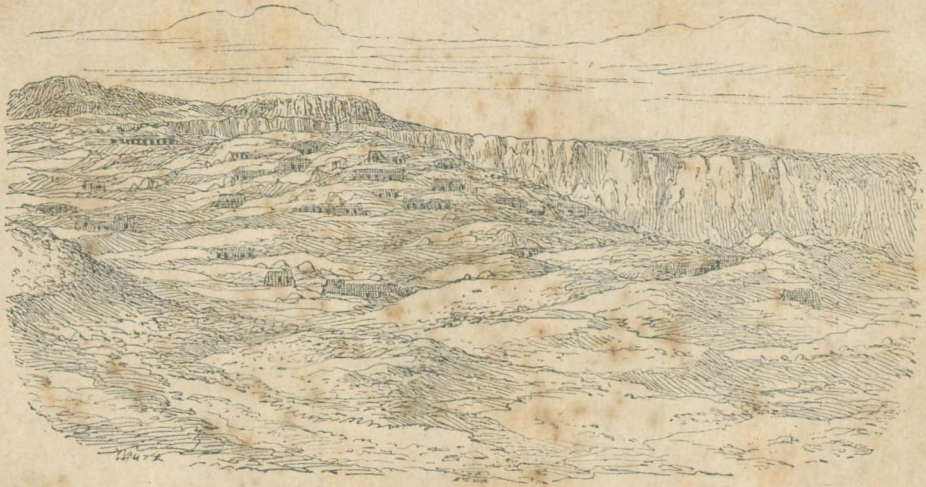


Fig. 16. — Necropole de Thebas. (P. 76.)

N'esse periodo a Ethiopia foi colonisada e adoptou a civilisação egypcia. Ahi a classe sacerdotal organisou-se fortemente e a Ethiopia emancipou-se, e desde logo se tornou rival da metropole. Demais, o Egypto estava em anarchia e dividido. As cidades do Delta, com a quéda de Thebas, tomaram a supremacia : **Bubaste**, **Tanis**, **Sais** são as novas capitaes. Vencidos pela Ethiopia, pelos assyrios cujo rei Assurbanipal arrazou Thebas (666) os egypcios tiveram um momento de esplendor politico e artistico com **Psãmetico** de **Sais**, que estabeleceu relações com os jonios e carios mercenarios com os quaes no 6º seculo antes de Christo expulsou as guarnições Assyrias, tentou resurgir a antiga nacionalidade. Esse momento de rénascença foi luminoso mas rapido; refloriram as artes e a cultura; o fechado Egypto abriu-se para os gregos e para todos os povos do mediterraneo que vieram n'elle aprender a sabedoria da primeira e mais antiga das civilisações.

Seu filho **Neko** pensou que a quéda de Ninive entregava-lhe a Asia, mas foi batido em Karkemish por Nabucodonosor.

D'ahi em diante as revoluções militares esphacelam o Egypto ; os gregos fundam villas e cidades no delta, e o elemento nacional exclusivista horrorisado com o contacto dos estrangeiros interna-se para o sul. De uma vez, cem mil soldados que viam a preferencia do rei pelos mercenarios gregos abandonaram-n'o e subiram para os sertões da Ethiopia. O Egypto cedia á fascinação grega e estava hellenisado. Psametico II, no meio da anarchia geral, não póde defender o paiz contra Kambyses, rei dos persas, que o subjugou (527).

Assim desappareceu o Egypto. Nunca mais

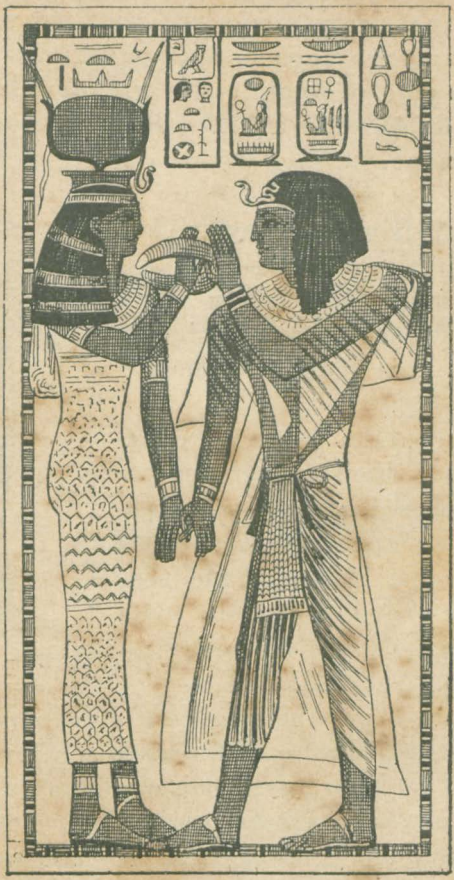


Fig. 17. — Baixo relevo do tumulo de Seti 1º (XIX dynastia).

obteve a sua antiga independencia apezar de palpitarem em seu seio patriotico mil revoltas que eram logo afogadas em sangue ; dos persas passou para o dominio dos gregos pela conquista de Alexandre (332) e depois para o dominio romano.

**A civilisação egypcia.** — O povo era o mais religioso do mundo. A escriptura, os symbolos, as artes, a sciencia tinham um caracter theologico.

O povo tinha talvez a concepção monotheista, a crença em um deus unico. Ao menos isso havia na classe sacerdotal e mais culta. **Eu sou o que sou,** era a formula do Deus cuja doutrina Moysés conheceu no Egypto.

Fig. 18. — Ammon.

Assim, o polytheismo consiste apenas nos attributos locaes e differentes applicados ao mesmo ser supremo, como ainda hoje succede entre nós com a crença catholica. **Phtah** em Memphis, **Osiris** em Abydos, Ammon em Thebas, representam deuses locaes fundidos, depois n'uma concepção monotheistica.

Elles criam numa trindade : **Osiris**, pae, **Isis**, mãe (fig. 19) e **Horus**, filho. Admittiam a dua-

lidade de dous genios, o do bem, e o do mal (Set, ou Typhon dos gregos).

O povo adorava os animaes, o crocodilo, o ibis, a cegonha, o boi (fig. 20) restos de um

Fig. 19. — Isis.

(P. 78.) Osiris.

fetichismo prehistorico que sobreviveu como superstição nas camadas populares.

A existencia de uma **Trindade divina** é peculiar a varias mythologias baseadas no anthropomorphismo; os homens são levados naturalmente á concepção de uma **familia celestial** na qual são membros proeminentes, **pae, mãe** e **filho**.

Os egypcios tinham a crença da vida d'além tumulo. Suppunham que a alma abandonava o corpo, mas voltava a elle, purificada, depois de

Fig. 20. — Tumulo d'um boi Apis. (P. 79.)

3.000 annos. Por isso, elles embalsamavam os cadaveres, dando-lhes uma durabilidade eterna. A alma separada do corpo comparecia diante de Osiris para ser pesada (fig. 21) e julgada, e ella devia dizer, como refere o **Livro**

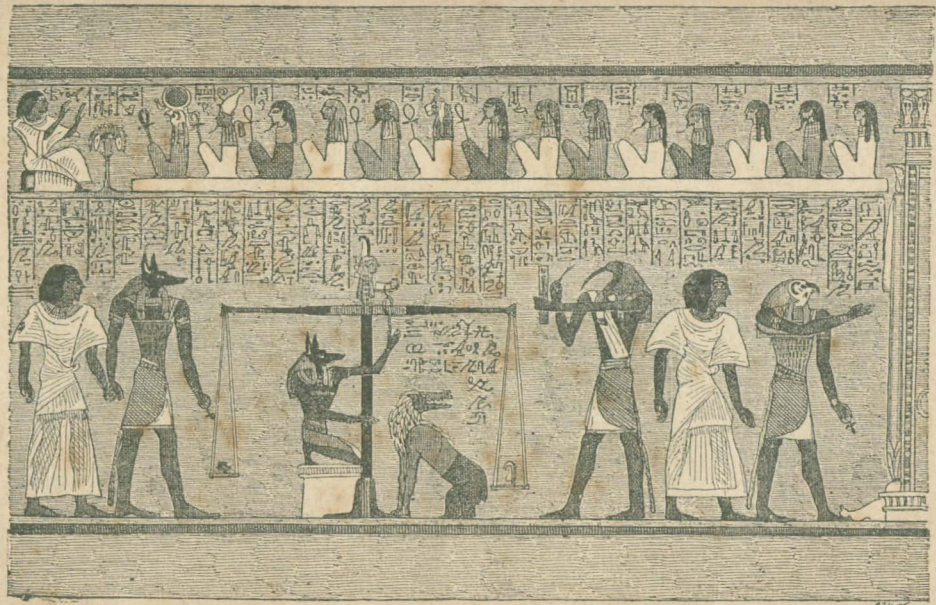


Fig. 21. — Livro dos Mortos. A alma pesada e julgada. (P. 80.)

**dos Mortos** : « Eu não blasphemei, não roubei. Eu dei de comer a quem tinha fome ; dei de beber a quem tinha sede ; dei vestidos a quem estava nú. »

**A litteratura** é de caracter religioso : são innumeros os hymnos sagrados, aos deuses, aos mortos.

Do que se descobriu citamos o **Hymno ao Nilo**, admiravel poesia (conservada em um dos **papyrus** Sallier) ; o poema de **Pentaur**, obra de longo folego escripta em honra de Ramsés II (Sesostris) gravado nas muralhas de Karnak e reproduzido em varios manuscriptos. **O livro dos Mortos** é uma das producções religiosas mais importantes que nos revelam a alta cultura moral do povo.

Tinham mesmo romances e contos : a **historia de dous irmãos** (traduzida por de Rougé, 1852) ; o **Naufrago**, conto traduzido por Maspero ; **Rampsinitos**, conto narrado por Herodoto ; etc.

D'esses alguns são populares e como nota Maspero « foi o logar onde os contos populares se naturalisaram mais cedo, e tomaram uma fórma verdadeiramente litteraria ».

**A sciencia.** — Sciencia propriamente nunca houve no Egypto : não se tinha chegado a formular leis e principios abstractos. Conheciam os egypcios apenas os factos de observação e da experiencia em puro caracter empyrico. Na **astronomia** elles determinaram o anno

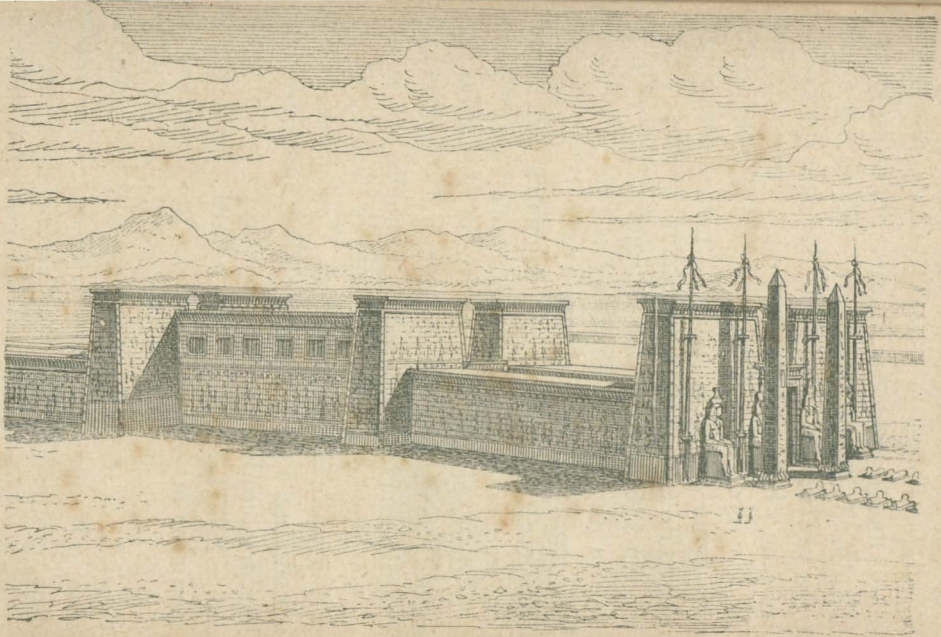


Fig. 22. — Tempio de Luksor.

de 365 dias, a cujo periodo aliás podia-se mais ou menos chegar registrando a periodicidade annual das inundações. O anno era de 12 mezes cada um de 30 dias, ou 360 dias ao todo aos quaes se junctavam mais 5 em cada periodo; mas como havia perda de 4 em 4 annos de um dia, a correcção foi mais tarde estabelecida pelo **cyclo sothico**, isto é, pelo nascimento heliaco de Soth (a estrella **Sirius**) que se dá uma vez em 1460 annos; n'essa epoca, $365 \times 4$, já haveria decorrido 365 dias e o anno do calendario coincidia com o anno real.

Os gregos sabiam que a **geometria** e **arithmetica** eram sciencias egypcias. O professor Eisenlohr descobriu o papyrus Rhind que é um tratado de mathematicas do tempo dos **hyksos** em que algumas questões da geometria são explanadas pela applicação da arithmetica.

A grande sciencia, porem, dos egypcios era a **medicina**. Pelo **papyrus** de Eber, podemos avaliar dos conhecimentos dos medicos egypcios sob a XVIII dynastia. Não estava, diz Sayce, a medicina menos adiantada do que no tempo de Galeno; os medicos faziam o diagnostico differencial, descreviam os symptomas e prescreviam o tratamento em doses exactas dos remedios applicados, pós, vesicatorios, clysteres e poções, de vegetal ou mineral. As theorias physiologicas, porem, eram extravagantes; elles pensavam que o ar respirado vinha do

peito para a cabeça por meio de vinte duas veias e d'ahi se expandia pelos outros membros. Nos tempos da decadencia, as prescripções medicas cederam o passo aos exorcismos, á magia e aos philtros maravilhosos.

**A arte.** — De todo o progresso espiritual desse povo, a arte é o que melhor o representa; seus monumentos são celebres desde a mais remota antiguidade, e os egypcios teriam feito prodigios se a regulamentação hieratica e religiosa não lhes matasse a originalidade. Effectivamente, no periodo primitivo o artista tinha a maxima liberdade na imitação da natureza, mas esse realismo foi subjugado pela religião que impôz normas absolutas á arte. As estatuas primitivas (como a do **scriba** (fig. 23), existente no Louvre) são prodigiosas de verdade; mais tarde a arte immobilisa-se e todos os seus productos apresentam a mesma figura e a mesma attitude : **a de um homem sentado com os braços**

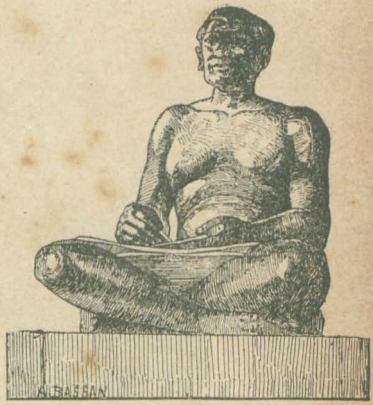


Fig. 23. — O Scriba. (Museu do Louvre.)

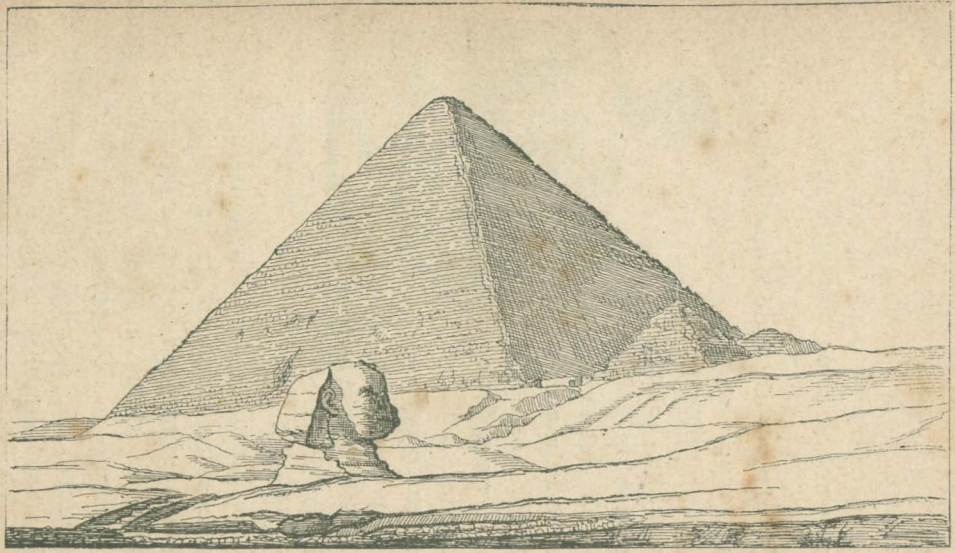


Fig. 24. — Pyramide de Khephren. (P. 88.)

**em repouso** — canon religioso que destruiu a originalidade dos artistas.

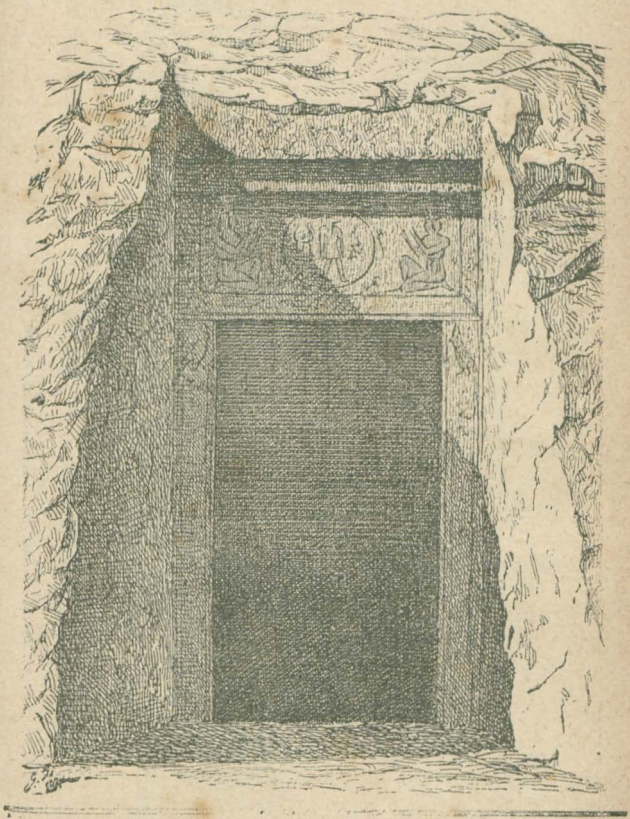


Fig. 25. — Entrada d'um tumulo real. (P. 89.)

**A architectura** distingue-se por um caracter geral : — o grandioso, o colossal. Não

visa á perfeição, mas á grandeza. Os monu-

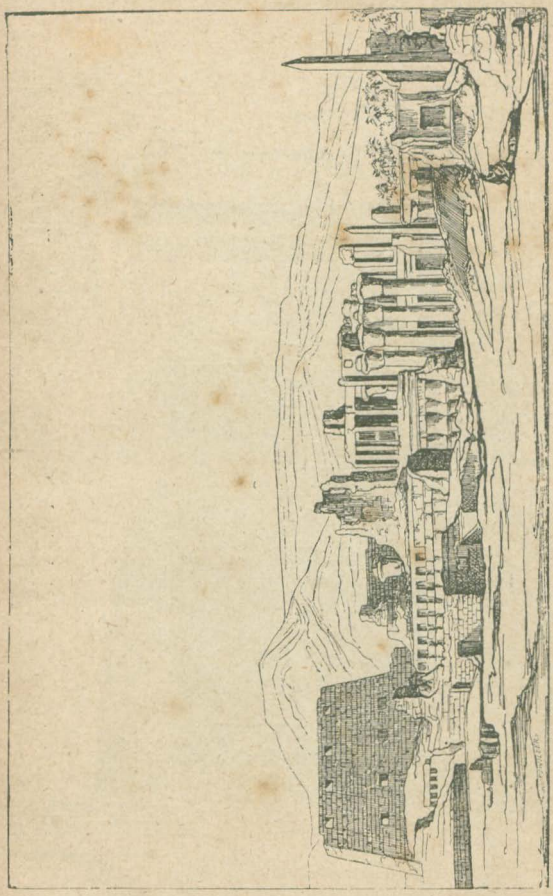


Fig. 26. — Ruinas de Karnak. (P. 90.)

mentos caracteristicos são : a **pyramide**, tumulo real (fig. 24) monstruoso; ha uma centena

dellas (fig. 25) ao longo do Nilo; a mais alta tem

Fig. 27. — Esphinge. (Museu do Louvre.) (P. 90.)

147 metros; o **obelisco**, agulha de granito com a ponta luzente em ouro, é um symbolo do raio

do sol; o **templo**, vasto monumento de columnas massiças, com o capitel em folha de lotus; entre os templos achados cita-se o templo de **Karnak** (fig. 26), em Thebas, com a sua sala hypostylica, de 140 columnas cobertas de hieroglyphos e baixos relevos.

As fórmas architecturaes talvez se expliquem pelo material empregado : (o granito) pelo aspecto geral do deserto (a predominancia da linha recta) e pela vegetação, da palmeira e do lotus (a columna e o capitel); pela crença na immortalidade (a grandeza colossal dos tumulos), por um passado prehistorico (a habitação particular egypcia lembra a caverna troglodita).

Na **esculptura** tambem o caracter é o colossal, a grandeza. As estatuas são colossos; as **esphinges** (uma dellas, proxima (fig. 27) ás pyramides de Gizeh foi talhada em um rochedo natural, de 25 metros de altura); os 4 colossos de Ramsés II achados por Burckhardt, são caracteristicos.

A **pintura** era arte accessoria e de simples ornamentação. Mas os egypcios não tinham noção do **claro-escuro**; o colorido que é ainda hoje brilhante é distribuido com o mesmo tom, sem sombras. Muito pouco sabiam de **perspectiva** : as figuras sempre estão no mesmo plano e conservam a mesma attitude geral, e o que é mais grave elles desenhavam o rosto de perfil conservando o torso de frente.

# ASSYRIOS E BABYLONIOS

Das terras altas da Armenia descem dous rios : o Tigre e o Euphrates; correm ambos para o sul, ganham a planicie e reunem-se em um só que se lança no Golfo Persico. O territorio comprehendido entre os dous rios foi chamado **Mesopotamia** pelos gregos. No mez de abril as neves do Taurus fundem-se, os dous rios transbordam inundando a planicie e só voltam ao leito no mez de Junho. Isto faz a grande e excessiva fertilidade da Mesopotamia, que sem esses cursos d'aguas seria naturalmente árida, esteril, situada como está entre dous desertos e onde quasi nunca chove. Ahi pois n'esse oasis as palmeiras, os cereaes, e todos os meios de alimentação abundavam. A parte norte e montanhosa da região era a Assyria, região temperada e umbrosa. A planicie, terra de alluvião, no curso inferior do rio era Babylonia ou Chaldéa.

Primitivamente, o Tigre e o Euphrates não se reuniam no Chat-el-Arab, lançavam-se separadamente no Golfo persico, formando um delta. Como faz notar Reclus, ha

ASSYRIA E BABYLONIA

um movimento de **siphon** produzido pelos dous rios, que transfere as aguas do Mar Negro para o Golfo persico; effectivamente, vapores formados pela evaporação d'aquelle mar vão pairar nas montanhas armenias e d'ahi em neve e em chuva vão avolumar as aguas do Tigre e Euphrates.

A flora caracteristica do sul (de Babylonia) é a de palmeiras, donde os habitantes extrahiam toda a sorte de alimentos, oleos, farinhas e mel.

**Fontes de estudo.** — Para a historia da Assyria e Babylonia até o seculo XIX apenas existiam : algumas referencias de Herodoto, do qual se perdeu a **Historia da Assyria** que havia escripto; uns fragmentos historicos de Ctesias, medico que consultou os archivos de Ecbatana, e d'elle só conhecemos o que se deprehende de uma analyse critica de Diodoro, mas é a Ctesias que devemos as fabulas da mythologia assyriaca dadas como cousas historicas : **Semiramis**, **Ninos** e o romance de **Sardanapalo**. O medico de **Artaxerxes Mnemon** não tinha verdadeiro senso critico. Tambem de Berosos, o sacerdote e historiador nacional de Babylonia, que escreveu em grego, apenas restam fragmentos colhidos em citações de outros auctores. A esses juntem-se as referencias da Biblia e ter-se-ha toda a bibliographia antiga.

N'este seculo, porém, as excavações archeologicas trouxeram á luz nas margens do Tigre baixo-relevos, esculpturas e palacios assyrios. Botta, consul francez, Layard e Rawlinson, Oppert e outros são nomes ligados a esses successos. Verificou-se que os muros das antigas construcções continham inscripções em caracteres cuneiformes (traços em fórma de cravo ou prégo); descobriu-se mesmo uma bibliotheca no palacio d'um rei (Assurbanipal) na qual os livros eram escriptos em taboas (tijolos) com aquella escriptura. Uma inscripção em tres linguas (assyrio, meda e persa) permittiu a decifração, o persa sendo uma lingua conhecida. Essa inscripção gravada em um rochedo de 456 metros de altura, era o texto de um baixo relevo que representa Darius subjugando os seus inimigos. A inscripção relata esse successo e enumera as

23 provincias persas de Darius. Foi Rawlinson quem publicou o texto trilingue.

A Layard deve-se a descoberta do archivo ou bibliotheca de que falamos.

A escripta **cuneiforme** é muito complicada. Seus si-

Fig. 29. — Cabeça de estatua chaldéa.
(Pag. 95.)

gnaes eram ao mesmo tempo **symbolicos** (quando representavam uma cousa) ou **syllabicos** (quando representavam uma syllaba), e o que era peior podiam estes ser **polyphonicos**, isto é, o mesmo signal exprimir varios sons; d'ahi a difficuldade de interpretação.

As raças que habitavam a Assyria e a Chal-

deia eram muito misturadas. Os chaldeus invadiram o territorio já dominado pelos accadianos (turanos) que tinham irrigado, cultivado o terreno e fundado uma civilisação, e uma arte de escrever (a escriptura cuneiforme). Os vencedores adoptaram a civilisação dos vencidos. Dos chaldeus aquelles que menos se fundiram com os elementos primitivos parece que se foram estabelecendo no Norte e se fixaram na Assyria, onde o elemento semita é mais puro. Em todo o caso, as duas civilisações, teem grandes similhanças, de modo que são estudadas simultaneamente; ambas são turano-semiticas.

Os primeiros habitantes da Chaldéa os Accadianos ahi se estabeleceram cerca de 4.000 annos antes de Christo; parece averiguado que viessem do norte, de um paiz montanhoso, rico de mineraes e não tropical, região que pode ser a sudoeste do Caspio; effectivamente elles não tinham palavra para a **palmeira**, designavam **paiz** por um hieroglypho representando uma montanha, accidente geographico raro na Chaldéa. A lingua que falavam era turaniana, agglutinativa e extinguiu-se cerca de 1700 A. C. Toda a sua litteratura que constava dos cuneiformes estaria perdida, se os invasores semitas não fizessem traduzir os monumentos accadianos.

Successivamente na bacia do Tigre e Euphrates dominaram tres estados : 1. O antigo imperio chaldeu. 2. O imperio assyrio. 3. O novo reino chaldeu (Babylonia).

I. **Antigo reino chaldeu.** — Pouco se

sabe da historia politica desse reino. A principio o paiz não tem unidade politica e ha varios reis em varias cidades. Do periodo **accadio-turaniano** temos documentos da historia heroica e mythologica; a população semitica, nomade, ia pouco a pouco invadindo o paiz. A unidade da Chaldéa ia-se operando lentamente pela acção dos seus reis. Temos noticia de **Lig-Bagas** ou **Ur-Bagas**, o primeiro dos reis constructores, que edificou varios templos como o da Lua (divindade masculina) em Ur. Do reinado de seu filho Dungi, o **poderoso**, temos uma inscripção em lingua semitica o que já prova a já grande importancia da migração semitica na Chaldéa (2.800?)

Sabe-se que o reino primitivo dissolveu-se n'uma especie de confederação de cidades importantes e foi successivamente usurpado por dynastias estrangeiras.

O mais proeminente dos reis de Agâdê, cidade nucleo da raça accadiana, foi **Sharrukin** ou **Sargon I**, semita, usurpador provavelmente pois o seu nome o indica. Guerreiro illustre e patrono das lettras, Sargon, fez transladar em semitico toda a litteratura mythologica, religiosa e astronomica dos accadianos. A auctoridade d'esse rei estendeu-se até o Mediterraneo e provavelmente datam d'elle os primeiros contactos civilisadores do genio babylonio com o occidente ainda inculto. Nas suas inscripções,

apparece elle como o typo chaldeu do Moysés : ao nascer foi elle atirado por sua mãe á correnteza d'um rio e dentro de um berço. Sargon I floresceu a 3750 antes de C.; ao menos, uma inscripção de Nabonadius, o ultimo rei babylonico, que viveu em 555 dá Sargon como o tendo precedido 3200 annos.

**Elamitas.** — O paiz organisado por Sargon e seus successores foi tomado por **Kudur-Nakhunta** rei do Elam (2286 A. C.), região a nordeste, de raça turana. A esse rei succedeu seu filho **Kudur-Lagamer**, o Chedorlaomer da Biblia, que levou os dominios elamitas das montanhas da Persia ao Mediterraneo; é elle o primeiro d'esses grandes conquistadores asiaticos que tantas vezes surgem na historia fundando imperios vastissimos, heterogeneos e ephemeros. O prestigio elamita foi pouco a pouco se enfraquecendo, ao passo que ao norte na região do Tigre um povo semita, a principio tributario dos Chaldeus, tornou-se bastante forte para sob o seu rei **Tiglathi-nin** (Tiglath-Adar) conquistar a Chaldéa. Começa então na Asia occidental a supremacia dos Assyrios (1300 A. C.).

As lendas descobertas com tanto interesse sobre a cosmogonia chaldaica, demonstram perfeitamente a affinidade mais completa com as lendas hebraicas do Genesis, epopéas do genio semita. Assim foi que pelas inscripções verificou-se a tradição entre os chaldeus de que o homem nasceu de **Ea** (a terra), habitou um jardim de delicias;

a tradição de reis pastores ou patriarchas vivendo existencias longas de seculos (o primeiro rei viveu dez **saros**, $10 \times 3.600$ ou trinta e seis mil annos; chamava-se **Aloro**). No reinado de **Xisustros**, veio o diluvio, ordenado pelo Deus Supremo; **Bel**. Xisustros preparou-se para o cataclisma, construiu uma barca, povoou-a da semente dos seres. Desabou a tempestade e o mundo foi inundado. Em tudo, os mesmos episodios da biblia. Essa lenda faz parte da grande epopéa babylonica em doze taboas: o diluvio está inscripto na 9ª e foi decifrado, segundo varios exemplares e fragmentos cotejados, pelo sabio inglez G. Smith. Os fragmentos da 1ª taboa muito incompletos dão idéa de uma lenda analoga ao sacrificio de Isaac.

II. **O imperio assyrio.** — A importancia do imperio começa com a conquista de Babylonia por Tiglath-Adar (1300 A. C.); Tiglat-Pileser I leva suas conquistas até o Caspio, o Mediterraneo e o Golfo persico, que então formam os limites do vasto dominio assyrio: esse rei gaba-se em uma inscripção de « ter varrido a face da terra » (1130 A. C.).

O reinado de Tiglat-Pileser é celebre entre os assyriologistas.

O assyriologo inglez Layard tinha achado em excavações quatro prismas de 45 centimetros, cujas faces continham cada uma cem linhas de escriptura cuneiforme, fina e compacta; as inscripções pareciam identicas e foram submettidas, pelo famoso concurso de 1857, á interpretação de quatro assyriologos: Talbot, Rawlison, Hinks e Oppert. As interpretações foram concordes, e d'ahi em diante ninguem mais duvidou d'esse estudo novo e complicado — a assyriologia. A inscripção continha uma narrativa de caçadas e conquistas de Tiglat-Pileser.

Aqui ha um intervallo de dous seculos du-

rante os quaes a Assyria parece ter descido «abaixo do horisonte da historia»; depois d'esse eclipse as inscripções nos revelam os nomes de: **Asshur-izer-pal** (883 A. C.) rei magnificente, constructor de templos e palacios, e guerreiro que nas suas expedições punia cruelmente os inimigos pelo fogo e pela crucifixão; **Shalmaneser II** (858 A. C.) e **Tiglat Pileser II** (745 A. C.) o grande rei organisador. Até então os conquistadores orientaes apenas limitavam-se a vencer e exigir tributo e obediencia dos reis vencidos que mantinham o poder; isso dava

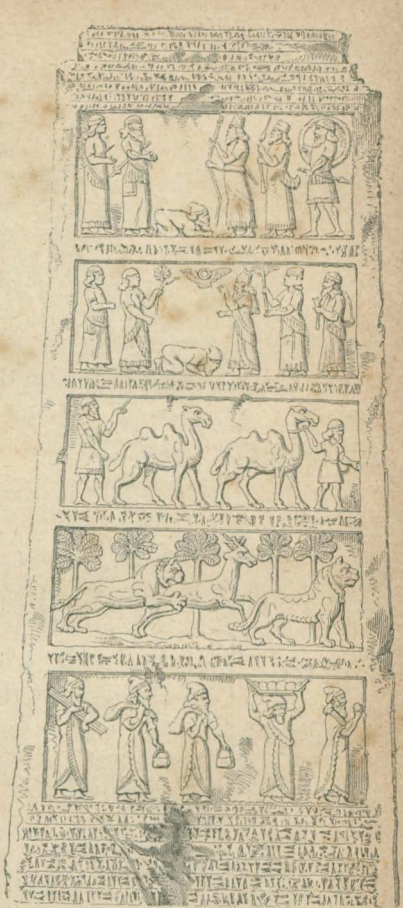


Fig. 30. — Baixo relevo do obelisco de Shalmaneser II.

Fig. 31. — O rei Sargon. (Pag. 101.)

lugar a revoltas e favorecia o sentimento de rebeldia dos povos subjugados; **Tiglat-Pileser II** reformou o systema das conquistas assyrias, reduzindo os paizes vencidos a provincias administradas por magistrados assyrios, reforma que abolia a tendencia de revolta dos governos locaes : é elle pois o grande precursor de Dario, Alexandre e Cesar. Assim é que elle preparou um imperio fortemente organisado que legou aos seus successores.

Sargon (**Sar-kin**, rei de facto) usurpou o throno assyrio (722); a dynastia dos sargonides tem uma série de reis importantes. Mas esses reis poderosos tinham de luctar contra varios inimigos vizinhos : contra o Egypto que lhes disputava a posse dos pequenos reinos da Syria, Palestina, Phenicia; contra Elamitas que não viam com prazer o dominio assyrio no sul sobre Babylonia e fomentavam insurreições na velha cidade dos chaldeus; contra os Medas, a léste, temiveis, a crescer e a apparecer na historia.

**Sargon** pòz termo ao reino de Israel, cuja população de 200.000 hebreus foi reduzida a captiveiro; luctou sempre victorioso contra egypcios, syrios, babylonios e medas, e morreu assassinado em seu palacio. Egual destino teve seu filho **Sennacherib** (705 A. C.) que é o rei assyrio mais conhecido pela abundancia das inscripções achadas. Bateu o rei de Judá

Ezequias, comprimiu uma revolta em Babylonia arrazando a velha cidade chaldéa; o rei em uma inscripção fala d'esse tremendo castigo : « arranquei-lhe as raizes e as folhas e atirei os escombros no rio ». Sennacherib foi assassinado pelos seus dous filhos mais velhos, ciosos da predilecção paterna pelo filho mais moço Esarhaddon.

**Esarhaddon I** (680) exilou os parricidas; constructor e guerreiro, como os grandes reis assyrios, restaurou Babylonia e no fim da vida, minado pela molestia, repartiu o throno com o seu filho **Asshur-bani-pal** (668). E' esse rei o Sardanapalos da lenda grega. A sua magnificencia protectora das artes e das lettras (em um dos seus palacios achou-se a maior das bibliothecas assyrias) elle alliava um espirito guerreiro crudelissimo e vingativo; as cidades que se revoltavam eram arrazadas e reduzidas á solitarios desertos.

**Esarhaddon II** (600 A. C.) é o ultimo rei assyrio. As consequencias de longos seculos de despotismo feroz e deshumano chegaram ao auge; do Egypto á Media, do Golfo persico ao Caspio e Mediterraneo, a servidão dos povos chegara ao extremo limite. A sede de liberdade era a aspiração de todos os povos escravisados e opprimidos.

Assim é que germinou e cresceu o desmem-

bramento. Os Medas se levantam successivamente com Phraortes e Kyaxares; ao mesmo tempo os scythas, turanianos, invasores, atacam o paiz; Babylonia defende-se e torna-se independente sob o vice-rei Nabopolassar. O filho d'este, Nabuchadnezzar, sitia Nínive (fig. 32); uma inundação excepcional do Tigre subverte as muralhas e os sitiantes penetram na cidade (606 A. C.). Lenda ou verdade, contam que Esarhaddon, o derradeiro rei, desesperado de ver-se vencido, accendeu uma fogueira e n'ella atirou-se, não querendo que a sua vida sobrevivesse á da sua patria.

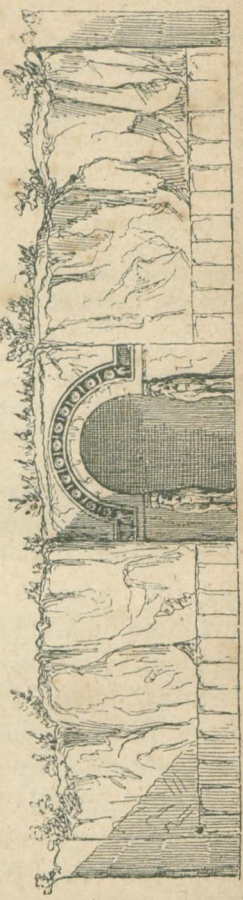


Fig. 32. — Porta do palacio de Khorsabad perto de Nínive.

A sorte da Assyria então foi dividir-se em duas partes entre os conquistadores: do Tigre para o oriente o territorio submette-se aos **medas**; para o occidente aos **babylonios**.

A historia do imperio assyrio só modernamente tem sido authenticada pelas inscripções e monumentos descobertos e achados. Antes do meiado deste seculo registravam-se algumas lendas que se tornaram classicas e que é preciso não passar em silencio. Segundo Ctesias e Diodoro de Sicilia, **Ninus** foi o fundador do imperio Assyrio, grande general, fez uma expedição a Bactres com um exercito de dous milhões de homens e no cerco dessa cidade tendo notado a coragem de **Semiramis**, mulher de um soldado, desposou-a. **Semiramis**, succedeu a **Ninus**, accresceu as suas conquistas, fez as muralhas, os palacios, o tunel sob o Euphrates, e os jardins suspensos da Babylonia. D'ahi em diante, a vida babylonica cheia de riquezas e de prazeres, amollece e efemina os homens. Os reis successores perdem a coragem e entregam-se á indolencia e á sensualidade. E' assim que **Arbaces**, chefe dos medas, sitia Babylonia, e **Sardanapalo**, rei da grande cidade, recolhe-se com as suas mulheres ao palacio, que é incendiado por sua ordem.

**Novo imperio chaldeu (Babylonia).** — Com a victoria sobre os assyrios, Nabuchadnezzar, rei de Babylonia, torna-se o primeiro potentado e reapparece então o novo imperio Babylonico ou Chaldeu. Nabuchadnezzar toma Jerusalém, apeia o rei Jooiakin do throno, que é dado a Zedekiah, tio do rei deposto. Mas o novo rei liga-se a phenicios e egypcios, recusa pagar tributo e revolta-se. Então, Nabuchadnezzar volta, manda assassinar ao rei e aos filhos, saqueia e pilha Jerusalém e leva os hebreus em captiveiro para Babylonia (585).

Babylonia tinha attingido o seu mais alto esplendor. No reinado de Nabuchadnezzar, foi que se fizeram os jardins suspensos, pontes,

obras hydraulicas e (fig. 33) famosos monumentos. Mas os successores do grande rei foram

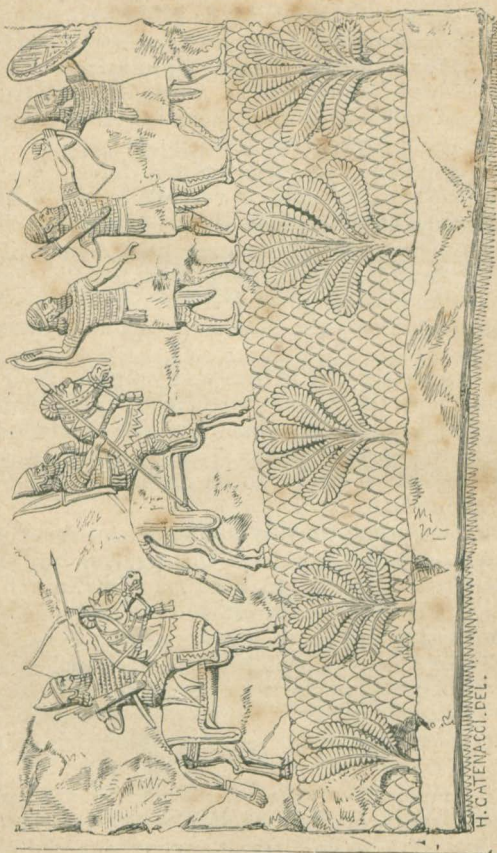



Fig. 33. — Baixo relevo guerreiro.

fracos, e em pouco tempo sob **Nabonid** e seu filho **Belshazzar** que reinavam conjunctamente,

Babylonia foi sitiada e conquistada por **Cyro**, rei da Medo-Persia (538).

Esse Belshazzar é o Balthazar da Biblia, que o descreve em uma festa, quando nas paredes apparecem as palavras fatidicas (**Mene, Mene, Tekel Upharsim**!) que prenunciam a queda de Babylonia. A cidade era cercada de altissimas muralhas com cem portas, e Herodoto conta que foi preciso a **Cyro** desviar o leito do Euphrates para, seguindo o alveo do rio, entrar em Babylonia.

A asserção de Herodoto é verdadeira não quanto a Cyro, mas quanto á tomada de Babylonia por Dario, mais tarde por occasião de uma revolta. Na campanha de Cyro é Nabonid quem arrisca uma batalha fóra dos muros e soffre uma completa derrota; a cidade que havia já annos resistia ao sitio, abre as portas ao vencedor.

**Civilisação chaldaico-assyria.** — A Assyria e a Babylonia podem ser estudadas conjunctamente quanto á civilisação. A primeira não fez mais do que adoptar a civilisação da ultima. Toda a civilisação assyria provem da Chaldéa e o fundo da civilisação chaldaica é accadico ou turano.

A religião assyrio-chaldéa fundiu-se em uma complicação de elementos ethnicos. Distingue-se na crença geral dois contingentes: 1º, **o da raça turaniana**, que admittia a existencia dos espiritos máos, demonios, vampiros, fantasmas que faziam a peste, a fome, as molestias, emquanto os bons espiritos produziam o bem, a chuva, e todas as delicias; o culto desses espiritos era feito pelos magos e feiticeiros; 2.º o contingente **semitico** caracterisado pelo culto solar, e pelas concepções astronomicas.

Com o tempo, os cultos se fundiram e quando se deu a unidade politica deu-se a unidade religiosa, e um culto official, fixo. O culto do elemento **accadiana** que via em todas as cousas um **zi** ou espirito encaminhou-se naturalmente para o polytheismo. Então, o culto solar, a theologia astronomica dos semitas que vieram depois

fundiu-se com os elementos antigos e formou o pantheon mixto dos chaldeus. Na hierarchia dos deuses, o principal é **Il** ou **Ra**; vemos o segundo nome usado no Egypto para designar Osiris, e vemos o primeiro **Il** nos radicaes dos nomes de deuses semiticos: **Elohim** (hebreu) **Allah** (arabe).

Havia, abaixo de Il, **uma triade suprema: Ana, Bilus** (Bel) e **Ea**. **Anu** é o pae dos deuses, em figura de homem e cauda de aguia. **Bel**, é o demiurgo, senhor do mundo e dos espiritos, tem a figura de um rei. **Ea**, é a terra, boiando no oceano; ella é o « grande peixe », o « peixe sublime ».

Esses deuses teem a sua fórma passiva, a cada um correspondendo uma deusa inseparavel: **Anat, Belit** (Mylitta, dos gregos) e **Davkina**. **Belit** é o typo da divindade feminina, creadora e fecunda.

— Segunda **triade solar**: o deus-lua (**Sin**) o deus-sol (**Shamash**) e o ar (**Ramanú**). Subordinam-se a esses os planetas, deuses secundarios.

A mythologia chaldaica explica-se pela theoria solar. Todo o culto repousa sobre concepções astronomicas e a influencia desse facto é bastante extensa. Nas ruinas primitivas, os angúlos dos edificios são orientados em opposição aos pontos cardeaes; isso na arte. Na sciencia, a astrologia é a principal occupação dos espiritos, e n'ella se funda o conhecimento do futuro. Na vida politica, os padres ainda constituem a aristocracia. No culto dos planetas é de notar-se a analogia dos attributos symbolicos dos gregos: Venus, o bello planeta, é **Isthar**, (**Astartêa**) a deusa fecunda; Marte é **Nergal**, o deus das batalhas.

## A vida intellectual e artistica

**Litteratura.** — O cuidado com que os reis assyrios fizeram traduzir os monumentos litterarios chaldeus e com que organisaram varias bibliothecas nas cidades e nos seus palacios, permitte-nos hoje apreciar o gráu de cultura d'esse povo.

Na bibliotheca de Assurbanipal achou-se uma **Encyclopedia grammatical**, obra em que se discutiam e esclareciam duvidas sobre as questões da escriptura cuneiforme. Além disto, descobriram-se fragmentos de obras officiaes, e uma collecção de **Hymnos religiosos** e acima de tudo os fragmentos de uma **Epopéa**, publicados por Smithe Rawlinson, onde se encontram a cosmogonia babylonica, as tradições do diluvio; essa epopéa anonyma representa o cyclo poetico e legendario dos primeiros tempos.

A bibliotheca real estava aberta ao publico. « Eu a fiz, lê-se n'uma inscripção de Assurbanipal, para a instrucção do meu povo ». Provavelmente teria dez mil volumes, sobre todos os assumptos. N'ella encontraram-se **notas** pagaveis em ouro ou prata no thesouro do rei; é o primeiro exemplo do papel-moeda que a historia registra.

**Sciencias.** — A bibliotheca de Assurbanipal possue uma **Nomenclatura das plantas** e

**mineraes**, que é considerada bastante methodica. Os seres eram classificados em familias, e generos, e as especies tinham um nome vulgar e outro scientifico.

A **astrologia**, com quanto estudada com intuito religioso e theologico chegou a produzir o conhecimento de muitas verdades astronomicas. Os magos levantaram taboas do tempo e determinando o movimento diario da lua e achando o periodo de 18 2/3 annos, chegaram a predizer eclipses da lua. O eclipse da lua que primeiro se calculou (o de 10 de março de 721 A. C.) foi calculado por elles. Determinaram o anno, as 4 estações e os mezes lunares. A sua **numeração** era sexagesimal; dividiam a unidade em 60 partes eguaes, o que era de grande vantagem porque esse numero tem todos os divisores de 10 e de 12. Esse systema a civilisação moderna ainda conserva na divisão da esphera, do circulo e das horas. Dividiram a semana em 7 dias dedicados ao sol, á lua e aos cinco planetas que conheciam. Os assyrios nos dias 7°, 14°, 19°, 21° e 28° chamados **sabbatu** guardavam-se de fazer sacrificios, tomar remedios, mudar de roupas, etc. Esse respeito se repete no **sabbath** judeu.

O tratado de astronomia intitulado **observações de Bel** que foi traduzido em grego por Berosos, occupava-se, entre outras cousas, dos eclipses, cometas, estrella-polar, conjuncção do sol e da lua, phases de Venus e Marte.

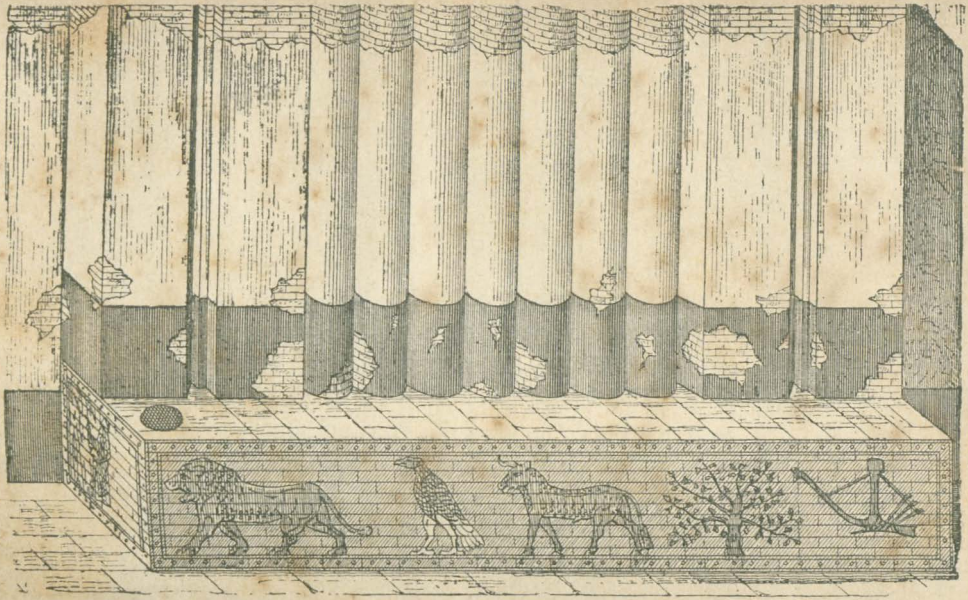


Fig. 34. — Porta de palacio em Khorsabad. (P. 111.)

Isso presuppõe certos elementos da mathematica. Uma taboa de Larsa contem os quadrados e cubos de um a sessenta e uma serie de figuras geometricas.

A **medicina** era puramente theologica; as molestias denotando a existencia de maus espiritos, toda therapeutica consistia em esconjural-os com talismans e feitiços.

**Artes.** — Na **architectura** não predomina a linha recta como entre os egypcios; são os primeiros artistas (fig. 34) que se servem das linhas curvas, e construem a abobada. Os monumentos são constituidos por platafórmas, as faces em talude; as torres teem 7 andares (os 7 planetas). O material mais commum, sobretudo em Babylonia, onde não ha o granito, era o tijolo. Os andares são de areas progressivamente menores sobrepostos em platafórma; essa disposição talvez resultasse do emprego do tijolo. Só a edra póde suster em alicerce grandes paredes erticaes.

Na **esculptura** elles excelliam principalmente os baixos relevos, caracterisados pelo naturasmo das figuras, sobretudo dos animaes. Nas ortas dos palacios, encontra-se a esculptura ymbolica : um touro alado (fig. 35) com rosto le homem porque o rei symbolisa a força, (o ouro) o vasto dominio em todo o paiz (azas da ve que domina o espaço).

Os caracteres differenciaes entre a arte assyria e a babylonica se acham na vida de ambos os povos e no meio que os cerca. Em Babylonia a arte é religiosa e sepulchral; os seus monumentos são templos e tumulos; na Assyria predominam os palacios; a arte é secular e profana. Depois, o material empregado influe na fórma das

Fig. 35. — Touro alado de Khorsabad. (Pag. 111.)

creações artisticas; na Assyria ha a pedra, o alabastro; nas planicies da Babylonia apenas ha a terra de que elles faziam o tijolo, cosendo-a ao sol.

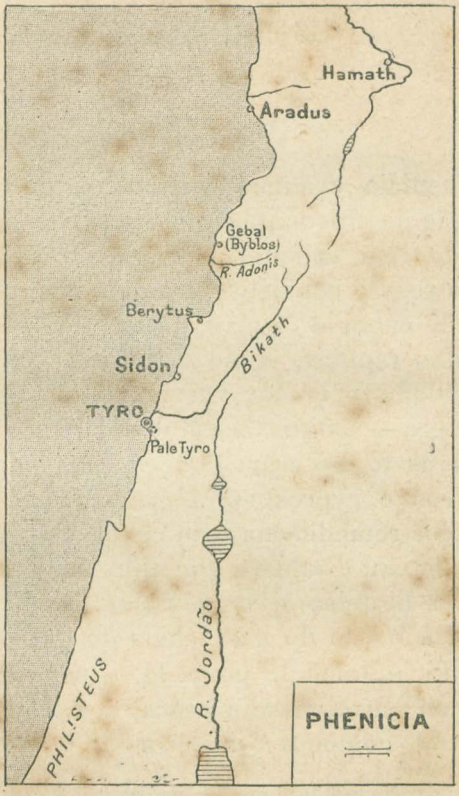
Os historiographos d'arte, em geral suppõem que a arte grega deriva da arte assyria; uma das bases d'esta hypothese consiste na similhança entre as columnas assyrias e as columnas doricas e jonicas. Não só na arte, trahe-se essa influencia, mas em todas as faces da cultura intellectual, como veremos opportunamente.

# OS PHENICIOS

A **Phenicia** era uma estreita faxa de terra de extensão de cincoenta leguas sobre oito de largura, entre a cadeia do Libano e o Mediterraneo : a região consiste em uma rampa abrupta, cheia de cabos e enseadas, por onde escorrem torrentes rapidas, como o Adonis, celebre na antiguidade pela côr vermelha das aguas na primavera — sangue de um deus, dizia o mytho. As terras todas eram cobertas de palmeiras, pinheiros e cyprestes. A' penuria d'agua os phenicios remediavam com cisternas que ainda hoje existem, e sabe-se que elles tambem cultivavam a figueira e os cereaes. Mas, n'essa região, á borda do mar, cheia de portos, uma vez sufficientemente povoada, seus habitantes deveriam entregar-se á pesca, á arte da navegação e do commercio maritimo.

Mover pensa que o nome **Phœnikia**, seria o **paiz das palmeiras**. Mas **Phoun** (**Pœni** e **puni** dos romanos) era um velho nome nacional, anterior ás migrações, e provavelmente o designativo de uma tribu. A posição geographica desse povo, como a de Veneza e Portugal, explica o seu destino historico no commercio e na navegação.

Infelizmente poucos são os documentos que ficaram da população phenicia. **Josepho** recolheu algumas indicações fragmentarias; e sobre a religião dos phenicios ficou um




fragmento de **Sanchoniathon**, julgado apocrypho, mas hoje admittido como authentico.

A **Biblia** ainda hoje é uma das fontes mais fecundas. Ella nos dá noticia dos trabalhos executados pelos Phenicios em Jerusalém (**Livro dos Reis**, V — VII), a pro-

phecia de Isaias contra Tyro (XXVII) e a lamentação de Ezechiel.

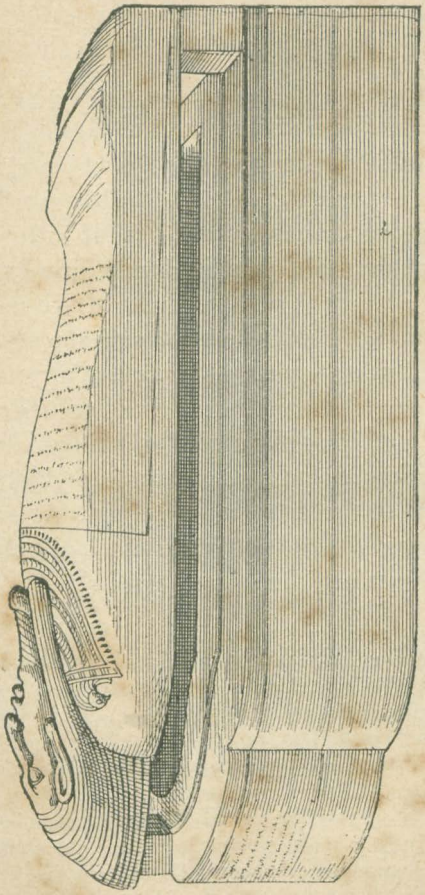


Fig. 37. — Sarcophago phenicio. (P. 114.)

Nos tempos modernos, a archeologia recolheu e interpretou algumas inscripções, e a região foi aqui e alli

explorada. A topographia das cidades e necropoles foram determinadas por **E. Renan**, mas sem grande fructo; as proprias ruinas já quasi não existiam, os sarcophagos já haviam sido violados pelos malfeitores que procuravam joias e objectos de ouro.

Os Phenicios tinham a tradição de suas primeiras migrações; vieram do Golfo persico onde já conheciam a navegação, e essa migração é referida por Herodoto, Strabão e a Biblia; onze tribus cananéas impellidas do interior se estabeleceram na Syria e foram ainda obrigadas a recuar até o littoral do Mediterraneo. Ahi ellas encontraram uma população semitica, os **Rephrains**, que conquistaram, e da qual entretanto adoptaram a lingua e varios usos.

Assim a tribu phenicia, cananéa, de raça semitica como eram os hebreus e os hyksos do Nilo, fixou-se no littoral da Syria. A tradição phenicia transformou, pela lenda, os **Rephrains**, habitantes primitivos, em gigantes.

A historia primitiva é assaz obscura. Sabe-se que elles se estabeleceram no mediterraneo, mais ou menos entre os seculos XXIII e XXI antes de Christo; pois no seculo XXIV um official do rei Egypcio Amenehmat I, enviado á Syria, não fala d'elles, ao passo que quando Abraham veio de Chaldéa para a Palestina (seculo XX) diz a Biblia que « ahi já estavam os cananêos ».

A evolução da ordem social foi naturalmente de um periodo de pesca e de pirataria para o do commercio. Mover pensa que até o seculo XVI elles eram nomades. Até o seculo XVI antes de Christo, houve a preponderancia de **Byblos** (Gebal), cidade do Deus Hél ou Cronos. Não ha colonias, nem commercio.

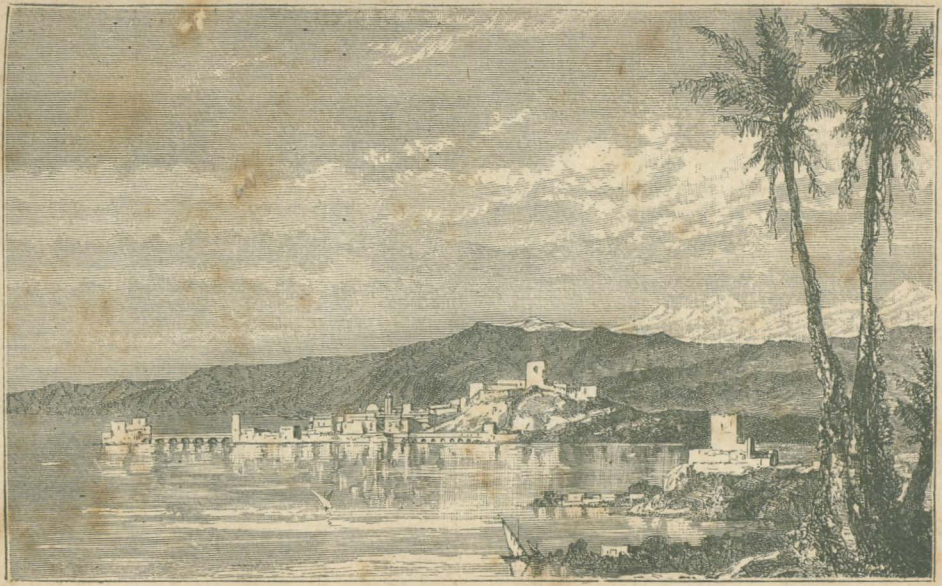


Fig. 38. — Aspecto actual do porto de Sidon. (Pag. 118.)

I. A patria phenicia composta de uma simples federação de cidades maritimas sem unidade politica, mas com todas as garantias de paz necessarias ao commercio, e só obrigadas a pagar tributo em caso de guerra, teve successivamente duas metropoles.

A primeira foi **Sidon** (sec. XVI a XI).

E' n'esse periodo que os phenicios soffrem heroicamente as invasões de vizinhos poderosos e já por effeito da guerra que lhes perturba o commercio e já pelo excesso de população que vive apertada entre o Libano e o mar, elles se atiram ao mar e fundam numerosas colonias.

**Sidon**, a cidade da deusa Astartéa, fundou as colonias da Asia Menor e do mar Egêu. Assim os phenicios colonisaram **Chypre**, donde traziam o cobre e as madeiras de construcção (1); a **Cilicia**; a ilha de **Rhodes**, as **Cyclades**, etc. **Cythera** tornou-se emporio commercial e d'ella é que se disseminou o culto sensual de Astartéa, a Venus phenicia.

Mas como Sidon exercia a pirataria, e o roubo e rapto de mulheres, teve que sustentar varias luctas. Na guerra com os Philisteus perdeu a frota, foi vencida e arrazada (1.050 A. C.).

---

(1) *Chypre* tomou tanto desenvolvimento, que por sua vez fundou várias colonias *Citium*, *Paphus*, etc. Em *Citium*, Pococke, Ross, e mais tarde De Vogué descobriram varias inscripções phenicias.

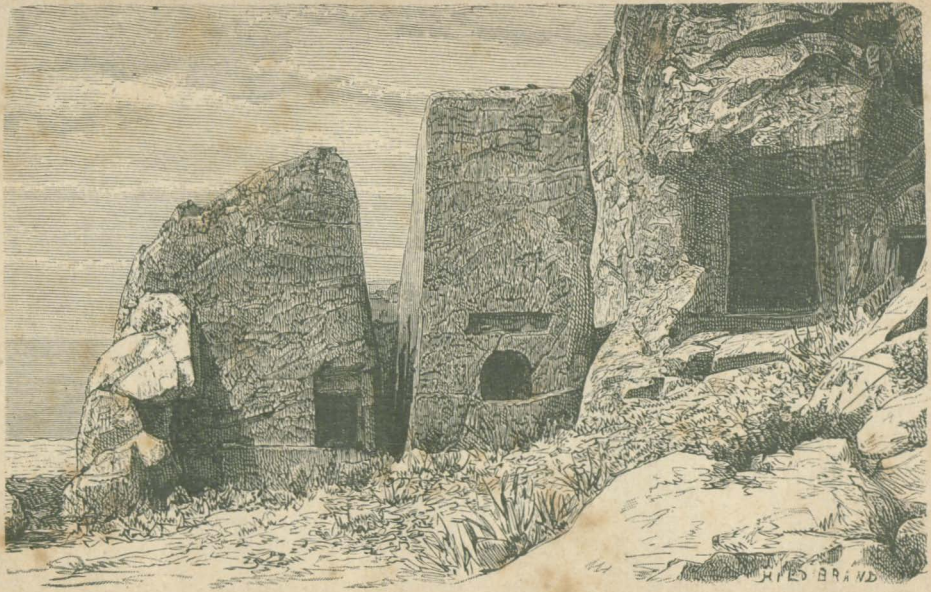


Fig. 39. — Necropole d'Adlun perto de Tyro.

**Tyro** herdou a hegemonia da patria phenicia. Tyro era a cidade dedicada ao culto de Melcarth (o Moloch dos carthaginezes), o Hercules phenicio, symbolo da força e do poder maritimo : assim o denota o mytho que fel-o partir n'uma expedição fabulosa atravessando a Africa, indo á Iberia, paiz das minas, collocando no extremo do littoral, em memoria, as duas columnas celebres.

As colonias d'esse periodo são :

As da **Sicilia**, que eram especie de refugio e de repouso no Mediterraneo para as suas longas correrias.

As da **Africa**, que chegaram a tornar-se um grande imperio. O numero de colonias africanas é consideravel; basta citar a de Karchedon (Carthago) que foi fundada em 808 A. C. Na Hespanha os colonos exploraram as minas de prata, tão abundantes que, diz Aristoteles, os Phenicios faziam para seus navios ancoras de prata. A cidade principal era **Gades** (Cadix), mas havia mais de duzentas, no dizer de Strabão.

Como se vê, os phenicios difficilmente se estabelecem nos logares onde já existem alguns povos guerreiros : na Italia continental, onde havia os Etruscos; na Grecia onde Cadmus tentou estabelecer-se e foi desthronado.

A lenda da fundação de Carthago é esta : o rei Pygmalião subiu ao throno de Tyro com 8 annos apenas; sua irmã **Elissar** casou-se com o tio e regente do reino, Sicharbal. Sobrevindo uma revolução contra a aristo-

Fig. 40. — Rochas gravadas da Phenicia.

cracia, Sicharbal foi morto, e Elissar embarcou com os seus partidarios e foi fundar Carthago.

**Elissar** é a Dido da Eneida de Virgilio.

No emtanto a supremacia de Tyro esvaece-se no meio de luctas intestinas entre o povo e a aristocracia, até que **Sennacherib**, rei da Assyria, a conquista (700). Não obstante até o seculo IV, tempo de Alexandre, Sidon e Tyro, as duas cidades phenicias, continuam florescentes.

Não só o Mediterraneo foi colonisado por esse povo de navegadores. Elles guardavam os segredos de suas viagens e parece provavel que conhecessem grande parte do Atlantico. Da expedição de Hannon, ha um roteiro, conservado em traducção grega, que fala de umas ilhas **Cerné** (que uns dizem ser a Goréa na Africa). Sabe-se mais que partiam de Gades (Cadix) a procurar o estanho e o ambar (**cassiteron** e **electron**) pelas paragens do **Norte**, e dessas paragens o poeta latino Festus Avienus dá indicações : « um mar ennevoado e frio, ilhas cobertas de nevoeiros » (talvez a Inglaterra). Aristoteles falla de uma grande ilha, a muitos dias de distancia da columna de Hercules, a **Atlantide**, (talvez a America). No emtanto todos esses factos são méras conjecturas.

E' preciso não esquecer que os Phenicios, preoccupados o occidente, nem por isso deixaram de parte o oriente.

Exerciam tambem no oriente o commercio por terra, em caravanas. Emquanto suas frotas orientaes exploravam a Arabia, a India, em busca da perola, do ebano, do marfim e de pavões, as caravanas iam atravez do deserto pousando em Babylonia, Bactres, Palmyra. Foram elles o elemento de irradiação, os portadores do progresso, introduzindo no occidente as artes do Egypto e da Chaldéa.

As cidades phenicias tinham organisação monarchica com uma classe aristocratica. Conhecemos varios nomes de reis, sobretudo de Tyro, como o de **Hiram I**, amigo e alliado de David e Salomão, o qual embellezou a capital; **Ithobal, Pygmalião** cuja soberania em Chypre tornou o seu nome celebre entre os gregos, **Eluleo**, que luctou e foi vencido por Sennacherib. (E' o **Eluli**, das inscripções assyrias.)

As cidades eram confederadas com um largo espirito republicano: por falta de forte unidade politica e de uma organisação militar, ellas não podiam resistir ao meio internacional despotico e guerreiro.

**Religião.** — Era a do culto solar como a de todos os semitas. O deus supremo era **Baal** vivendo e renascendo; d'ahi proveio o mytho grego da **Phenix**, que tanto lembra o nome phenicio. A religião dos phenicios era sanguinaria e immoral: a **Moloch**, o deus terrivel, sacrificavam-se creanças nas fogueiras; nas festas de **Astartéa**, a deusa impudica, as mulheres se prostituiam em publico. Os phe-

nicios adoravam rios e montanhas, ás quaes appunham o nome divino **Baal**. O caracter da religião respira um sensualismo impuro e cruel. As pedras, especialmente aerolithos, eram adoradas como **Beth-el** (moradas de Deus); d'essa

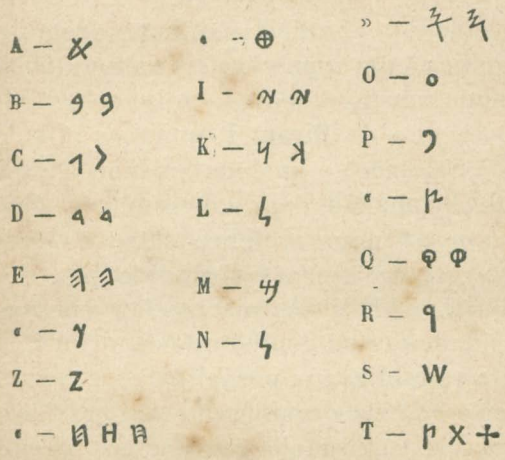



Fig. 41. — Alphabeto phenicio.

superstição é ainda um vestigio a pedra da **Caaba** dos arabes.

**Artes, lettras e industrias.**— Commerciante e pratico, o phenicio não tinha propriamente a emoção do bello, apenas do **util**. Seus monumentos são todos de utilidade : aqueductos; diques, esgotos, tumulos. Foram elles que, como pedreiros, serviram nas construcções

de Salomão, em Jerusalém. Os seus artistas são principalmente ourives e ornemanistas, fazedores de pequenos objectos, estatuetas, sinetes e pedras gravadas sem estylo original.

Nas **lettras** e nas **sciencias** pouco fizeram, mas é possivel que arte e sciencia na Grecia não houvesse se para lá não levassem os phenicios os primeiros germens da cultura oriental. Ha noticias de escriptores phenicios de varias epocas cujas obras aliás estão perdidas: **Moskos** ou **Okhos**, citado por Poseidonios e Strabão; Sanchuniathon, de que já falamos (ambos se suppõe terem vivido antes da Guerra de Troya); **Jerubaal**, contemporaneo do rei Abelbaal de Berytos; esses escriptores tiveram suas obras traduzidas em grego. Da epoca carthagineza convem citar o general **Mago**, auctor de 28 livros sobre a agricultura traduzidos em grego por Dionysios de Utica e em latim por Silanus; **Hanno**, que escreveu um roteiro das suas viagens maritimas pela Africa occidental.

Deviam conhecer algumas noções de astronomia; em suas viagens, embora costeiras, á vista da terra, não tendo bussola, deviam orientar-se pelo aspecto do céo especialmente, pela **estrella-polar**.

Strabão diz que os gregos aprenderam a arithmetica dos phenicios, o que é probabilissimo; um povo de negociantes não devia desconhecer a arte de contar e calcular.

Mas os grandes legados deste povo á civilisação geral foram as invenções por elles vulgarisadas :

Fig. 42. — *Stele* phenicia.

I. **A arte da navegação.** — Foram os mestres dos gregos e romanos. Sob o dominio persa, elles constituem a frota de Dario contra os gregos. No tempo dos romanos, esses aprendem a construir navios com os carthaginezes, colonios phenicios. Exploraram toda a região

do Mediterraneo, e provavelmente o Atlantico e os mares do norte da Europa.

II. **A invenção do alphabeto.** — Foram elles que introduziram a escriptura **phonetica**, isto é, representativa dos sons por um numero restricto de lettras. Os gregos e romanos receberam o alphabeto phenicio, que é hoje a base da escriptura de todos os povos civilisados.

Hoje está provado que o alphabeto phenicio foi tirado, provavelmente pelos Hyksos, da escriptura hieroglyphica. Ao menos das 23 lettras, 15 teem essa origem. Mas os egypcios não tinham deixado o symbolismo, e na solução phonetica os assyrios apenas conseguiram a escriptura syllabica (cada signal representando um som, o que necessita um numero enorme de signaes). Foram, pois, em todo o caso, os phenicios que acharam o **alphabeto**, isto é, a escriptura por lettras.

O alphabeto phenicio da Grecia passou para as colonias gregas da Italia, e foi adoptado pelos latinos.

III. **O vidro e a purpura.** — São productos phenicios. A **purpura** é uma substancia de tinturaria de varias côres, tirada de certos molluscos, de preço inestimavel na antiguidade. O processo perdeu-se.

Do **vidro** conta-se que alguns marinheiros tendo na praia feito fogo sobre uma porção de salitre, este fundindo-se com a areia produziu o vidro. Esta é a versão de Plinio. Mas hoje se sabe que muitos annos antes dos Phenicios, no tempo de Antef III, da nona dynastia, já os egypcios conheciam e fabricavam o vidro.

# HEBREUS

O paiz que os hebreus, nomades e pastores, conquistaram definitivamente depois que appareceram unidos na historia, foi a Palestina, bella região ao lado do Mediterraneo, de clima variado, rica de florestas e de pastagens. A Palestina é naturalmente dividida em tres zonas : a **maritima**, estreita, fertilissima, entre o mar e as montanhas, que era o caminho militar dos egypcios ; a zona **central** constituida pelo valle do Jordão, que corre de norte a sul, desde Hermon nevoso, atravez do lago de Genezareth em Galiléa e se lança na profunda depressão do mar Morto ; a zona **oriental**, do interior, arida ao sul (Ammon) e uberrima ao norte (Bassan). Principalmente, o valle do Jordão, a zona média ; é que foi o theatro da civilisação hebraica. A Palestina tinha uma grande riqueza florestal : o cedro, o cypreste, o carvalho ; alli davam a vinha, a oliveira, o balsamo, o salgueiro, o tamarindo, as amendoeiras, e uma infinidade de flores : o narciso, os lyrios e

as papoulas, sobre tudo em Galiléa. Mas a luxuria do sólo era interrompida a espaços pelo contraste de regiões queimadas de sol, seccas e desertas.

Em tempos prehistoricos o Jordão corria para o mar Vermelho. Uma commoção volcanica desviou o seu curso que foi parar no **mar Morto**, lago que fica 400 metros abaixo do nivel do mar. O **mar Morto** (lago de asphalto) tem as aguas seis vezes mais salgadas que as do oceano

e são tão densas que n'ellas uma pessoa boia mesmo sem nadar; é no emtanto salubre, embora desolado e árido nas margens. Na Palestina as cidades eram todas edificadas em alturas ou montes, disposição que as tinha em segurança contra as caravanas, que por alli faziam o caminho do Oriente.

**Fontes de estudo.** — O que se sabe a respeito da historia dos judeus, foi consignado com paciente e assombrosa critica dos livros que constituem o **Antigo Testamento**, e um pouco da unica historia antiga sobre os judeus **As antiguidades judaicas** de Flavius Josepho, escriptor judeu que viveu no tempo da dominação romana, no primeiro seculo da éra christã.

O **Antigo Testamento**, fonte principal de estudos, comprehende a **Pentateuco** (a lei, thora); os **Prophetas** (Nebiim); os **hagiographos** (Ketubim). Sobre esses textos, uma vez perdida a lingua hebraica que deixou de ser falada no seculo sexto antes de Christo, exerceu-se uma critica cuidadosa sobre a sua authenticidade e sua interpretação, e é isso que constitue a exegese biblica.

A versão antiga mais celebre é a grega, a **Biblia dos setenta**, que data do seculo III antes de Christo. Os evangelistas não conheciam o hebreu. S. Jeronymo (sec. IV) foi o primeiro doutor da egreja que cotejando o texto primitivo e as traducções gregas, preparou a traducção latina, conhecida com o nome de **Vulgata**. Os cinco livros dos **Machabeus** que vêm na versão grega dos setenta foram considerados apocryphos pelos israelitas; mas a egreja catholica admitte a authenticidade dos dous primeiros.

Depois da invasão arabe, e mórmente na renascença revivesceram os estudos hebraicos, e no seculo presente ha alguns nomes de hebraistas, **Gesenius**, o philologo, **Ewald**, o historiador, **Renan** e outros. A essas fontes juntam-se a archeologia, as explorações sobre a terra santa que teem produzido alguns resultados. Demais, o Egypto e a Assyria bem estudados fornecem e continuarão a fornecer preciosos dados sobre a historia israelita; algumas datas, do **Exodo** em diante foram determinadas pela

analyse comparativa e synchronica da historia dos tres povos.

A critica exercida cuidadosamente sobre os livros do **Antigo Testamento** veiu nos ultimos tempos destruir todo o caracter fabuloso da historia e reconstruir, pelos dados mais authenticos, o que de positivo e seguro póde-se saber sobre os hebreus.

O primeiro facto a que a exegese chegou é que, longe de ser um livro historico, a **Biblia** é apenas uma obra de edificação moral e religiosa, de puro caracter dogmatico, destinada a restituir aos judeus o seu antigo culto e a sua organisação social e politica, destruida com o captiveiro de Babylonia. E' pois uma obra post-exiliana ou do tempo da Restauração. Em 588 Nabuchodonosor conquistou Jerusalém : muitos dos judeus foram levados prisioneiros, outros naturalmente permaneceram na patria ; d'esse desastre começaram uns e outros a rehabilitar-se, fundando um novo templo, e traçando essa obra de fé e de edificação moral que se chama a **Biblia** : entretanto, esse trabalho não se elaborou immediatamente e só no IV ou III seculo (A. C.) as condições de vida politica e social permittiriam a realisação de similhante empreza. E' d'essa época que data a parte principal do Velho Testamento.

E' provavel que os doutores e theologos judeus da restauração do Templo possuissem documentos ou appellassem para a tradição, embora todos os factos nas suas mãos ficassem deturpados, por isso que tinham de accommodar-se aos dogmas e á these essencial de que todas as desgraças dos hebreus provinham da falta de fé em Ihaveh, o deus nacional.

A parte essencial, é aquella que tem o caracter evidentemente historico, comprehende o periodo de 1100 a 600 (A. C.), periodo de cinco seculos abrangidos pelos livros **Juizes — Samuel — Reis** (na versão da Vulgata e na dos setenta, correspondem aos livros dos **Reis** I, II, III e IV).

Assim, pois, só existe uma historia authentica dos hebreus a partir do XI seculo antes de Christo, pela época dos juizes e donde os factos começam a apresentar

alguma veracidade, ainda que misturados de lendas e absurdos. A historia dos **Reis** é mais segura, sobretudo depois do schisma de Israel e Judá. N'esse ponto a authenticidade dos livros sagrados attinge o seu maximo: ha listas completas dos reinos dissidentes e synchronismos exactos.

Entretanto, as origens do povo hebreu ficam obscuras e para completal-as os doutores judeus imaginaram um grande portico ao edificio historico e fizeram essa epica introducção ao velho testamento « — isto é, elaboraram a historia phantastica que vem relatada no **Pentateuco** e livro de **Josué**, da Biblia. Todo esse periodo, desde a creação do mundo até a conquista de Canaan, é um tecido de contradicções, erros, lendas e absurdos incapazes de serem reduzidos a qualquer valor historico: quasi nenhuma authenticidade ha nessa lenda patriarchal de Abraham, Jacob, da estada no Egypto, de Moysés e de Josué. Não só os cinco livros de Moysés e o de Josué revelam o vestigio de varias pennas que o redigiram, mas pela critica dos textos não se lhes póde dar maior antiguidade que a dos **Juizes** e **Reis**; ao contrario, verifica-se que elles deviam ser redigidos pelos fins do seculo III antes da éra christã (talvez no anno 200 A. C.); já quando os judeus hellenisados reclamavam textos gregos, além do hebraico, que apenas era accessivel a muito poucos. E' certo que essa redacção de conjuncto devia basear-se sobre tradições ou documentos mais antigos. Entretanto, a lenda patriarchal não ganha com isso maior grau de veracidade.

Resumindo temos na historia dos hebreus duas phases:

1.ª **Tempos heroicos** ou **legendarios**. (Pentateuco e Josué). Historia da creação, dos patriarchas, da migração para o Egypto, Moysés e volta á Canaan.

2.ª **Tempos primitivos**. (Juizes). Lucta entre os indigenas cananeus e os Israelitas, que conseguem afinal estabelecer-se.

3.ª **Tempos historicos**. A realeza com David e Salomão. O schisma e captiveiro de Babylonia.

D'ahi em diante começa a tentativa de restauração da nacionalidade, mas as successivas conquistas persa, grega e romana, acabam por destruir a nação de **Ihaveh**.

Fig. 44. — Planicie d'Esdrelon e Monte Carmel.

Mais ou menos no mesmo tempo em que os canaanitas sahiram do Golfo persico para o occidente e se estabeleceram no Mediterraneo (phenicios), tambem emigrou da Chaldéa o povo hebreu, grupo egualmente semita, cerca de

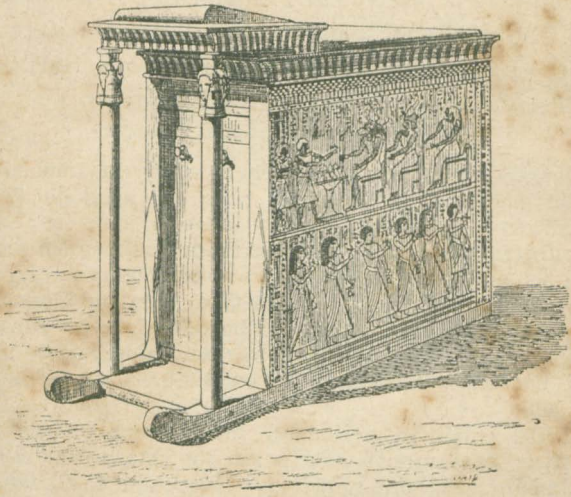


Fig. 45. — Tabernaculo portatil (Museu de Milão).

2.000 (A. C.). A tribu de Abraham migrou de Ur, cidade chaldaica, e levou com os seus a vida errante de pastores, ora em Hebron, ora no Egypto. Seus descendentes receberam o nome de Beni-Israel, tronco do povo judeu. Os hebreus a principio ficaram-se no delta do Nilo; o patriarcha Jacob, com licença de Amapi, rei

**hykso**, estabeleceu-se na terra de Goschen. Expulsos os **Hyksos**, a sorte dos hebreus perigou e elles tiveram de atravessar o Mar Vermelho sob a direcção de Moysés e vieram conquistar **Canaan**, a terra promettida, a Palestina emfim. Conseguintemente temos o traçado exacto das primeiras migrações do povo semita: da Chaldéa sáe para a Syria, depois para o Egypto e finalmente volta de novo á Syria, á Palestina, onde se fixa duravelmente.

Quando esses semitas chegam á Syria tomam o nome de Hebreus (**Aberiú**, povo de além do rio); dividiram-se em tribus que occuparam umas o Moab (**moabitas**) outras o Ammon (**ammonitas**); ao sul fixaram-se os **Iduméos**. Quando os hebreus com Jacob foram para o Egypto, terra de **Goschem** ou **Gessen**, eram 70 no dizer da lenda biblica. Dahi a 400 annos, quando sahiram, eram 600.000 varões maiores de 20 annos, conforme diz o Genesis, ou 3.000.000 approximadamente.

D'esse primitivo periodo a historia que consta do **Antigo Testamento** não passa de uma variante da lenda babylonica que relatamos a proposito da Chaldéa. Effectivamente, em ambos os povos, se encontra a mesma cosmogonia da creação do mundo, de um diluvio, do patriarcha Noé (Xisustro dos chaldeus) o unico que escapou do cataclisma; em ambos os povos ha o episodio da Torre de Babel, e como já vimos a lenda de Moysés salvo das aguas é a mesma que a inscripção cuneiforme refere a respeito de Sargon I.

Os doutores que redigiram o **Antigo Testamento** nos seus primeiros livros incluiram a fé monotheistica, o que pode parecer extranho diante do polytheismo Chaldeu; mas a verdade é que na Palestina mesmo no tempo dos Juizes o polytheismo era a forma religiosa dominante.

Os hebreus perseguidos no Egypto, entregues pelo despotismo a rudes trabalhos e vexames, cresciam em população; os pharaós não tardaram em ordenar que matassem todas as crianças; decidiram-se os perseguidos a retirar-se em busca de nova patria. O heroe dessa retirada, ou **exodo**, foi Moysés.

Moysés não seguio o caminho mais curto, o do littoral do Mediterraneo, por ser esse a via militar fortificada dos egypcios; preferiu atravessar o Mar Vermelho e atacar pelo lado do Oriente a Palestina. E' incalculavel a sua energia em todas as peripecias dessa jornada, em que elle foi simultaneamente chefe politico, guerreiro e religioso. Afinal expirou no monte Nebo, avistando a **terra promettida**. Josué foi o seu successor e deu guerra aos occupadores chamitas do paiz: **hetteus, jebuseos e outras tribus**. Sitiou e tomou Jericó, cujas muralhas, segundo a lenda, cairam ao som de trombetas, e organisou definitivamente a conquista; para isso Josué dividiu a região pelas diversas tribus hebraicas (**Ruben, Benjamin, Judá, Ephraim, Manassé, Zabulon**, etc.) ficando a tribu de **Levi** sem a propriedade do sólo, mas com o dizimo de todos os fructos da terra e devotada especialmente ao culto. Josué não designou successor, e morreu. As tribus sem unidade politica tornaram-se pouco a pouco indifferentes e mesmo hostis, do que resultava a preponderancia

Fig. 46. — Região do Sinai.

temporaria de qualquer chefe militar, que tomava então o nome de **Juiz**.

O periodo de estada no Egypto, do **exodo** e da conquista de Canaan, carece de authenticidade quanto aos seus pontos principaes. Mesmo não se tendo em conta as lendas das **pragas**, do **maná**, da passagem a pé enxuto pelo mar, da queda das muralhas de Jericó ao som das trombetas, cousas que só a imaginação enfermiça do orgulho nacional e da superstição poderia engendrar, não é provavel que o exodo se fizesse de um jacto, nem ainda menos que apoz a conquista de Canaan, se fizesse o cadastro das terras e fossem estas distribuidas pelas tribus. Ao contrario, parece que um antigo nucleo de população semita na Syria foi pouco a pouco attrahindo os nomades e pastores de Goschen, já um pouco apertados no delta, já pelo crescimento dos **hyksos**, já pelo recuo d'elles, quando Thebas se transformou em forte reducto da independencia nacional egypcia. E' natural mesmo que os campos e pastos dos hebreus fossem depredados pelos bandos patriotas e isso poderia servir de germen á lenda das pragas. A traversia do deserto que durou 40 annos quando podia durar um unico no maximo, indica claramente que se trata de uma expansão lenta das populações semiticas que procuravam novas terras, de um escoamento

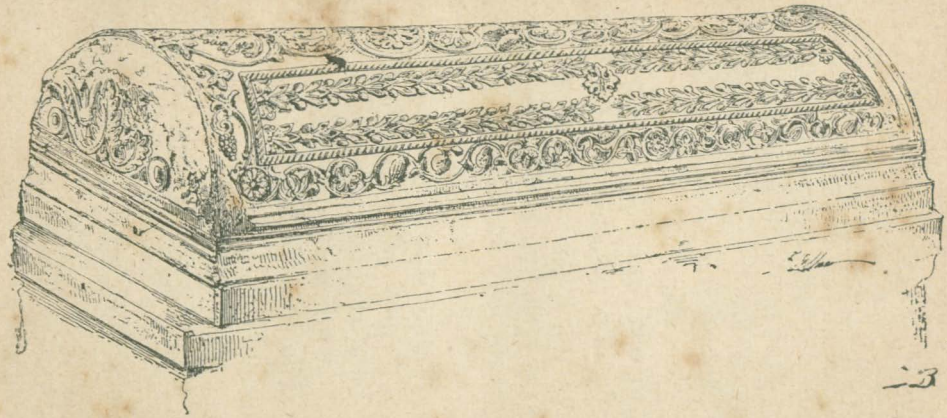


Fig. 47. — Sarcophago hebreu (Museu do Louvre).

demorado de tribus e nunca de uma migração em massa.

A historia do periodo anarchico e tumultuoso dos **Juizes** mostra evidentemente que a conquista de Canaan levou muitos seculos a operar-se. Tanto a unidade politica como a religiosa apenas se entremostram no tempo dos reis.

**Judicatura.** — Os juizes mais celebres são **Deborah**, uma mulher que bateu os cananêos; **Samsão**, especie de Hercules que derrotou os philisteus; **Jephté**, que combateu os Ammonitas, etc. Não se sabe ao certo os direitos e as funcções dos **juizes**; eram autoridades temporarias na republica, e naturalmente despoticas.

No emtanto veio Samuel, o grande reformador e continuador de Moysés e Josué. Elevado a **juiz**, Samuel restaurou a religião, banindo a idolatria, e instituiu a escola de prophetas; não quiz aceitar o titulo de rei, quando as tribus temendo a divisão intestina quizeram acclamal-o; recusando-o, Samuel sagrou rei ao joven Saul da tribu de Benjamin. Aqui termina a judicatura e começa a realeza (1095 A. C.).

A denominação **juiz** não indica que esses chefes fossem magistrados encarregados de distribuir justiça: a denominação hebraica **Schophat**, significa de facto **juiz**, mas é analoga ao phenicio **suffata** que designa a autoridade suprema.

Pelas narrativas das façanhas de **Deborah**, **Samsão** e outros, vê-se que o **livro dos juizes** da biblia é um

Fig. 48. — Aspecto actual de Jerusalem.

repositorio de lendas populares de caracter épico, e que a verdade historica deve estar muito adulterada.

Samuel instituiu a escola dos **prophetas**; esses eram simples **oradores** ou **interpretes da lei** como pensa Munk, ou talvez se dedicavam á meditação religiosa no intuito de receber a inspiração de Deus sobre os acontecimentos. Em todo o caso o prestigio dos **prophetas** não chegou a dominar as revoluções e as dissensões interiores do reino.

**Realeza.** — **Saul** foi o primeiro rei; libertou-se da influencia de Samuel, que tinha grande prestigio religioso e oppôz a Saul, um joven da tribu de Judá, David. Quando **Saul** foi derrotado pelos Philisteus e suicidou-se no monte **Gelboé**, David subiu ao throno, apezar das luctas e das rivalidades de **Ithabal**, filho do velho rei Saul. **David** foi o grande rei dos hebreus: poeta, legislador e propheta, elle organisa o poder real, funda uma capital em Jerusalém, e morre deixando a **Salomão** uma monarchia poderosa e o plano do Grande Templo.

**Salomão**, com obreiros phenicios fornecidos por Hiram de Tyro, antigo rei alliado desde David, construe o **Templo de Jerusalém**. E' o periodo do luxo, do esplendor e da grandeza dos hebreus. A sua cavallaria era de 60 mil soldados; Jerusalém foi cercada de muralhas; e Salomão, rei de um paiz outr'ora tão insignificante, chegou a esposar a filha de um pharaó do Egypto. Mas a sensualidade desvairou-o: entre-

Fig. 49. — Samaria.

gou-se á idolatria, ao culto de Astartéa e á indolencia dos despotas orientaes. Jeroboão excitou a revolta e o velho rei morreu já quando a patria entrava em decadencia.

O templo de Salomão que pela narrativa biblica parece uma maravilha assombrosa, não passa de um pequeno santuario, quando comparado aos dos outros grandes povos.

Essa relatividade serve para determinar a grandeza e o poder do reino Salomonico; effetivamente, no seu tempo, o Egypto e a Assyria, minados por inimigos internos e exteriores deixaram Israel na paz mais absoluta.

**Schisma e captiveiro.** — Jeroboão, revoltado, reune dez tribus, funda o **reino de Israel** com a capital em Samaria. O povo de Israel entrega-se á idolatria, e desapparece no fim de 255 annos, conquistado por Sargon, rei dos Assyrios.

As duas tribus Judá e Benjamim ficaram fieis a Roboão, filho de Salomão. Assim se fórma o **reino de Judá**, mais unido, mais fiel ás crenças monotheistas, com a capital em Jerusalém. No emtanto dahi a 389 annos, quasi 4 seculos, em lenta agonia como o reino de Israel, o reino de Judá afinal é submettido por Nabuchadnezzar, que toma Jerusalém, incendeia o Templo e leva os judeus captivos para Babylonia.

O ultimo rei de Israel foi **Ozias**. Sargon em uma inscripção diz « **Eu vi e venci Samaria** », o que nos lembra o laconismo de Cesar : **veni, vidi, vici.**

O ultimo rei de Judá foi **Joachim**. Nabuchadnezzar ar-

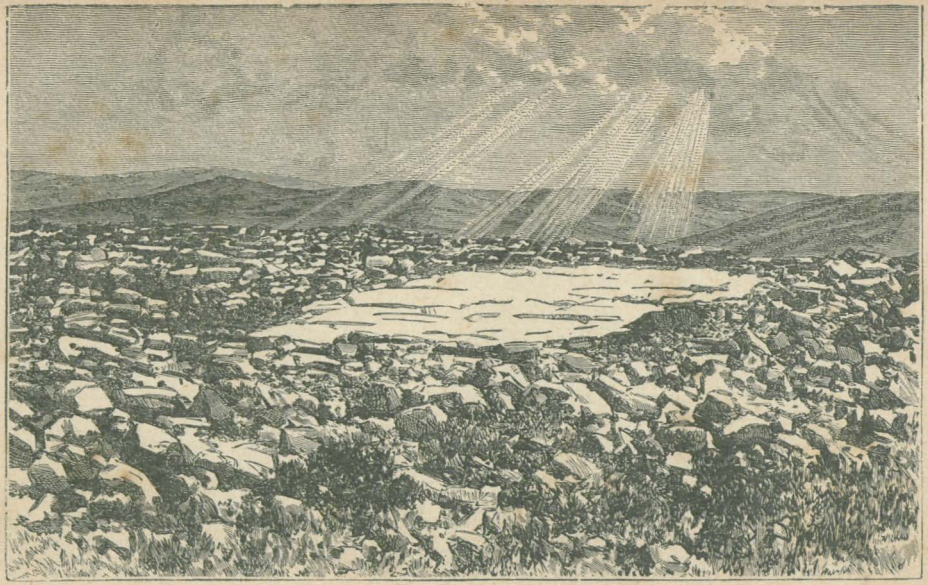


Fig. 50. — Rocha sagrada do Monte Garizim.

rancou-lhe os olhos e lançou-o em prisão, levando captivos os judeus e os vasos sagrados do templo. São estes vasos que Cyro entrega aos judeus na sua volta á terra da Judéa.

Quando o persa Cyro, oitenta annos depois, conquista Babylonia, dá permissão aos hebreus para voltarem á patria. As tribus de Judá e Benjamim effectivamente voltam, reconstruem o templo, mas nunca mais renascem para a independencia.

Dos persas passam ao dominio grego de Alexandre, e mais tarde a Judéa é reduzida a provincia romana por Pompeu (63 A. C.)

Distinguimos na historia dos hebreus; 1º um **periodo patriarchal**, de vida pastoril, sem habitat fixo, até o estabelecimento no Egypto; 2º um **periodo de organisação republicana** a **judicatura**, em que as tribus começam a ter um sentimento nacional, expresso pela continuidade do territorio, e pela união temporaria sob um chefe ou juiz, contra o inimigo local ou estrangeiro; 3º um periodo de **unidade politica a realeza** expresso pela unidade do governo, e da legislação e submissão a um centro commum, á capital (Jerusalém).

O povo hebreu a parte a superioridade do seu ideal religioso que legou á humanidade pelo monotheismo e pelo christianismo, nunca constituiu uma nação poderosa, nunca teve notavel cultura intellectual e occupa um logar inferior na civilisação.

Foi Moysés, fosse embora um heroe legendario, o grande reformador e o organisador do culto hebraico.

Os hebreus teem o seu Deus nacional, **Jehovah**, senhor dos senhores — crença monotheista

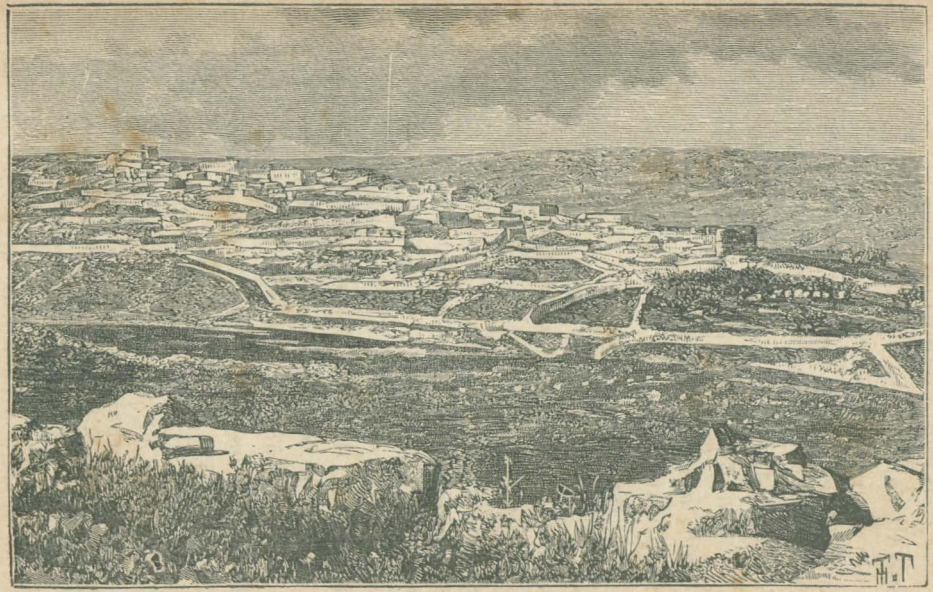


Fig. 51 — Beitin, antiga Beth-El.

severa, que não admittia a partilha do poder supremo por nenhuns outros deuses; ao lado de **Jehovah** appareceram sempre anjos, seraphins e cherubins, naturalmente por influencia persa. **Unidade de Deus, a immortalidade d'alma**, eis os dogmas da doutrina mosaica. Com o fim talvez de pela religião operar a unificação politica, Moysés determinou que **Jehovah** só poderia ser adorado em um unico santuario que foi a principio durante o exodo uma tenda e mais tarde o templo. As funcções do culto pertenciam aos da tribu de Levi; os **levitas** constituiam uma casta sacerdotal, que sacrificava animaes ao deus vingador e irado.

A lei social e moral decorre do **Decalogo**, os dez mandamentos. Moysés prohibiu a escravidão mas mantinha o nativismo israelita ensinando o desdem ao estrangeiro, idolatra, e excluido da communhão do povo santo, **povo de Jehovah**.

Mais tarde, os prophetas vieram e não produziram alteração no culto e antes distinguiram-se pelos esforços empregados em conserval-o tal qual Moysés o dictou ao povo.

Está averiguado que os israelitas passaram um longo periodo de **polytheismo**. **O monotheismo** que data de Moysés segundo a Biblia foi ao contrario sempre perturbado pela idolatria : o proprio Salomão levantou um templo á deusa Astartéa. A unidade de Deus foi talvez mais um producto do nativismo e egoismo nacional, ou uma suggestão da monotonia do deserto, do que um progresso real do sentimento religioso.

**Jehovah** significa senhor como **Baal** dos cananêos; mas é o **senhor dos senhores**, o deus exclusivo da patria.

— Os hebreus estabeleciam um dia de descanço (**sabbath**) o setimo dia, e no periodo sabbatico de $7 \times 7$ annos celebrava-se o **jubileu**. As suas festas historicas eram a **Pascoa**, o**Pentecostes** e a festa do **Tabernaculo**, solemnidades que se referiam a factos historicos ou agronomicos.

Fig. 52. — Alphabeto hebreu

**Vida intellectual.**— Os hebreus, pequeno povo de espirito opprimido pelo despotismo religioso, não sabendo ou não podendo praticar as artes plasticas talvez para evitar a idolatria, não se entregando á especulação, nunca se elevaram propriamente além da vida patriarchal, não se elevaram á sciencia e não tinham senão uma arte psychologica e religiosa, a musica sagrada, e nas lettras só se distinguiram em um genero, na **poesia lyrica**, em que effectivamente attingiram uma grande culminancia.

**Litteratura.** — Os hebreus, como os povos semitas, possuiam a arte de escrever com caracteres (fig. 52) alphabeticos, e o alphabeto é invenção phenicia, tirada da escriptura hieroglyphica (segundo de Rougé) ou mesmo dos

caracteres cuneiformes assyrios (conforme sustenta Deecke).

Os primeiros productos da litteratura hebraica foram **leis**, **composições lyricas** populares. O **Livro das guerras de Jehovah** é de uma alta antiguidade; e o **Livro de Jashar** deve ser contemporaneo de Salomão. A transição entre a

Fig. 53. — Alphabeto Samaritano.

litteratura anonyma e a prosa litteraria fez-se atravez de ensaios de historiographia, documentos officiaes e genealogicos, dos quaes temos vestigios nos livros dos Juizes e dos Reis da Biblia.

No emtanto as composições lyricas, **Ruth** e **Noemi**, idyllio pastoril, O **cantico dos canticos** são obras primas do sentimento humano. Alguns dos **Psalmos** são anonymos como o **super flumina**.

A elegia foi o genero predilecto dos prophetas.

**Sciencias.** — Mui poucos conhecimentos teriam os israelitas, por informações dos povos visinhos, phenicios, egypcios e outros. Em astronomia, tinham um **calendario** imperfeito, fundado sobre factos da agricultura. No emtanto dividiram a semana em 7 dias, numerando-os, primeira feria, segunda feria, etc., até o **sabbado** (sabbath) dia de descanço. Conheciam algumas constellações que andam citadas nos livros santos, sendo dignas de nota as **Pleiades**, que elles chamam **Kimah** (o desejo) porque tinham notado que o nascer heliaco das Pleiades coincidia com a estação desejada — a primavera. E mais nada. Como se vê esse facto é importante para a chronologia.

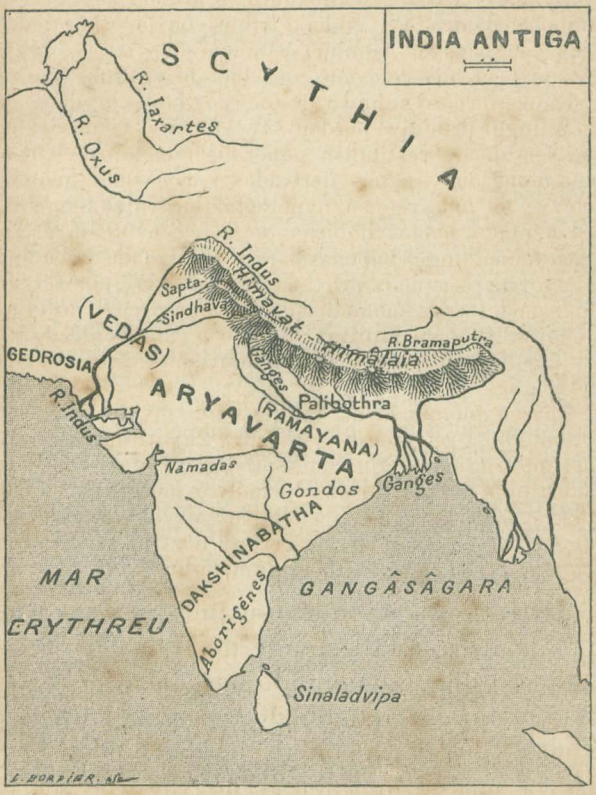
# ARYAS. INDUS

**Aryas.** — Os estudos modernos do fim do seculo passado para cá demonstraram a unidade das linguas ditas indo-européas ou indo-germanicas, (o sanscrito, o latim, o persa, o grego, o gothico, o slavo, etc.) e esse caracteristico junto ao dos povos, determinaram a unidade da raça aryana. Os aryanos, pois, tiveram um habitat primitivo commum e mais tarde se dispersaram. Ainda essa dispersão não foi simultanea; a principio migrou a população occidental que vai constituir os povos da Europa actual; a população aryana do Oriente ainda permanece reunida talvez nas regiões da Bactriana; mas um schisma religioso a separa em dous grupos : o grupo **iraniano** que vai para o oeste (a Persia) e o grupo **indú** (aryano indico) que desce para o sul e transpõe o Indus.

O caracter commum dessa raça é a sua superioridade pela organisação social e pelo progresso, povo livre sem a tyrannia duravel do rei como os chamitas, nem a tyrannia eterna de Deus como os semitas. Elle estabelece a supremacia no mundo : evolue rapidamente nas sciencias, nas artes e a sua constituição politica passa da **familia** para o **clan** e para **estado**. Mas os aryanos d'Asia ou por influencia do clima ou pela extrema fusão com as raças inferiores evoluem lentamente e não attingem o progresso geral dos seus irmãos europeus. E' no elemento aryano que se desenvolve o saber abstracto contrariado ás vezes pela revelação religiosa, entre nós de origem semitica.

A localisação do **habitat** commum dos aryas é ainda um problema; mas parece que elles sahiram do plató central

d'Asia; d'ahi é que vieram as correntes invasoras da India e da Persia; demais, deveriam ter vindo de uma




região central, porque a philologia comparada demonstra que entre os termos communs dos povos aryanos não se acha a palavra — **mar** — noção que cada povo adquiriu depois da sua dispersão. Por uma especie de restituição

paleontologica, a linguistica determinou que os aryas antes da dispersão tinham sido caçadores e tinham passado á vida pastoril; não conheciam o ferro, nem a agricultura; mas já conheciam o ouro, a prata, o bronze, e os animaes domesticos; tinham tribus com os seus patriarchas ou paes de familia; e acima das tribus, um **rei** sempre cercado com um conselho de **velhos**, que mais tarde se torna o **senado** de todos os povos aryanos.

A lingua primitiva perdeu-se; tentativas teem sido feitas no sentido de restituil-a generalisando-se os elementos communs das linguas derivadas, mas tudo quanto se obteve foi um systema hypothetico de **raizes** ou fórmas elementares monosyllabicas que não constituem propriamente uma lingua; apenas parece averiguado que a lingua **sanscrita** é a mais proxima da primitiva, por ser antiquissima, ter-se immobilisado em uma precoce litteratura religiosa, ter um **habitat** proximo e similhante, e acima de tudo possuir um systema riquissimo de vozes puras ou vogaes.

Parece que o schisma religioso que dividiu os aryas do oriente foi a reforma de Zoroastro, **Zarathustra**, a quem assignalam uma antiguidade prodigiosa, o qual pretendia substituir ao polytheismo primitivo uma crença monotheica. Zoroastro floresceu talvez no XXV seculo antes de Christo, — mas não ha certeza nem mesmo approximativa d'essa chronologia (V. a nota final).

**Indus.** — A India ou Indostão é a vasta peninsula que se estende do Hymalaia, a mais alta cordilheira do mundo, até o Oceano Indico. Sua população actual é de trezentos milhões de almas. Cheia de planicies muitas d'ellas desertas, a massa continental do Indostão possue dous grandes valles, o do **Indus** e o do **Ganges**. Esses dous rios vindos de grandes altitudes frias começam com o curso impetuoso, e o vento nas montanhas despejando as chuvas fal-

os inundar as planicies; mas o clima é quente, e ás vezes secca e fomes terriveis devastam o paiz. Na vertente meridional do Hymalaia as chuvas são torrenciaes e fortes, e chove por anno uma camada liquida de 2 metros. No emtanto a acclimação do europeu é difficil; ha uma superabundancia de humidade, de vegetação, de animaes ferozes, reptis e insectos n'uma orgia incomparavel de vida. No littoral, as febres, as pestes e molestias contagiosas infectam a região: no interior ha o calor abrasante ou o frio e humidade excessivas nas grandes altitudes.

A ilha de Ceylão deveria estar ligada ao Indostão em épocas geologicas; as espécies vegetaes e animaes são as mesmas, exceptuando o tigre e o cavallo, que lá não se encontram e que presumivelmente não são da India.

**Fontes de estudo.** — As fontes antigas de origem classica (greco-romana) nada fornecem de positivo sobre a India, a não ser algumas lendas e indicações geographicas. Herodoto, Ctesias, Plinio, Strabão, Ptolomeu e Arriano, eis os principaes auctores que se occuparam da India: d'elles se infere o commercio dos phenicios de Tyro que iam á India buscar os seus productos, o pavão, as madeiras preciosas e os aromas; por elles sabemos da conquista persa de Darius, da expedição de Alexandre, e dos navios romanos que annualmente faziam uma viagem entre o mar Vermelho e a costa de Malabar, á cata de riquezas: metaes, animaes, plantas, perolas e pedras preciosas.

Na historia média e moderna os musulmanos, os portuguezes, hollandezes e inglezes exploraram a India, mas com intuitos commerciaes, pouco estudando a sua civilisação. No emtanto, desde o fim do seculo passado pela

descoberta de que o **sanscrito** era lingua congenita do latim e do grego, feita por W. Jones (1789), começou essa série de estudos em que se distinguiram Schlegel (**Lingua e sabedoria dos indios**) Bopp (**grammatica comparada**), Benfey, M. Muller, Burnouf, etc.

Estudaram-se os vastos documentos da litteratura indica: 1.ª Os **Vedas**, repositorio cuja parte mais importante é o **Rig-Veda**, collecção de hymnos; 2.ª As duas grandes epopéas, o **Mahábhárata**, e o **Rámayâna**, de data incerta; mas o texto do **Rámâyana** parece fixar-se no VIII seculo A. C.; o **Mahábhárata**, mais antigo, tem o texto primitivo cheio de interpolações posteriores e de tal modo que o poema na fórma actual consta de 200.000 versos proximamente; 3.ª O **Livro da lei de Manù**, especie de systema politico-religioso, de grande importancia. Como observa Van den Berg extrahir uma historia d'essas lendas poeticas seria o mesmo que fundar uma apreciação da idade média nos cyclos poeticos dos **trovadores**. E' por isso que a India tem mais uma historia da sua litteratura do que de sua vida politica.

A principio antes da chegada dos indús aryanos o Indostão era habitado por povos de diversas raças; havia lá os **negros** analogos aos australianos, povos atrazados, dos quaes ainda hoje existem numerosos descendentes, como os **ghonds** e os **kholas** (coolies) e os **paarias**, que ainda hoje vivem na abjecção, agricultores e que não adoptaram mesmo nos tempos actuaes o uso das armas de fogo; havia ainda os **dravidianos**, raça branca, invasora de origem incerta e os seus actuaes descendentes são numerosos, como os cingaleses (de Ceylão) os malabares, os tamulenses, etc.; havia ainda terceira raça invasora, os **kushitas**, turanianos,

os mesmos que vemos nas origens do Egypto e de Babylonia, povo assaz civilisado, industrioso, que permanece longo tempo nas margens do Indus. Esses ultimos fundiram-se com os aryas, que vencedores sobre elles (que eram maiores numericamente) exerceram apenas uma simples aristocracia e usurparam o poder.

Os **aryas** chegaram do noroéste e penetraram nas fartas planicies do **Indus** entre esse rio e o seu affluente o **Sarasvati** (hoje desapparecido) « no paiz dos sete rios » (**Sapta Sindhava**). Ahi lutaram longamente com os cushitas (**Dasyú**, nos hymnos do **Rig-Veda**) conseguindo submettel-os em parte e em parte rechassal-os do territorio.

E' essa occupação do valle do **Indus** que constitue o periodo **vedico** (dos **Vedas**, livros sagrados). Mas o valle do **Indus** foi-se tornando insufficiente á população que crescia. Os aryas descem o rio até á embocadura e veem pela primeira vez o mar. « E' um laboratorio immenso, diz um dos seus poetas, que nos gela de terror ».

Mais tarde os aryas transferem-se para o valle do Ganges e as suas tribus invasoras vão chegando successivamente; entram ahi n'um periodo de rivalidades sobre a posse do territorio e de luctas seculares perpetuadas pela lenda e pela poesia. O **Mahábârata** é o poema que narra a lucta entre os **kurús**, e os **pantchâlas** que vieram depois. Os **pantchâlas**, tribu guerreira e aventurosa, sob o commando de **Rama**,

lançam-se sobre o sul, conquistam o Dekan e Ceylão : as suas façanhas constituem o objecto de outra epopéa celebre, o **Ramayana**. No emtanto o nucleo da população arya fica sendo sempre o valle do Ganges. Esse territorio toma logo o nome de « morada dos aryas » — **arya-vartha**.

D'ahi em diante temos noticias historicas dos aryas da India só muito mais tarde quando Dario I, persa, conquista o paiz (VI sec. A. C.) : os guerreiros aryanos fizeram parte do exercito de Xerxes, e a alguns que estiveram na Grecia e eram de côr escura (naturalmente pertenciam a origens asiaticas), Herodoto chamava os ethiopes indicos.

Mais tarde Alexandre leva suas conquistas até á India e vence varios reis, como aos dous **Poros**. No emtanto nenhuma recordação nacional existe do nome do heroe macedonio, que aliás fundou algumas cidades nas regiões da India; comtudo um arya Tchandragupta (o **Sandrocottus** dos gregos) revoltou o paiz contra o dominio grego, e depondo a dynastia nacional o libertador occupou o throno. Seleucus Nicator, herdeiro de Alexandre no Oriente (Syria) quiz rehaver o antigo dominio, mas depois de longa resistencia apenas conseguiu o misero tributo de 500 elephantes, e em casamento a mão da filha de Tchandragupta.

Este grande rei, o monarcha universal (**chakravarti**) chamou a attenção da antiguidade pelas narrações de viagem de Megasthenes, embaixador de Seleucus. Tinha a sua capital em **Palimbothra** (hoje Patna), bella e grande cidade opulenta : o estado foi constituido sob excellente organisação militar e administrativa. O neto d'esse rei **Asoka** é um dos nomes mais venerados dos budhistas; foi o primeiro rei que abraçou e praticou a nova doutrina.

**Religião e vida social.** — A India é o unico

povo de raça determinadamente aryaca, de que temos os documentos litterarios mais antigos, datando elles proximamente de 20 seculos antes da éra christã. Esses documentos inestimaveis foram origem de uma grande parte do saber moderno : da philologia e da mythologia comparativa. Por esses documentos podemos introduzir na historia da civilisação indú uma divisão chronologica indeterminada mas sufficiente : o **periodo vedico**, que começa com os hymnos do **Rig Veda** e seus commentarios posteriores, a principiar do XXV ou XX (e segundo alguns XXX) seculo A. C.; o **periodo brahmanico**, que corresponde á fixação dos aryas no valle do Ganges: é nesse lugar e periodo que por effeito da conquista surge uma organisação social em castas, sobre as quaes predomina a casta brahmanica ou sacerdotal; o **periodo budhico**, que principia no sec. VI A. C. e marca a éra da nova religião, o **budhismo** que, embora não conseguisse dominar a India, conseguiu a adhesão da terça parte da humanidade e é a religião que tem o maior numero de sectarios.

Periodo Vedico. — Pelos **Vedas** que foram compostos quando os aryas dominavam o **Indus**, temos noções da vida moral do povo. A religião é o culto do fogo : **Deva**, os deuses são os entes que brilham; **Indra**, a atmosphera; **Surya**, o sol brilhante; **Agni**, o fogo do lar. O **soma** é o liquido alcoolico, o fogo que se bebe e serve ás libações, é uma bebida especial, uma cerveja feita do súcco de uma planta. O fundo pois da mythologia aryana e de todos os povos indo-europeus é muito simples e consiste n'essa trindade naturalista : o **fogo** terrestre, o **ar** (que faz as tempestades, o raio e as estrellas) e o **sol**; « mas como dizem os **Vedas**, na realidade

só ha um deus, a **grande alma**, que nós chamamos o **sol** ».

Os **Vedas** nos revelam que cada tribu obedecia a seu chefe ou rei (rajah); no **Indus** os aryas eram ainda pastores; a religião era um culto privado do lar, pai de familia — um sacerdote; e o fogo sagrado devia ser alimentado e nunca se extinguir; depois do pae, o filho primogenito era a pessoa mais importante da familia como succede nas familias patriarchaes dos povos pastoris.

Mais tarde nós veremos essas mesmas idéas continuadas nos outros povos da mesma origem, o culto do lar e do fogo sagrado das **vestaes** em Roma, e os direitos da primogenitura que aliás existem em quasi todos os povos pastores.

A collecção dos **vedas** compõe-se do **Rig-Veda**, a parte mais antiga, composta de hymnos, e de outros elementos posteriores como o **Sama-Veda** que contém o ritual; o **Vajur-Veda** que é um formulario de orações; o **Atharva-Veda** foi composto no valle do Ganges e já prenuncia a divisão do povo em castas.

**Periodo brahmanico.** — Quando estabelecidos os aryas no Ganges, apóz grandes luctas interiores, as guerras dos reis, de que dão testemunho as duas epopéas **Mahábhârata** e **Ramayana**, começou-se a formar a classe brahmanica ou sacerdotal, que pelo prestigio da força ou da religião veiu dominar todo o povo aryano.

Os **brahmanes** redigiram o codigo das **leis** de

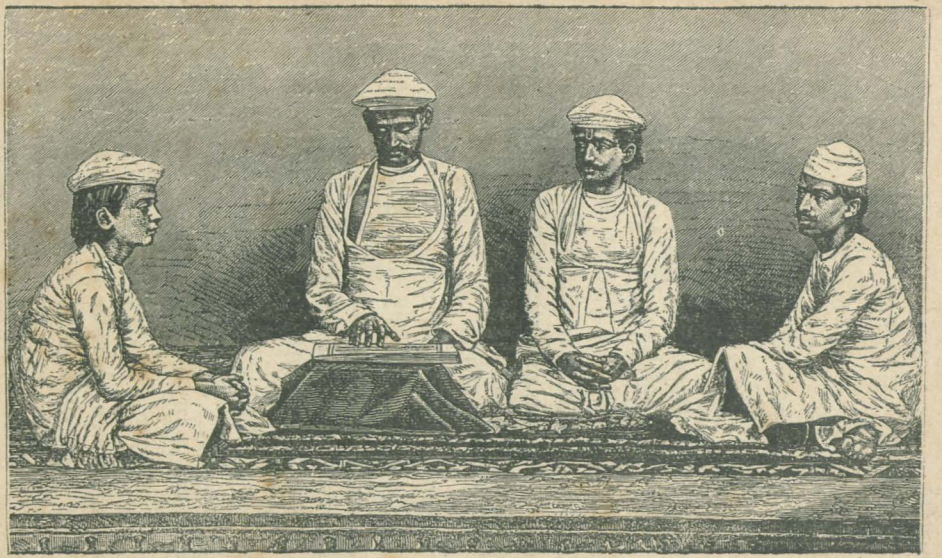


Fig. 55. — Brahmanes.

**Manú**, que abrangem a totalidade da sua reforma religiosa, politica e social. O nome de **Manú**, (o primeiro homem) foi adoptado n'esse codigo para significar que as leis eram anteriores a todas as outras. **Brahma** é o deus creador dos deuses e do universo : e elle formou os homens dividindo-os em castas ; da sua raça elle tirou o **brahmane** (sacerdote) ; do braço, o **kchatriya** (guerreiro) ; da côxa, o **vasiya** (o lavrador) ; dos pés, o **sudra** (o servo, o estrangeiro feito escravo) ; abaixo d'essas castas ficam os entes impuros — os **parias**. O brahmanismo fez admittir a crença na transmigração das almas, processo de purificação pelo qual todas as almas tinham de atravessar todos os graus superiores ou castas até ser brahmane e entrar no repouso absoluto. A **casta** pois era **uma** distincção tyrannica que condemnava os infelizes desde o nascimento ; uma religião tão cruel devia encontrar a reacção lenta dos humildes e dos **parias**, sequiosos de uma doutrina consoladora e mais humana. A esse sentimento responderá a nova religião — o budhismo.

**Brahma**, deus creador, fórma uma trindade o (**trimurti**) com **Vishnú**, deus conservador, e **Siva**, deus destructor. **Vishnú** desceu á terra e encarnou-se em **Rama** e **Krischna**. Mas parece que essa trindade pessoal surgiu quando os brahmanes entraram em lucta contra o **budhismo** ; era uma concessão feita ao povo que não comprehendia o deus impessoal e abstracto.

**Periodo budhico.** — No seculo VII antes de Christo, Çakiasindha, homem de genio, de familia real, depois de abandonar a côrte e entregar-se ao ascetismo, proclamou um dia a **egualdade dos homens.** Tomou o nome de **Budha,** (o illuminado) e fundou uma religião nova. Todos os homens teem direito egualmente, de qualquer casta que sejam, a um repouso final, a um aniquilamento : o **Nirvana;** o nada depois da vida. Para obtel-o, porem, é precisa a pratica de todas as virtudes, o aniquilamento de si mesmo, de todas as tendencias egoistas. São d'elle essas palavras admiraveis : « Minha doutrina é uma doutrina de misericordia, e é por isso que os homens a acham difficil; muitos se orgulham do seu nascimento, mas não se lembram que os fructos todos de uma arvore são eguaes. O caminho da salvação está aberto para todos, ninguem nasceu infame nem desgraçado. »

O **budhismo,** religião egualitaria, é todavia dura e desoladora. O homem parte do nada e pela virtude volta ao nada. Não ser, não existir : eis a felicidade suprema. Entretanto, essa religião era propriamente destinada aos opprimidos e aos escravos como o era o christianismo, e era a caridade a sua virtude fundamental.

Os nomes de **Budha** são variadissimos e derivam de attributos que lhe foram conferidos; em muitos apparece

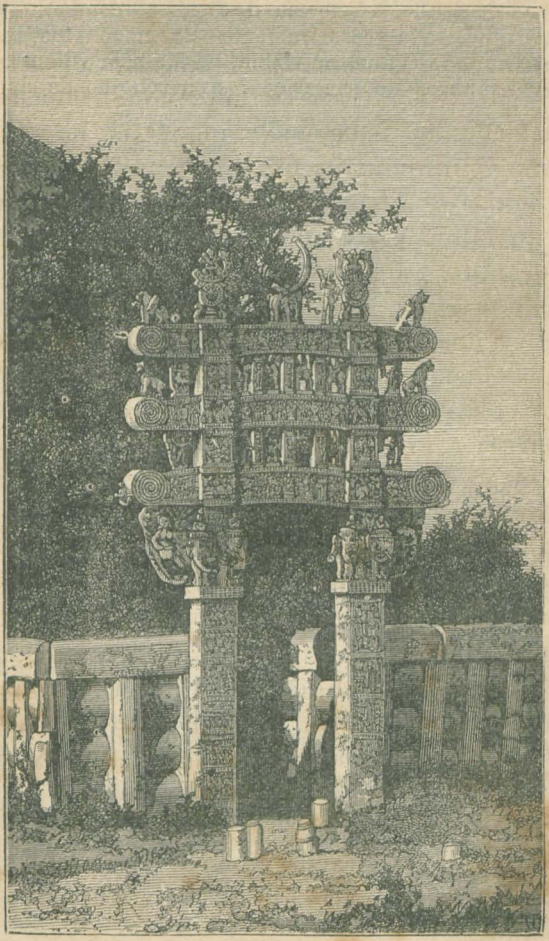


Fig. 56. — Porta do grande *tope* de Sanchi,

sempre o prenome **Çakia**, que designa a familia real de que elle descende. A reforma de **Budha**, combatida na India e adulterada grosseiramente pelos neophytos, refugiou-se no Indo-China, na China, na Malasia e tem hoje seus 500 milhões de sectarios : é a religião de maior

VOGAES

अ *a*, आ *â*; इ *i*, ई *î*, उ *u*, ऊ *û*; ऋ *r*, ॠ *r̂*, ऌ *l̂*,
ए *é*, ऐ *âi*; ओ *ó*, औ *âu*.

ANOUSVÂRA, ANOUNÂSIKA E VISARGA.

ं *ṅ*, ँ *m̃*, ः *h*.

CONSOANTES

| | |
|---|---|
| Gutturaes. . . . . | क *k*, ख *k̂*, ग *g*, घ *ĝ*, ङ *n̂*; |
| Palataes. . . . . | च *ć*, छ *ĉ*, ज *ǵ*, झ *ĝ*, ञ *n̂*; |
| Cerebraes. . . . . | ट *ṭ*, ठ *t̂*, ड *ḍ*, ढ *d̂*, ण *ṇ*; |
| Dentaes. . . . . | त *t*, थ *t̂*, द *d*, ध *d̂*, न *n*; |
| Labiaes. . . . . | प *p*, फ *p̂*, ब *b*, भ *b̂*, म *m*; |
| Semi-vogaes . . . . | य *y*, र *r*, ल *l*, व *v*; |
| Sibilantes e H . . . | श *ś*, ष *ŝ*, स *s*, ह *h*. |

Fig. 57. — Alphabeto sanscrito.

numero de adeptos. O budhismo pois não predominou na India que se conservou brahmanica até os tempos modernos em que ella vai lentamente recebendo o influxo do christianismo.

**Sciencia.** — O que os indús conheciam de mathematicas, geometria e astronomia era muito pouco e nem constituia verdadeira scien-

cia. Mas elles tinham em alto grão o espirito philosophico e especulador e a cultura mathematica que, no tempo dos successores de Alexandre, receberam dos gregos. Na medicina, mesmo nos periodos antigos, os aryas fizeram progressos assombrosos. Foram elles os primeiros que applicaram os mineraes como medicação interna e entre esses, o mercurio e o arsenico. **Atreya**, **Agniveça** e outros, são nomes de celebres medicos. Na cirurgia praticaram operações difficeis e delicadas como a da cataracta e a lithotomia. Os conhecimentos anatomicos indispensaveis á cirurgia dos brahmanes derivavam naturalmente da pratica dos sacrificios, da immolação de animaes mammiferos. Mas o que constituia especialmente a sciencia **indú** era a erudição e a especulação theorica, donde sairam os seus trabalhos de reforma religiosa e metaphysica e os estudos grammaticaes. **Panini** (IV sec. D. C.) é o grande philologo que estudou as origens sanscritas com uma critica que faz a admiração dos sabios contemporaneos. Já no periodo **vedico** tinham os indús adquirido alguns conhecimentos astronomicos; o calendario civil e religioso, baseava-se principalmente na observação dos movimentos do sol e da lua; foi estabelecido um zoodiaco lunar de 27 e mais tarde de 28 constellações, e assim foram determinados os dias, mezes e annos.

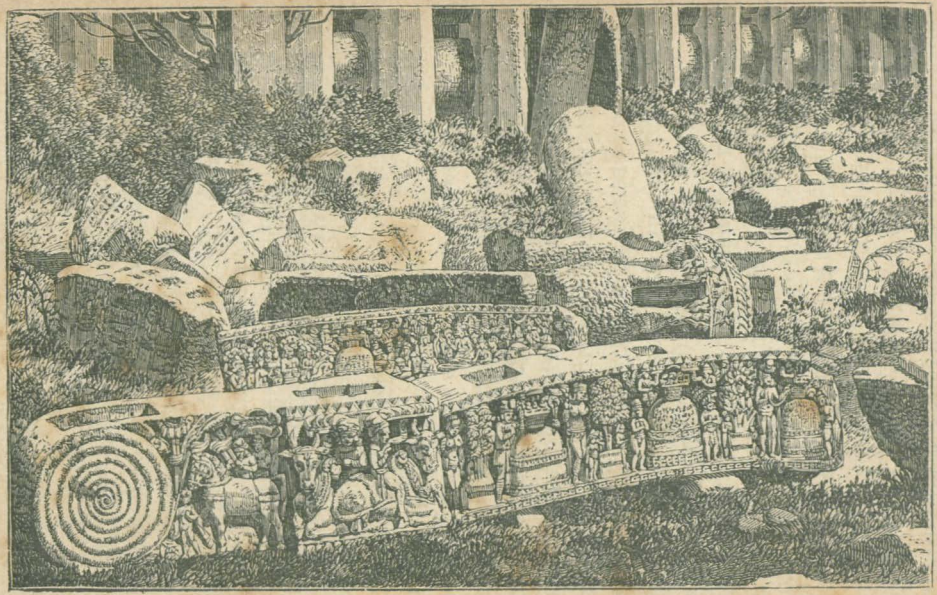


Fig. 58. — Ruinas d'uma porta do grande *tope* de Sanchi.

**Lettras.** — As producções litterarias dos aryas mais notaveis são os **Vedas**, de que já fallámos. O **Ramayana**, poema notavel pela unidade da composição e que parece ser de um auctor unico. O **Mahábhârata**, epopéa cyclica, sem unidade, vastissima compilação de varios poetas. A litteratura gnomica é representada pelo Codigo de **Manu**; os **Puranas**, collecção de contos e lendas nacionaes. Conheciam a litteratura dramatica e é de um tragico episodio do **Mahbârata** que o poeta indú Kalidasa extraiu o drama celebre, **Sakuntala**, o primeiro livro litterario da India que foi traduzido na Europa (trad. em inglez por W. Jones em 1789).

Os cinco livros de contos o **Pandchatantra**, foram conhecidos na Europa desde 1644 pela translação de Guillaumin (**livre des lumières par le sage Pilpaái**) que os verteu do arabe e não do sanscrito. O nome **Pilpaái** é apocrypho. Lafontaine em suas fabulas serviu-se d'essas lendas indianas. O **Mahbârata** é um poema com cerca de 250.000 disticos e attribuido a Vyasa, nome que designa um compilador; não tem unidade de acção e alguns dos seus episodios são verdadeiros poemas, como o de **Sakuntala** que deu origem a um drama e o de **Baghavat Gita** que contem uma exposição de philosophia pantheista! O assumpto principal é a guerra civil entre dous ramos da dynastia lunar pela posse da India : os **Pandavas** são desthronados pelos **Kuravas** e apoz varias peripecias tragicas são restabelecidos no throno com o soccorro de **Krishna**, que é **Vischnú** incarnado.

O **Ramayana** canta os altos feitos de **Rama**, heroe da dynastia solar que fez a conquista da peninsula indica. Um gigante monstruoso havia raptado a fiel **Sita**, esposa do heroe luminoso solar. A lucta acaba pela victoria de

Rama que vae reconquistar a esposa em Ceylão, abordando essa ilha por uma ponte que o seu alliado, o rei dos simios, lançara sobre o oceano. O **Ramayana** tem perfeita unidade de composição, e a sua redacção parece que ficou fixada no seculo VII A. C.

**Artes.** — As construcções eram de madeira; Megasthenes, o embaixador de Seleucus, o refere. Só a partir do sec. III começam as construcções em pedra, os templos subterraneos de Ellora, Elephanta, etc., talhados na rocha. O caracter da architectura é a falta de clareza e de symetria; não existe harmonia no conjuncto. No emtanto nos **topes** (construcções circulares (fig. 56, 58) com abobada, tumulos) na cobertura dos templos e pagodes, apenas na ornamentação muito profusa e phantastica, nota-se uma leveza que bem denuncia o material empregado nos tempos anteriores. A architectura da pedra data do budhismo; são d'esse periodo os **topes**, **chaityas** (templos de pedra ou cavados em rocha) e os **viharas** (especie de mosteiros para os ascetas, tambem subterraneos).

# IRANIANOS MEDO-PERSAS

O **Iran** é a vasta região comprehendida de Norte a Sul entre o mar **Caspio** e o golfo **persico**, e de léste a oéste entre o rio **Indus** e o **Tigre**.

Ao oriente do Caspio, ficam steppes aridos, e ao sul a região se prolonga até o mar das Indias (entre os antigos mar Erythreu) : a região florestal e montanhosa fica pela peripheria, ao

passo que no centro estendem-se planicies desoladas, e o grande deserto salgado; os campos arenosos do Turan proximo ao mar Aral ao norte e os planaltos estereis da Gedrosia antiga (hoje Belutchistan) caracterisam esse pobre e rude paiz que só possue fertilidade nos valles humidos dos rios : do Iaxartes (hoje Syr-Daria), do **Oxus** (Amur-Daria) que vertem para o norte, formando as terras das antigas Sogdiana e Bactriana. Como o aspecto do terreno, successivamente montanhoso, plano, baixo ou elevadissimo, o clima do Iran tem todas as gradações desde o frio glacial, frigido, da Siberia até o calor abrasante do deserto. A Média fica ao norte até o littoral do Caspio, e a Persia ao Sul até o littoral do golfo persico.

A esterilidade do Iran provém da falta d'agua e do deserto. Os vapores do Caspio correm para o valle do Tigre e Euphrates que operam como absorvedores; e por isso não cáem em chuvas na região do Iran. Demais, os poucos rios interiores do logar perdem-se nas areias ou em lagos salgados. Deveria tornar-se energica e viril a raça que luctou secularmente contra a ingratidão do solo.

O **Oxus** (Amur-Daria) que hoje se lança no mar de Aral, antigamente lançava-se no Caspio.

Pelo aspecto da região central do Iran, conclue-se que ella foi coberta pelo mar; os lagos salgados, os pantanos salinos bem o demonstram. Ha outros vestigios recentes : uma torre proxima a Teheran que parece ter sido um pharol e ruinas de uma especie de cáes que hoje se nota na aldeia de **Mybud**.

Nos tempos antigos a Média tinha grandes pastagens

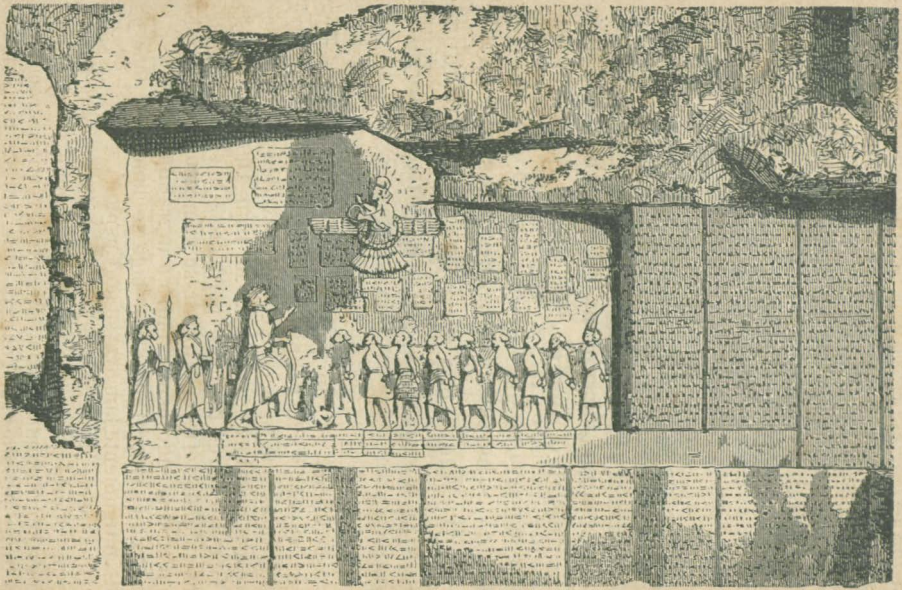


Fig. 60. — Baixo relevo e inscripções de Bihistun.

onde se criavam muitos cavallos. Os militares médas possuiam excellente cavallaria.

Nas pastagens da Média crescia a celebre herva **medica** de que falla Strabão, a qual era o melhor alimento para o cavallo. A Persia era um paiz pobre e rude, ao contrario da Média, em que a riqueza e o luxo chegaram a corromper o povo. — Na organisação medo-persa, ao passo que os medas eram cavalleiros, os persas vigorosos constituiam a infanteria.

**Fontes de estudo.** — Como quasi sempre que se trata do oriente as fontes classicas são as mesmas. Sobre a Média-Persa temos o testemunho de **Herodoto**, que nos dá precisas informações sobre os primeiros reis médas e narra a parte mais interessante da sua historia, a lucta de Dario e Xerxes contra os gregos; o testemunho de **Diodoro** que leva a historia de Xerxes a Dario Codomano; o de **Ctesias** que escreveu uma **historia dos persas** que se perdeu, sem grande infelicidade, porque o que d'ella sabemos apenas é um tecido de fabulas e lendas inverosimeis; o testemunho de **Xenophonte** é da maior importancia quanto ao estudo da vida militar, da civilisação e dos costumes persas, e outras informações que se acham nas suas duas obras o **Anabaso** (a expedição dos dez mil) e a **Cyropedia** (a educação de Cyro) (1).

As fontes modernas produziram alguns informes. A archeologia ainda não descobriu a civilisação iraniana. As explorações de Loftus e Churchill nada produziram. Alguns cuneiformes persas foram decifrados; a inscripção de Cyro que modificou a opinião antiga sobre as origens da Persia, e outras referentes a Dario, a Xerxes e aos Artaxerxes. A de Dario (inscripção de Bihistun) (fig. 60) é celebre, como já notamos acima, porque deu a chave á decifração dos cuneiformes assyrios.

A maior importancia das fontes modernas do estudo

(1) Esse *Cyro* de Xenophonte não é o da Persia, nem o de paiz algum. E' apenas um modelo ideal do rei virtuoso.

persa é a que decorre do estudo da mythologia e da linguistica. Anquetil-Duperron publicou os textos que elle pôde colher do **Avesta**, o livro da lei, epopéa do X seculo (A. C.) escripta por Firdusi em zend (uma das linguas persas antigas). No meio das affirmações mythicas e das lendas d'esse poema, pódem-se colher muitos dados da religião e da historia antiga da Persia. Os trabalhos de Harlez e de Darmstetter são preciosissimos.

Os Persas constituem um grupo que se liga á raça aryaca, o dos iranianos. Os aryanos dividiram-se em dous grupos que são : os **indús** que foram para a margem do Indus, e **iranianos** que se voltaram para o occidente, para o Iran. A causa d'essa dispersão, que já era a segunda dos aryas, explica-se ou pelo schisma da religião de Zoroastro, adoptada pelos iranianos, ou pela lenda de uma transformação insolita do clima na patria primitiva, onde um inverno durou dez mezes, e foi necessario que os homens emigrassem.

Os iranianos se estabeleceram no Iran com grande difficuldade. A tribu dos Médas luctou dez seculos com os turanianos, que afinal foram dominados, mas influiram grandemente pelo numero e pelas idéas na civilisação dos médas. A tribu dos persas, porém, não encontrou resistencia; parece que o paiz não tinha occupadores antes de sua chegada, e se os tinha, eram esses turanianos.

Os aryas na Média constituiram apenas a aristocracia. O fundo turaniano da população continuou a subsistir

adulterando o caracter da civilisação como se verá depois.

Herodoto dá **Dejoces** como o primeiro rei meda e que fundou Ecbatana, a capital fortificada. Pelas inscripções cuneiformes sabe-se que com Assur-nazir-habal (IX sec. A. C.) os assyrios conquistaram as tribus dos Madai, e que esses começaram a constituir uma nacionalidade pelo VII seculo A. C. A Media começa com Cyaxares verdadeiramente constituida.

**Periodo meda.** — A' parte as lendas sobre os tempos primitivos da Media, sabe-se positivamente que ella foi conquistada por **Shalmanazar** (840 A. C.) e que Phraortes (647) começou a lucta pela independencia da Media ao passo que a Assyria se enfraquecia : mas só a levou a cabo o seu successor Cyaxares, que se alliou a Nabopolassar, vice-rei de Babylonia que tambem procurava a emancipação dos chaldeus. Cyaxares, o verdadeiro organisador do seu paiz, dividiu suas tropas em lanceiros, archeiros e cavalleiros; levou seus dominios até á Persia e fez do rio **Halys** a divisa do reino. Mas o seu filho, o effeminado e fraco **Astyage**, deixou perder quanto o pai houvera feito. Os persas revoltam-se com Cyro, que inaugura uma nova época.

Todo esse periodo está cheio de lendas. Herodoto fala de um primeiro rei, **Dejoces** um homem justo acclamado pelo povo e que teria fundado a capital **Ecbatana**. Mas antes desse, havia o grande chefe militar **Arbaces**, que restaurou a unidade do paiz; mas todo esse trabalho desfez-se diante da conquista assyria, que occupou as

cidades e revolucionou o paiz. Depois de **Dejoces**, vem **Phraortes**, que pereceu segundo Herodoto em uma expedição contra Ninive; esses dous nomes de reis recolhidos por Herodoto correspondem aos de Dayakku e Pirruvartis, regulos insignificantes das inscripções assyrias. E' de Cyaxares, o **Kashtaritu**, dos cuneiformes, que datam a historia e o poder dos medas.

Cyaxares, depois de ter repellido os scythas, turanianos invasores reunindo-se a Nabopolassar assaltou Ninive e destruiu-a.

Uma das tribus scythas, vencidas por Cyaxares, foi obrigada a fixar-se na Media, mas mais tarde emigrou para a Lydia; o rei Alyattes não quiz, sob reclamação de Cyaxares, entregar os fugitivos. Isso foi o signal de uma guerra que durou cinco annos e acabou determinando-se que o **Halys** seria a fronteira commum da Asia menor e Media. N'esse tempo o equilibrio politico foi constituido e determinado pelo tratado de 608 que reconhecia a supremacia de tres reinos : Lydia, Babylonia e Media.

A lenda de Cyro é a seguinte : **Astyage** deu sua filha Mandana em casamento a um certo Cambyses, persa, satrapa tributario, do seu paiz. Mas o rei sonhou que o filho de tal casamento havia de desthronal-o, e mandou ordem para matal-o. A creança, que era Cyro, foi salva por milagre, entregue a pastores; porém mais tarde cumpre-se a profecia; Cyro sóbe ao throno medo-persa.

Esse mytho significaria apenas devidamente interpretado que Cyro, de baixa extracção, occupasse talvez junto a **Astyage** um encargo de grande confiança, tornando-se seu filho, isto é, seu protegido, e é esse protegido que por qualquer motivo paga a sua gratidão usurpando o throno. Essa interpretação liga-se aliás aos informes de Nicoláo de Damasco, que dá Cyro como filho de um salteador.

Mas a verdade averiguada pelas inscripções é que Cyro (Kuros) era da familia real dos Achemenides persas, e era rei da Susiana, donde sahiu para libertar a Persia do jugo meda. Em uma inscripção elle diz : « Eu sou Kuros, rei achemenide; sou o filho de Cambyses, rei poderoso. »

**Periodo persa** pela paz de 608 A. C. que fixou o limite da Media pelo Halys, o equilibrio politico e militar da Asia, ficou determinado pelas tres potencias : a Media, Babylonia e a Lydia. Mas desde que o rei meda Astyage foi derrotado por Cyro, que annexou a Media á Persia, o equilibrio rompeu-se; Babylonia, depois da morte de Nabuchadnezzar, tinha entrado em um periodo de luctas civis e discordias. Sómente a Lydia poderia fazer frente ao poder de Cyro, e o rei Creso, da Lydia deu-lhe combate, mas Cyro que possuia a melhor cavallaria da Asia, obrigou-o a recuar até Sardes, que foi tomada de assalto. Cyro que a principio queria entregar Creso á fogueira, commoveu-se de sua sorte e tornou-se até seu amigo.

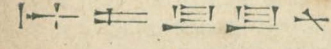


Fig. 61. — Nabu-chadu-ezzar.

Vencida a Lydia, restava Babylonia; Cyro talvez para isolal-a, intentou préviamente a conquista de todo o Iran, que durou quinze annos. Depois marchou contra Babylonia : a cidade era immensa, cortada de fossos, canaes e envolvida em muralhas; era quasi impossivel tomal-a. Conta-se que Cyro desviou o curso do Euphrates e pelo leito em secco entrou em Babylonia. A Chaldéa foi conquistada, e Cyro concedeu aos judeus que lá estavam prisionei-

ros em Babylonia desde Nabuchadnezzar, voltassem á sua patria.

Assim Cyro fundou o grande imperio persa que ia do Mediterraneo ao mar das Indias e ao Caspio. A sua capital foi Passagardes, na planicie do Murgab; os reis depois transferiram-a para Persepolis; della existem apenas alguns raros vestigios em ruinas, nas quaes no emtanto se achou a inscripção que refunde a lenda quanto ao nascimento de Cyro.

— Quando Cyro ataca a Lydia, deve-se registrar que os gregos **phocêos** da Asia emigram e a esse movimento se attribuem duas colonias, a de Massilia (Marselha) nas Gallias e outra naCorsega.

— As inscripções descobertas recentemente provam que a munificencia de Cyro em deixar partir os judeus, foi simples acto politico. O que facilitou a sua conquista de Babylonia foi que se apresentou como para libertar o povo babylonio do despotismo religioso de **Nabonid**, que tinha reunido na capital os idolos e as divindades de todos os lugares e paizes conquistados. O povo revoltou-se e Cyro aproveitou esse ensejo. E' assim que tendo todo o dominio da Asia, Cyro fez com que os captivos em toda a parte voltassem para a patria primitiva delles (como os judeus) e ordenou a remoção dos idolos. Eis o trecho de uma inscripção sua : « Eu reuni todos os povos e os **fiz voltar aos seus lugares**. E os deuses de Sumir e de Accad que Nabonid fez entrar em **Su-ana** bairro de Babylonia **eu os restitui aonde deviam estar...** »

A morte de Cyro está envolvida em lendas ; no romance de Xenophonte elle morre socegado como um justo. Herodoto, porém, com pouca verosimilhança affirma que elle morreu combatendo Thomyris, rainha dos turanianos Massagetas. A rainha fez decepar-lhe a cabeça e mergulhou-a n'um odre de sangue dizendo : « — sacia-te na morte deste sangue de que nunca te achaste saciado em vida. » O tumulo de Cyro foi descoberto nas ruinas de Pasargada, e o epitaphio nada diz sobre esse fim tragico.

— **Cambyses e Dario**. Cyro tinha deixado dois filhos, aos quaes repartiu o seu imperio : **Cambyses** e **Smerdis**. Cambyses, ambicioso, logo que subiu ao throno mandou matar o irmão. Cambyses augmentou o imperio persa fazendo a conquista do Egypto que então esphacelado não podia resistir, atacou-o auxiliado por gregos e phenicios e exerceu o mais abominavel dominio. Projectou atacar Carthago, mas os seus mercenarios phenicios recusaram-se a tomar uma colonia fundada pelos antepassados; projectou invadir a Ethiopia pelo oasis de Ammon, ao sul do Egypto, mas um exercito de 50.000 homens, todos morreram envolvidos na areia, pelo **simun** do deserto. Infeliz nos seus planos, Cambyses no auge do desespero entregou o Egypto á pilhagem da soldadesca, que derrotou e incendiou os templos e os idolos do deus Phtah. Durante todo esse periodo Cambyses está fora da Persia, e lá um certo **Gaumata**, protegido pelos magos, apresenta-se como o verdadeiro Smerdis e usurpa o throno durante sete mezes. Cambyses prepara-se para voltar á Persia, porém morre ferido pela propria espada quando ia montar a cavallo.

Na Persia, os nobres conspiram e revoltam-se contra o falso Smerdis que é morto com muitos magos (a festa da **magophonia** celebra essa mortandade). **Dario**, da mesma familia achemenide (da qual saiu Cyro) é proclamado rei.

Parece que Cambyses não ordenou nenhuma perseguição ao culto egypcio nem commetteu o sacrilegio de matar o boi Apis, como o refere Herodoto; ao contrario, segundo as inscripções o boi Apis morreu de morte natural e teve do rei persa funeraes magnificentes. Cambyses, desesperado do insuccesso das suas conquistas e das rebelliões da sua patria agitada então pela reacção dos magos que pretendiam destruir o poder dos persas, naturalmente se suicidou quando viu quasi destruido o seu grande imperio. Desde muito tempo os magos, a classe sacerdotal e o elemento chaldeu antigo procurava a desforra. O falso Smerdis de Herodoto ou o Barziya da inscripção de Bihistun, personifica essa rebeldia. Por isso o primeiro acto de Dario é o terrivel massacre dos magos.

**Dario**, filho d'Hystaspe, depois de luctar contra a natural revolta dos povos subjugados que lhe vieram em herança dos seus antepassados, iniciou a organisação politica do imperio. Dividiu o paiz em **satrapias**, provincias governadas por **satrapas**, chefes da administração civil e financial; o **satrapa** tinha ao seu lado dous altos funccionarios independentes, um **secretario real** que lhe transmittia as ordens do rei e um **chefe das tropas militares**. Um serviço postal feito por cavalleiros foi estabelecido entre a capital **Susa** e as satrapias. A sua grande originalidade foi a organisação das finanças; ao passo que os reis anteriores da historia vivem da propriedade particular, dos tributos dos vencidos e do saque, Dario, ao contrario, creou o **imposto**. Salvo a Persia, todas as circumscripções pagavam imposto em metal ou em

natureza. Assim o Egypto tinha que dar o trigo para os 120 mil soldados que o guarneciam; a Cilicia, um cavallo por dia; Babylonia o sustento da côrte por quatro mezes; a Ethiopia duzentos tóros de ebano e vinte prezas de elephante. O peso em ouro que elle arrecadava calcula-se que seria do valor de 300 mil contos! Por isso refere Herodoto o que seus subditos diziam: « Cyro foi um pae; Cambyses, um senhor; mas Dario é um taverneiro ».

Dario fez duas grandes expedições militares: uma, a da India (entre 515 e 509 segundo Rawlinson), em que submetteu o valle do **Indus**, onde desde esse tempo a população era tão densa, que d'ahi Dario tirava a metade das suas rendas. A segunda expedição foi a da **Scythia**, donde partiram sempre grupos invasores que traziam a Asia em constante sobresalto; Dario, com uma esquadra fornecida pelas cidades gregas, a qual subiu até o mar Negro, levou o seu exercito de 600 mil homens atravéz do Bosphoro, transpôz o Danubio, mas recuou da Scythia, porque os scythas iam migrando diante d'elles queimando e arrazando tudo. Dario voltou, mas os scythas ficaram tributarios.

Essa extraordinaria prosperidade dos persas foi perturbada pela lucta de Dario contra os gregos, que estudaremos mais adiante. Os persas foram vencidos por Miltiades em Marathona, Dario quiz desforrar-se; n'esse momento o

Egypto revoltava-se, e Dario no meio dos seus preparativos de guerra, morreu.

O imperio persa se estendia da India ao archipelago no Mediterraneo e desde a Scythia ao norte da Africa e ao oceano Indico. Nota-se que todos os povos viviam contentes e tranquillos sob o dominio persa, typo completo da organisação politica. O proprio Egypto, que queria revoltar-se, « rendeu-lhe as mesmas honras que aos antigos reis. » (Diodoro).

O geographo Rennell ensaiou determinar o roteiro da expedição de Dario a Scythia, fazendo seguir do Danubio até o Volga e na volta attingindo os montes Carpathos, roteiro inverosimil, porque dá uma marcha de 3.000 kilometros, e sabe-se que Dario gastou apenas dous mezes na expedição.

Depois de Dario, começa a decadencia rapida do imperio que se decompõe. Os satrapas revoltam-se; os paizes conquistados ganham a antiga independencia; a côrte corrompe-se em intrigas de eunuchos, de usurpadores. Os costumes do luxo e do sybaritismo chegou ao extremo, mesmo na classe militar.

No dizer de Herodoto depois da batalha de Platéa acharam-se no acampamento « tendas tecidas de ouro, leitos dourados, collares e braceletes ». Quando Alexandre a conquistou, a Persia era já um cadaver.

Os successores de Dario são : **Xerxes**, derrotado pelos gregos em Platéa e em Salamina; **Artaxerxes Longimano**, que terminou a lucta com os gregos pelo humilhante tratado de **Cimon**, tratado que obrigava suas frotas a não apparecer no mar Egeu; **Xerxes I**, que reinou

quarenta e cinco dias e foi assassinado por **Sogdiano**, irmão bastardo, que reinou dous mezes; o terceiro irmão, **Dario II**, **Artaxerxes II Mnemon**, de quem era medico **Ctesias**, e contra quem combateram os 10.000 gregos de Xenophonte; **Artaxerxes III**, que foi envenenado pelo egypcio Bagoas que proclamou rei a **Dario III Codomano**, o unico digno successor de Dario. Vencido por Alexandre em Granico, com Dario III acaba-se a independencia da Persia.

**A religião e a vida moral.** — Quando os aryas estavam na Bactriana um schisma religioso os separou em duas familias : **iranianos** e **indús**. Os **iranianos** adoptaram a reforma schismatica. A existencia d'esse schisma parece deduzir-se do facto que os iranianos chamam aos demonios de **devas**, nome que os indús applicam aos deuses, beneficos e protectores e deduz-se ainda de outros contrastes; mas Darmesteter suppõe que esses contrastes são meras divergencias que se deram depois da separação que se realizou por outro qualquer motivo que não o das ideas religiosas. Ha effectivamente a tradição de um inverno de dez annos que obrigou os aryas a migrar. **Zarathustra** foi o grande reformador da religião primitiva; e é pelo **Zend-Avesta**, a epopéa religiosa, que conhecemos as bases da sua legislação : o **mazdeismo**, isto é, a **sciencia universal**. **Zarathustra** (ou na fórma corrompida **Zoroastro**) aproveitou o fundo geral da mythologia aryana — o culto do **fogo**, do **esplendor**. Por isso elle

admitte o deus brilhante e luminoso **Ormuzd** (Ahuramazda), o creador, o ser supremo; mas na impossibilidade de explicar a existencia do mal, faz d'esse um deus malefico **Ahriman** (Angrô Mainyus) que será um dia vencido pelo primeiro. Até lá, haverá sempre uma lucta perenne entre o bem e o mal. Mas como o deus do bem é o deus luminoso; o outro não póde ter senão o reino das trevas. Os **anjos** genios **do bem** que volitam no espaço, acompanham o primeiro; os **anjos** do mal são os demonios. Zoroastro é o primeiro reformador que admitte um creador e uma creação, e tem a concepção approximada do monotheismo. Só o **mazdeismo** dava uma solução ao problema do mal physico, da dôr dos inconscientes, dos animaes e das creanças. Os hebreus fazendo do universo uma obra exclusivamente divina, só podiam explicar a existencia do moral, isto é, d'aquelle que provém do peccado; os indús e outros povos pela metempsycose ensaiavam a explicação dos males physicos pela expiação dos seres, não haveria assim soffrimento ou dôr que não fosse uma expiação. O **mazdeismo** explica a existencia do mal por um deus do mal que o deus do bem combate e um dia vencerá. Auxiliar Ormuzd n'essa lucta gigantesca é a mais bella de todas as normas da conducta humana.

Mas a existencia de Zoroastro é puramente legendaria.

A religião de Zoroastro maravilha pela rigidez de suas doutrinas. Para ella o trabalho vale mais do que o dever religioso. « Trabalha e semeia; mais vale trabalhar do que sacrificar dez vezes. » Pureza e trabalho; trabalhar e merecer! eis toda a religião. Os **magos** adulteraram-n'a e os Parsis, Guebros do Indostão, ainda representam essa degeneração do culto de Zoroastro.

O **Zend-Avesta**, collecção dos escriptos sagrados, apenas existe hoje em seis livros (eram vinte e um no tempo dos reis sassaidas) e d'esses apenas um completo ainda assim eivado de interpollações, o **Vendidad** (lei contra os demonios).

A civilisação persa tem grandes originalidades e póde ser considerada a fonte de varios beneficios adquiridos pelo progresso humano. Basta citar a probabilidade de ter sido de origem iraniana o monetheismo de Moysés, que dominou o mundo moderno; a organisação financeira baseada no **imposto annual**; o constitucionalismo do poder real limitado pela religião e pela tolerancia religiosa e administrativa entregue ao sabor dos vencidos (Vide Passim, Cyro, Dario, etc.). Apezar d'isso, quanto á cultura intellectual, pouco se póde averiguar da antiga Persia.

**Sciencias e lettras.** — Nas lettras, ha o **Zend-Avesta** documento vasto e antiquissimo onde se póde apreciar a elevação lyrica dos iranianos. O **Zend-Avesta** (commentario da Lei) compõe-se, na parte que chegou até nós, de alguns livros escriptos no texto original em

lingua zend (o **Vendidad**, o **Vispered** e o **Yacna**) de orações, preceitos e dos hymnos (**Ghâthas**) em dialecto archaico. No **Zend-Avesta** é que se encontram os dados mais seguros sobre a vida religiosa e social dos persas. Os seus textos, devem ter sido, como pensa Darmesteter, o resultado da obra continua dos Magos, casta sacerdotal da Media cuja influencia se prolongou até o tempo do imperio persa, em materia religiosa. Nas sciencias, porém, os persas parece que nada possuiam; ao menos vemol-os sempre utilisar-se dos estrangeiros em tudo. Democedes de Crotona foi medico de Dario; Ctesias, o historiador grego, foi medico de Artaxerxes Mnemon. Vemol-os contractando o engenheiro Mandrocles de Samos para fazer a ponte que serviu de passagem no Bosphoro á expedição de Dario á Scythia. Herodoto refere que foram egypcios e phenicios que fizeram a ponte do Hellesponto, quando

Fig. 62. — Baixo relevo do palacio de Persepolis.

Xerxes invadiu a Grecia. Diodoro diz que Cambyses levou artistas do Egypto para construir os palacios reaes de Persepolis e Susa. Ainda mais; as frotas persas a principio foram dirigidas pelos phenicios e gregos. Scylax, um grego, é quem commanda a frota que percorre o mar Erythreu (oceano indico).

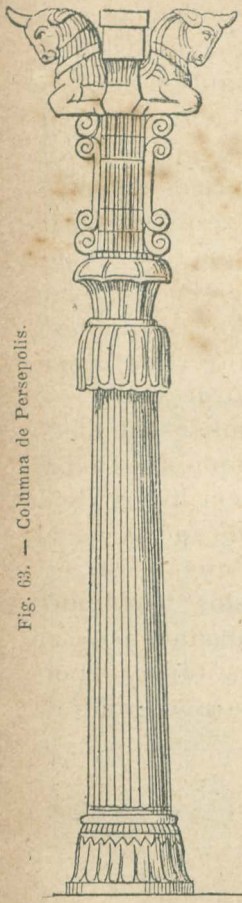


Fig. 63. — Columna de Persepolis.

**Artes.** — Das artes plasticas, só os persas conheceram a **architectura** e a **esculptura**; a pintura não passa, como no oriente, senão de simples meio de ornamentação. Na **esculptura** conhecem-se baixos relevos, muito inferiores aos da Assyria e que serviam de ornamentação das paredes dos palacios. Na **architectura** que elles receberam dos egypcios, dos gregos asiaticos, dos lydios e tambem dos assyrios, os monumentos caracterisam-se pela leveza

das formas. Isso resultava de que os tectos eram de madeira e leves, e conseguintemente eram supportados por columnas delgadas e esbeltas. A columna persa (fig. 63) distingue-se por esse caracter delicado e pelo capitel longo e terminado por duas frentes de touros, reminiscencia provavel do touro alado dos portaes dos palacios assyrios. A columna era treze vezes mais alta que larga; assentava sobre um tóro em flor de lotus invertido (ruinas de Persepolis) e terminava por um capital em dado, assaz longo, com volutas, sobre uma taça invertida com o aspecto de um collete moderno de mulher. O palacio de Xerxes em Persepolis sustentado por 72 columnas lembra o templo de Thebas pela sua sala similhante, tambem hypostylica. Quanto ao material empregado, pelas bellas ruinas de Persepolis sabe-se que os persas tinham substituido o tijolo dos babylonios pelo marmore e pela pedra; aqui, ainda póde-se vêr a architectura persa, constituida depois das conquistas, é um mixto pouco elegante da arte assyria, egypcia e jonica.

# IIª PARTE

---

## GRECIA

# I

# ARYAS DA EUROPA. OS GREGOS

O grupo aryano que se separou primitivamente em caminho para o oéste e para a Europa, dividiu-se em differentes ramos (slavo-lettico, germanico, italico, celtico, grego) e em tempos differentes. E' provavel que elles fizessem unidos a travessia da Asia. Suppõe-se que do centro da Europa é que se fez a dispersão occidental, acima do Danubio. E' então que d'ahi descem os hellenos para a Grecia. Outros affirmam que os gregos vieram immediatamente da Asia pela **Jonia** e por mar os jonios, pelo Hellesponto e por terra os dorios, ambos os ramos hellenicos. Em qualquer caso o que está averiguado é que na migração do occidente houve dous momentos que se póde determinar positivamente pelos documentos da linguistica : um momento, o **greco-italico**, em que as populações que vieram constituir a Italia e a Grecia estavam ainda unidas; o outro momento, o **italico** ou o **hellenico** em separado, em que cada ramo da raça evolue originalmente em patrias diversas.

Quando houve a dispersão, os aryas já possuiam uma civilisação apreciavel que se deprehende dos termos communs dos aryanos, termos consequentemente representativos de um patrimonio commum primitivo e anterior ás migrações. Sabemos que os aryas eram então pastores, e notam-se em commum os termos da vida pastoril (boi, **bos** lat., **gaus** sansc., βους grego; — o cavallo, **equus** lat., **açvas** sansc., ἵππος grego). Da agricultura, porém, já não temos termos communs, prova de que antes da separação, o povo não era ainda agricultor, mas já fazia

casas e navios (**dam**, domus e δόμος casa; **naus**, navis e ναῦς navio); já conta até cem (**centum**, çatam, ekataçam, εκατον etc.).

Ora, esse é o fundo de cultura primitiva de todos os povos aryanos. Mas a analyse demonstra que especialmente no caso grego e latino as acquisições communs de

civilisação vão adiante, representam um fundo mais vasto, e por isso deviam gregos e italicos ter evoluido em conjuncto depois da dispersão primitiva. Ha pois um periodo de civilisação greco-italica.

Já n'esse periodo, os dous povos vão adiante da cultura primitiva, já praticam a agricultura (**ager**, ἀγρός; **aratrum**, ἄροτρον; **vinum**, οἶνος) já pelo culto domestico teem uma divindade particular que os outros aryanos não

possuem (**Vesta**, Ἑστία), já dividem o campo da mesma fórma rectangular, collocando marcos (**termini**) τερμυνες.

Admittida uma phase de civilisação commum, podemos plausivelmente localisal-a na Asia Anterior, senão na Europa central, donde de um ou de outro foco irradiaram as duas migrações que povoaram simultaneamente a Grecia e a Italia.

**Habitat.** — A Grecia, peninsula ao sul da Europa, é um paiz de céo limpido e azul, de clima temperado quasi quente, entre o Adriatico e o mar Egeu, terra quasi ligada á Asia por uma série de ilhas ferteis e risonhas, uma á vista da outra. O paiz é cortado de asperas montanhas altissimas e abruptas, que é difficillimo transpôr, mesmo para os peões. Essa disposição das montanhas favorecia o isolamento e a independencia dos pequenos Estados; mas é sobretudo no littoral que se encontra a expressão original da terra hellenica; as praias são recortadas de golfos, bahias, promontorios, de toda a especie de accidentes que dão ao paiz um desenvolvimento extraordinario á linha das costas. Isto e a presença de ilhas á vista da terra despertou nos gregos esse destino de povo colonisador e navegante.

No continente, os rios são apenas torrentes que quasi todas seccam pelo estio; não serviam de meios de communicação. O mar (**pontos**) é o caminho por excellencia. No interior, as montanhas erguem-se em disposição estrategica: ao norte, a Thessalia é cercada de cadeias

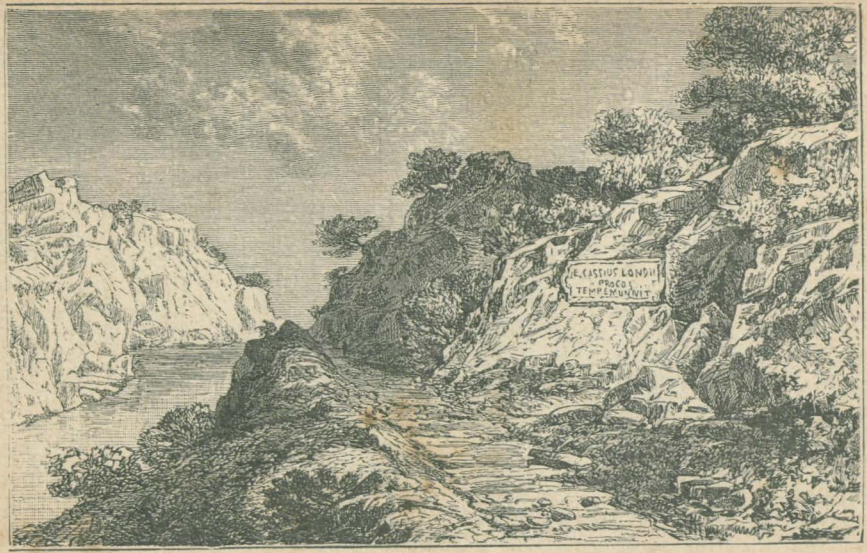



Fig. 65. — Valle de Tempe. (Pag. 197.)

abruptas que se estrangulam apenas em um ponto, na passagem do rio Peneu, aberta, diz o mytho, por Apollo, para que o rio não inundasse o interior (fig. 65) das terras. Ao sul, no isthmo, a mesma configuração; apenas uma passagem estreita jaz entre o mar e as montanhas (Thermopylas) e póde ser occupada por um punhado de homens. D'esses caracteres physicos derivam-se dous elementos essenciaes na constituição do povo : — O amor da vida alpestre e montanheza nos **dorios**, e a tendencia para aventuras maritimas, nos **jonios**.

As divisões da Grecia podem ser enumeradas pelas 3 regiões caracteristicas do continente :

O **Norte**, que comprehendia o **Epiro**, paiz rude que apenas um momento se distingue na historia, e a **Thessalia**, um dos fócos da vida mythica e heroica, onde está o Olympo, séde dos deuses.

O **Centro** ou **Hellade**, o coração da Grecia, que contém varios estados : a **Attica**, onde se acha Athenas, e Eleusis o centro religioso de Demeter; a **Beocia**, onde se acha a famosa Thebas, e é o campo de batalha da historia grega, como o provam os nomes locaes de Platéa, Leuctres, Cheronea, e outros; na Beocia eram frequentes os terremotos e o mytho de Amphiaraus, sumido com carros e cavallos em Panagro symbolisa esse facto; a **Phocida**, onde estava o oraculo de Apollo em Delphos, « o umbigo da terra », supposto o centro do mundo; a **Dorida**, estado montanhoso e insignificante; a **Locrida**, região de lavradores e pastores; a **Etolia**, região aspera e rude, notada pela grosseria e inferioridade dos habitantes; os etolios eram soldados, bandidos e piratas; a **Acarnania**; a **Megarida**.

O **sul** ou **Peloponeso**, pequena peninsula (Moréa,

hoje), dividia-se em : **Arcadia**, plató central, de montes e valles, de povo analogo ao suisso e que serviu mais tarde de mercenario na guerra; a **Achaia**, federação ou liga de cidades reunidas pelo culto de Zeus em Egium; a **Argolida**, onde se encontrão Argos e as ruinas cyclopicas dos antigos povos pelasgicos; é um dos centros da elaboração mythologica (Neméa), Lerna (a hydra), Epidauro, etc.; a **Messenia**; a **Elida**, onde na planicie de

Olympia, celebravam-se de quatro em quatro annos os jogos olympicos ao pé do grande templo de Zeus; festas donde deriva a chronologia da historia grega (olympiadas); a **Laconia**, cuja cidade principal era Sparta, é a parte mais meridional do continente.

**Ilhas.** — A Grecia tinha tambem outro habitat continental, a **Jonia**, estreita faxa de terra na Asia menor, banhada pelo mar Egeu. As ilhas podem ser enumeradas em tres grupos, conforme os mares donde surgem :

**Mar Adriatico** (chamado impropriamente Jonio) : **Corcyra**, colonia corinthia; **Ithaca**, a morada de Ulysses.

**Mar Mediterraneo** (ao sul) : **Cythera**, colonia phenicia, logar do culto de Aphrodite (a Astartéa phenicia); **Creta**, a que se liga o nome de Minos, o legislador; **Chypre**, celebre pela mineração do cobre; **Rhodes** (ilha das rosas) onde uma população primitiva oriental, phenicia talvez, fundia o bronze (Telchines).

**Mar Egeu**, a léste, (hoje Archipelago) : **Eubéa**, proxima á costa grega; **Scyros**, **Lemnos** (fabricação de armas). As **Cyclades**, grupo circular ao redor de **Delos**, consagrado ao sol. As **Sporadas**, proximas da Asia; entre ellas notam-se Tenedos, Lesbos, Chios, Samos e emfim Pathmos, ilha esteril e rude, logar de que os romanos fizeram um degredo e onde S. João escreveu o Apocalypse.

De toda essa complicação geographica, um facto apparece coordenando tudo : é o mar Egeu, centro e eixo da civilisação grega; por elle se explica toda a irradiação da civilisação hellenica da Asia até á Europa.

**O povo.** — Os gregos são aryanos. Depois que a corrente de população aryana emigrou para o occidente, houve indubitavelmente um periodo em que estiveram reunidas as populações greco-italicas, já então separadas dos outros elementos aryacos. Effectivamente; como já foi demonstrado pela analyse das tradições e da linguagem, ha um fundo de civilisação commum nos povos da Grecia e da Italia.

Os gregos nunca investigaram sériamente as suas origens; acreditavam na sua **autochtonia**,

e se julgavam filhos do proprio sólo. Sabiam no emtanto que os **hellenos** eram invasores e tinham encontrado quando se estabeleceram na Hellade um povo de pastores, os **pelasgos**, que fizeram construcções gigantescas, muralhas de pedras em bloco sem cimento, das quaes ainda hoje existem vestigios. Todavia não ha testemunho nem tradição de lucta entre os dous povos. Parece que em verdade os pelasgos eram aryanos e estacionaram com os hellenos na Phrygia na Asia menor; d'esse fóco sahiram, pois, duas correntes: a **primeira**, mais remota, a dos **pelasgos** veiu pelo continente atravez do Hellesponto e da Thracia e invadiu a Grecia pelo Norte (Thessalia e Epiro); e a **segunda**, a dos **hellenos**, tribus guerreiras, bifurcou-se por dous caminhos; a população **doria** que se estabeleceu no continente, e a **jonia** que do mar Egeu chegou a colonisar a Hellade.

Os hellenos eram distribuidos em varias tribus, **etolios**, **acheus**, **jonios** e **dorios**; explicavam genealogicamente essas tribus pela descendencia de Deucalião e Pyrrha, os dous seres humanos que escaparam do diluvio universal, segundo a tradição grega. **Hellen**, filho de Deucalião, teve tres filhos: **Eolo** (d'ahi **eolios**), **Dorus** (tronco dos **dorios**) e **Xuthos**, pae de **Ion** e de **Acheu**. No tempo de Homero os acheus (**achivi** em Virgilio) teem a supremacia e representam o povo grego. A genealogia acima exposta, e relatada por Hesiodo, preponderou na tradição e deu a **Hellen** a preeminencia sobre os seus descendentes; d'este modo, os hellenos que em Homero,

designa uma simples tribu da Thessalia, passa mais tarde a designar todo o povo.

Mas a influencia estrangeira não tardou a fazer-se sentir. Antes dos hellenos o mar Egeu já era explorado pelos phenicios e com elles os jonios estabelecidos na Asia menor quando desceram do plató Phrygio aprenderam a navegar e a exercer a piratatia e o rapto de mulheres. A transformação da tribu **jonia** em povo navegador é um facto cujo momento escapa á historia, como diz Curtius. Mas já sob Ramsés I (1443 A. C.) fez-se no Egypto menção de piratas estrangeiros **Uinin**; os hebreus falavam dos **javan, javanin**; variedades prosodicas do nome **Ioanes**, dos jonios.

Assim Curtius explica que os grandes colonisadores exoticos da Grecia, segundo a fabula, como **Cadmo**, phenicio que traz o alphabeto, **Cecropos** e **Danaus**, egypcios, são evidentemente gregos maritimos que assimilando as civilisações orientaes vieram acclimal-as na Grecia. De outro modo, não se explica como os gregos amassem a estrangeiros invasores, deixassem-nos reinar duravelmente e endeosassem-nos nas suas tradições populares. Demais, a transformação civilisadora do oriente tem outras explicações. Cadmo, **qadm**, significa o oriental; o culto de Aphrodite é a **Astartéa** acompanhada do myrto, deusa semitica hellenisada pelos marinheiros gregos que conviviam com os phenicios. Em Salamina havia o culto do deus Epiceno, **Zeus Epikoinos**, fusão de Baal e Zeus, adorado em commum. Melkart phenicio confunde-se com Heracles, que lhe toma varios attributos.

Quando os gregos chegaram a conhecer as grandes e antigas civilisações do Oriente, n'elles germinou a theoria de dependencia em que estavam para com os grandes povos. Os escriptores hellenos, então, pensaram que toda a civilisação grega, artes, sciencias, vieram do Egypto. Foi essa egyptomania dos antigos que contribuiu muito para a perturbação das idéas historicas do sec. VII A. C. em diante.

Entretanto, sem resolver-se a questão, já se pode hoje esclarecel-a em varios pontos importantes. Das inscripções

egypcias que se referem aos gregos, a mais antiga é a de uma stela da XVIII dynastia, achada em Karnak por Mariette e que fala dos — **tahannu**, habitantes das ilhas — termo correspondente ao de **danaos**, que nos poemas homericos é synonymo de **acheus** e applica-se a todos os gregos. Por outra parte as excavações, os objectos n'ellas achados e mesmo o caracter da arte grega parece ligal-a, apesar da sua originalidade, á influencia dos chaldeus e dos phenicios.

## II

# A THEORIA DOS ARYAS

(LEITURA)

Em outro logar, consignámos os resultados geraes a que havia chegado a philologia comparativa, assignalando a **existencia de uma raça** ou **familia aryana** e a de uma **linguagem primitiva**, o **arya**, que devia conter os germens do latim, grego, germanico, iraniano, etc. Essas duas conclusões entretanto nos ultimos annos se acham profundamente abaladas e reduzidas ao caracter de hypotheses improvaveis, diante dos novos argumentos da propria critica philologica e sobretudo da archeologia prehistorica e da ethnographia.

D'essa longa controversia, daremos aqui uma rapida noticia.

Em 1861, nas suas celebres **Lições sobre a sciencia da linguagem**, Max Müller fallava de « um tempo em que deviam viver juntos os antepassados dos gregos, romanos, slavos, persas, indús, etc., e que só mais tarde esse povo primitivo dividiu-se no seu primitivo **clan** no plató central da Asia, emigrando e radiando para o Indo e para o occidente. »

Entretanto, a improbabilidade da hypothese era evidente; como um pequeno **clan** da Bactriana poderia expandir-se para as praias da Europa em grandes colonias a quatro mil milhas do seu foco? Demais, a **identidade da linguagem** não era razão para d'ella concluir-se n'esses povos **identidade de raça**. O Cornwall falla a mesma lingua do Essex; mas um é celtico e outro é teutonico,

ethnicamente. A França e a Italia falam dialectos de origem commum, e entretanto as raças de ambos os paizes não são as mesmas. O grande anthropologista Broca mostrou quanto era falsa similhante e pretendida identidade, quando disse que « os belgas falam uma lingua neo-latina, mas se algum povo deixou menos vestigio na população autochtone foi o de Roma. » Embalde, Topinard notava que o typo europeu desde o tempo prehistorico é continuo e ininterrompido, diante da observação : se os aryanos vieram da Asia, elles apenas trariam a civilisação, a linguagem e o conhecimento dos metaes, mas o seu sangue, a sua raça deveria ter desapparecido, porque o exame craneologico attesta que desde os tempos prehistoricos na França só existem dous typos anthropologicos, o kymrico ao norte e o celta ao sul.

Entretanto, a theoria do parentesco da raça aryana, do seu **habitat** na Asia e da lingua aryaca primitiva continuavam, pujantes, graças ao explendor dos estudos philologicos, alliado talvez a essa velha tradição que, sob a influencia religiosa e classica, procurava a origem dos povos no Oriente. A religião havia ahi preparado o berço dos primeiros homens. Na Asia central devia ficar o paraiso. Os linguistas contribuiram para buscar as origens aryacas no oriente. **Ex-oriente lux**, era o axioma do grande Pott; o grande Grimm expunha a sua theoria do **irresistivel impulso** que fazia migrar as nações de um foco asiatico. Max Müller trouxe os seus argumentos para reforçar a hypothese, Pictet, nas suas **Origens Indo-européas** chegou a construir um quadro das migrações successivas : o ramo **helleno-italico** viria pelo sul do Caspio atravez da Asia-menor; os **celtas**, do sul do Caspio atravez do Caucaso e d'ahi seguindo o Danubio até o extremo oéste; os **slavos** e **teutões** viriam pelo norte do Caspio atravez dos steppes russos. O grande Schleicher acceitou a theoria das migrações de Pictet, com pequenas alterações e, afinal, o professor Sayce ajuntou-se aos seus precursores.

Nunca, até 1880, uma theoria scientifica teve mais notaveis e brilhantes sustentadores do que aquella que reunia

entre os seus seguidores os nomes de Schleicher, Müller, Pott, Grimm, Pictet e Sayce.

As provas principaes d'essa theoria consistiam em resultados puros da philologia comparada :

— « De todos os dialectos aryacos, os dous que menos mudaram e se conservam mais primitivos são o **zend** (iraniano) e o **sanscrito**; por outro lado o dialecto que mais se deformou foi o **celtico**, que está geographicamente no extremo oéste E' claro, pois, que o sanscrito e o zend que representam dialectos mais primitivos devam estar mais proximos do centro primitivo de dispersão. No Avesta a creação da humanidade por Ahuramazda (Ormuzd) tem logar na Bactriana : esta lenda que tem aliás mais valor e applicação aos zoroastrianos, não deve ser desprezada. Demais, a região proposta para centro primitivo satisfaz amplamente ás conclusões da philologia em relação ao **clan** aryano quando indiviso : ella é apta para o nomadismo pastoril, n'ella se encontram as duas arvores unicas cujos nomes são os mesmos no Oriente e no Occidente, o **pinheiro** e a **betula** e ahi ha o **inverno** com **gelo** e **neve**. Assim todos os vocabulos e noções que a philologia descobriu como sendo communs a todos os aryanos e portanto datando do seu primitivo periodo antes das migrações, todas essas noções se acham na natureza da região entre o Oxus e o Jaxartes. »

Similhantes allegações acham-se hoje bem enfraquecidas pela critica.

O caracter archaico do zend e do sanscrito provaria alguma cousa, se fossem tomados documentos synchronicos das linguas aryanas. Mas o facto é que se aquellas duas linguas nos parecem archaicas, a razão está em que os documentos escriptos mais antigos que possuimos estão escriptos n'aquelles idiomas, e esta objecção é decisiva, porque se compararmos os dialectos actuaes da India que descenderam do sanscrito, com o lithuano, da Europa, veremos que o lithuano conserva-se mais archaico e primitivo. Do mesmo modo, é um erro comparar o zend com o germanico actual; mas se compararmos o persa actual com o islandez actual, o archaismo d'esse ultimo é evi-

dente pela conservação das antigas fórmas e n'esse presupposto a conclusão seria que é mais provavel assignalar-se o **habitat** dos aryanos na Islandia do que na Bactriana.

A' lenda da creação do homem no Avesta podem-se oppôr as tradições mais ou menos synchronicas dos aryanos europeus que por toda a parte se julgavam filhos do solo, **autochtones**; similhante lenda tem identico valor á de Deucalião, dos gregos. Mais. As deducções philologicas relativas á região e clima applicam-se tão bem á Europa como á Asia : se a **betula** e o **pinheiro** são conhecidos dos aryas primitivos, tambem é necessario juntar que o foi d'elles a **faia** que aliás só existe na Europa, ao passo que o **camelo** e o **asno** que não fazem parte das noções dos aryas primitivos, são entretanto animaes caracteristicos da fauna da Asia Central.

As primeiras causas de revulsão e de critica contra a theoria asiatica e existencia de uma raça indo-européa se acham nos estudos da anthropologia, craneologia e archeologia. Desde que ficou provado não ser o homem um animal relativamente recente na Europa, começou a ser desnecessario buscal-o na Asia, fóco das velhas civilisações historicas. Verificou-se que o europeu é um antigo habitante da sua região; ahi elle vive desde tempos anteriores a quaesquer tradições, e provavelmente desde o periodo anterior ao fim da **época glaciaria**. Essa antiguidade assombrosa tornava ridicula a pretendida antiguidade dos tumulos egypcios, os tijolos babylonios, quando essa se comparasse á época do homem prehistorico do occidente; assim os documentos mais antigos do homem acham-se na Europa e não na Asia.

A craneologia chegava por sua parte a resultados importantes, determinando pela mesuração dos craneos que as raças da Europa, os seus typos anthropologicos, são continuos e os mesmos desde a época neolithica até os tempos presentes.

O homem habita a França e a Inglaterra desde o periodo quaternario, e a sua antiguidade, segundo um dos calculos mais moderados, o do Dr. Geikie, é de 80.000 annos.

E' evidente quanto similhantes resultados contradizem e destroem a theoria philologica. A craneologia ensinando que as raças européas são differentes e na sua differença são as mesmas desde o periodo prehistorico — **ipso facto**, cáe a hypothese de uma **raça** aryana, de um typo uniforme primitivo e apenas póde subsistir a hypothese de uma **lingua commum** (mas sem co-existencia de raça commum). As conclusões da anthropologia são estas : o craneo do francez actual é o mesmo do das cavernas e dos constructores de dolmens do periodo neolithico; o dos bascos actuaes é um segundo typo neolithico; um terceiro typo neolithico da Suecia é o mesmo dos scandinavos e sertões do norte, actuaes; d'ahi se segue inevitavelmente que as populações actuaes descendem directamente dos selvagens prehistoricos europeus. Onde pois collocar uma raça aryana uniforme? se veiu estabelecer-se na Europa, o que é feito d'ella?

Diante d'esses resultados na anthropologia, os philologos começaram a discutir e duvidar da theoria que durante tanto tempo elles construiram com brilhantismo. Latham foi um antigo precursor dos adversarios da theoria asiatica : achava n'ella contradicções e certa extravagancia em fazer derivar da Asia os aryanos que em maior numero se acham na Europa. Não seria mais facil explicar que o grupo menor, o asiatico, partiu da Europa? Witney sem decidir-se, conservou-se em attitude hostil contra a velha theoria. Benfey começou a campanha nova em 1868, baseado nos resultados da prehistoria e mesmo da philologia : elle achava extraordinario que no vocabulario aryano primitivo não se encontrassem os nomes do **leão**, do **tigre** e do **camelo**, animaes importantissimos na zona em que se collocava o **clan** dos aryas.

Geiger trouxe novos argumentos e adduziu que os aryanos deviam ter vivido na Germania : prova-o, para exemplo, o nome do carvalho que é em grego **phégós**, equivalente linguistico do latim **fagus**, do teutonico **beech**, a faia : é provavel que os gregos dessem o nome de faia que elles conheciam antes na Germania ao carvalho que existia na Grecia, onde a faia não existe.

A controversia continuou com os trabalhos de Cuno,

que sustentava a origem européa, admittindo mais que os aryas em vez de pequeno **clan** constituiam horda numerosissima, energica e forte, desdobrando-se dos Uraes para o oéste europeu, conquistando povos, impondo-lhes a lingua, mas sem influir ethnicamente sobre o typo dos povos conquistados, como os romanos que deixaram a lingua na França, na Belgica e na Hespanha, sem alterar as raças indigenas.

O trabalho de Cuno completa-se com a bella contribuição de Johannes Schmidt, que marca uma phase decisiva na controversia. Schmidt, exercendo larga critica sobre a questão, deu o golpe mortal na theoria da **stammbaum**, a arvore geneologica em que eram classificadas as linguas aryanas. Segundo Schmidt, as linguas aryanas não comportam uma classificação por meio da celebre **arvore** : a sua theoria consiste em estabelecer no vasto dominio da lingua aryana centros de perturbação, donde sáem os dialectos sob a fórma de vibração das ondas de um lago, perturbado em um dos seus pontos. Na superficie do dominio aryano, houve varios centros de perturbação, cujas ondulações circulares foram produzindo os dialectos e as suas zonas. Esses centros locaes de perturbação é natural que fossem numerosissimos, mas entre elles triumphou o mais forte, por qualquer causa de energia ou sentimento que lhe forneceu maior vitalidade que aos outros. E' uma explicação darwinista como se vê. Para explicar a iniciativa dos centros de perturbação, basta notar que a lingua aryana devia estar em completo e continuo conflicto com as linguagens das raças anteriores.

A theoria scientifica de Schmidt serve para explicar algumas difficuldades que o systema da **arvore genealogica** ou de filiação não o podia fazer. As contradicções entre os philologos sempre foram innumeras quando se tratava de determinar o gráo de parentesco entre as linguas aryanas : uns davam o latim como mais proximo do celta do que do grego, e outros como mais proximo do grego do que do celta, etc.

A theoria da ondulação, assentando que as ondas de varios centros se cortam, admitte por isso mesmo que a distancia entre os fócos de ondulação é proporcional

inversamente aos termos communs. Assim, por exemplo, verifica-se que emquanto ha 132 raizes communs ao latim e grego (e note-se bem : communs e peculiares só aos dous idiomas) ha 99 entre o grego e o indo-iraniano, apenas 20 são peculiares ao indo-iraniano e o latim.

Em resumo a theoria de Schmidt basêa-se nos principios do transformismo : tendencia da lingua para a variação, exterminação dos typos intermedios e sobrevivencia dos mais fortes. Tornando inutil a migração, a theoria de Schmidt significa uma solução mais simples.

A controversia não terminou ahi. Nota-se uma série de contribuições de alto merito : Delbrück, que nega a existencia de uma lingua aryana primitiva geral e acha que os dialectos surgiram antes que a lingua aryana chegasse ao estado de flexão cuja elaboração devia durar milhares de annos; Delitzsch, Hommel e Kremer, por um momento, derrocariam para sempre a controversia se chegassem á provar como pretendiam o parentesco do **semitico** e o **aryano**, o que seria a melhor prova em favor da origem asiatica; Fred. Müller, Spiegel, Posche, Lindenschmit, Fligier são os nomes dos neo-theoristas que encarnam sua ultima expressão em dous espiritos notaveis Karl Penka e Schrader.

As conclusões de Penka, nas suas obras, estabelecem que — a raça não sendo co-extensiva com a linguagem e devendo ser os aryanos primitivos da mesma raça, deve-se escolher uma de duas hypotheses : ou os varios typos physicos anthropologicos evoluiram e se caracterisaram depois da separação linguistica ou a lingua aryana devia ter sido adquirida por typos e raças differentes de sangue não aryano. A primeira hypothese é altamente improvavel, quando se considera que os typos ethnicos são sempre persistentes, como se vê pelos typos millenares dos egypcios, negros e europeus. E' pois mais razoavel aceitar-se a ultima hypothese, mas n'esse caso convem elucidar a questão : qual dos 5 ou 6 typos anthropologicos, que falam linguas aryanas será o mais proximo do povo arya primitivo? Penka suppõe que o arya verdadeiro é o scandinavo,— uma raça energica, forte, intelligente, de olhos azues e craneo dolcochepalo de

grande estatura, de força muscular, e capaz de conquistar o mundo e impor a sua lingua; provas conjecturaes d'essa affirmativa são que a raça conquistadora, prolifica no norte, esterilisa-se no sul, deixando poucos vestigios; que esses vestigios no centro e no sul se encontram nos typos louros que raros surgem sob a tendencia das raças mixtas a voltar a certos typos originaes, e ainda pelos typos aristocraticos que no centro e sul sempre foram, na mór parte, louros e altos. A aristocracia goda na Hespanha foi o elemento dominador, e tambem extinguiu-se esterilisada pelas condições do meio. Egual phenomeno devia succeder aos dominadores septentrionaes ou aryas.

Contra a theoria de Penka ha uma formidavel objecção: sendo como se verifica pelo vocabulario, o povo arya primitivo nomade e pastor é impossivel dar-lhe o **habitat** montanhoso e improprio da Suecia; na planicie o povo nomade n'uma área de milhares de leguas póde conservar a mesma lingua (ex.: os tartaros, os arabes) mas entre montanhas e valles, os povos vizinhos falam logo dialectos differentes (ex. Suissa, o Caucaso, etc.). Essa objecção cahiria se Penka identificasse os aryas com os celtas que habitavam todo o centro e oéste europeu.

O Dr. Schrader, que representa a derradeira phase da questão, apresenta com lucidez as suas conclusões. Logo em principio, diz elle, ha dous pontos fixos na questão: tanto quanto nos póde esclarecer a historia, a archeologia e a tradição e a linguistica, nós encontramos os aryanos em dous **habitats** separados, ao **Norte da Europa** e na **Asia**, no Jaxartes. Quanto aos da Europa nenhuma prova positiva se tem produzido que elles viessem de uma migração asiatica: ao contrario, vemol-os marchando para o sul. A questão reduz-se pois á seguinte:

**— Os aryanos europeus vieram da Asia ou os aryanos d'Asia partiram da Europa?**

Na solução desta questão deve-se ter em vista as seguintes considerações:

1.ª — O velho argumento de que o zend e o sanscrito são mais archaicos, não teem valor quando se considera que dessas duas linguas nós possuimos documentos litterarios mais antigos que os da lingua da Europa. A maior

rudez das linguas européas é em si um signal de condição mais primitiva do que a cultura litteraria exhibida pelo zend e sanscrito.

2.ª — Os resultados da paleontologia linguistica não são decisivos. Apenas concluimos ser o **habitat** primitivo ao norte por causa das noções communs de **gelo**, **neve** e de duas unicas (ou tres) estações; juntando-se a isto que o typo do aryano deveria ser energico e forte como o das raças septentrionaes.

3.ª — Temos o direito de pensar que a raça aryana primitiva deveria occupar uma larga região, no tempo de sua continuidade geographica. Povo semi nomade não poderia estar confinado em estreitos limites: entre os tartaros, cada familia occupa 2.000 ares. Toda a França apenas chegaria para 50.000 pessoas de uma população nomada.

Praticamente, n'esses casos, a lingua é a mesma nas maiores extensões entre povos pastores: o turco-tartaro no tempo de sua maior expansão, do Lena ao Adriatico, conservava a mesma lingua e ainda hoje um turcomano de Anatolia póde conversar com um Yacut das praias do oceano Arctico. Assim póde-se admittir a continuidade geographica dos aryas pastores do Jaxartes até o Atlantico, hypotheticamente, sem perturbar-se o caracter de sua linguagem.

4.ª — Entre a Asia e a Europa as differenças não são tão grandes nas linguas aryanas que auctorisem qualquer divisão. E' sobretudo notavel a similhança do grego com o indo-iraniano, evidenciada pelos mesmos termos de agricultura, de religião e de armas.

5.ª — O gráo de civilisação que a linguistica descobre nos aryanos ainda indivisos é estreitamente equivalente ao gráo de civilisação que se acha nas habitações suissas da edade de pedra.

6.ª — Os movimentos dos aryanos no periodo historico são na direcção para o sul e dentro de certa extensão para o oriente. Si mesmo dermos credito ás primitivas tradições, a Asia occidental recebeu da Europa as populações aryanas dos phrygios e dos armenios. Ao contrario, nenhuma prova positiva ha de migrações aryanas em corrente contraria.

A controversia tem sido longa e não se póde julgal-a terminada. Entretanto ficou estabelecido definitivamente que não ha correspondencia entre a linguagem e a raça aryana; que os aryanos de hoje pertencem a 6 ou 8 typos ethnicos differentes. A hypothese da origem européa dos primitivos aryas tem obtido varias adhesões de sabios que a combatiam como o professor Sayce. (Isaac Taylor — **The Origin of the aryans** C. I.)

## III

# TEMPOS HEROICOS

« A historia dos deuses é o prefacio da historia do povo. » Na Grecia quando começa o periodo authentico dos factos, conclue-se o cyclo dos heroes cantados pelos **aedas**, os poetas populares. Só, da guerra de Troya, resta a fórma epica conservada na **Iliada** e na **Odyssea**; mas existem ainda tradições heroicas anteriores. Pertencem ao cyclo heroico : a **expedição dos Argonautas**, empreza maritima dirigida por Jason á Colchida em busca do vello de ouro, symbolo talvez da expansão maritima e commercial dos gregos; as **façanhas de Hercules**, e as de **Theseu** que apparece como o primeiro fundador de um **Estado** reunindo varios burgos e tribus; a lenda de **Edipo** e dos **Sete chefes contra Thebas**, que parecem indicar um periodo de luctas interiores no paiz; e emfim a **Guerra de Troya**, primeiro facto politico em que os gregos apparecem reunidos e luctam em commum contra o elemento oriental asiatico.

Pelas obras de Homero é que conhecemos o estado da civilisação grega no seculo IX A. C. Os hellenos ainda são um povo semi-barbaro : a) Ha as cidades, mas as tribus predominam com um rei, cuja acção monarchica é limitada

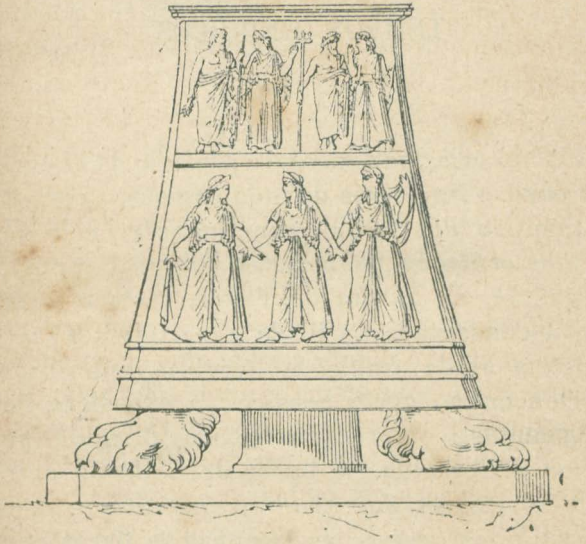


Fig. 67. — Altar domestico.

pelo conselho de chefes e pelos **themistas** (os costumes tradicionaes). b) A sociedade é patriarchal e funda-se na escravidão. A agricultura, instituição terrestre, symbolisada pela oliveira, procura manter a paz contra a pirataria maritima. A hospitalidade é a primeira virtude; ella é essencial ao commercio. c) Na arte da

guerra, usa-se o carro, mas não existe a cavallaria ainda; nos combates, quasi sempre, além da lucta geral, ha uma especie de duello entre os chefes inimigos. Nos tempos homericos já se conhecem os metaes, mas o ferro é ainda recente e parece ser quasi um metal de luxo. A moeda é o gado; os heroes homericos pagam-se com bois. d) Os conhecimentos geographicos limitam-se á bacia oriental do Mediterraneo até o Ponto-Euxino (mar Negro) e a terra é supposta de figura oval cercada pelo rio-oceano.

Pouco depois da **guerra de Troya** dá-se um grande movimento na população grega. Os **dorios** emigram das montanhas do Norte e se estabelecem no Peloponeso; o seu grande nucleo d'ahi em diante é a Laconia. Esse movimento conhecido com o nome de **volta dos heraclides** (reis descendentes de Heraclés) produz a mobilidade de outras populações expulsas, os **acheus** e os **ionios** que se estabelecem na parte central. Parte dos ionios vae povoar as ilhas Cyclades do mar Egeu. E' desde esse momento da migração doria (1100 A. C.) que começa a supremacia dos dous grandes povos : o **dorio** e o **jonio**.

As fabulas principaes da tradição heroica são :

1. **Argonautas.** — Jason emprehende a conquista do **vello de ouro**, com outros aventureiros celebres **Castor e Pollux**, os dous amigos, **Hercules, Télamon**,

o poeta **Orpheu**. Embarcam-se em Iolcos no navio **Argos** e depois de acossados pelas tempestades vêm abordar a Taurida, em Colchida (Criméa). Ahi, os gregos encontram Medéa, a filha do rei Etes, a qual atraiçoando a patria instrue os gregos sobre o templo em que estava o **vello de ouro**, sob a promessa de Jason, que devia esposal-a. Os gregos vencem os barbaros, matam a Etes

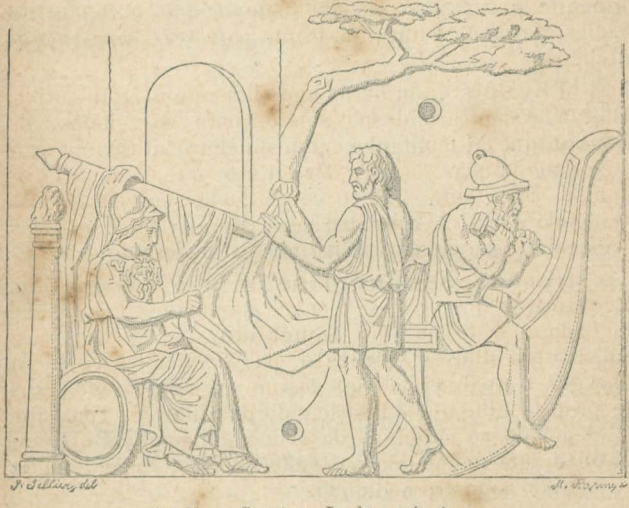


Fig. 68. — Construcção do navio Argos.

e apossam-se do **vello**. Na volta da expedição Jason abandona Medéa para esposar Creusa; Medéa envenena a rival, mata os proprios filhos d'ella e de Jason, e vae esposar Egeu, rei de Athenas.

Os antigos poemas cyclicos que relatavam a lenda dos **Argonautas** perderam-se; sobre ella, o mais antigo documento é a 4.ª pythica de Pindaro.

**2. Hercules.** — Eurystheu commetteu a Hercules, que já lhe causava inveja, doze trabalhos extraordinarios. O oraculo pronuncia que a execução d'esses trabalhos

daria a immortalidade. Foi assim que elle matou corpo a corpo o famoso **leão de Neméa**; matou a **hydra de lerna**, de cem cabeças de serpente que renasciam quando cortadas, etc. Apezar da sua physionomia eminentemente grega, esse heróe nacional assimilou em si as varias tradições estrangeiras do Mediterraneo. A lenda de Omphalia, rainha da Lydia, é asiatica; o deus phenicio Melqarth tem todos os caracteres do Heraclés grego, e mesmo já se chegou a suppor que o nome Heraclés deriva da leitura, da frente para traz, do nome de Melqarth.

3. **Theseu**, é um heróe mais humano e significativo. Elle lucta contra o despotismo barbaro dos chefes, de **Scyron** que da montanha em desfiladeiro atirava os que passavam ao mar; contra **Procusto**, que submettia os homens a um leito onde o corpo devia ser reduzido ou alongado por tormentos incriveis. Rei de Athenas, Theseu reune doze cidades e institue a democracia.

4. **Heróes secundarios**. — São esses o titan **Prometheu** que creou o homem, animando-o com o fogo roubado ao céo; seu filho, **Deucalião**, que salvou a raça humana do diluvio; **Tantalo**, pae de Pelops, e rei da Phrygia, o qual serve n'um festim aos deuses as carnes do proprio filho que é resuscitado por Jupiter; Tantalo é condemnado ao supplicio da sede e da fome; **Bellerophonte**, que montando o cavallo alado, o Pegaso, mata a Chimera, monstro hediondo.

5. **A guerra de Thebas**. — Laio, rei de Thebas, esposou Jocasta, de quem teve um filho, **Edipo**, que, dizia o oraculo, deveria matar o pae, e esposar a propria mãe. A creança abandonada ás feras, foi salva, e crescendo instruiu-se da sua predestinação e para não cumpril-a resolveu deixar o paiz.

Em um logar da jornada disputa com um velho e o mata: era Laio. O throno de Thebas estava occupado por Jocasta, viuva, e a mão d'esta era offerecida a quem livrasse a terra de uma certa **Sphinge**, filha natural de Laio, que associada a bandidos infestava e pilhava o paiz. Edipo venceu a **Sphinge** e assim esposou a rainha que

era a sua propria mãe. Descoberta a verdade, Jocasta mata-se e Edipo arranca-se os olhos. Os filhos de Edipo, successores, **Eteocles e Polynice**, combinam em reinar conjunctamente e alternativamente. **Eteocles** porém, apossou-se do throno definitivamente; a guerra foi inevitavel. As forças de **Polynice** sitiam Thebas: afinal resolvem terminar a contenda por um combate singular em que ambos morreram. Foram ambos os cadaveres levados a uma fogueira, onde, diz a fabula, as proprias chammas penetradas do seu odio não se confundiam. Muito tempo depois, os **Argios**, alliados de **Polynice**, com os seus successores (epigonos) conquistaram Thebas. Sobre essa lenda epica dos thebanos existiram varios poemas que se perderam: a **Thebaida**, cyclica, attribuida por alguns a Homero, o **Alcmeonis**, a **Edipodia**, e outra **Thebaida**, mais recente de Antimachos de Colophonte. O que hoje sabemos provem dos tragicos gregos, sobretudo da sublime trilogia de Sophocles (**Antigone, Edipo rei, Edipo em Colonna**) e da tragedia **Os sete diante de Thebas** de Eschylo.

6. **A guerra de Troya.** — E' o mais retumbante dos successos heroicos, porque o seu cyclo de formação acabou justamente quando começa alguma coordenação historica dos successos na Grecia. **Paris**, filho de **Priamo**, rei de **Ilion** (Troya) rouba Helena, mulher de Menelau, rei de Sparta; os gregos reunem-se para vingar esse rapto. O cerco de Ilion durou dez annos (1193-1184) e afinal os chefes gregos occultaram-se em um cavallo de pau e os mais abandonaram Troya. O cavallo foi levado para dentro dos muros; ahi os gregos saltam do bojo do cavallo, e tomam Ilion. Priamo foi degolado, e a cidade totalmente destruida e entregue ás chammas. Heitor é morto por Achilles, e os chefes gregos teem destinos terriveis: **Achilles**, quando volta á patria é morto por instigação de Clytemnestra, a esposa infiel; **Ulysses**, batido pelas tempestades, erra pelos mares dez annos sem vêr a patria, **Ithaca**, e a fiel esposa Penelope.

Todos esses factos legendarios são susceptiveis de interpretação, mas sem verificação positiva. A **guerra de**

**Troya** é um mytho recente e póde ser considerada um successo militar verdadeiro, lucta dos gregos contra os asiaticos: e o **cavallo de pau** é apenas uma metaphora que exprime — o **navio** — e que na tradição foi tomada ao pé da lettra. Os **dardarios** eram pelasgos e faziam correrias maritimas, e praticavam, como os phenicios, o rapto de mulheres. Eis o fundo veridico da guerra de Troya; os detalhes são puros mythos.

**Hercules** e **Theseu**, symbolos dos primeiros **pioneiros** da civilisação hellenica, como diz Curtius, representam differenciações locaes do mesmo facto. **Hercules** mesmo tem sido interpretado como um mytho solar; o heroe é o proprio sol; os seus doze trabalhos são os signos do zodiaco. O primeiro é a victoria sobre o leão de Neméa (**Leo** no solsticio de inverno), o segundo, a lucta contra a hydra de Lerna, é o signo **Virgo**, que o sol occupa estando em opposição á constellação da Hydra, etc. E' uma allegoria astronomica.

A **expedição** dos argonautas não se sabe bem como identificar com a verdade. A geographia, os logares que a expedição abordou são localisados absurdamente. Parece que o **vello de ouro** exprime apenas riquezas mineraes e que a expedição foi apenas uma correria de pilhagem, se não talvez uma symbolisação do commercio primitivo.

**Prometheu** é o typo do descobridor do fogo. O homem que produz fogo pelo attrito de paus — **Pramantha** — no sanscrito.

A historia de **Edipo** tem sido tambem interpretada como uma d'essas allegorias astronomicas que constituem o fundo da mythologia nos povos aryanos. Edipo, heroe luminoso, soffreu na sua historia a confusão produzida pelo nome (**oida** eu sei) e fica sendo o **homem que sabe** e que póde decifrar o enigma da Sphinge. **Laio** (corrupção de **dacos**, o inimigo) representa o **daysú** (inimigo dos aryanos) e por isso deve ser morto. Edipo fica cégo (isto é, obscuro : mytho do declinar do sol). Estes são os elementos fundamentaes que mais tarde foram adulterados pelo crescimento espontaneo das lendas.

## IV

# O CYCLO TROYANO

(LEITURA)

**As Kypria. A Iliada.** — A lenda troyana deve sua immensa popularidade aos poemas de Homero; comtudo, como o notou Dion Chrysostomo, todos os grandes feitos d'essa lenda passam-se fóra do quadro da **Iliada** e da **Odyssea**. Os antecedentes e a continuação da guerra de Troya eram contados em outros poemas, para sempre perdidos, e cuja reunião se chamava o Cyclo Epico. D'esse fez Proclos um resumo na sua Chrestomathia grammatical, que apenas nos é conhecida por um epitome de Photios e por poucos extractos contidos n'um manuscripto de Homero, existente no Escurial; de modo que não temos mais que a relação dos titulos d'essa collecção de poemas de differentes auctores, repositorio incalculavel das tradições gregas que vinham desde a origem dos deuses, exposta na theogonia de Hesiodo, até á morte de Odysseus

(Ulysses), o ultimo sobrevivente dos heroes da guerra troyana.

A origem d'essa lucta era contada nas **Kypria**, poema em onze livros, attribuido a Stasinos de Chypre. Começava o poema pela historia das nupcias de Thetis e Peleus, quando chega a Discordia e lança um pomo de ouro entre tres Deusas : — á mais bella. Os deuses recusam decidir a questão que é delegada ao pastor Paris, filho do rei Priamo. Heré offerece-lhe o poder real, Athené, a sabedoria e a coragem; Aphrodité ganha o pomo, porque lhe promette o amor de Helena, a mais bella das mulheres. O poema continuava pelo rapto de Helena, o ajuntamento da frota dos acheus em Aulis e o sacrificio de Iphigenia, filha de Agamemnon. Esse sacrificio de tal modo lembra o da filha de Jephté, até no proprio nome **Iphigenia**, que poder-se-ia pensar em approximal-os em uma tradição. Homero não conheceu essa lenda, contradil-a mesmo, quando na **Iliada** faz Agamemnon falar de **Iphianassa**, uma das tres filhas que deixou em seu palacio, o que seria a confissão implicita de que ella não havia sido sacrificada. Na verdade, nas **Kypria**, onde Euripides tomou o assumpto do seu drama, **Iphigenia**, o sacrificio não chega a consumar-se : uma corça é substituida á joven moça que Artemis transporta em Tauris. As Kypria continuavam ainda pela narrativa de outros successos

até á pilhagem da Troade, finda a qual recebem Achilles a Briseis e Agamemnon a Chryseis, como preciosos despojos; mas por causa d'essas gentis prisioneiras, rompe odiosa querella entre os dous chefes. Ahi então começa a **Iliada** de Homero, que termina na morte de Heitor.

**A Ethiopis; a pequena Iliada; a destruição de Ilios.** — As **Kypria**, como vimos, é um como prologo da **Iliada** de Homero; esta se prolonga na **Ethiopis**, poema em cinco livros de Arctinos de Mileto e de tal modo que o ultimo verso de uma se adapta perfeitamente ao primeiro da outra. Esse poema continha o combate da amazona Penthesileia contra Achilles que fica apaixonado por ella depois de matal-a, a morte de Achilles, morto por Paris e Apollo, sepultado pelos acheus e chorado pelas Musas. A **Pequena Iliada**, poema de Leschés de Mytilena continuava a lenda antecedente, narrando a morte de Paris, o casamento de Helena com Deiphobos, a chegada de Neoptolemo, filho de Achilles, a fabricação do **cavallo de pau** por Epéos, a falsa retirada dos acheus para Tenedos, durante a qual os Troyanos introduzem o cavallo na cidade. D'ahi em diante, começa a **Destruição de Ilios**, poema de Arctinos de Mileto, que narra o episodio da morte de Laocoonte, popularisado por Virgilio, e a queda de Troya com os seus incidentes formidaveis, Polyxena

immolada, Priamo massacrado ao pé do altar de Zeus, e Astyanax precipitado do alto dos baluartes.

Outro poema, os **Regressos**, de Hagias ou Augias de Colophon relatava a expiação que os deuses impozeram aos gregos, na sua volta aos lares, o assassinato de Agamemnon pela infiel esposa Clytemnestra, a volta de Menelau, suas peripecias pelo Egypto. A volta ou regresso de Ulysses era por si só o assumpto de outro poema do cyclo troyano, a **Odysséa**, de Homero. Finalmente é na **Telegonia** que se relata a morte de Ulysses e com ella se fecha o grande cyclo epico.

As tradições recolhidas pelos cantores ambulantes, fixadas pelo rythmo, verdadeiras creações anonymas, se transmittiam de lugar a lugar, de geração a geração, e assim se foram accumulando com as interpolações dos **rhapsodes**, com elementos adventicios segundo os logares e os tempos. Sem se contestar a existencia de Homero, muito menos como o apresenta a historia sob o aspecto de um velho jogral, cégo, e quasi sem patria pois sete cidades disputaram-lhe o berço, é facil comprehender que todos esses poemas do cyclo troyano representam mais a acção collectiva da cultura popular do que a expressão original de uma individualidade.

Quer se pense com E. Curtius que os elementos da lenda troyana nada exprimem de histo-

rico, quer se concorde com Grote que ella é o limite entre o mytho e a verdade authentica, parece provavel que muitos dos personagens do cyclo se podem approximar das allegorias astronomicas tão communs na analyse dos mythos gregos. Sem dar excessivo valor, nem caracter de prova, a approximações de tal ordem, não é licito desconhecer no typo de **Helena** uma divinisação da lua; a sua doçura e belleza, o seu rapto por um pastor, a sua mãe Leda, forma da noite, os seus irmãos, os Dioscuros (a estrella da manhã e a da tarde), a sua formosura disputada por Venus, que é o planeta mais brilhante depois da lua, e emfim o seu nome (**Elene, Selene**) : tudo isso se não auctorisa a affirmativa, pode perfeitamente tornar acceitavel a hypothese. — (MÉNARD. *Histoire des Grecs.*)

# V

## POLITICA E LEGISLAÇÃO

**Sparta. Olygarchia.** — A constituição de Sparta formou-se lentamente com o espirito aristocratico militar, que era o fundo da civilisação doria. Quando se fez a conquista do Peloponeso, a população ficou dividida em varias classes : os **sparciatas**, descendentes dos conquistadores, livres e com direitos politicos; os **periecos** (habitantes dos arredores) população conquistada de acheus, livre tambem, com obrigação do serviço militar, mas sem direitos politicos; os **hilotas**, escravos da gleba, posse do Estado que os distribuia aos particulares, que todavia não podiam vendel-os nem libertal-os. A condição dos **hilotas** comtudo não era tão dura quanto faziam crêr os gregos athenienses.

O governo era constituido em Sparta por dous reis, commandantes do exercito; mas o poder real ficava limitado por um senado de 28 velhos de sessenta annos ao menos, que

votavam as leis. Havia mais uma magistratura poderosa constituida por **cinco ephoros**, que pouco a pouco foi ganhando a auctoridade suprema em Sparta : de simples juizes no civil, os **ephoros** tomaram parte no executivo, no legislativo e no judiciario; recebiam o juramento dos reis todos os mezes; podiam suspender todos os funccionarios, mesmo accusar os monarchas.

Quando Lycurgo reformou a sociedade spartana, toda sua organisação subsistia; se o seu nome não encobre uma simples lenda, parece que as suas reformas apenas constam dos costumes da vida privada e da legislação penal. Segundo a lenda que tinha curso na Grecia, Lycurgo, tutor do rei Charilaus, distinguiu-se pela sua sabedoria e desinteresse; fez uma divisão egualitaria das terras, disciplinou a sociedade pela educação militar e fez jurar ao povo que as suas leis seriam cumpridas até que o legislador voltasse de uma viagem para a qual se aprestara. Obtido esse penhor de fidelidade, Lycurgo partiu e deixou-se morrer longe da patria.

As leis penaes eram de rigor excepcional : a **condemnação á morte** que se fazia nas prisões, por estrangulamento ou lançando-se os condemnados ao mar; as grandes multas; a **atmia** ou perda de direitos civicos que era infligida aos desertores.

Mas o que caracterisa os costumes spartanos era o cuidado pela educação physica; as creanças disformes eram atiradas abaixo do Taygêto; os jovens davam-se a jogos e luctas, fortaleciam o corpo pela gymnastica, pelos exercicios militares, e eram inspeccionados sempre; a **obesidade** era punida como um vicio. Os moços formavam grupos (**ila**-os de sete annos em diante) que mereciam todos os cuidados do governo.

A proposito de Sparta foram recolhidas até pouco tempo de fontes inverosimeis muitas inverdades que tiveram longo e duradouro curso. Foi assim que se deram como factos averiguados a **permissão do roubo** entre os spartanos, o **communismo legal da propriedade**, o que nunca houve, a propriedade do solo tendo sempre sido particular. Havia, é verdade, os jantares publicos **syssitias**, mas esses eram apenas um costume militar e n'elles entravam os soldados cada um com a sua quota, sem que o Estado tivesse intervenção de qualquer especie.

Os athenienses desacreditaram Sparta dando curso a essas fabulas e negando aos spartanos toda a instrucção, o que é falso, ainda que os spartanos não tivessem produzido genios comparaveis aos atticos. Tambem é falso que os **hilotas** em certos dias podiam ser mortos impunemente; os **hilotas** tinham condição egual aos dos escravos de Athenas, e de mães hilotas foram Lysandro, Callicratidas e outros.

— A existencia de Lycurgo que deve datar do X ou IX seculo A. C. não está bem authenticada; parece antes legendaria e mythica.

O historiador mais antigo que fala dos costumes de Sparta e de sua constituição, Hellanicus, não menciona o pretendido legislador. O. Muller suppõe que Lycurgo é um mytho solar (luk-fergos, **Lucifer**), a sua vinda de Creta e depois a sua viagem e desapparição no oceano suppõe a trajectoria allegorica do astro. Em todo o caso

a existencia de Lycurgo é difficil de ser authenticada. Plutarcho, na biographia do legislador spartano, confessa que ha excessiva confusão na narrativa dos seus actos e viagens, e que absolutamente não existe accordo quanto á época do seu nascimento. Aristoteles e Herodoto são accordes em que as leis de Lycurgo representam um emprestimo das de Creta. Nos tempos actuaes, Curtius inclina-se a ver na historia de Lycurgo, vestigio de uma antiga theocracia apollinica em Sparta : essa hypothese acha-se reforçada pelos detalhes da lenda, pela approvação que a Pythia do Oraculo de Delphos deu ás leis de Lycurgo em quem via mais um Deus que um homem.

Um detalhe da lenda de Lycurgo que deve ser rejeitado é o da « interdicção da moeda de ouro, para que o homem tivesse horror á riqueza. » Sabe-se que as primeiras moedas de ouro e prata só começaram a ser cunhadas no tempo de Pheidon de Argos, posterior ao celebre spartano.

**Athenas. Democracia.** — A constituição de Athenas foi-se formando lentamente desde os tempos homericos em que a sociedade era monarchica e dividida em tribus isoladas, até os começos do seculo V, em que ella apparece no maior gráo de expansão democratica.

**Theseu** é o heroe que personifica a unidade da Attica. Reuniu doze burgos que tinham vida isolada e aboliu a monarchia. Desde logo escolheram-se os **archontes**, magistrados supremos que deviam governar a republica e a principio foram esses escolhidos na familia real deposta ou na aristocracia. Tambem havia um **senado**, assembléa aristocratica que fazia as leis e votava as contribuições. Assim o governo ficou mono-

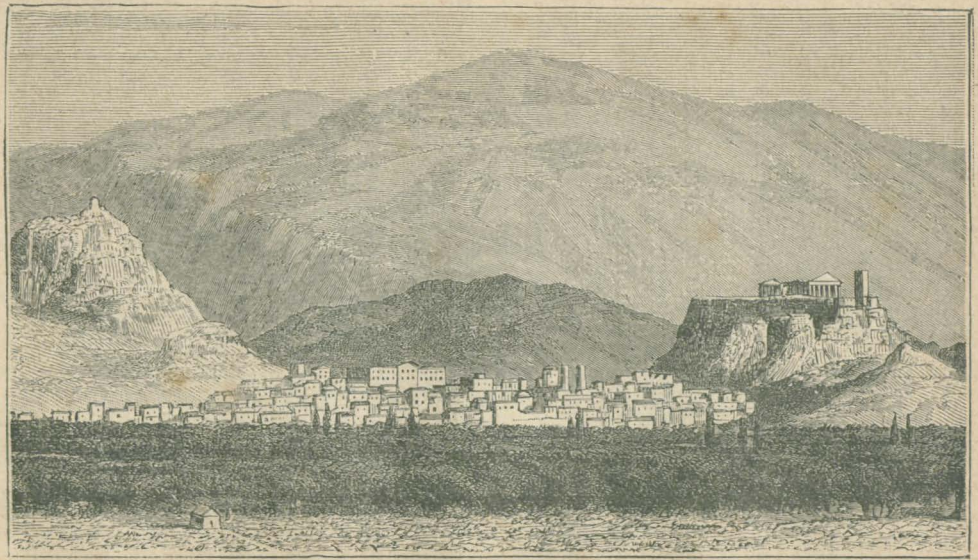


Fig. 69. — Acropole d'Athenas.

polisado por uma classe (**olygarchia**) que se tornou abusiva e a revolução foi inevitavel.

**Dracon**, como reformador, iniciou uma tentativa de egualdade social, mas o seu codigo de leis era tão severo e cruel, que contra elle revoltaram-se todas as classes, e Athenas então caiu em um estado deploravel de anarchia (sec. VI) e é quando entre os **archontes** se acha um homem de genio **Solon**, que dá uma nova constituição ao povo atheniense.

**Solon** aboliu o direito da primogenitura, reconhecendo a liberdade de testar. Os antigos direitos patriarchaes, de origem aryana e conservados no **codigo draconiano**, desappareceram, abolindo-se as dividas dos plebeus que cultivavam as terras dos senhores que tinham a faculdade de escravisar os insolvaveis. Essa revolução social é tão profunda, que mais se deve attribuil-a á transformação e ao progresso das idéas do que a um unico individuo.

A reforma de Solon foi aperfeiçoada mais tarde; as classes estavam divididas segundo a fortuna, o que fazia substituir o governo dos nobres pelo dos ricos (timocracia); foi **Aristides** quem fez assentar que todos os cidadãos, independentemente da fortuna, poderiam chegar ás mais altas magistraturas. **Clisthenes** aboliu as quatro antigas tribus, que forneciam os membros do senado, e determinou que os senadores

Fig. 70. — Parthenon.

fossem eleitos por escrutinio, todo o povo tendo o direito de suffragio.

Foi assim que se constituiu a sociedade mais profundamente democratica dos tempos antigos.

**Solon**, eupatrida, na sua mocidade foi negociante. Plutarco refere que os athenienses tinham perdido Salamina, e Solon compoz uma elegia que recitou na **agora** (praça publica) encorajando o povo á reconquista; effectivamente, Solon feito general readquiriu Salamina, que estava em poder dos megarianos (604). Depois de feitas as suas reformas, Solon fez jural-as aos athenienses e affastou-se da patria, visitou o Egypto, a Lydia (onde Herodoto o fez contemporaneo de Creso; mas Creso reinou muitos annos depois). Quando Solon voltou desgostoso, viu a sua patria entregue á tyrannia de **Pisistrato**. Solon morreu aos 80 annos.

**Pisistrato** não foi comtudo um tyranno oppressor. Na sua tyrannia (560-527) interrompida por dous exilios, teve de luctar contra a coalição dos **paralianos** (habitantes das praias) capitaneados por Megáclés. Do primeiro exilio elle foi chamado pelo proprio Megáclés, que lhe propoz um accôrdo : — o casamento de sua filha com o tyranno. Herodoto refere o estratagema de que lançaram mão : uma bella camponeza **Phya**, de extraordinaria estatura, foi posta em um carro e se dizia Minerva conduzindo Pisistrato ao seio de Athenas. Assim o tyranno recobrou o poder.

Pisistrato colligiu os poemas de Homero, da tradição oral e começou o templo de Jupiter Olympio. Dos seus filhos successores Hippias e Hypparcho, o ultimo foi assassinado por dous patriotas, Harmodios e Aristogiton. Hippias batido pelos spartanos evade-se de Athenas e foge para a Troade. Assim terminam os Pisistratidas, que aliás não aboliram a constituição de Solon.

Constituição de Athenas.

1. **O Povo**. Solon dividiu o em quatro classes politicas

Fig. 71. — Templo da victoria d'Aptère.

(com direito de voto), sob o ponto de vista da fortuna : **pentacosiomedimnas** (os que tinham 500 **medimnas** de trigo de renda), os **cavalleiros** (300 m. de renda) os **zeugitas** (os que possuiam uma canga de bois, ou 150 m. de renda) e os **thetas** (que não pagam imposto e apenas teem o direito do voto). Aristides reformou n'esse ponto a constituição, dando a todas as classes o direito politico.

Nas relações civis, havia os **livres**, os **metekas**, estrangeiros que não podiam possuir o sólo nem esposar cidadã, e os **escravos**. O liberto era considerado da condição dos **metekas** e como esses devia ter um patrão, ou cidadão protector (próstates) intermediario para com o Estado.

2. **O Senado**. Clisthenes quanto ao senado (que no tempo de Solon sahia das primeiras classes das tribus) fel-o sahir do voto popular em escrutinio; o senado fazia as leis, dirigia as finanças. Recebia denuncia do crime de **eisangelia** (alta traição).

A assembléa popular (**ecclesia**) era uma reunião em que o povo tomava parte; todo cidadão podia usar da palavra, e durante sua funcção trazia o symbolo da inviolabilidade : uma corôa. Votava-se erguendo-se as mãos, salvo os casos graves em que era necessario recorrer a cedulas como no **ostracismo, eisangelia**... votação que só decidiam com 6.000 votos.

O **ostracismo** foi introduzido por Clisthenes e era uma sentença de exilio por dez annos, votada contra os suspeitos. Os votantes escreviam o nome do cidadão em uma concha ou ostra (**óstrakon**). Aristides, Simon, Themistocles soffreram essa condemnação, o **ostracismo**, simples medida politica tomada com o intuito de evitar o perigo de um homem poderoso ou de grande prestigio quando se tornava suspeito á democracia, não era propriamente uma condemnação nem aviltava aquelles sobre quem recahia.

3. **Archontes**. Eram magistrados que succederam ao rei na transição da realeza para a democracia. O titulo de rei (**basileus**) foi conservado no archonte que exercia as funcções religiosas. O archontado passou successivamente de funcção vitalicia para temporaria (decennal) e annual. Dos archontes, tres tinham nomes especiaes : o **eponymo**,

que dava o nome ao anno; o **basileus**, que era o rei religioso; e o **polemarca**, que commandava o exercito. Os seis restantes eram os **thesmothetas**, que constituiam um tribunal de justiça.

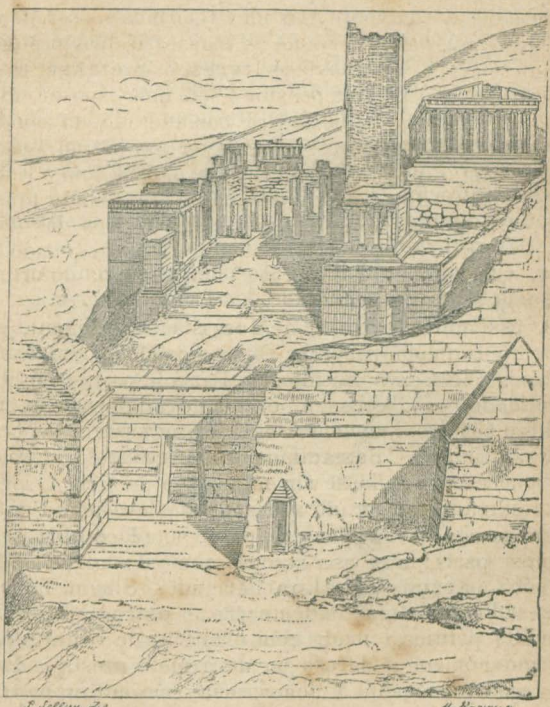


Fig. 72. — Entrada da Acropole.

4. **Poder judiciario.** Areopágo : essa instituição antiquissima de fundação attribuida a Minerva, era um tribunal criminal de grande auctoridade. Havia outros juizes, os **heliastes**, os **ephetas**, etc.

Depois de Solon, em Athenas, o povo começa a ser não

só legislador mas tambem juiz. Os magistrados apenas presidem : o povo julga por uma votação por meio de seixos brancos ou negros.

5. **O direito civil.** Athenas nunca teve jurisconsultos nem nunca reduziu a codigo e a principios geraes a sua legislação.

Ha tres cyclos, o mais extenso, a **casa** (oikos) a **gens** ou parentes, e a **familia**. O escravo não é pessoa. Era permittido o casamento entre irmãos (ex. : Cimon e Epilnice); o direito de primogenitura ficou abolido pela liberdade de testar (Solon). Havia o divorcio, mas sendo a sentença a favor da mulher, o marido restituia-lhe o **dote**.

Nos contractos, ha as **arrhas** que garantem o consentimento voluntario. **A venda**, o **aluguel**, o **emprestimo maritimo** (hypotheca, fixada com o juro de 1 ou 2 0/0 ao mez, em convenção livre) são contractos communs, mas que não teem a solemnidade das fórmulas romanas.

6. **O direito criminal.** A legislação criminal, como observa Reinach, provinha de tres camadas successivas, as velhas leis de homicidio, de Dracon; as leis de Solon, ampliadas por Clisthenes ; e uma nova informação criminal (de 550 proximamente) caracterisada por uma accusação por decreto da assembléa, e o exercicio de diligencias judiciarias por meio de um ministerio publico. O perdão da victima ou a fuga do accusado bastava para que esse escapasse á pena. Nas acções civis, só os interessados tomam parte; mas nas acções criminaes corre o dever publico. Quando a lei era deficiente, o accusador e o accusado marcavam penas entre as quaes o juiz fazia a escolha (**timema** e **antetimema**). Os processos eram irregulares, o que dava logar a muitos vicios á industria dos **sycophantas**, que por ameaças enganavam as partes.

Demais, não havia uma distincção profunda entre o civil e o criminal, como na jurisprudencia romana. Eram tratadas em acções civis as questões de vias de facto, o dólo e a diffamação, que se puniam com multas e indemnisações pecuniarias.

**Pan-Hellenismo.** — As constituições de

Athenas e de Sparta caracterisam os dous typos principaes do genio hellenico, o **dorio** e o **jonio**. Mas os outros estados gregos e as colonias inferiores pela civilisação viviam em estado de subordinação aos dous centros typicos, adoptando as leis e as civilisações da metropole. As modificações locaes eram insignificantes : assim vemos o **ostracismo** de Athenas chamar-se em Syracusa **petalismo** (o

Fig. 73. — Moeda d'Athenas.

voto era escripto alli sobre uma folha de oliveira). Em Creta, colonia doria, manifesta-se o espirito spartano na legislação antiga de Minos.

No emtanto, a inter-independencia dos estados gregos se por um lado favorecia o individualismo e o progresso local, por outro lado em um tempo de prestigio militar como o da antiguidade, esse individualismo produzia a fraqueza do povo. Os gregos não tinham unidade politica. As suas ligas e federações eram

ephemeras. Houve diversas **ligas** de alliança politica, a liga **achaia**, a **beocia** e a **etolia**, mas foram raras e produziram poucos resultados. A unidade do povo era apenas mantida pela unidade da lingua, apezar dos dialectos, e pela

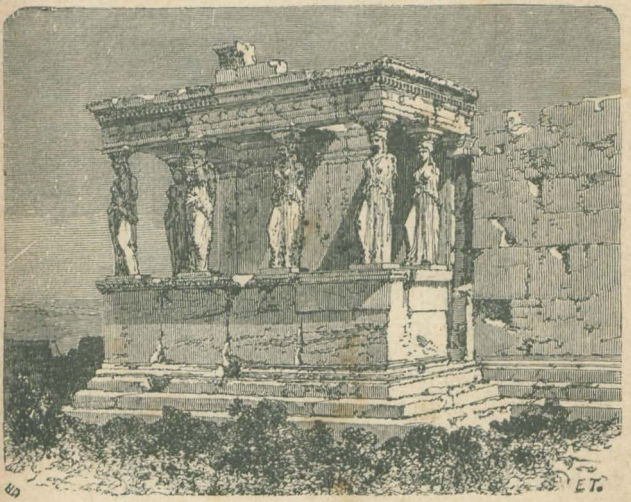


Fig. 74. — Cariatides do Erechtéion.

unidade religiosa, apezar dos cultos locaes. A religião sobretudo era o verdadeiro laço federativo. Certas festas religiosas, a **amphictyonia**, os **jogos**, os **oraculos** eram pan-hellenicos : a elles concorriam todos os povos do mundo grego, mantendo assim uma federação insufficiente, mas que todavia foi capaz de operar

decisiva resistencia contra o inimigo commum — o mundo oriental, o imperio medo-persa. O caracter da amphictyonia era o de uma federação pelo laço geographico; alguns estados eram **amphictyones**, isto é, **vizinhos**, e em consequencia deviam respeitar-se mutuamente, guardando as fronteiras, não interceptando as aguas potaveis, não turbando os rios communs, não atacando ou destruindo as cidades socias. Parece que as primeiras amphictyonias se celebraram nas Thermopylas pois que mesmo mais tarde em Delphos essas assembléas conservavam o nome de **pyléa**; sabe-se alem d'isso que primitivamente nas Thermopylas celebravam suas reuniões de alliança doze tribus, thessalios, locrios, etc.

As festas **pan-hellenicas** (communs aos povos gregos) eram : as **Olympiadas**, luctas (e tambem mais tarde leituras publicas onde ganharam louros Herodoto, Isocrates, etc.), celebradas todos os quatro annos em Elida (Lacedemonia); os **Pythicos**, jogos em honra de Apollo, de 4 em 4 annos, ao pé do Parnaso; os jogos **Nemeus** na Argolida, de 2 em 2 annos; os jogos **Isthmicos** em Corintho, os mais notaveis depois dos **Olympicos**.

A primeira destas festas tem a extraordinaria importancia de ter servido de base á chronologia grega. E' da primeira **olympiada** (752 A. C.) que datam os factos authenticos da historia hellenica.

# VI

# A ARTE MILITAR DOS GREGOS

A arte militar entre os antigos só começa a apparecer digna de nota dos gregos em diante.

Fig. 75. — Soldados Gregos.

No Oriente, os exercitos se constituem de uma pequena fracção de soldados e de innumeraveis tropas recentes, sem ordem ou disciplina e sem

armas, além do arco, a frecha ou a espada. Ahi, o elemento intellectual nas guerras resume-se quasi sempre na sagacidade, no **estratagema**. Enganar o inimigo, eis a unica regra absoluta para vencer. A crueldade dos vencedores é inaudita: os vencidos são frequentemente suppliciados, as cidades são conflagradas pelo incendio.

Na Grecia, nos tempos homericos, segundo o testemunho da **Iliada**, a cavallaria não existe ainda; ha soldados e chefes que combatem em carro como os reis assyrios e egypcios; de ordinario por falta de verdadeira acção commum, as guerras resumem-se em duellos parciaes entre os chefes. Taes os casos dos successores de Edipo, o de Heitor e Achilles, etc. O **estratagema** é a feição ainda predominante. N'essa epoca, as armas offensivas ou defensivas são de bronze (apenas em dous versos de Homero, talvez interpolados posteriormente, fala-se no uso do ferro). O cavalleiro traz capacete, couraça, perneiras e escudo; a lança de duas pontas, a espada de dous gumes e o arco e frechas eram as armas de ataque.

Mais tarde durante a invasão persa de Dario, já na Grecia existe uma organisação militar superior. Em Athenas o serviço militar reclamava todos os homens de 18 a 60 annos. Os moços de 18 a 20 constituiam as tropas **peripoles** ou guarda-fronteiras.

No exercito distinguia-se a infanteria composta de **hoplitas** — soldados de armadura completa com lança longa de 2 metros, um pequeno punhal, escudo e couraça; os **peltastas**, de armadura leve, armas offensivas e como arma defensiva um pequeno escudo de vime; os **psilitas**, tropas ligeiras sem armas defensivas e que combatiam em geral com o arco ou a funda. Os soldados ligeiros em geral formavam fora da linha em columnas dispersas; seus deveres eram o de fazer reconhecimentos, a occupação das alturas, a guerra de emboscada e a perseguição dos vencidos.

A **cavallaria** dos gregos dividia-se em dous generos de tropas: **cavallaria** pesada, armada completamente (**cataphractes**) e a cavallaria ligeira. Durante muito tempo foi entre os gregos, uma arma rudimentar e, salvo no exercito atheniense, pouca importancia ella teve. Na phalange macedonica, o papel da cavallaria era quasi nullo. Sparta nunca poude organisar uma cavallaria regular; mas foi principalmente Epaminondas que deu a essa arma organisação mais activa e brilhante.

— Entre os athenienses, a força principal era a **marinha**. Nos tempos de Homero, ha os navios equipados que vão atacar o inimigo, mas não ha **combate naval**; as tropas desembarcam e a acção se empenha em terra. Os navios mercantes eram redondos; ao passo que os de

guerra eram alongados e moviam-se a remos. Havia as **triremes**, as **quadriremes**, e **quinqueremes**, com 3, 4 ou 5 ordens de remeiros; mas o typo geral é a **trireme**, que leva 170 homens entre remeiros e soldados (**epibates**) de frota. A manobra mais notavel nos combates navaes é o **diekplous**, pela qual se fazia submergir o navio inimigo abalroando-o. Para esse effeito tinham as **trieres** ou **triremes** um esporão na prôa, capaz de aniquilar a nau inimiga, se alcançada pelo flanco. Os navios tinham obras defensivas, **epotides** ou peças de madeira lateraes para amortecer os choques. O capitão ou **trierarcha** é o senhor absoluto do seu navio. Um tocador de flauta regula o rythmo dos remeiros.

A ordem de batalha terrestre era a **phalange**; a maior **phalange** grega é de 16.000 **hoplitas**, mil de frente em 16 filas de profundidade. A phalange era coberta nos flancos pelos **peltastas**, em duas alas profundas de 8 fileiras e pela **cavallaria**. Durante o combate, os **hoplitas** de frente cruzavam as lanças, emquanto as ultimas filas conservavam erguidas as suas armas, sustentando os primeiros e substituindo-os quando se fazia mister. Era essa a tactica da **phalange** de 16.000 guerreiros, da Macedonia. Mas nos tempos do dominio de Sparta e de Athenas, a tactica era differente e nunca conservou completa regularidade. Das **guerras médicas** até á

retirada dos **Dez mil**, o combate decisivo é o dos hoplitas; a cavallaria e a infanteria ligeira occupam as alas, mas só o centro sustenta e decide a acção; da retirada dos **Dez mil** em diante, as armas secundarias ganham maior importancia e melhor organisação e começam a concorrer em egualdade de posição para a victoria. A' approximação do inimigo, formam os hoplitas em phalange compacta, com 8 homens de profundidade, mais ou menos. O chefe entoa o **pean**, o canto guerreiro que as tropas acompanham de alarido e tumulto de vozes; então as trompas soam a hora do ataque. Empenha-se a lucta e começa como diz Archiloco, o **trabalho doloroso dos gladios.**

Das guerras dos gregos, pela referencia dos historiadores, conhecemos alguns factos importantes. Sabe-se que Epaminondas em **Leuctres** modificou a ordem da phalange, tornando-a menos profunda. Pela narração de Herodoto vê-se que Milciades em **Marathona** pôz o exercito em ordem de batalha, deixando o centro rarefeito, porém as alas profundas e sustentadas por grandes massas: por isso, em Marathona, os persas rompem o centro, mas as forças gregas os envolvem e os massacram.

Da guerra de sitio, temos informações completas como as que nos dá Thucydides sobre o cerco de Plateas, por Archidamo, rei de Sparta (428). Os sitiantes constroem palissadas de troncos d'arvore, pedras e terra; atiram para dentro dos muros materias inflammaveis, enxofre, pez e settas chammejantes. A cidade quando vencida capitula pela fome ou é tomada de assalto, destruida e incendiada.

Não obstante a grandeza do genio grego, elles parecem

inferiores em materia de fortificação e de balistica. Depois de Alexandre, a arte de assediar faz verdadeiros progressos e torna inevitavel a creação de novos meios de defesa das cidades.

No oriente, as cidades fortificam-se com uma muralha e ás vezes muitas em linhas concentricas, como **Ebactana**, que tinha oito recintos. Só com as guerras médicas depois do incendio de Athenas, é que Themistocles fortifica a cidade com linhas parallelas de muros de Athenas ao Pireu, com um circuito de muros então restaurados e com a **Acropole**, de data mais antiga. As muralhas em Athenas como nas outras cidades fortificadas teem o embasamento de pedra e o muro de tijolos bastante espesso; na superficie está o caminho de ronda defendido exteriormente por um parapeito crenulado.

Brialmont cita o facto de que Syracusa, uma das mais guerreiras das colonias gregas, já tinha adoptado o principio hoje preconisado modernamente da **defesa interior**, isto é, fortificações internas estabelecidas em varios pontos da cidade e envolvidas por um circuito geral murado.

# VII

# GUERRAS PERSICAS

Pelo tempo de Dario, o imperio persa tinha já a posse da Asia Menor, da Macedonia, da Thracia e da Scythia : a ambição de conquista não tardou que se accendesse no espirito dos reis persas para juntar entre os subjugados mais o povo grego. Alem d'isso, havia uma opposição de caracter mais intimo; o oriente e o occidente distinguiam-se tanto como o despotismo e a liberdade; era a opposição entre o espirito monarchico oriental e os costumes democraticos do mundo hellenico. O choque era difficil de evitar — e a lucta dos persas contra os gregos rebentou logo que se offereceu o primeiro pretexto.

As colonias gregas da Asia Menor, sob o dominio persa, eram governadas por tyrannos oppressores devotados á côrte de Susa. Um delles **Aristagoras** de Mileto, temendo as iras do satrapa Artaphernes, por isso que o havia aconselhado a uma expedição ruinosa a Naxos, revolta-se e com elle as cidades gregas da Asia. Foi sacudido o jugo persa; a sublevação estendeu-se pelas ilhas. Aristagoras foi até á Grecia pedir auxilio aos lacedemonios, mas o rei Cleomene deixou de ouvil-o; em Athenas pôde elle organisar uma frota de vinte navios que abicaram á Lydia, e ahi os gregos pilharam e incendiaram **Sardes** (500 A. C.).

Foi esse o signal da lucta. Os rebeldes jonios, sós, tiveram de soffrer o duro castigo da tyrannia persa. A frota grega foi destruida. **Aristagoras**, covardemente, evadiu-

se para a Thracia, onde foi morto. **Histieu**, tio d'este, e tyranno de Mileto, foi crucificado. Os jonios de Mileto foram levados em escravidão e massacrados. Desde então Dario jurou vingar-se dos Gregos.

São tres as guerras médicas ou persicas.

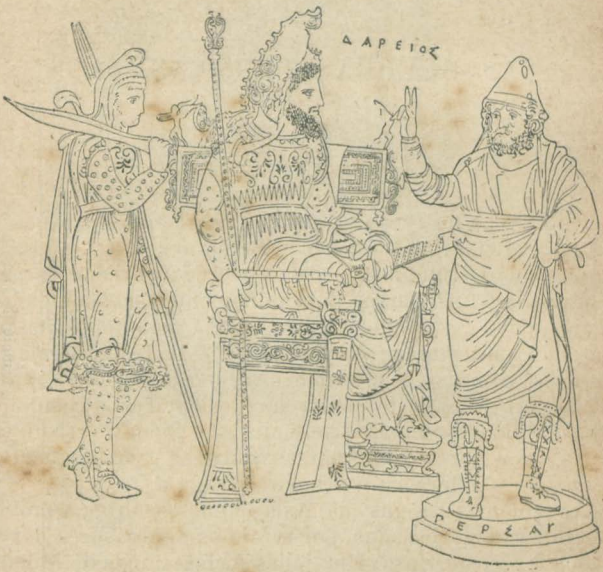



Fig. 76. — Dario decide atacar os gregos.

**Primeira guerra médica.** — Em 494, grande frota persa, commandada por Mardonio, dirige-se á Grecia; mas assaltada por uma terrivel tempestade, perto do monte Athos, volta em destroços para a Asia. Dous annos mais tarde, cem mil persas desembarcam em Eubéa, incendiam **Eretria** e guiados por

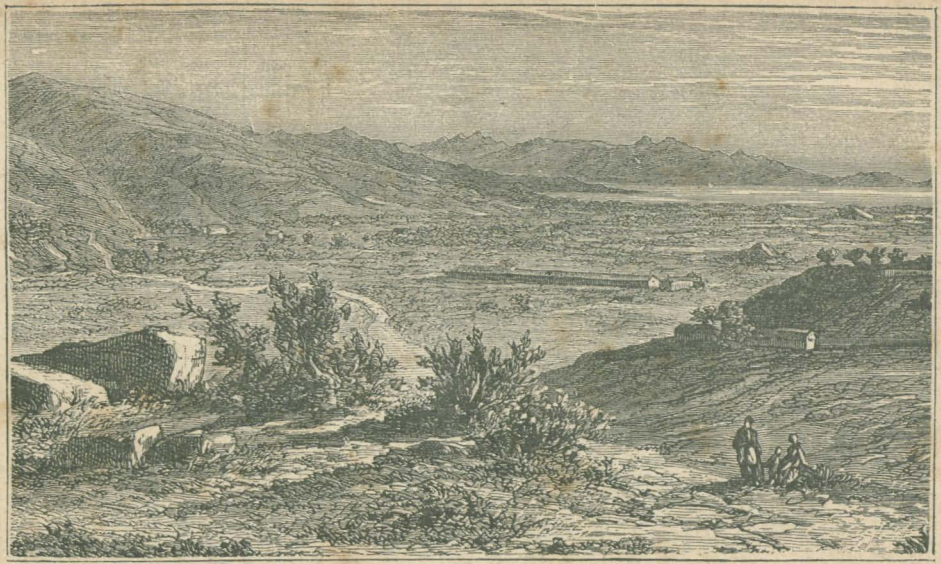


Fig. 77. — Planicie de Marathona.

Hippias, tyranno banido de Athenas, passam ao continente, á Attica, sob as ordens de Datys e d'Artaphernes.

O terror é grande entre os gregos, nunca atacados por tão numerosos inimigos. A Grecia, sem unidade politica, difficilmente poderia reagir. Sparta não manda tropas, porque diz Herodoto, só pela lua cheia os spartanos podem partir para a guerra. O tempo urge; os athenienses estão indecisos; dos dez **strateges** ou generaes, alguns não querem combater; **Milciades** é um dos que querem o combate e vai solicitar o voto de Callimaco, o **polemarca**, o unico voto que faltava para que vencesse a idéa de Milciades. Callimaco determina-se emfim e Milciades põe os athenienses em ordem de batalha.

Fere-se o combate em **Marathona** : a victoria é dos gregos que rechassam o inimigo até o mar, massacram os fugitivos, e do campo terrestre chegam a aprisionar sete navios persas que havia proximos da praia. Um soldado que vai levar a noticia a Athenas, depois de uma carreira ininterrompida, ao chegar á cidade cáe morto de cançaço, proclamando o triumpho dos compatriotas.

Os historiadores gregos são exaggerados. E' presumivel que os gregos só atacassem os persas quando estes se embarcavam na frota e isso explica porque a cavallaria persa não combateu. No emtanto, Marathona é a primeira

Fig. 78. — Soldado de Marathona. (Museu d'Athenas.)

victoria exclusiva dos athenienses e prenuncia a sua futura hegemonia.

Mas a ingratidão era o defeito do povo atheniense, vario e inconstante. Milciades mal tinha colhido as honras de **Marathona**, em uma expedição contra a ilha de Paros, que elle queria tomar aos persas, foi mal succedido; accusaram-n'o de ter enganado a patria, e foi multado em 50 talentos. Mas Milciades tinha a côxa ferida e uma gangrena subitamente lhe roubou a vida. Seu filho **Cimon** paga a multa.

Na primeira guerra, não apparece o soberano persa. O povo grego era pequeno e os persas julgavam a conquista da Grecia uma empreza secundaria. A experiencia cedo demonstrou o contrario; **Dario** prepara-se para invadir pessoalmente a Grecia, porém a morte o surprehende. Essa missão é legada ao seu filho e successor **Xerxes**.

Em Athenas já desde o tempo de **Milciades** apparece um homem de genio, de origem obscura e ambicioso. E' Themistocles. Elle dizia, refere Plutarco, que os **trophéos de Milciades não o deixavam dormir**. Foi ao seu talento de orador, ás suas qualidades exteriores e brilhantes e mesmo aos seus defeitos que elle deveu uma grande popularidade entre os athenienses. Themistocles tinha um grande rival em Aristides, caracter doce, instruido e modesto, que passava pelo

mais justo dos homens. Aristides sempre viveu na maior pobreza e era do partido aristocratico.

Themistocles accusou-o de crimes de absorpção do poder publico; Aristides foi votado ao **ostracismo**. Conta-se que durante a votação popular, um cidadão que não sabia escrever pediu ao proprio Aristides, a quem não conhecia, que escrevesse o seu voto. — Mas Aristides offendeu-te? Não, replicou o votante. Mas estou cançado de ouvir chamal-o o justo. — Aristides annuindo escreveu o seu proprio nome em uma das conchas que deviam condemnal-o.

Aristides mais tarde é chamado do exilio na occasião do maior perigo.

**Segunda guerra médica.** — Xerxes, rei dos medo-persas, levou cinco annos a organisar um exercito monstruoso de milhões de homens, tirados dos varios paizes subjugados e partiu contra a Grecia. Embalde Themistocles concitava o povo grego a reunir-se contra o inimigo commum; a sua politica previdente conseguira a organisação de uma frota em Athenas; mas o individualismo dos estados gregos, infensos á alliança, produziu os seus fructos; um congresso reunido em Corintho, e varias embaixadas ás cidades gregas mais poderosas nada alcançaram pela solidariedade nacional essencial á defesa. Demais o panico se havia apoderado do povo; as cidades ou enviavam a sua submissão ao rei persa ou esperavam resignadas o captiveiro e a morte. = **Fugí**, dizia um oraculo, **para as extremidades do universo; nada escapará ao cataclysmo**. Mas Themistocles con-

Fig. 79. — As Thermopilas.

fiava audaciosamente no futuro e Athenas e Sparta, ellas sós, abandonadas de suas irmãs gregas tomaram nos hombros o peso formidavel da defesa nacional.

Entretanto, já marchavam contra a Grecia os milhões de soldados de Xerxes. Ao mesmo tempo uma frota innumeravel acompanhava por mar o itinerario das tropas terrestres. O exercito de Xerxes atravessou em uma ponte o Hellesponto e penetrou na Thessalia. Para ir da Thessalia á Grecia, era indispensavel atravessar um desfiladeiro um pouco estreito entre o mar e as montanhas, as **Thermopylas**. Essa posição era defendida por um exercito grego de 7.000 homens, commandados por **Leonidas**, rei de Sparta.

A passagem era estreita, e o combate foi terrivel. Tres levas successivas de **medas**, de **cisseus** e dos proprios **persas**, os dez mil « immortaes » a flôr do exercito de Xerxes, tiveram de bater em retirada. As lanças dos gregos eram longas, e o passo das **Thermopylas** apenas dava passagem a poucos inimigos. Uma traição trouxe a victoria dos persas, talvez em qualquer caso, certa e inevitavel; um grego infame, **Ephialto**, ensinou aos persas um caminho pela montanha, e o inimigo pôde assediar os gregos de todos os lados; quando percebe esse movimento, Leonidas para não sacrificar o exercito despede os 7.000 gregos, que se retiram e fica

no seu posto com os seus **trezentos** spartanos.

A lucta empenha-se na maior confusão. Grande numero de soldados rolam ao mar e afogam-se; Leonidas é morto e tambem dous irmãos de Xerxes. Afinal, são massacrados os spartanos na mais cruenta derrota (480).

O caracter de Leonidas e o seu heroismo foi pintado admiravelmente por Plutarcho, que refere varias anedoctas da vida d'esse illustre rei. A' alguem que disse serem — as flechas dos persas tão numerosas que como nuvens encobriam o sol — Leonidas respondeu — Melhor! combateremos á sombra. Nas Thermopylas Xerxes escreveu-lhe : — Entrega as tuas armas. — Leonidas deu a resposta : — Vem buscal-as.

Diz Herodoto que no tumulo dos spartanos nas Thermopylas, os gregos fizeram gravar este epitaphio : — Estrangeiro! vai dizer á patria que aqui morremos cumprindo as suas leis.

Senhores da passagem das Thermopylas, facil foi aos persas penetrar no coração da Grecia. Xerxes submetteu a Beocia, a Phocida e incendiou Athenas massacrando os guerreiros na cidadella ou Acropole. Mas os cidadãos se tinham refugiado a bordo dos navios gregos. Foi Themistocles o heroe d'esse periodo do infortunio grego.

Um oraculo tinha dito que a salvação dos gregos estava nas **muralhas de madeira**, allegoria que foi interpretada como sendo a **frota**. Themistocles assim o pensava e dispôz a frota grega na ilha de **Salamina**, logar que lhe parecia

Fig. 80. — Bahia de Salamina.

o mais proprio para a batalha. Themistocles teve de luctar contra as hesitações dos alliados hellenicos que viam bem evidente a monstruosa superioridade da armada persa, e temendo que a occasião fugisse, por estratagema communicou a Xerxes que se não accommettesse os gregos, esses já estariam preparados para a fuga e dispersão. Era essa, aliás, a verdade. Depois de tamanhos infortunios e tanta desolação em terra a frota era presa de grande desanimo e os chefes da armada já effectivamente combinavam n'um meio de debandada. Themistocles fez chegar a Xerxes a verdade e precipitou os acontecimentos, achando mais honrosa e preferivel a derrota á fuga. A frota persa atacou immediatamente os gregos, que ganharam a mais celebre das victorias (480). Os navios gregos envolvem a frota persa, que foi derrotada; Xerxes, que assistia de terra, em frente á ilha, ao combate, fugiu espavorido e envergonhado, e abandonou a Grecia precipitadamente, ganhando o Hellesponto, afim de não ser-lhe cortada a retirada para a Asia.

Tambem grande parte do exercito dizimado pela fome e pela peste restou na Grecia : trezentos mil soldados, sob o commando de **Mardonio**, que offereceu a paz, sendo esta rejeitada pelos gregos, foram batidos em **Platéas**, vendo-se depois de horrorosa carnificina na contingencia de fugir; pelo mesmo tempo, no mesmo

Fig. 81. — Campo de Batalha de Platéas.

dia, a frota persa é derrotada em **Mycale**, na costa da Asia (479). Os generaes vencedores em **Platéas** são o spartano Pausanias e o atheniense Aristides. Em **Mycale** commandava a armada Leotychides, spartano.

Assim reconquistou a Grecia a sua liberdade, expulsando os invasores da sua terra e dos seus mares.

Parece incrivel que os gregos podessem vencer os persas, quando o exercito de Xerxes compunha-se de um ou dous milhões de homens, segundo o testemunho geral do tempo. Mas a verdade se explica facilmente quando se comprehende o que seria essa multidão que se chamava o exercito persa : era uma turba sem cohesão e sem heroismo, composta de homens de todas as nacionalidades que combatiam sob a pressão dos açoites : arabes semi-nús nos camelos, ethiopios vestidos de pelles, e apenas uns **dez mil persas**, a flôr do exercito, cavalleiros regularmente armados; a maior parte não tinha outras armas offensivas senão o arco e a frecha, e por armas defensivas escudos frageis ou incommodos. Acima de tudo, não havia unidade de acção, nem plano director; era um exercito quasi sem general : bom para devastar, inutil para resistir.

Os persas não tinham a austera educação dos gregos. Os officiaes superiores viviam na luxuria mais lamentavel: as tendas eram de seda e ouro e esse luxo era incompativel com os sacrificios voluntarios da dedicação militar.

O caracter de Xerxes, tal como é desenhado pelos gregos, o que póde ser um exaggero, é de um imbecil e de um insensato. E' elle que manda açoitar o Hellesponto, porque as ondas destroem uma ponte; é elle que manda abrir um canal perfurando o monte Athos, onde a primeira frota persa foi assaltada por uma tempestade.

Na batalha de **Platéas**, em que perece Mardonio, os gregos são commandados pelo spartano **Pausanias**, que

tem como subordinado **Aristides**, general atheniense. Sómente 40.000 persas escapam e no campo de batalha o saque é abundante em preciosidades e objectos de uso. Em **Mycale**, o chefe é tambem o spartano **Leotychides**, mas as honras da victoria naval cabem a **Xanthippo**, pai de Pericles.

**Athenas.** — A cidade, depois de incendiada, começa a ser reconstruida com as riquezas do saque e da victoria. Para evitar novo desastre no futuro, e apezar da má vontade de Sparta, Themistocles fortifica Athenas com grandes muralhas e o porto (**Pireu**).

Themistocles, que era ambicioso, em um momento, foi visto com supremas riquezas : foi condemnado ao **ostracismo**. Pausanias trahiu a patria; á frente de um exercito grego, na Thracia, solicitou a mão de uma filha de Xerxes e prometteu-lhe o dominio da Lacedemonia; suspeitado d'esse crime, na sua volta á patria Pausanias refugia-se em um templo, cujas portas os ephoros mandaram fechar e alli o heroe de Platéa succumbiu á fome.

Themistocles deixando a Grecia e tambem accusado de conjurador com Pausanias, foi depois de varias aventuras desembarcar em Epheso. Ahi, o celebre genio grego escreveu a Artaxerxes, successor de Xerxes, essa memoravel carta em que pedia a hospitalidade ao seu generoso e forte inimigo : « Eu sou Themistocles e me dirijo a ti. Fui eu de todos os gregos quem maiores males causou á tua familia, mas eu defendia a minha patria... Expulso da Grecia, eu hoje me refugio junto de ti e te peço a tua amizade. » Artaxerxes deu-lhe o governo de cinco cidades. Não se sabe bem a morte de Themistocles; uma versão diz que elle se envenenára para, esquivando-se a um pedido do rei seu protector, não tomar as armas contra a sua querida Grecia.

**Terceira guerra médica.** — Nesse terceiro periodo, são os gregos que tomam a parte aggressiva, pois tencionam expulsar definitivamente o inimigo.

**Cimon**, filho de Milciades, do partido aristocratico, commanda a armada grega e mantém a liberdade do mar até á Asia, onde nas costas de Pamphylia, nas embocaduras do **Eurymedonte**, ganha uma grande victoria sobre os persas; d'esta vez, a armada persa desapparece dos mares gregos (466), duzentas galeras ficando em poder de Cimon.

Cimon ainda expulsou os persas da ilha de Chypre.

**Cimon** embellezou Athenas, construiu a **Academia** com seus jardins e o **Portico** que se tornaram celebres na historia da philosophia, distinguiu-se pela sua liberal hospitalidade tanto como pelo seu heroismo. Foi exilado e revocado antes de concluido o degredo. Morreu em Chypre, em 449.

A expedição que os athenienses fizeram ao Egypto, no intuito de auxiliar o lybio **Inarus** que se revoltou contra os persas, foi mal succedida; os hellenos foram expulsos de Memphis; Inarus foi crucificado e os athenienses perderam 50 triremes, que foram destruidas por mercenarios phenicios.

Pouco a pouco, Sparta foi perdendo o predominio militar, que se passou aos athenienses. Nos ultimos periodos das guerras médicas, a acção é sobretudo maritima, e os spartanos apenas sabiam combater em terra, como povo dorio, montanhez que era. Demais, a traição do sparciata Pausanias contribuiu para que os athenienses ganhassem o primeiro plano.

E é assim que Athenas, depois das guerras

médicas, exerce a supremacia, **hegemonia**, da Grecia.

**O tratado de Citium** ou **tratado de Cimon** celebrado aliás por Cellias, pelo qual os persas renunciam á posse das colonias gregas e deixam livre o mar Egeu, é um facto problematico e pouco provavel, ainda que seja referido por alguns historiadores gregos. Parece que nunca foi celebrado similhante convenio. A noticia d'esse tratado se acha em Plutarcho e em Diodoro, auctoridades secundarias quanto á historia d'esse periodo. Thucydides absolutamente não se refere a esse convenio. Grote, admitte-o, mas não celebrado por Cimon, o heroe da politica pan-hellenica que jámais consentiria na renuncia ao Egypto e á Jonia e aos lugares em que floresciam já varias colonias gregas.

# VIII

## GUERRAS DO PELOPONESO

A guerra medo-persica nos seus ultimos periodos foi uma série de acções maritimas; os spartanos eram bravos em terra e por isso pouco a pouco a supremacia no combate foi passando a Athenas, e ao valor attico que se revelava sobretudo no mar. Athenas, pois, ao concluir-se a guerra, achava-se á frente das cidades gregas; demais ella produziu desde Themistocles um grande numero de espiritos superiores que souberam eleval-a e engrandecel-a. Pericles foi um desses, e mereceu que seu nome fosse ligado ao seu seculo; administrador habil, elle distinguiu-se por suas tendencias democraticas; estabeleceu colonias; manteve a paz; foi tão honrado que diz Plutarco « não augmentou uma só drachma aos bens que herdara de seus paes »; aproveitando o thesouro da confederação de Delos ao qual confluiam os tributos dos alliados, applicou-o ao embellezamento de Athenas, construindo o **Parthenon** (templo de Minerva) no cimo da Acropole; no seu tempo, as artes e lettras teem representantes como Phidias, Sophocles, Euripides, Herodoto.

Mas como a independencia das cidades gregas ficava ameaçada pelo poder extraordinario de Athenas, a guerra tornou-se inevitavel e foi Sparta aquella que se apresentou em opposição a Athenas. Começa então a **guerra do Peloponeso** (431-404).

« A guerra rebentou em 431. A principio não

passou de uma série de pilhagens. Os spartanos devastavam a Attica, e os athenienses ao Peloponeso.

Archidamo é rei e chefe militar de Sparta. Contra esse, **Pericles** dirigia sabiamente a guerra : aconselhava aos athenienses que não acceitassem combate, se conservassem dentro de muros, soffrendo a devastação inimiga pacientemente, de tempos a tempos buscando a desforra sobre os navios que assolavam e pirateavam as costas do Peloponeso. Elle sabia que no mar os athenienses levavam vantagem certa. Mas desde o começo da guerra, uma peste horrorosa assolou e dizimou Athenas. « Seria impossivel pintar esse flagello, diz Thucydides; os cadaveres juncavam o sólo, e o terror matava os sobreviventes. » Pericles foi uma das victimas : perda irreparavel (429) e funesta, porque ninguem podia substituil-o. A guerra, entretanto recrudesceu sanguinaria e violenta; os athenienses massacraram o povo de **Mitylene** na ilha de Lesbos, e os spartanos, em revendicta, massacraram os habitantes de **Platéas** (427).

Fig. 82. — Moeda de Corintho.

Os athenienses que necessitavam de um porto

de desembarque no territorio inimigo, reconstruiram **Pylos** com os Messenianos; os sparciatas temendo mais essa alliança e essa posição no Peloponeso, occuparam em frente de Pylos a pequena ilha **Sphacteria**, com 450 **hoplitas** escolhidos; os athenienses sob Cleonte então bloquearam a ilha; a resistencia dos sitiados vae enfraquecendo; os viveres escasseiam e embalde Sparta propõe aos **hilotas** o premio da liberdade se se aventurassem levar a nado as provisões de bocca aos seus **hoplitas**; a ilha foi incendiada e os spartanos entregaram as armas e renderam-se.

Mais tarde o spartano habil, **Brasidas**, mudou o theatro da guerra para as costas da Macedonia, entre ricas colonias de Athenas; tomou **Amphipolis**, que Thucydides, general, não pôde soccorrer, sendo por isso exilado. **Cleonte** e **Brasidas** em 422 morreram ahi em uma batalha perto de **Amphipolis** : esses dous generaes distinguiram-se pelo intenso odio com que faziam a guerra.

**Nicias**, porém, achou que as hostilidades deviam terminar e offereceu a paz que Athenas desejava. A **paz de Nicias** (421) foi aliás uma simples tregoa, não decidiu questão alguma, pois todas as conquistas eram restituidas de parte a parte ».

Thucydides, no exilio, começou a escrever a sua immortal obra sobre a **guerra do Peloponeso**.

No começo da guerra as forças dos dois partidos eram as seguintes : Os lacedemonios tinham de seus alliados os **navios** fornecidos por Corintho, Ambracia e Scyon; a **cavallaria** fornecida pela Beocia, Locrida e Phocida; e a **infanteria** dos outros povos; ao todo um exercito de terra de 60.000 homens. Athenas tinha porém a superioridade na armada e nas finanças : ella recebia o tributo annual de 600 talentos e que elevou a 1.200. Tinha, de frota, 300 triremes, equipadas por 60.000 marinheiros; as forças de terra eram menores que as de Sparta, mas se elevavam a 29.000 **hoplitas**, 1.200 **cavalleiros** e **archeiros** a cavallo e 1.600 **archeiros** a pé.

D'ahi deriva a sabia tactica de Pericles. Inferiores em terra, os athenienses abrigaram-se dentro dos longos muros que vão do Pireu a Athenas e abandonaram os campos e as recoltas que foram taladas pelo inimigo; em desforra, a frota devastava o Peloponeso, certa da sua superioridade.

E' quando a peste trazida por um navio do Egypto assola Athenas, que estava inundada de toda a população da Attica.

Com a morte de Pericles acabam os grandes cidadãos de Athenas : é quando surgem os **demagogos**, homens sem passado, improvisados em chefes populares como **Cleonte**, contrario á nobreza, o qual aliás soube ganhar uma victoria, ainda que facil. Foi esse demagogo quem induziu ao massacre dos habitantes de Mytilene; o decreto foi cassado e uma trireme enviada logo após já encontrara a ordem de mortandade executada sobre mil pessoas.

**Expedição na Sicilia** (421-413). — As disposições pacificas que eram o caracteristico de Nicias, não puderam influir por muito tempo. Em Athenas surgiu um homem dotado de grande belleza, eloquente, corajoso e nobre, **Alcibiades**; infelizmente a Alcibiades não faltavam grandes defeitos moraes, a corrupção, a

vaidade e o amor do prazer. Filho da educação immoral do seu tempo em que predominavam as delapidações dos cofres publicos, a violencia anarchica dos demagogos, o exemplo perversivo dos demagogos, o odio e as paixões da guerra civil, Alcibiades encarnava em si o typo da corrupção dos costumes athenienses. Foi elle quem aconselhou aos athenienses de fazer a expedição á Sicilia contra Syracusa, antiga colonia doria que exercia a supremacia na ilha, e um certo poder violento contra as cidades ionias d'ali, Leontium, Naxos, Catanea.

Nicias de temperamento pacifico e timido oppôz-se a essa expedição, mas a eloquencia de Alcibiades destruiu todos os obstaculos; equipou-se uma frota de 100 galeras que partiu para sitiar Syracusa, sob o commando de Nicias, Alcibiades e Lamacho. A's 100 galeras ajuntaram-se em Côrcyra mais 34 dos alliados de Athenas.

Mas Alcibiades é accusado de sacrilegio. Nas ruas de Athenas, da noite para o dia, apparecem, mutilados, os bustos de Hermés, protector da democracia; esse crime de sacrilegio contra o symbolo da constituição toma o vulto de um attentado contra a autonomia da nação e um prenuncio de usurpação pela tyrannia. Alcibiades sob o peso da condemnação á morte refugia-se em Sparta, onde aconselha os inimigos contra a sua patria : assim é por sua inspiração

que os spartanos tomam e fortificam **Decelia**, a tres milhas de Athenas, posição donde devastam e dominam os athenienses, obrigando-os a ficarem em prisão na cidade.

A expedição da Sicilia não teve bom resultado. **Nicias**, homem justo, virtuoso e valente, tinha no emtanto a tactica lenta e contemporisadora. Todo o inverno elle demorou em Naxos, emquanto os syracusanos se preparavam, fortificavam a cidade e pediam auxilio a Sparta; os syracusanos tiveram tempo de construir uma grande muralha, de modo que a cidade não poderia ser tomada de assalto. Podia o inimigo, no emtanto, bloqueal-a por mar e terra, cortando as provisões. Afinal sem que **Nicias** entrasse a agir, chegam 3.000 homens de tropa spartana, sob o commando de **Gylippo**, que derrota os athenienses perto das muralhas de circumvallação que esses tinham feito. **Gylippo** ataca por mar egualmente; derrotado na primeira batalha, na segunda elle é completamente victorioso: os navios athenienses que tentavam uma sortida foram envolvidos pela frota spartana e lançados á costa; os sol-

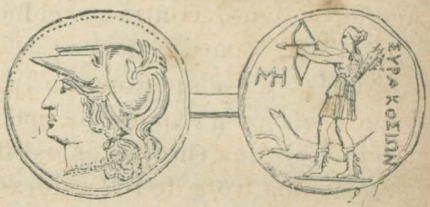


Fig. 83. — Moeda de Syracusa.

dados abandonam os navios e tentam fugir por terra, mas sitiados por **Gylippo** são forçados a render-se; os syracusanos fizeram 1.000 prisioneiros; mais de dez mil foram escravisados pelos particulares, e o resto fugiu ou pereceu. Os athenienses escravisados foram marcados a ferro em brasa, e aquelles que tinham deposto as armas sob promessa da vida salva foram expostos ao sol, a ceo aberto, com meia ração de um escravo, entregues á irrisão insultante do povo que se apinhava em tumulto para vel-os. Ahi os feridos morriam sem cuidados e apodreciam. **Nicias** e **Demosthenes**, os dous generaes athenienses, foram condemnados á morte pelo povo syracusano, apezar dos esforços de **Gylippo** para salval-os. Parece que ambos se suicidaram para evitar o martyrio vergonhoso imposto pelos inimigos.

Fig. 84. — Moeda do tyranno Gelon.

O exercito dos athenienses era magnifico; nunca se vira igual, diz Thucydides; os navios ornados de ricos emblemas; os soldados bem vestidos e com boas armas e sem a tactica morosa de Nicias, seria certa a victoria.

Em Syracusa, que estava fortificada, Nicias seguiu um bom plano de combate: não podendo assaltar a cidade, bloqueou-a por mar com a esquadra, e começou um muro de circumvallação que devia bloquear Syracusa por terra.

Mas antes de acabado esse muro, Nicias, não se sabe como, deixou Gylippo entrar na cidade com os seus tres mil homens e Gylippo pôde constituir uma linha dupla transversal de muros que devia cortar a linha do muro circumvallar, quando esse fosse acabado, e por ahi destruia todo o plano do bloqueio terrestre de **Nicias**. D'ahi por diante é que Nicias de sitiante passa a ser sitiado atraz de suas muralhas inuteis. Quando vieram os auxilios athenienses com Demosthenes este quiz atacar os muros de Gylippo e chegou a tomar o forte da extremidade no cimo do Epipole, á noite; mas as suas tropas foram logo batidas, e um numero consideravel, montanha abaixo, fugiu ou pereceu desastrosamente.

Afinal a posição de **Nicias** era não conquistar, mas apenas ganhar uma batalha que lhe garantisse a retirada, que aliás elle temia, porque o juizo dos athenienses era severo e o esperava. Sem nunca se decidir, só quando vê augmentarem-se os recursos dos syracusanos que recebem reforços, é que decide partir. Mas, **Nicias** é supersticioso e um **eclipse da lua** (27 de Agosto de 413) fez transferir a partida. Os syracusanos se aproveitam d'essa tactica abominavel e dão combate a **Nicias**.

— Esse **eclipse da lua** forneceu á chronologia dos tempos antigos um ponto determinado e seguro. Newton pelo calculo astronomico determinou positivamente que elle devia-se dar a 1 hora da madrugada de 27 de Agosto de 413, momento em que a lua era cheia em Syracusa; o eclipse foi total.

Os athenienses já tinham chegado ao limite de todos os desastres. « Jamais, diz Thucydides, houve um feito de armas tão glorioso para os vencedores; mas jamais houve outro tão funesto para os vencidos. » Vencidos, por mar e por terra, elles revolucionam a democracia, instituem a aristocracia de 400 homens, e revocam do exilio Alcibiades, homem perigoso, mas que

parecia o unico recurso para a resistencia. Não querendo reentrar em Athenas sem o prestigio da victoria, Alcibiades, á frente da frota atheniense que estava em Samos, velejou para **Cysico**, onde ganhou uma victoria, e outra em Abydos, e tomou Byzancio e varias cidades. Os spartanos assim o communicaram aos **ephoros** : « o general Mindaros é morto, os soldados teem fome; e nós não sabemos o que fazer ». A victoria de Alcibiades foi completa e elle, assim, reentrou em Athenas acclamado generalissimo delirantemente. Mas Athenas depois de tantas desgraças atravessava uma crise violenta em que nenhum governo, mesmo com o prestigio da victoria, poderia guardar-se estavel e seguro.

Pouco tempo depois, Alcibiades foi deposto por causa do insuccesso de um seu segundo general, que perdeu a batalha naval de **Epheso**. O poder militar de Alcibiades foi repartido por **dez generaes** que ganharam a batalha naval de **Arginusas**, ilhas proximas de Lesbos : o general spartano Callicratidas ahi morreu; mas a victoria não foi productiva, porque uma tempestade tinha dispersado as frotas. Por isso e porque os athenienses não recolheram os mortos, os **generaes** foram condemnados a beber o veneno, apezar dos esforços de Socrates em favor dos patriotas innocentes.

Mas o fim da guerra do Peloponeso está

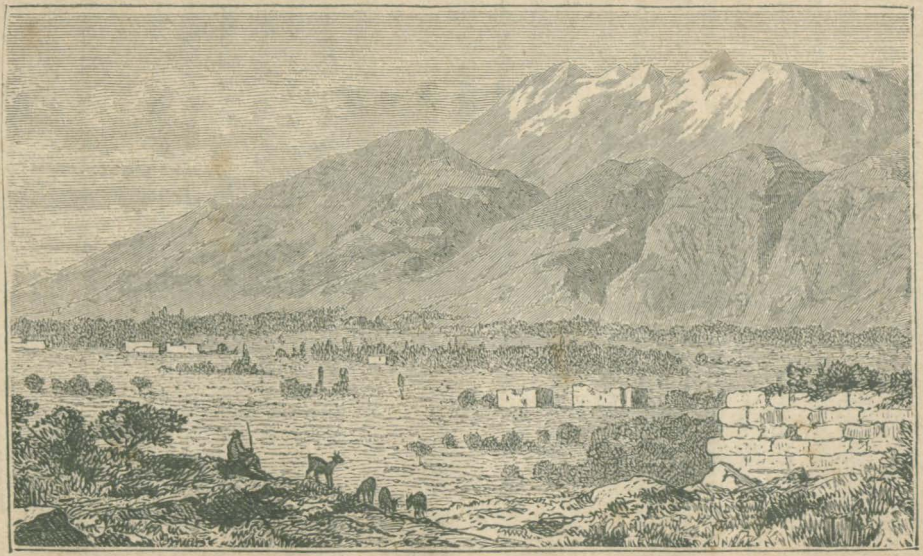


Fig. 85. — Ruinas de Sparta

proximo. Os athenienses, varios, inconstantes e ingratos, já não teem a cohesão sufficiente para resistir. Em Sparta, ao contrario, o espirito politico é mais habil e sensato. **Lysandro**, sagaz e activo, chama a si a alliança de **Cyro o moço**, governador persa da Asia Menor e melhora assim a frota lacedemonia.

A frota atheniense estava dividida e indisciplinada. D'uma vez em Egos Potamos parte da tripulação estava em terra, entregue ao jogo e aos prazeres. **Lysandro** dá combate; a sua victoria é terrivel; os athenienses aos milhares foram massacrados, os navios foram destruidos, á excepção de uns poucos que **Conon** salvou levando para Chypre e do rapido **Paralos** que fugiu e trouxe a primeira noticia da derrota a Athenas.

E' esta victoria de **Egos-Potamos** (405) que resolve o antigo antagonismo do povo ionio e dorio. Athenas é sitiada e entrega-se a Lysandro sob as mais duras condições : destruição dos muros e fortificações, reduzir a sua frota a doze navios apenas, uma pesada contribuição de guerra e uma liga offensiva e defensiva com Sparta.

Na presença de Lysandro ao som de flautas são incendiadas as trincheiras e os muros são demolidos; Lysandro faz eleger, depois, os **trinta tyrannos**, aos quaes fica confiado o governo.

Alcibiades é testemunha da derrota dos seus patricios; já estava deposto, mas apezar da sua irresponsabilidade nos ultimos desastres, elle é perseguido e procura refugio na Asia Menor, onde governava o satrapa Pharnabaso. Os spartanos açularam as iras dos persas contra Alcibiades e soldados persas deitam fogo á casa d'elle : quando Alcibiades procura salvar a vida, atravez das chammas, é traspassado de flechas.

**Lysandro** é representado pelos seus biographos como o typo do politico sagaz e brutal « uma raposa na pelle de um leão ». São d'elle, conforme referem, essas sentenças. « Faz-se divertir as crianças com brinquedos e os homens com promessas. Deve-se servir da verdade ou da mentira conforme as circumstancias. » Sejam ou não authenticas essas palavras, os seus actos falam mais eloquentemente. A' equipagem da sua frota elle persuadiu lançando mão do dinheiro, augmentando de **um obolo** o ordenado do marinheiro lacedemonio, que até então ganhava como o atheniense 3 obolos. E esse accrescimo elle obteve com a dadivosa protecção de **Cyro o moço**, que se approximara dos spartanos na esperança de disputar com exito o throno futuro de seu irmão **Artaxerxes**.

— Em **Egos-Potamos**, Lysandro recusa o combate quatro vezes; os athenienses estavam em parte desprevenidos quando Lysandro investiu e ganhou a victoria.

— A causa mais profunda que explica a derrota de Athenas se acha na sua falta de unidade de acção politica, e conseguintemente militar. Os governos são continuamente destituidos; os grandes homens condemnados ou á morte ou ao exilio; Athenas atravessa uma crise revolucionadora e profunda : e em um só anno 411 e 410, ha um movimento olygarchico que restringe as assembléas (Peisandros, Theramenes, etc.) e logo depois o restabelecimento da democracia. Esses movimentos se succediam rapidos, o que fazia com que a guerra não seguisse um plano determinado, nem fosse aproveitada a energia e a superioridade intellectual dos generaes athenienses. Os inimigos aproveitaram-se sagazmente d'essa anarchia. Entretanto no meio d'esse tumulto ha patriotas verdadeiros e sinceros; ha Socrates que investe contra a condem-

nação irregular dos **dez generaes** que tinham alcançado a ultima victoria dos athenienses; ha Conon que deixa a patria para não soffrer a dominação spartana. Quando Athenas foi sitiada, a população inerme levanta-se indignada; a um senador que falara de paz, o povo ameaça de morte; mas a resistencia é impossivel e Athenas soffre a humilhação imposta pelos vencedores. Tambem tem ella maus filhos que muito contribuem para perdel-a, e o proprio historiador d'essa epoca é um atheniense, mercenario de Sparta, que não hesita nem treme escrevendo que a destruição de Athenas « **é o começo da liberdade da Grecia.** »

Os **trinta tyrannos** não puderam manter o governo; a anarchia era incuravel; pediram uma guarnição lacedemonia e começaram accusações contra os suspeitos ricos e nobres ou populares. Dividiram-se em dous partidos: Theramenes em opposição aos seus collegas foi condemnado por Critias a beber o veneno. Ao beber a cicuta, disse Theramenes agitando a taça quasi esgotada: « Esta parte pertence ao bello Critias ». Os **trinta tyrannos** praticaram taes violencias, que a reacção foi inevitavel. Um patriota Thrasybulo, reunido a outros em Thebas, parte, sitia o Pireu, toma Munychia, liberta Athenas dos tyrannos que evacuam, com a guarnição spartana, a cidade. Thrasybulo assim restabelece a constituição democratica de Solon (403).

# IX

# THEBAS, PELOPIDAS E EPAMINONDAS

« **Os dez mil.** — Depois da morte d'Artaxerxes, Longamano, e de dois reis seus successores, que apenas appareceram em scena, vem sentar-se no throno persa Dario II (Nothus), cujo reinado nada teve de notavel a não ser algumas guerras emprehendidas e terminadas com exito contra provincias em revolta, e em particular contra o Egypto, que nunca pôde tolerar a dominação persa. Artaxerxes II **Mnemon**, (de bôa memoria) seu filho, succedeu-lhe mais ou menos pelos fins da guerra do Peloponeso (405). Este principe tinha um irmão **Cyro**, o **moço**, que governava a Asia Menor. Pouco contente com isso (e fundando uma contestação ao direito do irmão no facto de ter nascido este quando a sua mãe Parysatis ainda não era rainha) Cyro aspirava a corôa. Com esse intuito levantou um exercito composto de 30.000 gregos mercenarios (commandados por **Clearco**, general spartano expatriado) e de cem mil barbaros, á frente dos quaes partiu de Sardes e avançou para **Susa**, (capital persa) resolvido a arrancar do irmão o sceptro e a vida. Por seu lado Artaxerxes organisou 900 mil homens e marchou contra o rebelde. Os dous exercitos encontraram-se em **Cunaxa**, perto de Babylonia, e empenhou-se o combate. Na confusão da lucta, o proprio Cyro percebendo o rei atira-se contra elle; alcança a Artaxerxes e vibra-lhe dous golpes de cimitarra. O rei, como um leão ferido, volta-se furioso contra Cyro e com a lança o traspassa, deixando-o aos seus pés, sem vida.

« No emtanto, os gregos do exercito de Cyro tinham combatido valorosamente contra os persas que não puderam prolongar a resistencia e fugiram sem que fosse mais possivel alcançal-os. Os gregos venciam, mas Cyro tinha morrido. Assim o exercito grego começou a operar a sua retirada para a Grecia. O general persa Tissaphernes perseguiu-os e por traição conseguiu aprisionar e matar os generaes gregos.

« Os hellenos estavam consternados; a seiscentas leguas da patria, sem generaes, em paiz desconhecido e inimigo, atormentados por um exercito innumeravel que lhes impedia todos os viveres e recursos. **Xenophonte**, um joven atheniense, discipulo de Socrates, tornou-se o senhor da situação, induziu seus compatriotas á retirada, sendo elle mesmo escolhido chefe da expedição, com mais outros quatro. E começaram resolvidos a abrir com a espada o seu caminho, Xenophonte fel-os marchar sobre duas columnas, indo entre estas as bagagens. Sem barcos, tiveram de remontar por terra o curso do Tigre e Euphrates. As montanhas da Armenia que deviam transpor estavam cobertas de barbaros que defendiam as posições, de modo que os gregos não só tinham a defender-se contra Tissaphernes que os ia perseguindo até ahi, como contra os armenios que lhes disputavam a passagem : foi assim, pois, á força de coragem, astucia, prudencia e de todas as virtudes que elles chegaram a vencer esses obstaculos. A natureza tambem lhes oppunha os desfiladeiros, os rios, os desertos e sobretudo a intemperie das estações, chuvas, neves e a fome, esse inimigo mais formidavel que todos. Emfim, depois de quinze mezes de marcha, elles chegam ao estreito do Hellesponto.

« Essa commovente historia foi escripta pelo proprio Xenophonte em uma das suas obras (**Anabasis**). A expedição dos 10 mil revelou á Grecia a decadencia do imperio persa e a imprestabilidade dos seus grandes exercitos sem unidade e fracos. D'ahi é que nascem as tentativas conquistadoras de Agesilau e mais tarde de Alexandre. Falando das riquezas persas dizia Xenophonte « Todos esses bens esperam um vencedor. »

**Agesilau**, rei spartano, não tinha o typo dos seus

compatriotas guerreiros : era pequeno, côxo e de apparencia mesquinha, foi no emtanto o primeiro heroe previsto por Xenophonte que devia atacar o imperio Persa em decadencia. A' frente de 8.000 soldados a quem elle communicou a sua tactica de agir depressa, elle desembarcou na Asia Menor, quando os satrapas não o esperavam, bateu Tissaphernes nas margens do **Pactolo**, onde se apoderou de enormes riquezas. De victoria em victoria sempre faceis libertando as colonias d'Asia, Agesilau eleva o exercito a 20.000 homens e já em caminho de **Susa** é chamado pelos ephoros a Sparta que se achava ameaçada por uma liga de Argos, Corintho, Thebas, Thessalia e Athenas, liga subornada pelo ouro dos persas, e pelo desejo d'essas regiões de se verem livres da tyrannica hegemonia dos spartanos. Agesilau encontrou o exercito de Argos e Thebas em **Coronea** (394); a batalha foi terrivel ainda que indecisa, os thebanos retiraram-se com honra com a sua ala invencivel; Agesilau saiu ferido combatendo ao lado de Xenophonte. Antes, a frota spartana tinha sido batida pela frota alliada perso-atheniense, commandada por **Conon**, em **Cnido**. Conon recomeçou os muros de Athenas ao Pireu; os spartanos conheceram o perigo da nova e provavel supremacia de Athenas e enviaram a Artaxerxes um embaixador **Antalcidas**, que fez o tratado de seu nome (387) pelo qual as cidades gregas da Asia foram annexadas no imperio persa e os persas podiam livremente frequentar o mar Egeu. Assim a Persia em dissolução lucrou da desunião dos gregos.

Agesilau dizia : « **Os persas laconisam** » phrase ironica contra o vergonhoso tratado de **Antalcidas**.

**Thebas: conjuração.**— « Sparta, depois de abater Athenas sua rival, tinha chegado ao auge da prosperidade. Agesilau, seu rei, tinha levado as armas spartanas á Asia e feito tremer o throno de Artaxerxes. Chamado a Sparta por motivo da liga formada contra a Lacedemonia,

elle venceu os alliados em **Coronea**. A paz de Antalcidas concluida com Artaxerxes, tinha collocado Sparta, mais do que nunca, na posição de dictar as leis a todos os gregos. E' assim que ella se apodera por traição da cidadella de Thebas.

« Mas esse feito injusto foi o termo da prosperidade lacedemonia; foi de Thebas que partiram então os golpes que abateram o poder spartano. Thebas tinha em seu seio dous patriotas illustres, Pelopidas e Epaminondas. O primeiro ainda moço, herdeiro unico de uma casa opulenta, empregava a fortuna em soccorrer aos pobres, dando assim um nobre emprego a suas riquezas. Epaminondas era pobre, modesto e grave : a sua virtude principal era a sinceridade e (dizem os seus biographos) elle não mentia nunca nem mesmo brincando.

Taes são os dous homens que vão libertar a sua pobre patria.

« Pelopidas que, á tomada de Thebas pelos lacedemonios, se tinha retirado para a Attica com muitos dos seus compatriotas, propoz-lhes a estes uma conspiração para libertar a cidade de Thebas; acceitaram e abraçaram com alegria esse projecto. Pelopidas e seus amigos partem secretamente, penetram á noite em Thebas e dirigem-se aos magistrados que tinham sido alli postos pelos spartanos : estavam n'um festim entregues a todos os prazeres. Um momento

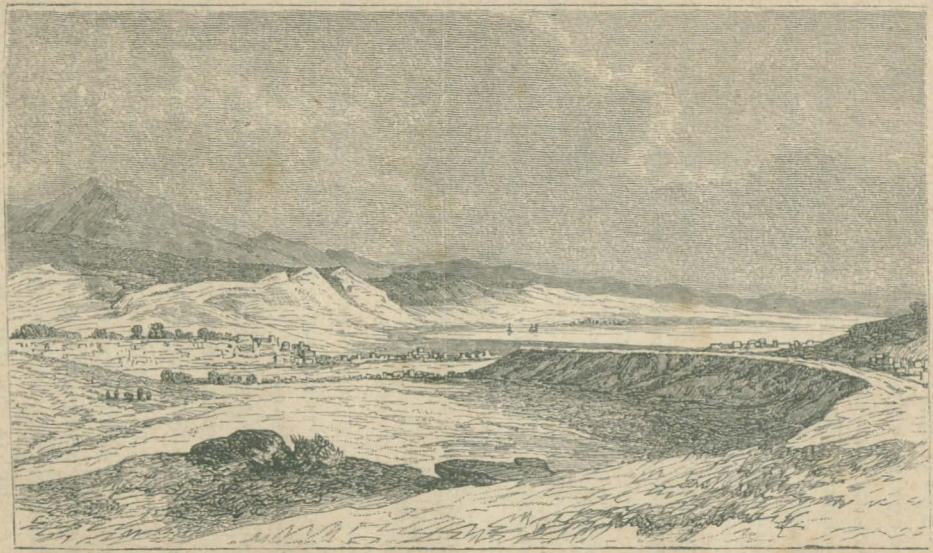


Fig. 86. — *Stadio* dos jogos isthmicos.

antes de explodir a conjuração, um correio lhes vinha trazer cartas que continham todas as minudencias sobre o facto da conspiração e o correio dissera que as cartas tratavam de negocios graves « **Para amanhã**, responderam elles, **os negocios graves** »; e continuaram em festa, a beber, sem abrir as cartas.

N'esse tempo, os conjurados chegam e encontrando os magistrados ébrios degolam-n'os a todos sem que elles tenham tempo de cuidar na defesa. No dia seguinte, Pelopidas seguido dos seus heroicos thebanos vai investir a cidadella; a guarnição lacedemonia defende-se com ardor e valentia, na esperança de soccorro proximo; mas a fome vem, os viveres faltam de todo e a guarnição teve de capitular. Quando ella evacuou a praça, os soccorros esperados chegaram; mas era já muito tarde e Thebas estava livre (378).

Fig. 87. — Moeda da Arcadia.

Depois de varias campanhas que deram tempo aos Thebanos de se aguerrirem, os lacedemonios querendo tentar contra elles um ultimo esforço, enviaram **Cleombrote**, um dos seus reis, á frente de vinte e quatro mil homens, para devastar a Beocia.

Epaminondas, então general dos thebanos, foi ao encontro dos inimigos com 6.000 homens apenas e os achou em Leuctres : a acção foi demorada e difficil; emquanto Cleombrote agia, a victoria pareceu duvidosa; mas Cleombrote cáe morto, os dous partidos fazem novos esforços, um para apresar, outro para salvar o cadaver do rei. Emfim os lacedemonios conseguiram guardar o cadaver do seu rei, mas a sua phalange foi rompida e foram obrigados a fugir com perdas consideraveis. Tal foi a victoria de Leuctres; para aproveital-a melhor, Pelopidas de concerto com Epaminondas penetrou na Laconia, que foi pilhada e devastada até o Eurotas, pequeno rio de Sparta. Agesilau, o rei, forçado a não retirar-se da cidade que elle guardava, foi o espectador d'esse desastre e teve o dissabor de vêr desmentida aos seus olhos aquella sentença de que — Nunca uma mulher spartana viu o fumo do lar de um acampamento inimigo.

« Seria natural que os dous generaes e heróes thebanos, na sua volta, fossem recebidos com applausos e mesmo, como era costume, cumulados de honras.

Pois não foi assim. Ambos foram accusados de ter retido nas mãos o commando das tropas além do termo fixado. Pelopidas não se defendeu com a grandeza da alma que lhe era ordinaria; e foi a custo que os juizes o absolveram.

Epaminondas, ao contrario, appareceu seguro e firme; em lugar de justificar-se, fez o seu elogio; contou as suas façanhas historiando-as em termos eloquentissimos, e terminou o seu discurso declarando que morreria e deixaria o mundo se lhe déssem a elle só a gloria de ter combatido e vencido Sparta, mesmo sem o consentimento dos seus juizes. Todos os votos foram a seu favor e elle sahiu desse julgamento como costumava sahir dos seus combates, victorioso e coberto de gloria.

« A guerra que se tinha enfraquecido pela intervenção do rei da Persia, reaccendeu-se dentro de poucos annos. Os thebanos tomaram por general Epaminondas; esse entrou no paiz inimigo e preparou-se para o cerco de **Mantinea**. Tendo sido advertido que Agesilau vinha em soccorro da praça, Epaminondas tomou a resolução de atacar Sparta e poz-se em marcha por um caminho differente do que seguira Agesilau; e teria ao certo tomado a cidade que diz Xenophonte, seria tomada como um « ninho de passaro » e estava sem tropas e não tinha muros; mas Agesilau foi prevenido por um transfuga e voltou apressadamente ainda a tempo de salvar a capital lacedemonia. Epaminondas então voltou-se resoluto contra Mantinea; os lacedemonios o seguiram até lá e o combate foi encarniçado de ambas as partes e os thebanos já tinham conseguido que os inimigos

recuassem. No momento em que a victoria se declarou em seu favor, Epaminondas recebeu uma ferida mortal. Levaram-n'o sobre um escudo e os cirurgiões extrahiram da chaga o ferro de uma lança. Epaminondas então informando-se dos successos e sabendo que a victoria fôra dos thebanos, exclamou: — Graças aos Deuses, deixo Thebas triumphante, Sparta humilhada, e a Grecia livre de toda a escravidão. E aos que lamentavam não ter elle deixado posteridade, disse: Deixo duas filhas immortaes, **Leuctres e Mantinea**. » E expirou.

Fig. 88. — Moeda de Philippe.

« Com Pelopidas e Epaminondas nasceu o poder de Thebas; e com elles pereceu. Thebas, n'um momento, surge á historia e logo desapparece na primitiva obscuridade ».

Os conjurados a cuja frente estava Pelopidas eram doze e entraram em Thebas por portas differentes, e desarmados. Na casa de um cumplice Charon tomaram armas; outro cumplice tinha convidado Archias e outros chefes do governo a um festim. No meio da festa, quando os convivas já estavam ebrios, surgem os conjurados com roupas de mulher sobre as couraças e as faces cobertas por largas corôas de alamo. São recebidos com applausos. N'essa agitação os conjurados puxam das espadas e matam os tyrannos.

Pelopidas tinha organisado o **batalhão sagrado** de Thebas com 300 soldados escolhidos e a arte militar dos

thebanos foi aprendida dos seus oppressores, os spartanos. Na batalha de Leuctres, Epaminondas adoptou uma nova ordem : collocou á esquerda as tropas de elite e o **batalhão sagrado** de Pelopidas; recuou a ala direita, e adoptando uma disposição obliqua fez convergir todas as forças contra uma só ala do inimigo. A victoria demonstrou a excellencia do plano.

Em Mantinea a tactica é no fundo a mesma : a concentração de grandes massas sobre um ponto da linha inimiga; tão compacta era a disposição das tropas que ellas, no dizer de Xenophonte, marchavam « como um navio, com a proa para diante ». Entretanto, a batalha de Mantinea ficou indecisa; o proprio Epaminondas o sentia quando moribundo aconselhava aos officiaes que o rodeavam : Façam a paz.

# X

## PHILIPPE E ALEXANDRE

**Os macedonios** eram um povo, pelo sangue, congenere dos gregos; vegetou essa nação muito tempo na obscuridade até que conseguiu surgir com extranho esplendor na historia, cerca do seculo IV (A. C.) no tempo do grande Philippe, filho de Amyntas I.

Philippe tinha sido educado á moda grega, conhecia a politica dos hellenos e havia residido na sua mocidade em Thebas onde estivera em refens. O plano da sua politica ao subir ao throno não era conquistar a Grecia, mas levantar a Macedonia á altura de estado preponderante da Grecia, como já o haviam sido successivamente Athenas, Sparta e Thebas.

Assim é que elle começou a intervir nas questões gregas e com tal successo que dentro em pouco se fez reconhecer como membro do conselho amphyctyonico, a grande assembléa politico-religiosa, e esse facto era implicita-

mente o reconhecimento da Macedonia como estado hellenico. Pouco a pouco a sua ambição levou-o a meditar um grande plano de conquista.

O povo grego parecia não perceber os intuitos de Philippe. Mas em Athenas surgiu o formidavel orador e patriota Demosthenes, que com sua eloquencia extraordinaria revelou o perigo publico e começou a sua campanha contra o rei macedonio. A' influencia de Demosthenes Philippe oppoz a eloquencia mercenaria dos oradores venaes; de resto, já se tinha dissolvido o ardor patriotico da antiga Athenas.

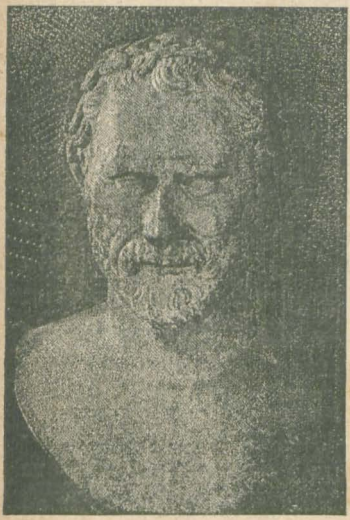


Fig. 89. — Demosthenes.

Durante vinte annos de intrigas, de pequenas luctas e de intervenções politicas no mundo grego, Philippe na batalha de **Cheronéa** (338) contra athenienses e thebanos, decisivamente submetteu a Grecia, que desde então passa a ser uma provincia apenas do dominio macedonico.

Este successo se explica pela condição dos gregos, divididos e enfraquecidos e explorados pela sagacidade politica de Philippe; e tambem para elle concorreu principalmente a excellente organisação militar dos macedonios, a celebre **phalange** de 16.000 soldados que Philippe creou, e que foi sempre invencivel em toda a historia e que só muito mais tarde se abate diante das legiões romanas.

Philippe cuidou em manter a submissão da Grecia, e incitou-a a acompanhal-o na grande expedição nacional contra os Persas, antigos inimigos que os hellenos deveriam submetter em desforra das invasões de Xerxes e Dario.

Esse plano foi bem acceito; os hellenos nunca recusaram a guerra contra os barbaros. Mas no meio dos seus preparativos (336) Philippe foi assassinado por um dos seus subditos, na edade de 46 annos.

Philippe creou, á sua roda, uma aristocracia de **hetaires**, « os companheiros », escolhidos dentre os mais illustres; cercou-se de uma guarda de **doryphoros** (lanceiros) e instituiu a admiravel phalange, imitada do **batalhão sagrado** dos thebanos.

Em Athenas, um homem de genio, Demosthenes, o grande orador, é o unico que se levanta contra Philippe. A vida de Demosthenes qual nol-a conta Plutarco, é um exemplo de perseverança e de força de vontade. Gago, de voz fraca, Demosthenes corrige os seus defeitos pelo estudo e pelo esforço. Nas Philippicas elle desassombrado fala contra o poderoso rei « vêde a que ponto chegou a insolencia desse homem; nem nos deixa escolher o re-

pouso nem a acção... O que é preciso é um exercito, e não mercenarios; estes sabem triumphar dos alliados e dos amigos, mas o inimigo ahi fica a crescer e engrandecer-se em paz athenienses, vós fabricaes vossos generaes como os esculptores modelam a argila, para a praça publica e não para a guerra ».

As dissensões intimas dos gregos favoreciam os planos

Fig. 90. — Alexandre.

de Philippe. As **guerras sagradas** levantadas impoliticamente por terem os **Phoceos** e os **Locrios** successivamente cultivado o campo consagrado a Apollo, deram ensejo á intervenção de Philippe. Elle destroe Olintho, e mais tarde apodera-se de Elatea e das melhores posições estrategicas da Hellade. Os athenienses unem-se aos thebanos, mas são derrotados completamente em **Cheronéa**. A essa victoria, Philippe, mais astuto que gene-

roso, fez seguir um periodo de concessões para os athenienses: entregou-lhes mortos e prisioneiros. Mas já havia succumbido a liberdade grega. Philippe foi acclamado **generalissimo** por uma assembléa de deputados gregos reunidos em Corintho, onde o rei expoz o seu projecto de combater o imperio persa.

**Alexandre**, filho de Philippe, apenas contando vinte e dous annos, subiu ao throno e retomou o antigo projecto paterno de conquistar o oriente. Ao desdem dos gregos que viam n'elle apenas **uma creança**, e conspiravam pela independencia, elle respondeu tomando e arrazando Thebas. Athenas supplicou-lhe a paz e Alexandre foi tambem proclamado **generalissimo**.

Desde logo marchou contra a Asia, passou o Hellesponto com o seu exercito de 35.000 homens e foi encontrar os cem mil persas que se oppunham á sua passagem, nas margens do **Granico**. Ahi travou-se a primeira batalha, da qual escapou de morrer Alexandre, salvo por Clitus, que combatia ao lado do rei e cortou com um golpe de sabre a mão de Rosace nobre persa que ia descarregar um golpe. A victoria foi dos gregos.

Victorioso, Alexandre tomou conta do paiz, percorreu toda a Asia Menor tomando Sardes, Epheso, Mileto, Halicarnasso; em Tarso, Alexandre vendo as aguas limpidas e frescas do Cydnus, teve vontade de banhar-se: mas o heroe vinha coberto de suor e as aguas eram

excessivamente frias; d'essa imprudencia resultou-lhe uma febre perigosa. O seu medico Philippe salvou-o d'esta vez.

Dario Codomano tinha reunido um exercito de 600 mil persas, e em vez de esperar Alexandre nas planicies da Assyria, foi dar-lhe combate em **Issus**, onde o rei macedonio tinha a vantagem da posição entre o mar e as montanhas, não podendo os seus 40.000 soldados ser envolvidos pelos numerosos persas. O combate começou : Alexandre principia atacando a ala esquerda onde estava Dario, bate-o, volta-se sobre o centro e sobre a direita, derrotando completamente o inimigo. Entre os prisioneiros, Alexandre teve a mãe, a mulher e filhos de Dario, aos quaes garantiu no seu acampamento um asylo sagrado, cheio de respeito e de todas as homenagens.

A victoria de **Issus** abriu a Alexandre as portas da Syria; todas as cidades se lhe entregaram, excepto todavia **Tyro**, a cidade phenicia, emporio do commercio maritimo e terrestre, que só se rendeu depois de um sitio paciente e longo de sete mezes : tal foi o desespero de Alexandre, que os habitantes da cidade foram, quando submettidos, passados ao fio da espada ou vendidos como escravos.

D'ahi, Alexandre depois de ir a Jerusalém onde o pontifice **Jaddus** lhe presta a submissão dos judeus, seguiu para o Egypto. Os egypcios

Fig. 91. — Batalha d'Arbellas.

que abominavam o dominio persa receberam-n'o como a um salvador. Cégo do seu orgulho, Alexandre atravessa o deserto até o templo de Ammon, e d'ora em diante em suas ordens publicas elle sempre emprega o titulo de — filho de **Jupiter Ammon** — que lhe foi conferido pelos sacerdotes subservientes do Egypto.

Depois de ter tomado todas as provincias maritimas da Persia, trancando-a assim á alliança e ás relações com a Europa, Alexandre marchou para o coração da Asia. Passou o Tigre e Euphrates sem a resistencia dos povos supersticiosos deante da nomeada fabulosa do heroe macedonio. Em **Arbellas** trava-se a grande batalha : Alexandre bate os persas e chega a matar do proprio punho o escudeiro de Dario, que foge vergonhosamente; Alexandre persegue o rei persa e volta a soccorrer Parmenion, que luctava com o resto dos inimigos. 300.000 persas foram mortos e o imperio da Asia cahiu nas mãos de Alexandre.

Alexandre passou de Babylonia a Susa e a Persepolis, onde embriagado depois de um festim, elle proprio coroado de louros, com um facho incendiou o palacio de Xerxes. Dario tinha fugido para Ecbatana e seguia ao approximar-se Alexandre, para a Bactriana, quando um perfido official Bessus o agrilhôa. E' este **Bessus** que convida Dario a fugir e mata-o ouvindo-o recusar essa nova ignominia. Alexandre chega

no momento em que Dario acaba de ser assassinado, chora a sua morte e faz-lhe os funeraes com régia magnificencia. Assim termina o grande imperio dos persas.

O espirito de Alexandre era de grandes qualidades; elle possuia toda a cultura grega; discipulo de Aristoteles, soube honrar o mestre, e varios passos da sua vida bem o demonstram; no sitio de Thebas, poupa a casa onde nascera Pindaro; nas suas victorias elle sabe respeitar

Fig. 92. — Moeda d'Alexandre.

as crenças dos povos que mantém livres, e a vida dos seus grandes inimigos, como Dario. Em Cydnus, quando elle está com febre e tem a impaciencia de vêr-se são, recebe uma carta calumniosa contra o medico Philippe « que pretendia envenenal-o, pois estava vendido ao rei persa por mil talentos ». Quando Philippe trouxe-lhe o remedio, Alexandre tomou o copo em uma mão, e segurando a carta n'outra, bebeu sem deliberar.

Acompanhava-o um cortejo de homens illustres, medicos como Critobulo e Philippe; o pintor Apelles, o esculptor Hysippo, o philosopho Callisthenes, que devia escrever a historia.

Por toda a parte Alexandre demonstra o seu genio politico: funda o grande porto de mar, Alexandria, e deze-

nas de cidades todas com o seu nome (**Herat**, **Samarcand**, **Khodjend** foram **Alexandrias**).

Em **Arbellas**, conta-se que lhe sendo aconselhado combater á noite, porque a escuridão escondia a inferioridade numerica dos seus soldados, respondeu : — Eu não roubo as minhas victorias.

Os thesouros persas, que lhe cahiram nas mãos, eram enormes : só em Suza acharam-se cincoenta mil talentos em prata (sessenta mil contos, proximamente), 150 mil libras de purpura; em Persepolis, 120 mil talentos e objectos tomados outr'ora á Grecia, como as estatuas de Harmodios e Aristogiton. A entrevista de Alexandre e Jaddus, em Jerusalem, é uma interpolação feita por escriptores christãos no interesse do christianismo; não tem esse facto authenticidade alguma. Josephus apenas refere que os judeus offereceram a sua submissão e que Alexandre visitára Jerusalem; mas os principaes historiadores d'esse periodo, Ariano e Quinto-Curcio, nem sequer mencionam o successo.

Olympias, mãe de Alexandre, preoccupava-se muito dos seus negocios e censurava a sua excessiva generosidade que podia ser um perigo, pois Alexandre cumulava seus amigos de riquezas e podia assim transformal-os em rivaes. Uma occasião Antipater escreveu a Alexandre uma longa carta queixando-se de Olympias e Alexandre deu essa bella resposta : — **Antipater não sabe que dez mil cartas podem ser apagadas por uma lagrima de mãe.**

Depois de ter dominado toda a alta Asia, a Hyrcania, a Sogdiana, senhor do mundo conhecido dos gregos, Alexandre emprehendeu a conquista da India. A nomeada das suas armas trouxe logo a rendição de Taxilo; mas outro rei, Poros, oppoz a mais tenaz das resistencias. Até o Indus Alexandre gastara dezeseis dias de marchas forçadas. Poros defendia a passagem

do Hydaspe com um exercito numeroso, mas foi finalmente vencido e teve de entregar-se a

Fig. 93. — Monumento em honra d'Alexandre.

Alexandre, que segundo refere Plutarco, lhe tendo perguntado, ao rei vencido, de que modo queria ser tratado. « Como rei », respondeu o

altivo Poros. Alexandre effectivamente honrou a Poros, reentregando-lhe o dominio dos seus reinos, ajuntando-lhes ainda algumas provincias (327).

Alexandre pretendia prolongar as suas conquistas além do Ganges, mas as queixas e os soffrimentos dos seus soldados durante uma campanha já tão longa e trabalhosa, resolveram-n'o a voltar para Babylonia. Ahi deu elle ao seu exercito as compensações d'aquella ingrata jornada atravez de desertos; houve sete dias de festa e prazeres. Em Babylonia, embaixadores de todo o mundo vinham prestar homenagem ao grande heroe.

Em consequencia de desordens, da influencia immoral do oriente, da intemperança em suas orgias, Alexandre, victima de uma febre, falleceu. Antes de expirar, sendo perguntado pelos grandes da sua côrte a quem deixaria o imperio : **Ao mais digno**, respondeu elle. **Ao mais forte**, referem outros.

Já nos ultimos annos da sua vida (Alexandre viveu apenas 33 annos), afinal, cercado de todas as lisonjas, vencedor do mundo, teve a vaidade, talvez inevitavel para um espirito do tempo, de julgar-se de origem divina e superior a todos os heroes gregos.

Em um festim, **Clitus**, aquelle que o havia salvo no Granico, revoltou-se contra essa vaidade do soberano, e Alexandre, ébrio, traspassa o seu amigo com um dardo : dissipada a embriaguez, Alexandre recolhe-se a chorar desesperadamente aos seus aposentos, donde não sáe

senão ao cabo de tres dias, envergonhado e arrependido do seu crime.

Depois da conquista do Oriente, Alexandre projectou conquistar toda a Africa, Carthago e provavelmente a nacionalidade nascente de Roma. A morte surprehendeu-o em meio dos seus planos.

No Hydaspes (ou Hyphasis) Alexandre constituiu uma frota que commandada por Nearcho desceu ao Oceano Indico e veiu subir pelo Euphrates para juntar-se ás forças de terra que o proprio Alexandre conduzia da India para Babylonia. Na travessia terrestre, Alexandre armou um carro triumphal, tirado por oito cavallos, sobre o qual armou um estrado e seguiu o caminho n'uma perenne bacchanal, entregue a todos os prazeres da mesa e servido por amantes, tudo isso para realisar o mytho de Baccho depois que esse deus conquistara a India.

Os limites geraes do imperio de Alexandre são : ao N. o **Danubio**, o **Ponto Euxino**, **Caspio** e **Iaxartes**; a L. o **Hyphases** e o **Indus**; ao S. o mar **Erythreu**, o **Golfo persico**, o **deserto da Arabia**, e (no Egypto) as **cataractas de Syena**; a O. o mar **Mediterraneo** até o **Adriatico**.

# XI

## HELLENISMO NO ORIENTE: SYRIA, EGYPTO

Os resultados moraes e praticos da conquista de Alexandre resumem-se em uma unica expressão: o **hellenismo** no oriente, isto é, a diffusão do espirito e das idéas gregas nos paizes vencidos. Alexandria no Egypto, Pergamo na Asia tornam-se novos fócos de cultura; as setenta cidades fundadas por Alexandre, quer como emporios commerciaes quer como postos militares, incutem na Asia decadente a civilisação da velha Grecia. Foram fundados gymnasios e theatros; a lingua official era a grega; e eram gregas a arte dos monumentos e a cultura das escolas. Mas, sob essa apparencia brilhante, não vingava a autonomia municipal dos hellenos e as monarchias orientaes continuavam a ser despoticas e barbaras.

N'isso é discutivel que houvesse um plano e parece que os resultados foram um trabalho inconsciente das cousas. O certo é que

Alexandre promovia a fusão da civilisação asiatica e macedonica : na Persia, elle adoptou os costumes do Grande-Rei, esposou Statira, a filha mais velha de Dario, e promoveu o casamento de outras filhas do rei e de nobres com os officiaes de seu exercito. Por toda a parte tolerou as tradições e os cultos existentes.

Em todo o caso, as regiões differentes e tão oppostas que compunham o imperio de Alexandre não offereciam bastante homogeneidade para formar um só organismo politico. N'um momento, todos esses paizes se uniram violentamente sob a pressão da espada do grande heroe, mas a morte d'este foi o signal da dissolução e do desmembramento.

Quando Alexandre morreu, a sua morte quasi parecia impossivel ao mundo. O atheniense Demade exclamava : Não, Alexandre não é morto; se isso fosse verdade, o cheiro do seu cadaver encheria o mundo. Era no emtanto verdade, e não se tinham passado dous dias depois de sua morte e já os seus generaes disputavam, mesmo em Babylonia, a successão do imperio.

A familia de Alexandre era incapaz de sustentar os seus direitos : Roxana, a viuva, deu a Alexandre apenas um filho posthumo, Alexandre Aigos; as outras mulheres suas eram persas ou estrangeiras, e um seu unico irmão Philippe Arrhideu era imbecil. Embalde generaes como **Perdiccas** e **Eumenes** pretendem manter os direitos da familia real, ou ao menos a unidade do imperio. **Antigono**, poderoso, quer mais tarde absorver o dominio da Asia. Mas uma liga formidavel dos seus rivaes o derrota em **Ipsus** (301), onde elle acha a morte. Depois disto a partilha do imperio torna-se definitiva e cabe aos seguintes generaes :

Fig. 94. — Guerreiro da Galatia ferido.

Europa — (Macedonia e Grecia) — a **Cassandro.**
Asia — (Syria, Assyria, etc.) — a **Seleuco.**
Africa — (Egypto e Lybia) — a **Ptolomeu.**

**Asia (Syria).** — O grego Seleuco, fundando a dynastia dos Seleucidas, reconstruiu o antigo imperio persa, dividindo-o em satrapias; e de alguma sorte melhorou pelo contacto das idéas gregas o antigo despotismo asiatico. Mas essa influencia foi ephemera: os costumes orientaes foram pouco a pouco agindo sobre a dynastia dos Seleucidas, transformando-os em tyrannos e reis effeminados, impotentes para resistir mais tarde á conquista romana.

Os primeiros reis fundaram varias cidades. Seleuco I **Nicator** (o vencedor) fundou **Seleucia** sobre o Tigre, **Antiochia**, a sua capital, sobre o Oronte na Syria, e **Laodicéa**, perto de Antiochia.

D'ahi em diante, a decadencia é visivel. O filho de Seleuco, Antiocho **Soter** (o salvador) não impede que os gaulezes invadam a Asia e fundem o estado de **Galatia**. Na alta Asia, **Arsaces**, mantém-se rei independente dos **Parthos**, população numerosa que sempre conservou a sua liberdade, mesmo contra as legiões romanas.

Por toda a parte as revoltas rebentavam diante da incapacidade dos Seleucidas e em vista mesmo da diversidade ethnica de povos tão violentamente submettidos á unidade.

Sob os Seleucidas, os judeus revoltaram-se

e essa lucta em que foram chefes os **Macchabeus** foi celebrisada pela influencia religiosa do judaismo.

« Os judeus gozavam de tranquillidade profunda, sob os reis persas. Jerusalém se repovoára. Demais, Alexandre respeitára o pequeno povo; admirára as suas prophecias e a sua organisação religiosa. Mais tarde a Palestina cahiu sob o dominio da dynastia de Seleuco.

« Mas Antiocho IV **Epiphanio** (o illustre) que se fazia notar pelo fausto e por suas festas extravagantes, quiz impor ao povo de Israel a lingua, os costumes e até a religião grega : chegou mesmo a collocar no Templo a estatua de Jupiter Olympio. Emprehendeu abolir as festas, a lei de Moysés e o culto. O povo protestou contra esse insolito despotismo, a principio com os seus martyres. O velho Eleazar e os sete irmãos **Macchabeus** foram as mais illustres victimas da barbaria do principe. **Mathatias**, chefe de uma familia sacerdotal, emprehendeu libertar a patria do jugo dos infieis; pôz-se á frente dos judeus mais corajosos e retira-se para o monte de Moddin donde dirigiu escaramuças contra o inimigo. **Judas Macchabeu**, o terceiro filho de Mathatias, torna-se o chefe dos rebeldes; os generaes de Antiocho são batidos e Judas reentra em Jerusalém e restaura o Templo. Antiocho que voltava humilhado já de uma expedição á Persia, marcha contra os

judeus : uma molestia subita o ataca, e elle morre.

« Antiocho V sóbe ao throno herdando do pae o mesmo odio contra os judeus. O choque dos poucos patriotas israelitas contra o grande exercito de Antiocho V foi terrivel; um dos filhos de Mathatias, Eleazar, fere com a espada um elephante, de ricos jaezes, que por engano suppunha ser o elephante real; o animal succumbe e com o peso na quéda esmaga a Eleazar. Antiocho sitia e toma Jerusalém. A lucta no emtanto não termina ahi; Judas ainda sustenta varias luctas contra os exercitos syrios; afinal apenas 800 homens lhe ficam fieis; morrem, porém, massacrados ás mãos do despota.

« No emtanto a independencia dos judeus, como a de toda a Syria, era precaria. Os Romanos em 64, pelas mãos de Pompeu, reduziu-a a provincia romana ».

Essa narrativa, de fonte biblica, se acha excessivamente exaggerada : a revolta dos judeus não passou de pequeno tumulto local, sem consequencias e ao qual os historiadores do tempo nenhuma importancia consagraram.

Seleuco **Nicator**, antigo camarada de Lysimacho um e outro desavieram-se quando já contavam mais de 80 annos : d'esse conflicto, resultou a derrota de Lysimacho rei da Thracia e a divisão da parte asiatica desse reino, em pequenos estados : Bithynia e Pergamo.

E' no tempo de Antiocho **Theus** (o deus) que surge para a historia o imperio dos Parthos. Na alta Asia, uma

revolta firma a independencia da Parthia, com o seu novo rei **Arsaces**, homem de origem obscura, porém de grandes talentos. O imperio dos Parthos durou cinco seculos e o seu rei Mithridates I (o grande) dominou do Euphrates ao Indus.

Sob Antiocho III, **o grande**, as armas romanas pela primeira vez se fazem sentir na Syria. Antiocho III tendo emprehendido a conquista da Asia Menor, a cidade de Smyrna e outras pediram auxilio aos romanos, que lh'o prometteram, naturalmente porque o excessivo poder de Antiocho começava a inquietar a Roma. Annibal, vencido em Carthago, veiu acolher-se á côrte de Antiocho e incitou-o á guerra contra os romanos. Mas Antiocho foi batido e ferido nas Thermopylas e teve de retirar-se precipitadamente para a Asia. Ahi Lucio Scipião o perseguiu e o derrotou completamente em Magnesia (190). Para obter a paz teve de ceder a Asia d'áquem do Taurus e de pagar a **divida de guerra**. Quando esta devia ser solvida, Antiocho sem recursos resolveu em uma noite invadir um templo de Persepolis onde havia grandes riquezas : os habitantes indignados contra similhante sacrilegio massacram o rei com toda a sua comitiva.

Africa. — **O Egypto.** — O reino do Egypto foi o primeiro que se destacou do grande imperio de Alexandre ; **Ptolomeu**, filho de **Lagos**, fundou-o ao mesmo tempo que iniciou comsigo a dynastia dos Lagides. O novo reino durou tres seculos, e havendo vivido estacionario e mesmo em retrogradação durante o dominio persa, poude agora elevar-se e distinguir-se ao contacto da civilisação grega. Os Ptolomeus restauraram de alguma sorte o resplendor antigo dos egypcios, o culto de Serapis, o fausto dos Pharaós, ainda accrescido pelo brilho da scien-

cia e das lettras gregas que floresceram em Alexandria.

Fig. 95. — Moeda de Ptolomeu.

Ptolomeu I, **Soter** (o salvador, titulo dado em gratidão pelos habitantes de Rhodes) fundou em Alexandria a mais rica das bibliothecas antigas, a qual chegou a possuir 700 mil manuscriptos, creou uma academia, o **Museu**, e fez construir uma torre com fogos que guiavam os navegantes, na ilha de **Pharos**. O nome de **pharos** generalisou-se depois para as construcções similhantes. Para assegurar a successão, Ptolomeu Soter abdicou em favor de seu filho segundo, Ptolomeu II.

Fig. 96. — Ptolomeu Philadelpho.

Ptolomeu II, **Philadelpho** (amigo dos irmãos, cognome ironico que lembra o facto de haver esse rei degolado os seus irmãos Meleagro e

Magas) reinou durante o apogeu do Egypto. O canal do Nilo ao mar Vermelho, começado em priscas éras por Nechão, foi levado a termo. Alexandria tornou-se o centro commercial e intellectual do Oriente e por ordem do rei setenta judeus vieram a Alexandria e fizeram a celebre versão da Biblia, conhecida por **versão dos setenta**.

Fig. 97. — Ptolomeu Evergetes.

Ptolomeu III foi o mais guerreiro dos Lagides; foi denominado **Evergetes** (o bemfeitor, por ter, em sua expedição victoriosa contra a Persia, trazido de lá 500 idolos egypcios levados por Cambyses.

D'ahi em diante o reino do Egypto começa a decair rapidamente. Succedem-se reis de pequeno merito. Ptolomeu IV, **Philopator** (amigo do pae, cognome ironico) que envenenou o seu progenitor e sacrificou sua mãe Berenice e sua irmã Arsinoé ao furor dos seus favoritos, tendo assim um reinado manchado de crimes. Depois de varios soberanos, o penultimo Ptolomeu é o XII, Ptolomeu **Dionysos** (Baccho) que sóbe ao throno aos 13 annos e despósa a sua irmã, de 17 annos, Cleopatra. E' esta mulher que seduz a Cesar e faz perecer o seu marido combatendo contra os romanos.

Seu irmão Ptolomeu XIII chega a reinar associado a Cleopatra, mas essa rainha fatal o envenena. Um filho de Cleopatra e Cesar, de nome Cesarion, sóbe ao throno com o nome de Ptolomeu XIV, mas Cleopatra em breve se suicida e esse ultimo rei é morto por ordem de Octavio, ficando o Egypto reduzido a provincia romana.

A era de decadencia do Egypto começa logo no primeiro seculo. Ella caracterisa-se pela corrupção que experimentavam todos os gregos desde quando se approximavam e sentiam o contacto dos costumes orientaes tão dissolventes da energia, com os seus prazeres e a sua sensualidade propria. As intrigas e as tragedias sanguinolentas enluctaram logo a familia dos Lagides. De Ptolomeu V, **Epiphanio** (o illustre) o Egypto cáe sob a tutela de Roma, que intervem na politica interna do paiz, elevando e depondo os reis. A politica dos Ptolomeus não foi conciliadora nem habil; os indigenas ficavam em excepção, e só os gregos eram chamados aos cargos publicos, de modo que a dynastia não se identificou com o elemento nacional; o povo indifferente passava de um despotismo a outro, sem se preoccupar dos antigos e dos novos senhores.

— Por abreviatura diz-se a versão dos **setenta**; mas eram 72 os interpretes enviados por Eleazar á Alexandria, com um exemplar da Biblia gravado em lettras d'ouro. A traducção, sob a vigilancia do bibliothecario Demetrio de Phalera, fez-se em 72 dias; Ptolomeu **Philadelpho** admirou a sabedoria da Biblia e reenviou os interpretes judeus com presentes magnificos.

— **Alexandria**, fundada por Alexandre, foi a mais regular e a mais bella de todas as cidades até então fundadas nos tempos antigos. Ella ficava entre o mar e o lago Mareotis; as suas ruas eram cortadas em angulo recto e uma avenida de 6 kilometros de extensão e 30 metros de

largura a atravessava em toda a extensão. Os seus monumentos eram numerosos : o **stadio** onde se exerciam os jogos publicos, o **museu** que era uma academia, o **gymnasio**; o **pharol** e o **porto** em dique artificial eram celebres; com a queda de **Tyro**, Alexandria tornou-se o centro commercial; e com a queda da independencia grega para lá emigrou a cultura litteraria e scientifica do mundo. Os sabios occupavam o **museu**, ligado ao palacio real; ahi residiam, ahi faziam conferencias publicas e milhares de gregos e de moços de todos os paizes vinham educar-se nesse grande fóco. O **museu** possuia todos os instrumentos do saber compativel com o progresso da época : tinha um observatorio astronomico, uma riquissima bibliotheca, um jardim botanico e zoologico, uma sala de dissecção e mesmo um laboratorio onde já se faziam ensaios que só mais tarde retomaram os alchimistas.

Assim foi Alexandria « a capital scientifica e philosophica do mundo ».

## XII

# A ARTE NA GRECIA

A arte, sob todas as suas fórmas, constituia a essencia do espirito grego. Os hellenos, mais do que qualquer outro povo em qualquer época da historia, tinham o sentimento esthetico no mais alto gráo : tudo era n'elles harmonia e emoção, na politica, na philosophia, nas lettras e na vida commum. A belleza physica da raça, o clima e a paizagem gregas, predispunham os espiritos para a mais pura e regular expansividade da imaginação.

Taine resume os attributos do espirito artistico dos hellenos n'estes termos : « necessidade de clareza, sentimento da medida, gosto pelos contornos precisos, horror do vago e abstracto, desdem do colossal e do monstruoso, eis o que conduziu a Grecia ás suas obras eternas. »

Effectivamente, não ha na arte grega essas creações monstruosas e formidaveis do genio egypcio, onde o desenho é vago e a harmonia e

as proporções deixam de ser naturalistas para serem apenas mathematicas.

Na architectura, na esculptura e na pintura, as formas evoluem para a symetria e para a verdade. O clima, a pureza do céo contribuiu talvez para essa educação das linhas, que deixam de ser caracteristicas nos paizes nevoentos (1).

Como é natural, a principio, a pintura e mesmo a esculptura são accessorios geraes da architectura e de simples meios de ornamentação, sobretudo na Grecia é que se constituem em artes independentes, capazes de illimitado progresso.

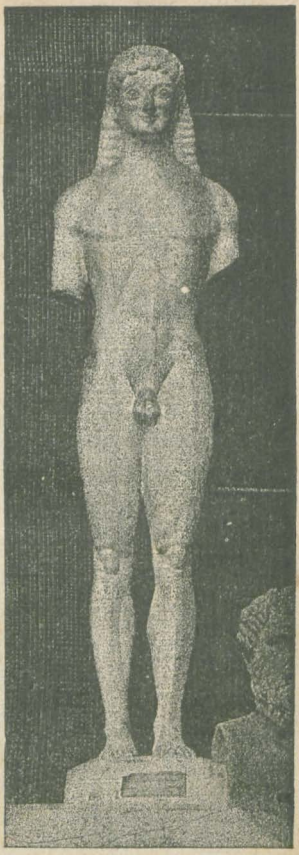


Fig. 98. — Apollo de Thenea (Athenas.)

(1) Esse exemplo da influencia *mesologica* é comprovado pela differença entre as escolas italianas e flamengas, na pintura. Nas primeiras o desenho predomina porque a paizagem e os objectos na Italia, graças á pureza do ceo, teem as linhas claras e precisas. Nas outras, predomina a mancha, o colorido.

Para explicar a aptidão excepcional dos gregos as theorias criticas são innumeraveis, mas

Fig. 99. — Frisas do Parthenon.

Fig. 100. — Frisas do Parthenon.

parece certo que tres condições são essenciaes e inseparaveis do movimento artistico : o **meio**,

a raça e o momento; nenhuma d'ellas é talvez

Fig. 101. — Apollo de Piombino (Louvre).

decisiva ou preponderante, a não ser a segunda, mas todas reunidas explicam sufficientemente

a evolução artistica dos hellenos. Otfr. Muller exaggera a influencia da **raça**, dando-a como o factor exclusivo da expansão artistica, mas seria impossivel negar o prestigio que exerce o **meio** sobre o individuo; além de que uma **raça** é por sua vez, ao menos em parte, o producto das condições mesologicas que a cercam. Taine exaggera egualmente essa ultima influencia, dando ao **meio** o papel principal na vida espiritual dos povos. Outros criticos inclinam-se a fazer do **momento historico** ou o **momento preciso** a fonte de todo desenvolvimento artistico; é um facto provado que a religião ou a politica póde impedir a evolução da arte ou retardal-a por muito tempo : as religiões que condemnam a idolatria (o **judaismo** e o **mahometismo**) impediram nos povos que as seguiam o desenvolvimento da pintura e da estatuaria.

Como quer que seja, qualquer d'esses factores tomado exclusivamente não explica a generalidade dos factos, mas os tres, **meio**, **raça** e **momento** fornecem a base de uma theoria razoavel da arte.

Na Grecia, é de vêr que as tres condições taes existiam do modo mais propicio : quanto á **raça**, os gregos pertenciam á familia aryana, e ao ramo **greco-italico**, isto é, ao mais progressivo, por ser o unico que fundou uma civilisação original e fecunda; quanto ao **meio**, elles estavam em contacto com as populações hamito-semiti-

cas, assaz civilisadas, e viviam em uma natureza rica e bella, com todos os accidentes maritimos

Fig. 102. — Nympha do Templo d'Olympia.

e terrestres, de clima temperado e agradavel; quanto ao momento, é claro que surgiu concomitantemente com as suas instituições livres e

democraticas, com a sua religião imaginosa e infatigavel que tinha engendrado as innumeras fabulas da mais complicada e harmoniosa de todas as mythologias aryanas.

Demais, o caracter essencial ás obras de arte é a belleza; e como diz Ravaisson, a antiguidade grega era por excellencia o tempo, a época da intuição e do sentimento do bello; é a belleza que faz todas as intrigas dos deuses; é ainda ella a causa do grande cataclysmo de Troya. Mesmo já tarde, Alcibiades, com todos os seus defeitos moraes, triumpha quasi pela belleza physica. Em Sparta, a obesidade é punida e em parte nenhuma da Grecia ha compaixão pelos entes disformes, que são muitas vezes levados á morte.

Na historia da Arte na Grecia pode-se notar a successão de cinco periodos :

a) **Arte primitiva**, que occupa todos os tempos obscuros anteriores á I$^{a}$ olympiada (776);

b) a **arte archaica** que marca a phase anterior ás guerras médicas (475);

c) a **arte classica**, pequeno periodo do apogêo, de pouco mais de seculo que vae até Alexandre (323);

d) a **arte da decadencia**, que se desenvolve desde o periodo macedonico até a conquista romana (146 A. C.);

e) a **arte greco-romana**, que vae até **a edade media.**

Os dous periodos extremos, o da **arte primitiva** e o da arte **greco-romana**, qualquer que seja a importancia d'elles, não acham aqui obviamente, detida descripção. O periodo **greco-romano** que floresce após a dissolução politica da Grecia deve ser desenvolvido quando tratarmos da historia de Roma, cuja civilisação se tornou depositaria e continuadora da actividade hellenica. Quanto ao periodo d'**arte primitiva**, apenas marca essa phase as origens obscuras da architectura e da plastica: os monumentos ditos **cyclopicos**, constituem os vestigios da arte primeva dos gregos, e taes são: as antigas construcções, muralhas de grandes blocos sem argamassa, sustentados pelo proprio peso, a **porta dos leões** e poucos outros trabalhos de caracter grandioso e colossal como na arte egypcia.

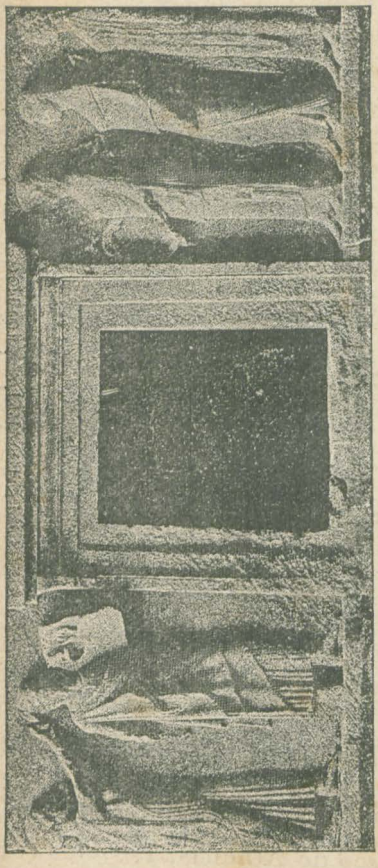


Fig. 103. — Monumento de Thasos (Louvre).

**Arte archaica.** — E' a do periodo anterior ás guerras contra os persas e tambem se acha na historia conhecida como a época do **estylo severo** ou **sagrado**. A arte ainda não é propriamente um fim, não existe por si propria, é apenas um meio de consagração religiosa. Em geral, são os **artistas sacerdotaes** que a cultivam, sem independencia : os productos artisticos, as estatuas principalmente obedecem a canones determinados e tradicionaes; as fórmas angulares são caracteristicas nos deuses, e diz um historiador, é innegavel n'esse periodo a influencia do Egypto, atravez das ilhas de Creta, Rhodes, Samos e Chios, que serviam de intermediarias entre as duas civilisações. A esculptura grega é em madeira, bronze e pedra. Os documentos dessa phase em que brilharam **Rhœus** e **Theodoro** de Samos, e **Canachus** de Sicyone, e ao redor d'elles varios discipulos que constituiam escolas, não são raros : entre elles, se acham as **esculpturas egineticas** do cyclo mythico da guerra de Troya e que se acham no museu de Munich.

**Arte classica.** — E'o periodo do **estylo elevado** quando florescem os grandes mestres **Polycleto** de Argos e **Phidias** de Athenas. Quando no apogêo de Athenas, Pericles com o thesouro federal embellezava a cidade, **Phidias** então esculpiu as **estatuas de Pallas**; (é d'elle

tambem o **Zeus** de Olympia). Na phase presente, a arte grega attinge o seu maximo progresso : as proporções, a symetria, a belleza idéal da fórma humana são realisadas no mais alto gráo. O marmore vae ganhando pouco a pouco a supremacia ás outras materias empregadas na plastica. Na **architectura**, as fórmas dos templos ficam já fixadas e caracterisadas pelo **frontão** triangular cheio de baixos-relevos, e sobretudo pelas columnas, cujas variedades accentuadas dos capiteis as dividiam em tres ordens : a **dorica** (simples, vigorosa, sem ornamentos); a **jonica** (esbelta, graciosa, com o capitel em voluta); a **corinthia** (ricamente ornada).

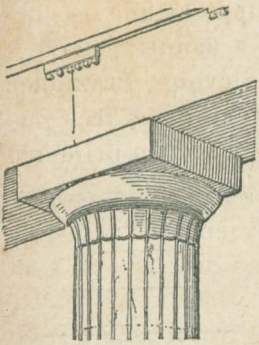


Fig. 104. — Capitel dorico.

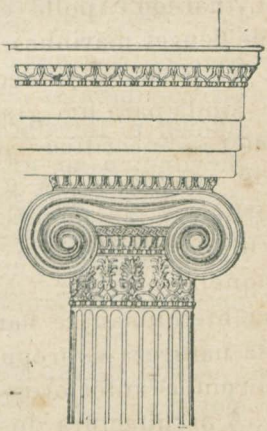


Fig. 105. — Capitel jonico.

**Arte da decadencia.** — Esse periodo não exprime a decadencia da arte, mas coincide com a decadencia politica da Grecia. E' a phase do **bello estylo** na classifi-

cação de alguns historiadores. A arte torna-se talvez mais naturalista: **Lysippo** estuda os corpos nús para exprimir com a maior verdade a figura humana. **Lysippo** de Sicyone, **Praxiteles** de Athenas e **Scopas** de Paros são os tres immorredouros nomes d'essa phase: do primeiro foram o **Zeus** de Tarento e as estatuas de Alexandre, do segundo, as esculpturas do mytho dyonisio, **Silenos, Satyros**, e mais as estatuas de **Eros** (Amor) e **Aphrodite** (Venus); do terceiro, são o **Cytharedo** (Apollo) e o **Grupo de deuses marinhos.**

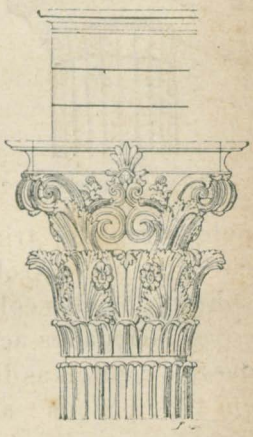


Fig. 106. — Capitel corinthio.

O periodo da **decadencia** é ainda para um grande numero de criticos o tempo do apogêo e da grandeza artistica, ao menos na esculptura; é pelo menos aquelle em que a arte grega é a mais puramente humana e harmoniosa e em que o culto da natureza sobrepujou a todas as tradições e formulas anteriores.

A **architectura** dos gregos offerece á analyse alguns problemas difficeis e talvez insoluveis. Se as suas origens são asiaticas, como parece, é certo que só na Grecia a arte de construir attingiu aquella evolução que deve passar

por um producto da independencia e originalidade do espirito grego. Das ordens das columnas que caracterisam os estylos architectonicos, a **corinthia** é a menos hellenica e Curtius diz que a arte de Athenas, na architectura como na politica, é um **compromisso entre o espirito jonio e o dorio**.

Fig. 107. — Monumento choregico de Lysicrates (Athenas).

A **pintura** acompanhou mais ou menos paralellamente a evolução das artes congeneres, mas ainda no periodo **archaico** não passou ella de um accessorio da architectura e sobretudo da **ceramica**. Os vasos eram pintados e o eram muitas vezes as estatuas. Attribuem a um corinthio **Ecphanto**

o emprego das côres; o certo é que no periodo archaico já se distinguem **Mandrocles** de Samos, que pintou a passagem do exercito persa por uma ponte no Bosphoro, e **Damophilos** e **Gorgasos** da Italia que decoraram com pinturas o templo de Ceres em Roma (493 A. C.).

Fig. 108. Columnas do Parthenon.

No periodo **classico** ha logo o nome celebre de **Polygnote** que decora o **Portico** de Athenas com a **Tomada de Troya**, a **Batalha de Maratona** e outros assumptos historicos. Já existe então uma technica complicada da pintura; só quatro côres (antes de Apelles) são empregadas: o **branco**, o **negro**, o **amarello** e o **vermelho**, tintas dissolvidas em agua, colla ou gomma; pinta-se sobre madeira, ou sobre os muros, a **fresco** (sobre o reboco recente e humido) ou a **tempera**. Mas o processo original dos gregos, hoje perdido, apezar

das tentativas para redescobril-o, foi o da pintura a **encaustico**, ou pintura a cera fundida, processo brilhante applicado á representação de animaes e ás marinhas.

A phase mais brilhante do **periodo classico** na pintura chega com as maiores individualidades: **Zeuxis** cuja mais bella obra é a Helena encommendada pelos habitantes de Crotona, que enviam ao pintor cem donzellas das mais lindas para modelos; **Parrhasio**, de Epheso, auctor do **Theseu**, que lhe valera o titulo de cidadão de Athenas; **Apelles**, amigo de Alexandre, o auctor da Aphrodite **Anadyomene** de Cos, que seculos mais tarde Augusto transportou para Roma; **Protogenes**, o pintor de navios.

O progresso da pintura trouxe logo natural divisão entre os mestres: formou-se a escola de **Zeuxis** que procurava a illusão e o brilho das côres opposta á escola de **Eupompos**, **Pamphilos**, etc. de Sicyone que procurava sobretudo a belleza esculptural e das fórmas. Apelles mais tarde reune essa duas tendencias, tal como mais tarde na renascença a escola romana (Raphael) concilia e aproveita as qualidades das escolas florentina e veneziana.

Otfried Muller diz que « a pintura antiga sacrificou sempre o colorido ao desenho e os effeitos de luz á forma ». Talvez do exaggero d'essa tendencia resultasse o aniquilamento da pintura, que quasi desapparece nos periodos ulteriores.

## XIII

# AS LETTRAS NA GRECIA

A cultura litteraria dos gregos como a de todos os mais povos originou-se da elaboração oral popular e collectiva manifestada sob a fórma poetica. E' dos cantores ambulantes, dos **aedas** ou poetas sacerdotaes que derivam os primeiros hymnos religiosos. E' natural que fosse rapida a transição da poesia **religiosa** para a **epica** : dos deuses aos heroes ha apenas um passo, nas religiões antropomorphicas. Desde logo os grandes homens, e os seus grandes feitos, exaggerados pela ausencia de uma escriptura fixadora, tornou-se assumpto da poesia popular. Homero succede a Orpheu.

**Periodo epico.** — As litteraturas, pois, começam naturalmente pela epopeia, religiosa ou heroica. Homero (950 A. C.) é representado como um cantor ambulante, cégo e mendigo recitando os seus versos na Jonia, de cidade em cidade; foi elle quem melhor aproveitou o cyclo

legendario de Troya, ainda recente e donde extrahiu os dois grandes poemas, a **Iliada** e a **Odysséa**. Conservados e ao mesmo tempo adul-

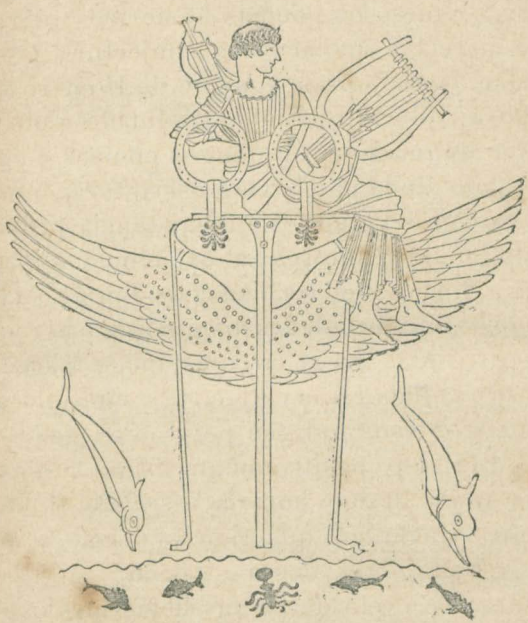


Fig. 109. — Apollo da tripode.

erados pela tradição oral dos **rhapsodes** (menestreis) só seculos mais tarde Pisistrato fel-os colligir e transcrever; entretanto, o texto dos dous poemas, tal qual é conhecido hoje, foi fixado definitivamente em Alexandria, muito

mais tarde, sob o cuidado e a diligencia do critico **Aristarcho**.

A existencia de Homero é contestada. Muitos são os criticos que attribuem a um cyclo de cantores jonios os poemas homericos; alguns factos parecem apoiar essa conjectura : — a vastidão dessas obras; o nome de Homero que significa collector; a impossibilidade n'um individuo de imaginar tão longos poemas e fixal-os quando ainda não havia a escriptura; o facto de innumeras variantes e a existencia provada de innumeros cantores; a existencia do **epos** como a fórma metrica usual da Jonia; o facto mesmo de muitas cidades disputarem o berço de Homero; todas essas circumstancias parecem indicar a collaboração collectiva e multipla que produziu os mais antigos poemas gregos. Não fica, entretanto, positivamente excluida a existencia de um grande homem, fosse elle Homero ou outro qualquer, que representasse o mais alto gráo do genio, nessa occasião.

Todo esse cyclo de poetas **homerides** explorou a lenda de Troya (Arctinos, Stasinos, etc.) immediatamente a Homero, sem que as suas obras chegassem até nós. Depois do grande epico, o poeta mais notavel é **Hesiodo** (850) o autor da grande epopéa religiosa, a **Theogonia**, obra sem genio, em que faz o poeta a historia dos deuses e da creação; o seu poema é a fonte didactica mais remota da mythologia grega.

No periodo **epico**, a sociedade grega é ainda semi-barbara; mas os poemas de Homero são profundamente moraes; n'elles são pintadas as mais nobres paixões dos homens : as justas coleras de Achilles, o amor conjugal de Andromaca e de Heitor, o amor paternal profundo de Priamo que vai chorando supplicar aos vencedores o cadaver do filho, a amizade desinteressada de Patrocolo, são sentimentos dignos de uma grande civilisação. Egualmente em um dos poemas de Hesiodo, os **Trabalhos e os dias**, ha já um signal da vida burgueza que havia de constituir a democracia Jonia : o amor do trabalho, as regras da agricultura, da navegação, da economia domestica e civil.

A **Iliada** tem por assumpto a guerra cavalheiresca de Troya; a **Odyssea** canta as aventuras de Ulysses, é um poema mais humano. Ulysses, acabada a guerra, vaga por mares inhospitos, ausente da sua patria, Ithaca; por largos annos lucta contra a colera dos Deuses, contra as tempestades que o levam a paizes ingratos, contra as seducções de Calypso e das sereias, até que afinal chega, mendigo e desconhecido, á patria, onde o espera a esposa fiel, Penelope.

**Periodo lyrico.** — A' epopéa succedem o genero elegiaco e lyrico, as composições de caracter mais individual e psychologico, e de menor folego. O sentimento patriotico, o amor, são as fontes da inspiração : o hexametro épico cede á supremacia de novas combinações artisticas, trabalhadas com paciencia; « a lyra é uma arma e uma trombeta de guerra », o poeta faz parte do exercito; Tyrteu na guerra da Messenia canta diante das phalanges para animar o combate.

Os vultos mais notaveis d'essa phase são :

**Archilocho**, soldado e poeta que se distinguiu pela vehemencia dos seus **iambos**; o escravo phrygio **Esopo**; **Alceu** tambem soldado; **Sapho**, a maior poetiza do tempo, accusada falsamente de desvios moraes; **Anacreonte**, o poeta sensualista do prazer e do amor; **Pindaro**, o mais perfeito e composto dos lyricos gregos, celebre por suas odes patrioticas, onde a concepção e a perfeição da fórma ficaram para sempre fixadas.

O que ha de caracteristico no periodo **lyrico** é que elle se originou e evoluiu de accôrdo com a musica de Terprando, e serviu de thema para os acompanhamentos da frauta pastoril, da lyra e da cythara. Da variedade de movimentos musicaes surgiu a necessidade da variedade metrica a que o **hexametro** épico não bastava. D'ahi, os metros novos : o **iambo** de Archilocho, o **choliambo** de Hipponax, o **alcaico**, o **saphico** de Alceu e Sapho, etc.

Demais, a musica grega tinha, apezar da sua infancia, um grande numero de accórdes originaes que só agora a musica do seculo XIX começa a explorar : sem se limitarem como os italianos ao **modo maior** e ao **menor**, elles tiveram os modos **dorio**, **lydio**, **ionio** e **phrygio**.

**Periodo do theatro.** — O genero dramatico, concomitante com a expansão lyrica, continuou-a formando o periodo mais brilhante da poesia grega. O theatro era em sua origem uma simples manifestação do culto religioso. A Dionysos (Baccho) eram consagrados os **dithyrambos**, cantos em honra do Deus dos prazeres. Foi Thespis, o primeiro que fez preceder os

chôros dithyrambicos por um episodio tirado da lenda de Baccho e assim deu origem ás primeiras representações. Perdido o caracter sacro, todavia até os ultimos tempos o drama grego era considerado uma funcção do culto : benemeritos eram os cidadãos ricos que mantinham as despezas de representação, e o Estado as protegia e as tornava effectivas lançando um imposto, o **theorikon**. Os espectaculos eram, então, gratuitos, e tornavam-se em verdadeira instituição nacional.

O drama serio ou **tragedia** teve os seus mais insignes cultores nos tempos das guerras persicas, no seculo de Pericles. Os mais notaveis são na sua ordem chronologica (mas quasi contemporaneos entre si) **Eschylo**, **Sophocles** e **Euripides**.

**Eschylo** (525-456) é o genio ainda pouco artistico, formidavel pelos seus assumptos tetricos e terriveis.

Os seus heroes teem sentimentos, odios e paixões sobrehumanas e titanicas. Eschylo introduziu o systema de dividir cada obra dramatica em tres dramas, formando uma **trilogia**, aos quaes juntava-se uma peça final, alegre, propria para dissipar a emoção do drama : assim ficava constituida a **tetralogia** dramatica. Das obras de Eschylo algumas nos restam como : **Os sete diante de Thebas** e **Prometheu encadeiado**; mas possuimos d'elle uma **trilogia** completa, a **Ores-**

tia, que abrange as tres peças : **Agamemnon** (volta d'este heroe e seu assassinato pela infiel esposa Clytemnestra e Egistho), os **Choephoros** (vingança de Orestes, filho do heroe, contra os assassinos de seu pae) e as **Eumenides** (perseguição de Orestes pelas furias e sua absolvição perante o areopago).

**Sophocles** (496-405) é o segundo tragico grego, que levou o drama á perfeição classica. Os seus heroes são mais humanos e não teem as qualidades absurdamente exaggeradas de Eschylo. Ha mais verdade na obra de Sophocles, ainda que menos genio e imaginação. As suas tragedias principaes são : **Edipo rei, Edipo em Colona, Ajax, Electra** e acima de todas **Antigone**. Como se vê, os assumptos pertencem aos cyclos mythicos de Troya e de Thebas. Na **Antigone** o tragico mostra a lucta entre os deveres para com a familia e o Estado, entre o amor da familia e o da patria.

**Euripides** (480-406), de caracter severo e rude, infeliz na sua vida domestica e retirado da vida publica onde poderia entrar graças á sua distincção de origem, marca, apezar da sua pintura viva da miseria humana, o começo da decadencia do theatro grego. Euripides atacou as divindades, emprestando-lhes vilezas, zurziu a religião, os homens e a sociedade contemporanea e, impio e revoltado por uma especie de fatalismo, fazia depender o desenlace dos seus

dramas não das condições psychologicas dos heroes, mas de um puro artificio (**deus ex-machina**). Ganhou talvez o drama grego com o naturalismo de Euripides, mas os tempos já haviam passado e a tragedia, depois d'elle, desappareceu amesquinhada pelos seus mediocres successores.

**Medéa, Hecuba, Iphigenia em Aulida, Iphigenia em Taurida**, são, entre outras, as producções que nos restam do ultimo dos grandes tragicos gregos.

Como o drama não surgiu perfeito, completo, na litteratura grega, é curioso notar a sua evolução ; **a**) o **dythirambo** e os choros, cantados unisonos em uma melopéa por cincoenta pessoas; **b**) Thespis foi o primeiro a introduzir, além do choro, um actor que dizia um episodio antes de começarem os dithyrambos (535); **c**) Phrynicos (490) introduziu a liberdade de escolher os assumptos fóra dos mythos religiosos, adoptando um assumpto historico a **destruição de Mileto** ; **d**) Eschylo juntou mais um 2º actor e formou assim o **dialogo**, podendo por isso ser considerado o verdadeiro fundador do genero dramatico; **e**) Sophocles alargou o numero de actores, restringiu os choros, e acabou por completar o drama.

Uma regra peculiar do drama classico era a **triplice unidade** de tempo, logar e acção. Só o drama romantico no seculo XIX pôde systematicamente destruir esses preconceitos contrarios á verdade da vida e dos factos. Na vida commum, é raro que os grandes successos se passem em um unico momento de tempo e no mesmo logar ou scenario.

**Comedia.** A comedia tambem floresceu conjunctamente com o drama serio ou tragedia. Não parece que as suas origens se achem nos cantos religiosos; parece antes

que da degeneração do culto e das festas licenciosas e immoraes é que proveiu a cultura d'esse genero, que só appareceu quando o drama entrou em decadencia.

A **comedia** foi, pois, uma careta de agonia do drama em ruina. Quando a tragedia agonisava com Euripides, Aristophanes iniciou a comedia.

Demais, a democracia atheniense, a liberdade das suas instituições permittia a expansão da satyra politica e pessoal.

Nas comedias de Aristophanes não ha allusões, ha a satyra vehemente e directa : os satyrisados na comedia eram tratados com os seus nomes pessoaes, de modo a não haver equivoco. O grande comediographo nada poupou na critica dos seus contemporaneos. Nas **Thermophorides** elle ataca vivamente a poesia e a tragedia moribunda nas mãos frageis de Euripides; nos **Cavalleiros**, zurze a politica e corajosamente denuncia os vicios de caracter, o antipatriotismo de Cleonte e de outros demagogos; nas **Nuvens**, ridicularisa a nova philosophia de Socrates, os effeitos moraes das suas doutrinas que arruinavam as crenças religiosas dos gregos.

Depois de Aristophanes vieram varios auctores de comedias e esse genero teve tres phases : a **comedia antiga** (de Aristophanes) a **media** e a **nova**. Mas os successores de Aristophanes ficaram muito affastados do grande fundador da comedia grega. Em breve, o genero degenerou nas **mimicas** que acabaram por desviar e corromper o gosto publico.

**Historia.**—Os primeiros prosadores gregos foram philosophos e sabios: a **prosa** era a expressão adequada da sciencia. Mas um grande numero de espiritos mediocres, os **logographos**, colligiam as tradições oraes e as lendas, e foram assim preparando a apparição dos grandes historiadores.

**Herodoto** (484-408), dorio de Halicarnasso, depois de viajar pelo Egypto, Lybia, Syria, Babylonia, Persia e toda a Asia menor, recolheu as suas impressões pessoaes, os dados que a sua curiosidade pôde colligir e escreveu as suas **Historias**, em estylo simples, **dirigido ao povo**. A sua concepção philosophica é que a historia funda-se na justiça e na ordem, e consequentemente no triumpho dos povos livres embora pequenos como os gregos contra os povos servis, embora fortes e numerosos como os persas. Quando Herodoto diz « **eu o vi** » o seu testemunho é sempre verificado como exacto. Foi elle o historiador das guerras persicas.

**Thucydides** (470-402), emulo de Herodoto, de familia nobre, começou a sua vida como soldado. General, tomou parte na guerra do Peloponeso, mas sem exito, não podendo soccorrer a tempo Amphipolis sitiada : foi por isso banido, e no seu exilio que foi longo, escreveu a historia da **Guerra do Peloponeso**, com a vivacidade e a paixão de uma testemunha contemporanea e ligada intimamente aos acontecimentos. Conciso, vivaz e dramatico, Thucydides não escreve para o povo, mas para as classes illustradas : trechos inteiros accusam no mais alto grão as qualidades oratorias e poeticas da sua educação aristocratica. Thucydides interpretava a historia do ponto de vista da politica, como homem de Estado que era : « a historia é sobretudo uma

lição e um ensinamento para a conducta dos homens publicos ».

**Xenophonte** (446-356) não tem o talento nem a illustração de Thucydides. E' tambem um soldado, mas embora atheniense, é um partidario dos spartanos e do seu regimen olygarchico e rude : d'ahi, as suas injustiças contra o papel de Athenas na federação grega e a sua inutil presumpção de relegar ao olvido os dous grandes patriotas thebanos Pelopidas e Epaminondas. Isto nas **Historias Hellenicas**. Entretanto, o traço do espirito de Xenophonte é a sua profunda falta de senso historico. A sua **Cyropedia** (educação de Cyro) é um romance pedagogico-politico, cheio de falsidades, e mesmo como livro de invenção é uma tentativa retrograda de apologia do systema monarchico opposto á democracia e á constituição republicana. Xenophonte, como soldado e chefe mercenario, fez parte d'aquella expedição dos 10.000, cuja famosa retirada elle historiou no **Anabasis**. A sua linguagem é um modelo de pureza, sobriedade e elegancia.

Além destes tres grandes historiadores, poucos nomes apparecem dignos de nota. **Ctesias**, medico do rei Artaxerxes, escreveu uma **historia da Persia**, que seria util confrontar com as de Herodoto, pois o medico mercenario era um leal defensor dos inimigos de sua patria e devia ter consultado as fontes e tradições orientaes com mais facilidade que os seus patricios. **Philistus**, de Syracusa, é outro historiador, elogiado por Cicero como espirito

conciso, e imitador de Thucydides; escreveu uma **Historia da Sicilia**. De ambos esses historiadores apenas possuimos alguns fragmentos.

D'esse rapido esboço, conclue-se ter sido **Thucydides** o historiador que maior influencia exerceu sobre os posteros. O seu costume de intercalar discursos e pôr palavras na bocca de seus personagens, ficou fixado como regra para todas as historias gregas e romanas, e quiçá de todas as outras litteraturas dos povos modernos.

**Eloquencia.**— Foi nos tempos em que floresceram as liberdades gregas, sob a protecção da democracia de Athenas, que se tornou possivel a arte oratoria. Era natural que sob uma constituição em que se resolviam os mais graves negocios nas assembléas do povo, fosse o prestigio da palavra o mais proprio e decisivo para influir nas questões publicas e no governo. Além d'essas causas, as escolas, as lições dos philosophos e sophistas contribuiam para o exercicio e cultura da eloquencia. Dos primeiros oradores nenhum vestigio escripto ficou. De Pericles, o primeiro orador do seu tempo, nada conhecemos. Mas como a eloquencia é sobretudo admiravel na indignação, foi justamente quando a Grecia ia succumbir sob o jugo despotico da Macedonia, que surgiu o seu grande orador **Demosthenes**, elle só vigoroso como um exercito opposto aos do conquistador.

**Demosthenes** (discipulo de outro orador famoso Isocrates) foi na sua mocidade um exemplo de perseverança e de vontade (Vide **supra**

Philippe e Alexandre). Os seus discursos contra Philippe (as **Philippicas**) fizeram-n'o o chefe dos patriotas que não queriam acceitar o jugo macedonico. Com a sua profunda e nobre eloquencia, pôde obrigar o senado a resistir a Philippe; mas o enthusiasmo do grande cidadão fôra inutil; já a Grecia ia longe das suas antigas virtudes civicas e na propria Athenas o despota macedonio pôde achar um orador venal **Eschines**, de extraordinario talento, para oppôr a Demosthenes. Embalde o orador patriota esmaga o seu adversario e fal-o punir, quando pronuncia a sua celebre **Oração da Corôa**. Eschines para sempre se retira de Athenas, mas o triumpho de Demosthenes foi um breve lampejo: a virilidade dos gregos já se tinha abatido na corrupção e na molleza, e Philippe com um exercito penetrou na Hellade e suffocou todas as rebeldias. Tinham perecido as liberdades e a independencia da Grecia.

**Periodo de decadencia.** — Abrange essa phase os seculos que se seguiram á dissolução politica da Grecia com a resurreição da cultura hellenica em Alexandria, sob os Ptolomeus.

E' curioso e digno de nota que a **decadencia** politica da Grecia não teve exacto paralellismo com a sua cultura. O genio grego sobrevive vigoroso á sua liberdade, sobretudo nas artes plasticas e nas sciencias, que tiveram em

Alexandria um fóco estupendo de expansão, como não houve exemplo na antiguidade.

Entretanto, o mesmo não succedeu ás bellas lettras e á poesia. A situação dos espiritos era completamente outra o genio hellenico tinha perdido as suas tradições e a sua consciencia nacional, victimada pelo cosmopolitismo. D'ahi a impossibilidade de um resurgimento poetico. A época de Alexandria é sceptica, materialistica e sobretudo secularisadora : a arte deixa de procurar assumptos religiosos e torna-se inteiramente profana; em vez dos templos, ella serve agora ás construcções civis, ás esculpturas que embellezam os jardins, as villas, os observatorios, museos e palacios. O polytheismo grego dissolveu-se e desabou ao peso da erudição alexandrina : os sabios procuraram aniquilar o pantheon grego sob uma conciliação dos deuses estrangeiros. Era natural, pois, que o antigo enthusiasmo pela **poesia** arrefecesse, quando, eivada da erudição, ella se tornou esteril, tornando-se didactica. A **pleiade** tragica de Alexandria não conseguiu resuscitar o drama, apezar dos nomes dos seus poetas : **Sositheus**, **Homero** o moço e **Lycophron** o unico de quem resta um poema **Cassandra**, obscuro, sem verve, cheio de detalhes geographicos e de erudição historica. No III seculo (A. C.), ha um elegiaco celebre, **Callimacho**, de quem possuimos fragmentos e que foi imitado posteriormente por Catullo.

Na poesia grega da decadencia só ha um nome verdadeiramente celebre, o de Theocrito.

**Theocrito**, de Syracusa, dividiu a sua vida entre a ilha natal e a côrte de Alexandria. E' celebre por seus **Idilios**, escriptos em dialecto dorio, sob a fórma de dialogo, onde elle tenta explorar assumptos bucolicos, pastoris, com a ingenua simplicidade da vida dos campos. N'um tempo de decadencia e de requinte de luxo e convenções, essa tentativa de volta a um estado

de natureza, simples e innocente, teve um echo estrondoso.

O successo da poesia de Theocrito fez surgir uma legião de imitadores mediocres, d'entre os quaes apenas se salvam **Bion** e **Moschus**.

Theocrito foi o ultimo lampejo do genio hellenico. Com elle morreu a poesia grega.

# XIV

## A SCIENCIA

A sciencia grega, julgada sobre a generalidade dos seus representantes, apresenta certo vigor e grandeza que nunca mais se reproduziu nos tempos ulteriores da civilisação universal. Os **sabios gregos** não eram monographistas; a sua esphera era da especulação absoluta, e todos elles fundavam a sciencia sobre uma theoria do universo : dotados d'esse grande vigor mental que a raça aryana apresenta nos indús e nos germanos, — os tres ramos aryanos do pensamento metaphysico, — os gregos eram **philosophos** no sentido genuino e exacto da palavra.

No estudo, rapido e summario, da expansão intellectual dos gregos, notam-se nitidamente tres phases : uma, **primitiva**, anterior ao espirito de unidade politica, isto é, anterior ás guerras persicas; a segunda, **phase socratica**, que coincide com o grande esplendor artistico e litterario do tempo de Pericles; a **phase de erudição**, correspondente ao tempo de Alexandria, para

onde se transferira o nucleo da civilisação hellenica : essa ultima é talvez a mais vigorosa e profunda, mas é já uma sobrevivencia á liberdade politica da velha Grecia.

**Phase primitiva.** — As primeiras manifestações da philosophia grega foram tentativas de interpretação da natureza. Desde logo, na metropole e nas colonias accentuou-se a divergencia theorica dos espiritos e formaram-se tres **escolas** celebres : a **jonica**, a **dorico-italica** e a **eleatica**. Não nos cabe aqui expôr as varias intuições dos seus philosophos, mas indicar os resultados definitivos ou approximados que serviram ao peculio da sciencia.

Da escola **jonica** era Thales, de Mileto, que provavelmente recebeu dos assyrios alguns conhecimentos astronomicos ; foi elle quem predisse o eclipse do sol de 28 de maio de 585 (1) ; sabia elle pois que a **lua recebe a luz do sol** e em sua revolução ao redor d'este corta a ecliptica. **Fixou o anno em 365 dias.** — Depois de Thales, o vulto mais importante da escola **jonica** é Democrito, o fundador do **atomismo** ; todo o universo era explicado pela aggregação e desaggregação de atomos ; essa intuição audaz para o tempo, é hoje uma conquista da sciencia.

(1) Esta data é contestada. Outros suppõem tratar-se do eclipse de 20 de Setembro de 610 (antes de C.)

Da escola **dorico-italica** citemos o seu fundador, um dos maiores espiritos da antiguidade, Pythagoras. Espirito cultissimo e austéro, Pythagoras abordou todos os assumptos possiveis : reformou a philosophia, a sciencia, a religião e a politica. Do universo, elle tinha uma concepção mathematica : tudo é numero e medida. Os resultados positivos dos Pythagoricos se acham na sciencia mathematica : a demonstração do **theorema da hypothenusa**, a applicação dos numeros ás resoluções da geometria (1).

Da escola **eleatica** (de Eléa, na baixa-Italia) convém lembrar a famosa theoria dos **quatro elementos** (ar, terra, agua, fogo) constitutivos de toda a substancia universal, theoria erronea, mas que influiu secularmente na sciencia, sendo pouco contestada até mesmo o limiar dos tempos modernos.

Em resumo, durante a phase primitiva, alguns dados scientificos são conquistados : a logica e a demonstração (hypodictica) nas mathematicas, conhecimentos geraes sobre a astronomia e suas applicações ao calendario, a fixação do anno terrestre e a previsão dos eclipses. Nas sciencias physicas, a theoria dos **quatro elementos** e o **atomismo** de Democrito são as idéas predominantes.

**Phase socratica.** — Os effeitos moraes da guerra do Peloponeso foram terriveis; a

(1) A celebre *taboa de multiplicação* attribuida a Pythagoras, não foi por elle imaginada.

corrupção e a degeneração do caracter grego começou a accentuar-se pelas tendencias dissolventes do scepticismo politico e religioso, e ainda por essa praga intellectual os **sophistas** — que se propunham por toda a sorte de subtilezas immoraes e de artificios rhetoricos a sustentar a mentira ou a verdade, ao seu sabor. Contra essa corrente corruptora appareceram Socrates, Platão e Aristoteles, as tres individualidades que resumem a philosophia e a sciencia do seu tempo.

**Socrates** (469-399) nada escreveu; mas deixou famosos discipulos como Xenophonte e Platão, que vulgarisaram as suas idéas philosophicas e moraes. O lemma da sua doutrina era o « **conhece-te a ti mesmo** »; accusado de corromper a mocidade desviando-a do respeito aos deuses e á religião, Socrates foi condemnado a beber a cicuta.

**Platão** (429-348) é o discipulo mais original e mais celebre de Socrates. Admittindo uma dualidade na intuição do universo, um mundo das idéas e outro mundo visivel — e concebendo o homem como capaz de participar do mundo ideal pela alma e do mundo sensivel pelo corpo, Platão lançou as bases fundamentaes do **espiritualismo** philosophico. As suas doutrinas foram nos seculos posteriores consideradas como uma antecipação genial da philosophia christã.

As obras mais notaveis de Platão são escriptas

no mais bello estylo, e sob a fórma de dialogos.

**Aristoteles** (384-322) é o maior philosopho d'esse periodo, e um dos maiores engenhos de todos os tempos. Discipulo de um **idealista** como Platão, entretanto, embora sem as qualidades exteriores do estylo do seu mestre, foi Aristoteles o fundador da theoria opposta, o **realismo** philosophico.

Abandonando as idealisações de Platão, Aristoteles preoccupou-se sobretudo do mundo dos phenomenos, partindo do particular, do **empyrismo** e elevando-se ás generalisações. A sua obra abrange a universalidade dos conhecimentos, e em todos elles Aristoteles mostrou a profundidade original de seu genio : foi elle quem fixou a **Logica** (Organum) ou as leis do pensamento, com um rigor e perfeição definitiva, sobretudo quanto ao processo **deductivo**, no seu aspecto geral, o syllogismo. Na sua **Physica** elle estudou a natureza, sob a triplice concepção de fórma, materia e movimento; e assim foram por elle exploradas quanto era possivel, no seu tempo, as mathematicas e as sciencias da natureza. Na **Metaphysica** (ultra physica) estudou o mundo moral sobretudo sob o aspecto politico e ethico : na sua theoria social, a **familia é a base do Estado** e como a funcção do Estado é formar a virtude civica, condição de toda a felicidade collectiva, criticando as constituições gregas e estrangeiras, elle chega á conclusão

de que o melhor arranjo politico é aquelle em que predomina a **classe media** (1).

Os progressos das mathematicas n'esse periodo foram bastante notaveis.

Platão acha a possibilidade de dividir o plano em triangulos rectangulos, e faz delles o elemento constitutivo de qualquer plano. D'ahi, entrou no caminho dos analystas, pela concepção de que os **solidos** resultam de uma **composição infinita de planos**. Em relação aos solidos, ou **polyedros**, Platão determinou os cinco **solidos regulares que se podem inscrever n'uma esphera** (o tetraedro, o octaedro, o icosaedro, o hexaedro e o dodecaedro) (2).

Nas sciencias physicas e naturaes, Aristoteles e seus discipulos reuniram uma massa numerosa de factos e ensaiaram uma classificação dos seres. Elles tinham noção do **peso do ar**; entretanto engendraram o axioma — **a natureza tem horror ao vacuo** — para explicar a ascensão da agua n'um corpo de bomba, principio que só nos tempos modernos Torricelli destruiu. Sem que chegasse a formular nitidamente a lei da **queda dos corpos**, Aristoteles chegou a determinar o **movimento uniformemente accelerado**, quando diz « que um corpo adquire tanto maior movimento quanto mais se affasta do ponto em que começa a cair.» (Mais tarde entre os romanos, Virgilio diz : **viresque acquirit eundo**. Só nos tempos modernos Galileu formula mathematicamente a lei da rapidez da quéda **proporcional aos tempos**). Na ordem dos phenomenos chimicos, Aristoteles observou a

(1) Effectivamente o regimen moderno representativo lembra um pouco Aristoteles, pois nelle predomina a burguezia.

(2) Do facto que Platão, conforme as tendencias da philosophia grega, pretende por meio desses corpos explicar a essencia e a substancia do mundo, alguns criticos julgam que elle devia ter visto ou entrevisto aquellas formas polyedricas nos phenomenos physicos de crystallisação de alguns mineraes.

evaporação, e talvez conheceu o processo de **distillação** cuja vulgarisação coube aos arabes na edade média, porque elle diz : o **vinho e todos os liquidos, depois de reduzidos a vapor, tornam a ficar liquidos.** De um dos seus discipulos, o maior d'elles, Theophrasto, ha essa phrase assombrosa, que só dous mil annos depois tornou-se comprehendida : **E' possivel crêr que a chamma é alimentada por um corpo aeriforme.** Não era isso entrever o oxygeno?

Nas sciencias naturaes, guiado pela observação, ainda que erronea, muitas vezes Aristoteles engenhou theorias diversas, apprehendeu a similhança entre o sexo animal e o das plantas, entre a gemmula e o embryão, e na sua psychologia da natureza viva elle dá uma alma **nutritiva** aos vegetaes, uma alma **sensivel** aos animaes, e a alma **racional** ao homem. Ficaram assim caracterizados os tres reinos.

**Phase de erudição.** — A civilisação e a cultura hellenica, depois de Alexandre, transferiram-se para Alexandria, côrte dos Ptolomeus, e capital scientifica do mundo. Alli se realisou o primeiro movimento de erudição humanista que registra a historia; a riquissima **bibliotheca de Alexandria** reunindo todas as producções intellectuaes existentes deu opportunidade a que surgissem eruditos, criticos e grammaticos, como **Aristarcho, Erathosthenes e Aristophanes** que corrigiram os textos antigos, notaram as variantes e interpolações dos manuscriptos e fixaram o texto definitivo dos poemas de Homero e das obras de outros gregos notaveis. Ainda foi em Alexandria que se fez traduzir a biblia dos judeus (versão

dos setenta) para figurar na grande bibliotheca.

Nas mathematicas e astronomia os progressos tiveram importancia nunca antes egualada, (e dentro de certos limites) nem mesmo depois excedida.

**Euclides** reuniu em corpo de doutrina as verdades da geometria por elle e por outros achadas; os **Elementos** de Euclides são ainda a base da sciencia geometrica elementar; n'elles já se acha o rigor compativel das definições e o encadeamento logico das proposições, que principiam pelos **postulados** e as noções communs ou **axiomas**. O seu methodo geral é o de **reducção ao absurdo** (isto é, mostrar que qualquer supposição em contrario conduz a um absurdo evidente), e o da **superposição** das figuras.

**Archimedes**, de Sicilia, sabio patriota, escreveu varias obras, das quaes pouca cousa hoje possuimos. Entretanto foi talvez Archimedes o maior genio do seu tempo pela profundidade e multiplicidade do seu saber: fundou a geometria superior e a mechanica; demonstrou as **relações do circulo, da esphera e do cylindro**; estudou a **medida do circulo**; **os conoides e espheroides, os helices**; **a quadratura da parabola**, etc. Na mechanica e physica, Archimedes estudou o equilibrio dos corpos fluctuantes, determinando a conhecida **lei de Archimedes**.

Passam por invenções d'elle as polias e os parafusos sem fim; foi ainda o grande sabio que

comprehendeu os effeitos da **alavanca** dizendo ao rei Hierão : « Da-me um ponto de apoio e eu levantarei o mundo ». Tambem a Archimedes se attribue a invenção de espelhos concavos, com os quaes abrasou a frota romana que bloqueava Syracusa; entretanto os romanos venceram e Archimedes pereceu perseguido por um soldado. A Archimedes é que se faz remontar a origem do **calculo differencial ou infinitesimal** e é o que decorre do seu methodo de conhecer a geração das grandezas, e o methodo dos **limites** (v. g. a concepção da **circumferencia** como o limite do crescimento do polygono inscripto).

**Diophante**, de Alexandria (365) passa por ter inventado a algebra, cuja origem aliás alguns attribuem aos indús ou aos arabes (que effectivamente pelo menos derão o vocabulo : **algebra**).

Nas sciencias physicas, **Euclides** desenvolve alguns theoremas de perspectiva, na sua **Optica**. Em outro trabalho, elle registra observações importantes sobre a **refracção** do raio visual na agua e no ar e distingue a **refracção** da **reflexão**, mostrando que os raios refractados em geral não são eguaes aos angulos dos raios incidentes, como se dá na **reflexão**. Ainda mais, elle explica pela refracção o augmento apparente do sol e da lua quando se acham no horizonte.

Na astronomia e na geographia e no estudo da terra, os progressos não foram menores.

Não só a facilidade das viagens mas tambem a conquista e diffusão do espirito grego pelo oriente, as relações com os babylonios chaldêos produziram novas descobertas e abriram novos horisontes á sciencia. **Erathosthenes**, erudito e sabio, bibliothecario de Alexandria sob o reinado de Ptolomeu Evergeta, foi o primeiro a **medir um grau do meridiano terrestre** no Egypto, e conseguiu avaliar a **grandeza da Terra**. Foi elle ainda quem traçou uma carta geographica do mundo conhecido, sendo o primeiro a empregar para determinar a posição dos logares as linhas verticaes e horisontaes (**longitude** e **latitude**). A outro sabio illustre, Hipparcho, deve a astronomia o calculo do anno tropico, a theoria dos equinoxios.

As sciencias naturaes e a medicina tiveram larga cultura. Em Alexandria formaram-se **collecções** de tudo quanto a natureza offerecia de curioso. Quando Ptolomeu Philadelpho subiu ao throno, na sua festa inaugural figurava um cortejo de animaes exoticos : o pavão, o urso branco, o faisão, o leopardo, as girafas, aguias e leões. Pela primeira vez praticou-se a dissecção dos cadaveres mesmo humanos, sob ordem expressa do rei para garantir os sabios contra a revolta do povo que n'isso via a mais violenta impiedade; foi assim que a **anatomia** tomou o caminho experimental com **Herophilo** e **Erasistrato**.

Em conclusão, a sciencia grega encyclopedica e philosophica começou a especialisar-se em Alexandria, com o concurso da erudição e pelo natural progresso dos conhecimentos que se iam tornando cada vez menos susceptiveis de serem abraçados pela capacidade individual de um só homem.

Resumindo as phases do movimento scientifico, veremos que os gregos crearam ou desenvolveram as mathematicas (arithmetica, geometria e talvez algebra), a astronomia e a mechanica e lançaram, as primeiras bases elementares das sciencias physicas e naturaes que só mais tarde sob o methodo inductivo nos tempos modernos conseguiram fixar-se de modo positivo e seguro.

# XV

# ULTIMOS TEMPOS DA GRECIA

Nada mais tragico nem commovente que o desenlace da historia grega. As luctas interiores e a divisão dos hellenos tinham afinal produzido esse triste fructo — a agonia lenta de uma civilisação succumbindo ás mãos dos barbaros. Com o jugo da Macedonia, as cidades gregas tinham perdido o espirito nacional da federação : por toda a parte, as constituições se desfaziam, a auctoridade se desprestigiava, e a antiga virtude civica esmorecia. Ha nessa agonia final alguns clarões esplendidos de liberdade, tentativas patrioticas de libertação do territorio : mas, a unidade grega era impossivel, e a guerra civil e a anarchia inutilisavam todos os esforços.

Os reis da Macedonia, preoccupados com as difficuldades e crimes da côrte e com as intrigas que acompanharam em todo o oriente o desmembramento do imperio de Alexandre, não viram que se formavam na Grecia **ligas** poderosas, como as de **Etolia** e da **Achaia**; por ventura elles pensavam que a anarchia dos hellenos era incuravel e deixavam a ella o trabalho de minar e destruir esses tentamens desesperados de uma confederação já impossivel.

O throno da Macedonia foi occupado por **Cassandro, Demetrio Poliocerte e Antigono Gonata.** E' com este rei que principia a recrudescer o drama da historia grega; implacavel e astuto, Antigono explora as divisões da Grecia, encontra por toda a parte a cumplicidade que

elle deseja ou prepara, impõe guarnições militares ás cidades. « D'esse Antigono, diz funebremente Polybio, é que vieram os maiores tyrannos da Grecia. »

**As duas ligas : etolia e achaia.** — Para oppôr-se ás ambições e aos progressos da Macedonia, os gregos cuidaram um pouco tardiamente de se reunirem. Contra a monarchia militar a republica egualmente militar. Os eto-

Fig. 110. — Moeda d'Etolia.

lios, gregos rudes e grosseiros, quasi considerados fóra da civilisação hellenica, foram os que primeiro e mais fortemente se organisaram. **A liga etolia** constituiu-se de montanhezes, de homens acostumados aos crimes e aos roubos de estrada, fundou assembléas, creou um generalato e angariou um grande numero de alliados : a **Locrida**, a **Phocida** e parte da **Thessalia**, **Beocia** e **Acarnania** : mas os **etolios** não tinham o espirito devidamente educado na federação e é provavel que só se mantivessem pelo despo-

tismo. Em todo o caso antes o despotismo nacional que o estrangeiro.

A **liga dos acheus** foi formada sobre as antigas tradições religiosas e federativas (**a Amphictionia**); constituiu-se pela egualdade do povo e pela autoridade dos **demiurgos**, que formavam um conselho de Estado. Pouco a pouco foi ella estendendo-se no Peloponeso pela entrada voluntaria de outras cidades. **Sicyone** a ella se annexa, quando um dos seus filhos proscriptos o celebre **Aratos** livra a sua patria, tomando-a n'uma expedição nocturna, obrigando o tyranno que n'ella residia a fugir. **Aratos** é dentro em pouco o general da liga dos acheus, e o homem de maior prestigio d'essa confederação.

**Aratos** chamou os banidos de Sicyone, e com o soccorro de Ptolomeu do Egypto onde fora buscar a alliança d'esse rei, levando-lhe objectos d'arte, póde indemnisar os proscriptos. Logo cedo, rebenta a hostilidade entre as duas ligas de **Achaia** e da **Etolia** : mas a guerra foi tão improductiva quanto anti-patriotica. Mais tarde Corintho é tomada de assalto á noite por **Aratos**, que assim accresce consideravelmente o poder da **liga achaia**.

E' incrivel o esforço, a perseverança politica, diplomatica e militar que **Aratos** desenvolve para augmentar a **liga achaia** e fazel-a forte e temida. Fez para ella entrar Megalopolis, cujo tyranno Lysiades depoz o poder, mediante a

indemnisação de um generalato; Argos tambem reuniu-se-lhe quando o seu tyranno Aristomachos abdicou mediante cincoenta talentos para licenciar as tropas, e tambem um generalato que lhe foi dado; outras cidades seguiram o exemplo e os Eginotas pediram a annexação. Toda essa politica habil Aratos levou-a a termo emquanto o throno da Macedonia occupava-se de firmar-se luctando contra inimigos externos na Asia.

Entretanto a accessão de Argos e Megalopolis foi um pomo de discordia: essas cidades, inimigas tradicionaes de Sparta, que por sua vez vendo-se humilhada diante da **liga achaia** desejava talvez combatel-a, lançaram a federação em uma guerra terrivel. Aratos via assim em perigo todos os seus longos e uteis esforços: elle queria a paz a todo o transe, a união grega; mas a guerra tornou-se inevitavel e a sua opinião não pôde prevalecer. Entretanto a sua prudencia e moderação conseguiu que a guerra tomasse outros intuitos e direcção: que os **acheus** não atacassem Sparta, mas que a isolassem, fazendo entrar para a liga algumas cidades da Arcadia, como Orchomene. Tal era o voto do grande patriota, que sonhava a unidade politica do Peloponeso, e que para ella desde a mocidade trabalhara e que a via agora ameaçada por uma esteril catastrophe.

Travada a lucta, Aratos obtém alguns suc-

cessos, toma algumas cidades, mas soffre tambem algumas perdas; afinal, o rei de Sparta, **Cleomenes**, consegue rehaver as cidades tomadas, derrota Aratos; os acheus destituem Aratos, fazem a paz com Sparta, cujo rei apenas pede o commando da **liga achaia**, entregando-lhe os prisioneiros de guerra. Emquanto Cleomenes realisa essas proposições, Aratos mancha criminosamente a sua carreira negociando com o rei Antigono Doson da Macedonia, e attrahindo esse flagello barbaro para dentro da vida grega.

Aratos envilecendo o seu papel de patriota torna-se um misero autocrata alliado dos macedonios. Antigono Doson desce á Grecia e ao Peloponeso e depois de varias luctas, derrota na batalha decisiva de **Sellasia** o rei dos spartanos; ensanguentado, ferido, mas digno na desgraça, Cleomenes volta a Sparta e vendo impossivel a resistencia, d'ahi retira-se para o Egypto. Assim foi que a Grecia tornou a succumbir ao peso do jugo estrangeiro.

Como se póde comprehender que um homem, como **Aratos**, gastando toda a vida na empreza mais patriotica dos tempos antigos, cedesse no fim da vida ao impulso vil da paixão partidaria? Traição? fraqueza? ninguem o sabe. A lucta contra os spartanos não auctorisava em nenhum caso o appello ao maximo inimigo : o estrangeiro, o macedonio. Os **acheus** podiam ser vencidos; mas n'esse caso, caberia a Sparta a hegemonia na lucta pela unidade e pela libertação. Diante do desespero de Aratos, Plu-

tarcho diz « mais valera tomar por chefe da liga o ultimo cidadão de Sparta que o primeiro dos macedonios. »

**Aratos** de patriota passou a ser cortezão da Macedonia; amigo de Antigono passou a sel-o do successor, o joven rei Philippe, a quem hospedou e que lhe seduziu a mulher de seu filho. Ao morrer, Aratos, já importuno e inutil, crêu-se envenenado : — Eis, meu caro Kephalion, (disse-lhe um amigo) eis o fructo da amizade dos reis.

Poder-se-hia egualmente accusar Sparta de não entrar para a **liga achaia** concorrendo talvez decisivamente para a libertação da patria. Mas, Sparta tinha instituições originaes como a realeza, que a maioria dos gregos não acceitava; demais, ella não podia, com o mesmo titulo de Megalopolis, entrar para a liga dos acheus. Seria uma subordinação impossivel e nunca seria feita voluntariamente. Sparta tinha uma longa historia de supremacia, tinha o natural orgulho das suas tradições ainda vivas e todo esse periodo de glorias que os povos respeitam e zelam mesmo quando succumbem.

**Intervenção dos romanos.** — Depois da batalha de Sellasia (221 A. C.) Antigono Doson cuidou em fortalecer a unidade da Grecia por uma **symmachia** ou alliança das cidades, prevendo talvez por necessaria uma resistencia efficaz contra qualquer inimigo estrangeiro; mas Antigono morreu e seu successor Philippe ainda que dotado de espirito, não possuia as qualidades essenciaes á realisação d'esse plano politico. O novo rei não dava ouvidos ao seu conselheiro Demetrios de Pharos, que lhe mostrava o duello gigantesco por esse tempo travado entre Annibal e a Italia. Em uma assemblea grega reunida em Naupacta a voz prophetica de um etolio alludindo ao poderio de Roma

clamava inutilmente : — **Eu vejo**, dizia Agelaos, **uma nuvem negra que vem subindo pelo occidente; o tempo urge; deixemo-nos de questões pueris, antes que aquella nuvem rebente em tempestade sobre as nossas cabeças.**

Quando Roma esmagou a sua rival, Philippe teve de recolher Annibal fugitivo e pôde então perceber o perigo. Mas era já tarde; o ouro romano havia accendido a cobiça dos etolios, que se alliaram a Roma, com a adhesão de Attalos, de Pergamo e de Sparta : e os **acheus** com a sua liga municipal e autonomica eram impassiveis e indifferentes á sorte dos macedonios.

Fig. 111. — Moeda de Philippe.

Philippe, entretanto, recebeu serenamente o embaixador romano Emilio Lepido que foi encontrar o rei sitiando Abydos e que em nome do senado intimou-o a abster-se de qualquer intervenção nos negocios da Grecia. Os romanos, assim, appareciam hypocritamente como libertadores; a sua politica era a da guerra como instrumento da liberdade e da paz **moris imponere pacem**. Afinal, um consul, joven ainda, bello, falando admiravelmente o grego e impondo-se a esse povo de artistas pelo seu espirito e belleza pessoal, Quintio Flaminio desembarca na Grecia e insinua-se á sympathia dos

gregos, e arrasta a alliança dos acheus. Depois de varias pequenas luctas, o encontro decisivo contra Philippe V deu-se nas collinas **Cynocephalas** (cabeças de cão) n'um terreno accidentado, onde pela primeira vez medira-se a **legião** romana contra a **phalange** macedonica. A **phalange** compacta e indivisa, forte para resistir, não póde manobrar em terrenos accidentados; ao contrario, a **legião**, dividida em varios corpos é mais flexivel e adapta-se a quaesquer accidentes do solo. Ajudado da cavallaria etolia, Flaminio ganhou uma victoria completa e estrondosa. Philippe foi obrigado a tratar e a sugeitar-se ás mais humilhantes condições: o seu exercito ficaria reduzido a 500 soldados, e o rei obteria a triste compensação de guardar o throno.

**Philippe**, sem acção dentro do seu proprio paiz, humilhado no seu patriotismo, foi perecendo, isolado de quanto se passava na Grecia e não tardou a succumbir. Seu filho **Perseu** não levou tempo a sonhar a desforra; habil e perseverante, preparou lentamente as forças que devia oppôr á ambição romana; com seu exercito reorganisado e forte, Perseu penetrou na Grecia, affixou boletins abolindo as dividas, revocando os exilados gregos e abrindo-lhes o seio protector da Macedonia e chegou mesmo a tentar a adhesão da liga **achaia**. Mas os gregos não se levantaram do torpôr ou da intriga que

fomentavam os partidos; demais, era-lhes indifferente o senhor, macedonio ou romano, se lhes estava reservada a escravidão ou o jugo extranho.

Os romanos enviaram a Perseu um embaixador lembrando-lhe a obrigação do tratado concluido com Philippe. — **Esse tratado não existe mais**, foi a resposta.

A lucta começou. A principio, as vantagens dos romanos não forão grandes, apezar da fraqueza de Perseu, que de uma vez, esmorecendo, decidiu-se a acceitar o antigo tratado. Mas a presença de Paulo Emilio, homem aspero, de implacavel disciplina e hostil ao espirito anarchico dos gregos, veiu trazer o desenlace da guerra. Perseu acampou em **Pydna**, planicie rasa e favoravel á acção da phalange; ahi o veiu encontrar Paulo Emilio. A acção empenhou-se em uma tarde que se seguiu a uma noite em que houve um **eclipse da lua**, phenomeno que atemorisou os macedonios supersticiosos, mas do qual já estavão avisadas as legiões romanas pela previsão do tribuno militar Sulpicio. Entretanto, a phalange avançou heroicamente : já Paulo Emilio, desesperado, rasgava a sua cota d'armas, quando a phalange se rompe e os legionarios penetrando nas aberturas massacram horrivelmente o exercito macedonio, que ahi perdeu vinte e cinco mil soldados.

Perseu fugiu rapidamente e embarcou para a

Samothacia; preparando-se para sahir d'essa ilha onde tinha inimigos que podiam trahil-o, elle de novo embarca, mas sabendo nessa occasião que um miseravel entregára os seus filhos aos romanos, Perseu não resiste a mais essa desgraça e vae entregar-se elle proprio ao povo vencedor. Não ficou nisso a sua triste humilhação; em Roma, prisioneiro, elle pediu a Paulo Emilio que lhe poupasse a vergonha do **triumpho** (1), mas o consul respondeu-lhe friamente: **Está em tuas mãos** — e alludia ao suicidio.

Com a batalha de Pydna, tinha succumbido a Macedonia; mas tambem se approximava o termo da Grecia moribunda. O exercito romano espalhava o terror e o massacre das populações por toda a parte: as exacções, as violencias e as deportações da nobreza achéa foram numerosas e enfraqueceram e anarchisaram para sempre o paiz. A sorte d'esse povo resultava aliás da sua longa indisciplina e do seu espirito individualista, incapaz de uma solidariedade efficaz para affrontar a rude mole disciplinada das legiões romanas. Dos deportados para a Italia, um d'elles foi Polybio o historiador que se tornou amigo de Scipião Emiliano e de Catão. Dezesete annos depois d'esse desastre,

(1) Na ceremonia do *triumpho* que se fazia aos grandes generaes vencedores, havia o prestito dos despojos prisioneiros vencidos que o compunham, pelas ruas, entre os clamores do povo.

os gregos exilados envelheciam na Italia; no senado, falou-se n'uma amnistia. Como houvesse qualquer opposição, Catão fel-a calar dizendo friamente — **Trata-se apenas de resolver-se si esses homens devem ter coveiros da Italia ou da Grecia** — querendo significar que a velhice d'esses exilados não lhes daria mais o conselho imprudente e leviano de conspirar contra Roma, no ultimo quartel da vida.

Os exilados voltaram á Grecia; encontraram a patria arruinada, as dissensões victoriosas e apenas firme a honra. Mas era honra não succumbir sem uma lucta final desesperada. A liga dos acheus estava em guerra contra Sparta e revoltou-se contra a intervenção de Roma em favor da segunda; o senado desligara algumas cidades da liga e os embaixadores romanos que communicaram essa noticia foram insultados e ultrajados pela indignação incontinente dos acheus confederados. A ira patriotica dos acheus inflammou a coragem dos ultimos soldados, mas o paiz era já impotente; os romanos, sob o consul Mummio, ganham a victoria de Leucopetra, entram em Corintho, saqueiam a cidade, pilham as suas riquezas, matam os poucos homens que ahi encontram, roubam os quadros, as obras d'arte e profanam os templos. O facho do incendio, a embriaguez da soldadesca em breve transformaram a cidade em um montão de ruinas.

E assim foi a Grecia reduzida a provincia romana.

A **Liga dos acheus**, depois de Aratos, teve um momento de esplendor e de poderio, no tempo de **Philopœmen**, chamado « o ultimo dos gregos » — denominação pouco justa, porque mais do que nunca surgiram na Grecia os grandes heroes da sua independencia. Entretanto era Philopœmen um espirito rude, e aspero, quasi brutal pela coragem e pela energia; soldado, elle desprezava a acção dos lettrados, a cuja verbiagem elle attribuia todas as calamidades da Grecia. A patria precisa de soldados e não de philosophos, era o seu programma. E realisou-o quanto lhe fora possivel. A' sua auctoridade feroz e despotica nada se oppunha, e ella póde materialisar o sonho de Aratos submettendo todo o Peloponeso á liga achaia. Estava feita a unidade da peninsula : mas essa unidade não podia ser duravel tanto elle se fundava na injustiça e na violencia extrema e apaixonada. Sparta só entrou para a Confederação achaia depois que Philopœmen exilou e assassinou os seus homens mais eminentes : centenas de executados, milhares de escravos, foram os despojos sangrentos da victoria.

Roma, então, interveiu chamada pela supplica da gloriosa patria spartana e a obra de Philopœmen desfez-se desmoronou-se em menos tempo que se gastou em construil-a.

Mais tarde, quando a Messenia com o seu chefe Dinocrates, inimigo pessoal de Philopœmen, declarou-se separada da **liga**, o « ultimo dos gregos » aos setenta annos, doente mas cheio de ardor verdadeiramente juvenil, correu ás armas a morrer pela integridade da Achaia. Mas ferido, vencido e prisioneiro, foi posto n'um subterraneo onde Dinocrates lhe enviou uma taça de veneno. E Philopœmen achou no suicidio a unica solução ao seu desespero patriotico.

Para comprehender toda essa phase anarchica e desesperada que constitue os ultimos tempos da Grecia, é pre-

ciso ter em conta não os dados biographicos dos heroes e dos chefes, mas a situação collectiva do povo grego. Essa situação era de uma confusão indescriptivel : o proprio excesso de liberdade tinha suffocado a Grecia; a unidade religiosa, moral e social havia-se dissolvido; o Estado era a cidade; o movimento autonomo, communista e estreitamente municipal tornara impossivel qualquer acção de conjuncto; as cidades de independentes entre si passavam facilmente a serem rivaes quando não declaradas inimigas. Por esse tempo, soprava sobre o paiz um formidavel tufão revolucionario : o movimento socialista disseminava-se em toda a Grecia; o pauperismo numeroso exigia a abolição das dividas, a repartição das terras e a dissolução das classes aristocraticas; em Sparta a revolução social devorou successivamente os dous reis generosos Agis e Cleomenes, que a protegiam e iam acompanhando a onda popular. Fora possivel que a Grecia escapasse incolume d'essa crise formidavel, se ahi, perto d'ella, não estivesse espreitando o momento opportuno aquella ambição romana, segura, forte e indomavel que acabou por conquistar o mundo.

# XVI

## REVOLUÇÃO SOCIAL EM SPARTA

(LEITURA)

Emquanto a **liga achaia** se fortalecia, um tufão revolucionario unico na historia passava sobre Sparta; — crise formidavel donde devia sahir a regeneração ou a morte. A velha cidade atravessava o periodo terrivel do mais profundo desequilibrio social. As fortunas achavam-se nas mãos de uma centena de ricos e aristocratas, o pauperismo chegara ao seu auge; como devia succeder ao paiz que sacrificava na guerra todos os seus varões, as fortunas maiores estavam entre as mãos das viuvas, e todas as terras apenas se distribuiam entre alguns proprietarios. Para vencer esse desequilibrio era mister um remedio heroico e extremo, um programma socialista que achou no joven e generoso rei **Agis** o mais energico propagandista. Agis intentou uma revolução radical, uma volta á constituição de Lycurgo, á nova divisão egualitaria das terras e á abolição das dividas. Esse golpe tremendo contra a propriedade e a fortuna publica teria por effeito a aniquilação das classes ricas e oligarchicas em proveito de um accrescimo da autoridade real apoiada pelo povo. Agis começou a execução de seu plano generosamente sacrificando a sua fortuna pessoal e de sua mãe Agesistrata e avó, mãe desta, Archidamia, as duas mulheres que possuiam, sós, mais terras que o resto dos Lacedemonios. Proposta a abolição das dividas, cujas obrigações

foram queimadas na praça publica, Agis ordenou a partilha das terras em 4500 lotes : irritadas desde o inicio dessa politica violenta, as classes ricas levantaram-se contra o rei que pôde a principio desfazer-se do seu collega de governo Leonidas III (em Sparta sempre governavam dous reis) mas lhe veiu cair ás mãos mais tarde, quando a reacção subjugou a politica revolucionaria. Levado á prisão, Agis foi assassinado. Embalde o povo irrequieto ao redor da prisão queria levantar-se; temendo a revolução popular já proxima, os algozes enforcaram o generoso rei. Um dos carrascos, hesitante, chorava — **Não me chores**, diz Agis; **sou mais feliz que os que me condemnam**. Pouco depois têm a mesma sorte a mãe e a avó do rei, Agesistrata e Archidamia. Agesistrata, antes de morrer, cobriu cuidadosamente o corpo de seu filho — **Foi, meu filho, o excesso de tua moderação que te perdeu** (241).

Assim, havia triumphado a oligarchia. Mas, triumpho ephemero! a semente de revolta popular tinha fructificado, e embalde a aristocracia spartana procurava manter a desegualdade, agora tão fragil, creada por uma injusta preponderancia secular das classes ricas. Assim, é que na hora da victoria, esperando consolidar o triumpho, Leonidas III fez com que seu filho Cleomenes, bello, adolescente ainda, esposasse Agiatis, a viuva do rei Agis. Agiatis, mulher energica e vivaz, ferida pelo infortunio com a perda do esposo, acceitou a mão do joven rei Cleomenes, tocada pelo amor desse rei moço, impetuoso, e sem culpa dos crimes dos seus progenitores. Foi assim que Agiatis mais velha que o seu esposo, soube amal-o profundamente, dominal-o e incutir-lhe o seu antigo odio contra a oligarchia. Afinal, esse casamento feito como um signal de conciliação politica, produziu o resultado contrario.

Cleomenes, ardente amigo de sua esposa, ouvindo-a em todos os seus passos, tornou-se o vingador do primeiro marido d'ella. Além d'isso, tudo predispunha Cleomenes a uma politica continuadora da de Agis; discipulo da philosophia atheniense, das doutrinas de Zenon, e moço ainda, elle não póde escapar á acção d'essa flamma de

egualdade revolucionaria que conflagrava toda a Grecia.

Desilludido do caminho legal por onde naufragara Agis, Cleomenes pensou que uma revolução só se faz pela violencia e resolutamente iniciou o seu plano, fez assassinar quatro dos Ephoros, baniu oitenta cidadãos que mais fortemente representavam a politica de hostilidade ao rei, e convocou uma assembléa para justificar a sua conducta diante dos representantes do povo. Em seguida, Cleomenes procedeu á partilha das terras, e foi o primeiro a dar o exemplo, fazendo dividir todas as suas propriedades e as da sua familia. Na sua grande generosidade, reservou lotes ruraes para os banidos que voltariam quando a tranquillidade se restabelecesse. Disciplinou o exercito e deu ás forças militares a antiga organisação de Lycurgo.

Por um momento, Sparta pareceu adquirir o esplendor das antigas glorias que a tradição ainda conservava na memoria do povo. Infelizmente, a ambição da **liga achaia** veiu perturbar a sociedade spartana no meio dessa crise tremenda, da qual ella parecia sahir forte e livre para sempre. Empenhado na lucta contra os acheus, Cleomenes foi victorioso, mas quando esses chamam em seu soccorro o rei da Macedonia, Antigono Doson, Cleomenes apezar dos seus esforços com pequeno numero de soldados sem poder resistir á mole macedonica, foi derrotado na batalha de Sellasia. « **Os vencidos**, diz Justino, **supportaram com uma coragem digna de Sparta... Nenhum homem poupou a vida, nenhuma viuva chorou. Os velhos glorificaram os filhos imberbes caidos no campo de batalha e as creanças glorificavam os paes que succumbiram na lucta. Todas as casas abertas, acolhiam os feridos, e curavam-os. Nenhum estrepito, nenhuma agitação na cidade: cada um deplorava não as suas desgraças, mas as da patria. Chegou então o rei Cleomenes, bello, coberto de sangue. Não quiz repousar, nem comer; arquejante, pousou a cabeça sobre um muro e disse para os poucos soldados, em destroços, que esperassem outros dias melhores.** »

Cleomenes não podendo resignar-se á humilhação da derrota, embarcou para o Egypto. Ahi foi acolhido fria-

mente por Ptolomeu Evergetes, que falleceu logo depois. O successor Ptolomeu Philopator, desgostou-se de Cleomenes; não o deixou partir com a familia, e chegou a prendel-o com outros spartanos que em Alexandria olhavam com desdem para esse povo degenerado que acceitava o despotismo dos Ptolomeus. Ptolomeu Philopator fez encarcerar a Cleomenes, por uma intriga que lhe chegara, de que o antigo rei spartano pretendia usurpar-lhe o throno. O certo é que Cleomenes escapa com os seus amigos da prisão e sae pelas ruas incitando o povo á revolta; mas o povo alexandrino educado secularmente na escravidão não ouviu os clamores de Cleomenes. A revolta não rebentou; o povo conservou-se calmo; e prevendo o seu destino certo, Cleomenes e seus companheiros suicidaram-se.

Ptolomeu fez assassinar as mulheres spartanas que acompanhavam aquelle punhado de heroes e mandou crucificar o cadaver de Cleomenes. Os alexandrinos, gregos corrompidos e abastardados pelo sangue egypcio, não tinham o instincto da liberdade, mas eram capazes do fanatismo religios. Cleomenes, que não foi defendido, quando vivo, morto foi adorado como uma divindade, e á sua memoria consagraram-se sacrificios expiatorios.

FIM

# INDICE

ADVERTENCIA . . . . . V

## I[a] PARTE

A sciencia da historia . . . . . 9
O homem prehistorico . . . . . 27
As Raças humanas . . . . . 37
Os primeiros typos sociaes . . . . . 49
Os Egypcios . . . . . 62
Assyrios e Babylonios . . . . . 91
Phenicios . . . . . 113
Hebreus . . . . . 129
Aryas, Indus . . . . . 153
Iranianos. Medo-Persas . . . . . 171

## II[a] PARTE

Aryas da Europa. Os Gregos . . . . . 195
Theoria dos Aryas . . . . . 203
Tempos Heroicos . . . . . 213
Cyclo troyano . . . . . 220
Politica e legislação . . . . . 225
Arte militar . . . . . 240

Guerras persicas . . . . . 246
Guerras do Peloponeso. . . . . 262
Thebas, Pelopidas e Epaminondas . . . . . 275
Philippe e Alexandre. . . . . 285
Hellenismo no Oriente : Syria Egypto . . . . . 298
Arte na Grecia . . . . . 309
As lettras na Grecia . . . . . 323
A Sciencia. . . . . 338
Ultimos tempos da Grecia. . . . . 349
Revolução social em Sparta . . . . . 362

Typ. Guillard, Aillaud e C.ie.